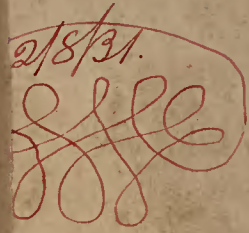


ilheiro

2/8/31.


PA

CEDEM
2x
561



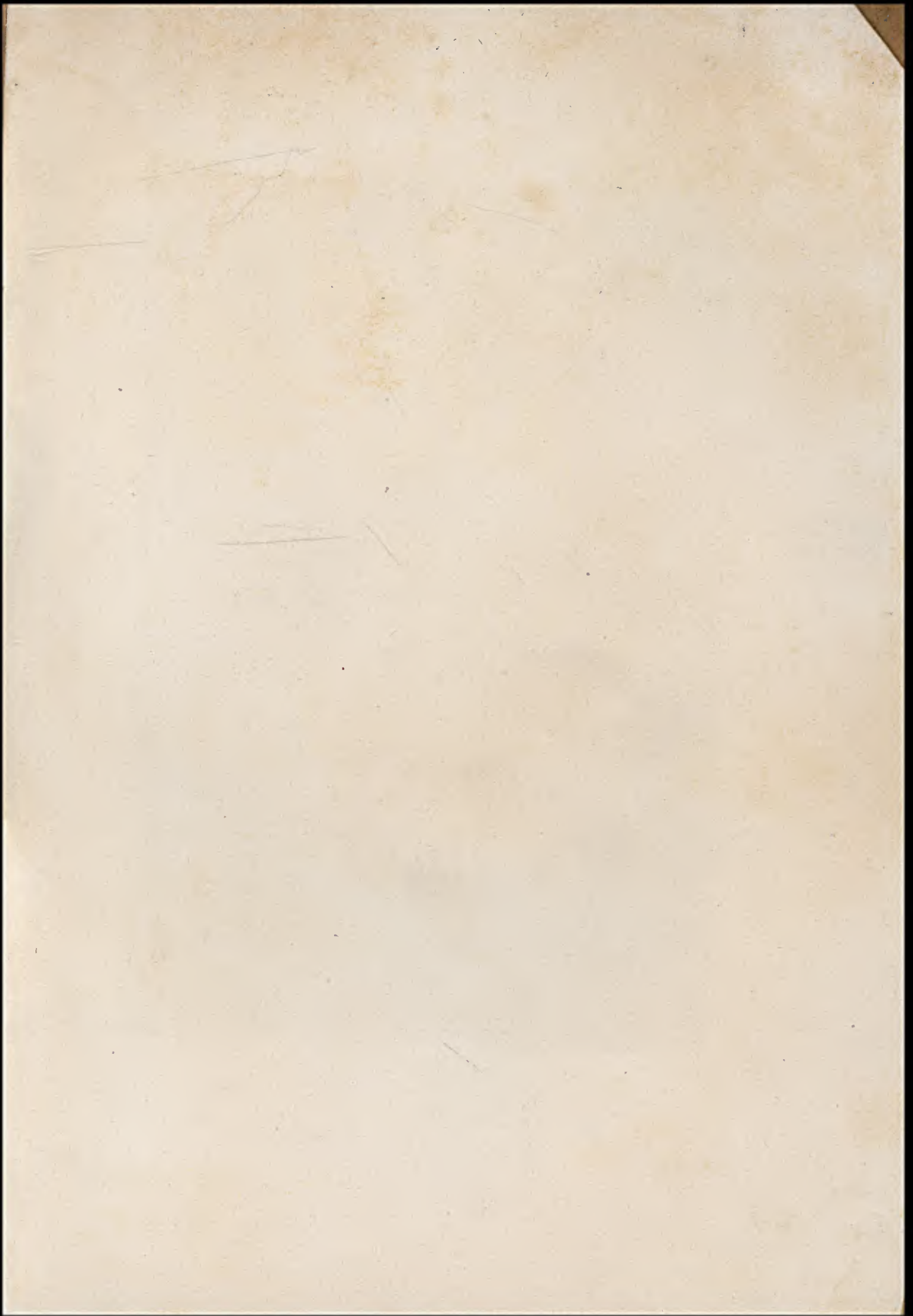
A DECADE DA EUROPA
DE 1910 A 1920

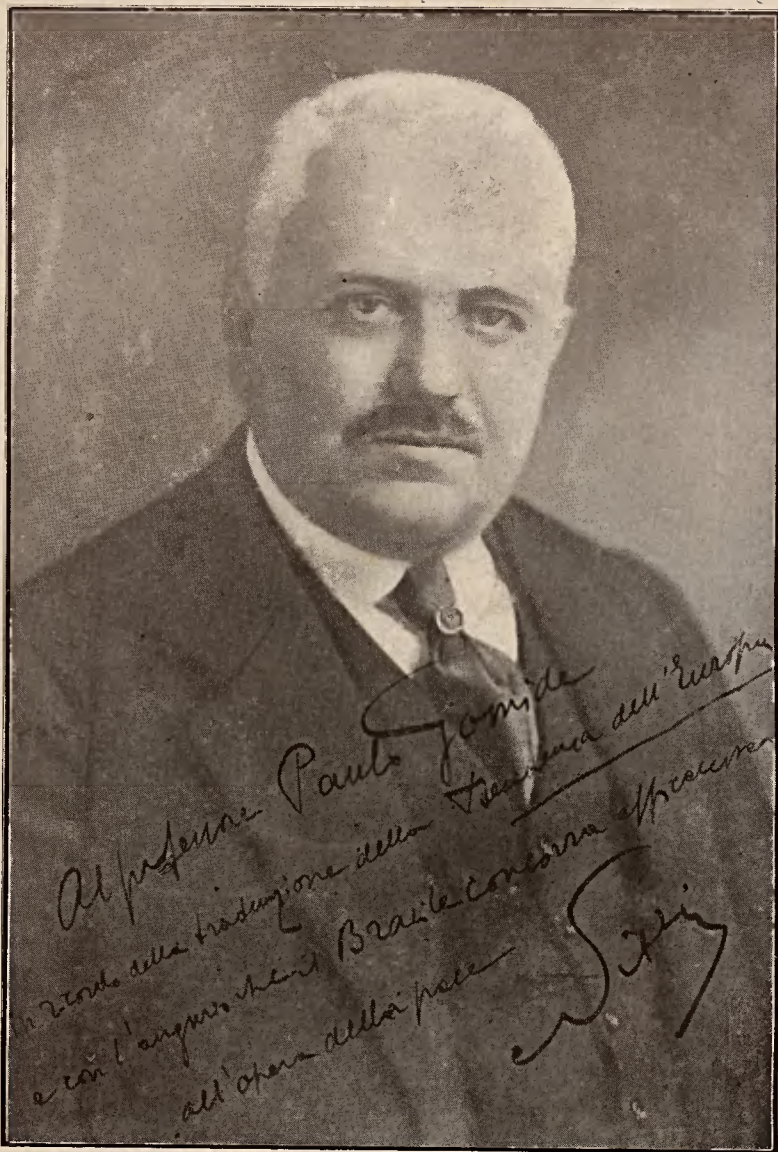


A DECADENCIA DA EUROPA
OS MEIOS DE RECONSTRUCCÃO









Al professor Paulo Gomide
in ricordo della traduzione della Grammatica dell'Inglese
e con l'augurio che il Brasile continui a partecipare
all'opera della pace

S. J. J.

FRANCESCO NITTI

A DECADENCIA DA EUROPA

OS MEIOS DE RECONSTRUCÃO

Edição brasileira enriquecida
por um novo prefácio do autor.

TRADUCÃO DE PAULO GOMIDE

5º milheiro



Julho de 1923
RIO DE JANEIRO
BRASIL



FRANCESCO NITTI

A ACADEMIA DA EUROPA

OS MEIOS DE RECONSTRUÇÃO

Reservados todos os direitos
de reprodução.

A propriedade litteraria e artistica
está garantida em todos os paizes
que adheriram á convenção de
Berne — (Em Portugal, pela lei
de 18 de março de 1911. No
Brasil, pela lei n. 2.577 de 17 de
janeiro de 1912).

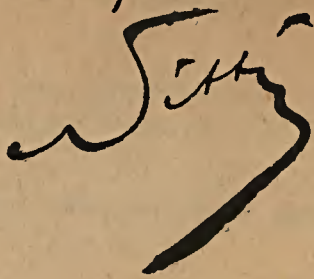
Typ. CANTON & BEYER
74— Rua Luiz de Camões — 74
RIO DE JANEIRO



Questo libro è dedicato a mio figlio, dottor
Simone Silli, adolescente volontario di guerra
nella guerra dell'Italia, tre volte decorato al valo-
re, ferito in combattimento con i tedeschi e prigio-
niero per quindici mesi in Germania.

È dedicato anche a quanti della
mia famiglia, della mia gente e della mia terra,
con il sacrificio della loro giovinezza, diedero la
vita, non solo per la salvezza e per la gloria
d'Italia, ma per il trionfo della pace e nel-
la fede di lottare e di morire per la libertà
dei popoli e per una giustizia eguale per i vin-
citori e per i vinti.

Aquafredda, ottobre 1922



Este livro é dedicado a meu filho,
doutor Vicente Nitti, joven voluntario
de guerra na guerra de Italia, tres vezes
condecorado pelo seu valor, ferido em
combate contra os allemães e prisioneiro
por quinze menses na Allemanha.

E' dedicado tambem a todos quantos
da minha familia, da minha gente e da
minha terra, com o sacrificio da sua
mocidade, deram a vida não somente
pela salvação e pela gloria da Italia, mas
tambem pela victoria da paz, com a
certeza de lutar e de morrer pela liberdade
dos povos e por uma justiça igual para
vencedores e vencidos.

NITTI



PREFACIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA (*)

É immenso o prazer que eu sinto ao vêr este livro publicado no Brasil e a minha satisfação será ainda muito maior si elle conseguir impressionar a opinião publica da grande republica sul-americana.

Melhor do que qualquer outro paiz, o Brasil está em condições de poder avaliar quanto os tratados de paz foram nocivos, mais ainda do que a propria guerra. Quasi todos os productos brasileiros se destinam á exportação e as suas immensas reservas naturaes só serão utilizaveis com o desenvolvimento da industria e do commercio mundial.

Uma Europa decadente e pobre constitue uma desgraça para toda a humanidade e um perigo particularmente grave para o Brasil, cuja capacidade de producção é enorme e cujos recursos são quasi illimitados. O Brasil precisa importar homens e capitaes para poder exportar os seus productos e, na Europa, todos hoje se preocupam mais com os meios de destruição do que com os de producção. De que modo poderá exportar capitaes um continente que se tornou devedor? E como desenvolver largamente a emigração, quando os paizes sahidos da guerra pensam já em novas guerras?

A historia nunca apresentou uma situação como esta que foi detérminada pela ultima guerra. O enorme sacrificio

(*) Este prefacio foi especialmente escripto pelo autor, para a edição brasileira da *Decadencia da Europa*.

de vidas e a immensa destruição de riquezas são um mal muito menor que o resultante da decadencia das idéas moraes, do rebaixamento da cultura e da civilização.

Toda a culpa origina novas culpas e todo o crime dá logar a outros crimes, em uma série interminavel.

A Europa se está tornando a casa dos Atridas. Para vingar-se de uma afronta, Atreo praticou um primeiro delicto horrendo e, depois d'elle, os seus filhos Meneláo e Agamemnon iniciaram a série de crimes, que proseguiu terrivel e ininterrupta, sempre logica e fatal, até o exterminio de todos os descendentes do rei legendario de Argos e de Mycenas.

Depois da grande guerra, pela qual são mais ou menos responsaveis todos os paizes belligerantes, muito embóra os tratados, com pretenciosa estupidez, tenham attribuido a responsabilidade inteira aos que foram vencidos, continúa terrivel e ininterrupta a successão de erros, de violencias e de crimes. Os males e damnos que a guerra occasionou são já muito pouca cousa, comparados com os que a paz está produzindo.

Cada dia a Europa se apresenta mais insegura, mais incerta e menos estavel nos arbitrarios limites que os tratados de paz (tratados de guerra, como diria Clemenceau) fixaram para os povos vencidos e para os novos paizes, que são, em grande parte, creações phantasticas e absurdas.

Demonstrei em um dos capitulos deste livro que a França, dominada pelo espirito imperial e pelas violencias de Napoleão, por muito tempo convulsionou a Europa e apezar disso, depois do Congresso de Vienna de 1815, como ninguem queria a ruina da França, a paz que foi feita trouxe para o mundo uma grande época de prosperidade. Após as guerras de 1848, 1860, 1866 e 1870, mesmo para os paizes que nellas tomaram parte, houve largos periodos de paz, enquanto que agora, com os iniquos tratados ajustados em Paris durante os annos de 1919 e 1920, creou-se uma situação tão má que ha muitos seculos não tem precedentes na historia. Ainda não existe um verdadeiro espirito de paz e os odios são até muito mais intensos do que no tempo da



guerra. A Allemanha foi sempre accusada de imperialismo e de má fé, cousas que são hoje em dia o apanagio dos vencedores.

Este livro mostra claramente como a decadencia crescente da Europa, quasi não é um effeito da guerra, mas sim uma consequencia dos tratados de paz.

Os vencedores não mantiveram uma só das promessas feitas na hora do perigo e esqueceram todos os principios de liberdade, de democracia e de autonomia dos povos que foram a sua defeza e a causa da intervenção americana. Faltam a todas as promessas e a todos os compromissos e o fazem, o que é muito peor, por avidez, por concupiscencia e por odio, violando até mesmo os tratados de paz que ainda hontem foram concluidos.

A França segue positivamente uma politica que constitue um perigo permanente para a vida e para a civilização da Europa. Quem, como eu, foi sempre um amigo sincero da França democratica, mesmo quando, no meu paiz ou fóra delle, todos manifestavam a maior sympathia pela Allemanha poderosa no seu desenvolvimento e na sua expansão, não pôde deixar de sentir a maior dôr ao ter de proclamar esta verdade. Fomos inimigos do imperialismo allemão, mas nunca imaginamos que se viesse a crear um outro imperialismo muitissimo mais nefasto e perigoso.

A França, durante a guerra, invocou os principios do direito, da humanidade e da justiça e todos os povos livres correram em seu auxilio.

As culpas da Allemanha foram mesmo exageradas, mas a guerra tudo explica e tudo justifica.

Durante a preparação dos tratados de paz, porem, a França, esquecendo as suas tradições e valendo-se das suas sympathias, só teve um fim, que foi, por todos os meios, abater, suffocar e dividir a Allemanha. Os tratados de paz não são, de facto, mais do que um meio de continuar a guerra, e esta affirmação, que não é minha, foi proclamada por Clemenceau do alto da tribuna parlamentar. Por si

?

Pax Judaica

França!

Hitler!

⊗

Hitler!...



só ella explica todos os acontecimentos e é esse o motivo pelo qual eu a tenho sempre citado e repetido em todos os meus escriptos.

Depois da guerra, enquanto a Inglaterra e a Italia se desarmaram, a França redobrou o seu exercito de paz e desenvolveu fortemente os submarinos e a aviação, obrigando os paizes que della dependem ou com ella se relacionam (Polonia e Belgica) e que devem constituir o blóco contra a Allemanha, a augmentar tambem os seus armamentos.

De bôa fé ninguém poderá jámais negar tudo o que eu tive occasião de referir neste livro. A França, por uma série de actos baseados em interpretações absurdas do tratado de Versalhes, vem occupando sempre novos territorios allemães e, depois de haver dividido a Allemanha oriental em duas partes, se propõe agora a desmembrar tambem a Allemanha occidental, a excitar o espirito separatista na Baviera, a estabelecer o contrôle do Ruhr, isto é, de toda a industria tedesca, e a destacar a Rhenania ou a margem esquerda do Rheno. Quando este programma se executasse, a Allemanha cahiria em completa ruina e o povo allemão só poderia escolher entre uma perenne escravidão ou um permanente estado de revolução. Na Europa inteira se alternariam então as violências militares e as revoluções.

É necessario que a questão do Ruhr seja exposta nos seus verdadeiros termos, pois ella constitue um dos objectivos fundamentaes da chamada politica das reparações, que é a politica da dissolução.

A França, por si só, quiz invadir o Ruhr e, si assim digo, é porque ha algum tempo a Belgica, que se tornou um paiz militarista, não faz mais do que secundar a acção franceza.

As causas desta attitude da França foram examinadas com sinceridade. Ellas são completamente estranhas a qualquer consideração de ordem politica e a toda a preocupação relativa ás reparações. A occupação não tem o objectivo de obrigar a Allemanha a pagar reparações que todos reconhecem absurdas, mas acarretará a impossibilidade de ser reali-

zado qualquer pagamento, e tambem a criação de uma athmosphera de odios e de violencias, que representa um verdadeiro perigo.

Expliquei claramente neste livro por que razão a occupação do Ruhr e de outras partes do territorio allemão, não expressamente determinadas pelos tratados, constitue uma violação do direito das gentes e uma offensa aos proprios tratados. Aliás, a offensa aos tratados se tornou já um direito consuetudinário, que encontra sempre quem esteja prompto a fazer a sua defeza.

A classe dos professores e dos juristas é muito repeitavel, mas sempre ha homens eruditos dispostos a sustentar as theses mais extravagantes. Durante a guerra, os scientistas allemães justificavam a violação da neutralidade da Belgica; hoje, na Europa continental, homens de sciencia e juristas da *Entente* estão promptos a defender factos muito mais graves do que a violação da Belgica!

Nesta grande confusão dos espiritos, quando os negros da Africa são trazidos á Europa para ultrajar os vencidos, chegou-se mesmo ao ponto de interpretar o direito por gente estranha á civilização occidental. De facto, na questão do Sarre e na da nomeação de um Comité consultivo que deveria impedir certos abusos, teve voto o representante da China na Sociedade das Nações, o senhor Wellington Koo que, além da sua autoridade em materia de direito, possui a experiencia de uma nação onde os impostos são arrecadados por quem dispõe de um certo numero de armas e reina a mais completa anarchia (*). O caudilho polaco Korfanty trata da Allemanha oriental, emquanto Wellington Koo e os negros da Africa cuidam da Allemanha occidental.

(*) Os jornaes brasileiros publicaram, a 15 de junho de 1923, o seguinte despacho da Agencia Havas:

Pekin, 14 (H.) — Annuncia-se que o presidente Li-Yuan-Hung chegou hontem em Tientsin, para onde resolvera transferir-se em consequencia das ameaças de deposição que lhe eram feitas constantemente. Mas, á chegada na estação de Tientsin, o trem presidencial foi cercado pela tropa, de ordem do governador civil, e o presidente Li-Yuan-Hung foi intimado a fazer entrega do sello presidencial. Como a resposta do presidente não pareceu satisfatoria, o governador civil decidiu que Li-Yuan-Hung ficasse detido no vagão até segunda ordem.

4
Hetter
e
negros
X



Os acontecimentos que interessam á Rhenania e os que dizem respeito ao Ruhr não são, porem, resultantes de uma excitação expontanea que seria facilmente explicavel. Elles correspondem a um plano methodico, que convem examinar, no interesse da Europa e no interesse da propria França.

Os homens que prepararam o tratado de Versalhes, sob a acção de algumas correntes militares e principalmente sob a influencia da siderurgia, tiveram duas idéas bem definidas. A primeira era a de separar a margem esquerda do Rheno, as provincias da Rhenania, que cahiriam sob o dominio directo da França ou formariam um estado autonomo; a segunda era a de estabelecer o *contrôle* de toda a producção de carvão, de fórmula que a Allemanha, já privada de mais de quatro quintos dos seus minerios de ferro, por effeito do tratado, ficasse, tambem quanto ao carvão, na mais completa dependencia dos grandes interesses da siderurgia franceza.

O plano de separar as provincias da margem esquerda do Rheno, foi vigorosamente sustentado pelo marechal Foch. Em bôa fé eu devo declarar a minha convicção de que, pessoalmente, Clemenceau fosse infenso a este projecto e preciso accrescentar que elle teve frequentemente de enfrentar e de supportar formidaveis opposições. Na primavera de 1919, em Paris, o marechal Foch e os mais autorizados chefes militares insistiram fortemente para que, como elles diziam, o Rheno ficasse sendo a barreira contra os allemães. As declarações feitas em abril de 1919 e em maio seguinte, diante dos representantes da *Entente*, foram as mais explicitas. Ora, terminada a guerra, o marechal Foch não exprimia somente as suas idéas pessoaes e a opposição que mais tarde fez, com inesperado resultado, á eleição de Clemenceau para a Presidencia da Republica, foi talvez a consequencia de uma luta politica que tinha tido episodios muito interessantes. Lembro-me perfeitamente de todas as phases desta luta, pois, nesse tempo, estava eu em Paris e fazia parte do Conselho Supremo dos Alliados. Mesmo do lado de Clemenceau estavam, aliás, homens como Tardieu, que tambem haviam manifestado (memorandum apresentado a 12 de março de 1919) o propo-



sito de levar os limites da Allemanha até o Rheno, *tudo isso no interesse geral da paz*, como dizia Tardieu com um fino humorismo.

Depois da guerra, o humorismo ficou sendo uma fórmula litteraria, que é sempre empregada de bom grado, em se tratando da vida e da liberdade dos allemães. Poincaré chegou a escrever que uma occupação curta offenderia e irritaria os allemães, emquanto que, si ella fôr longa e indeterminada, não poderá produzir quasi nenhum desgosto...

Ha dois annos, eu tinha julgado conveniente divulgar, em alguns dos meus artigos publicados na America, os propositos francezes relativos á Rhenania e, mais recentemente, Lloyd George quiz dar-lhes uma confirmação autorizada, em artigos tambem destinados á imprensa americana.

Posto que a appropriação de territorios puramente allemães e a sua separação da Allemanha sejam um modo *de trabalhar no interesse da paz*, segundo affirmou Tardieu, os espiritos illustrados e serenos hão de achar muito estranhavel que a paz seja assegurada por fórmulas até hoje imprevistas, que certamente não constam dos livros de Grotius ou de Kant, si por acaso houver quem, neste periodo de violencia selvagem, ainda se recorde daquelles nobres e solitarios pensadores, que acreditavam sériamente em uma confraternização dos povos, quando a paz fosse solidamente estabelecida.

O plano de separação da Rhenania foi desenvolvido não só pelas providencias adoptadas para o territorio do Sarre, mas tambem pela acção das tropas de occupação, brancas e de côr, acção que eu só em parte quiz commentar, em attenção a um grande paiz amigo como é a França.

Achei melhor não recordar tudo o que pôde excitar demasiadamente os animos e si, como disse Renan, a historia e a vida são feitas de esquecimentos, ha muita cousa que convirá esquecer.

Mas, o plano relativo ao Ruhr tem a maior gravidade, porque não só diz respeito ás relações entre a Allemanha e a França, como tambem á economia européa, á paz e á liberdade de todas as nações.

57
negros.



É sabido que, antes da guerra, a Allemanha occupava o primeiro logar do continente na producção de carvão e de minerios de ferro. Em 1913, ella produziu 277 milhões de toneladas de carvão e de lignite (190 e 87 milhões, respectivamente), emquanto que a producção franceza, embóra em notavel desenvolvimento nos ultimos tempos, não attingiu a 41 milhões de toneladas de carvão e lignite. Quanto aos minerios de ferro, a producção allemã daquelle mesmo anno, inclusive a do Luxemburgo, chegou a 35.941 milhões de toneladas, ao passo que a producção franceza foi de 21.918 milhões. A Allemanha que, antes da guerra, tinha necessidade de importar minerio da Hespanha, da Suecia e da propria França, foi despojada de mais de quatro quintos dos seus minerios de ferro, por effeito dos tratados de paz.

Os delegados francezes, no interesse da sua siderurgia, depois de haverem conseguido o que desejavam com relação ao ferro, só tiveram o objectivo de privar a Allemanha da maior quantidade possivel de carvão, desorganizando assim a sua producção.

Toda uma politica habil, diligente e intelligente não cuidou de outra cousa e, sem nunca fazer menção dos interesses da siderurgia, só se falava do perigo allemão, da necessidade das reparações e até dos direitos da civilização.

Ninguem ignora o que succedeu com o Sarre, territorio genuinamente allemão, que ficou constituindo um facto novo na historia moderna: — o seu solo, incluído no systema alfandegario francez, está sob um governo emanado da Sociedade das Nações (da qual a Allemanha não faz parte), e as minas do seu subsolo, quer pertencentes ao governo, quer a particulares, foram attribuidas *perpetuamente* á França, como compensação dos damnos *temporarios* produzidos nas minas do Pas de Calais.

Todos se recordam do que aconteceu com a Alta-Silesia que, contra o proprio tratado de Versalhes e contra o resultado do plebiscito, foi cedida á Polonia, o que vale dizer á siderurgia franceza.

Tratado
Versalhes

Hottel!

Sarre!



Todos sabem, e eu demonstrei neste livro, que a Allemanha foi forçada pela Commissão das Reparações a entregar enormes quantidades de carvão, justamente quando este lhe faltava de um modo absoluto, a ponto de ser preciso, com o cambio já em ruina, comprar carvão na Inglaterra ou readquirir na França e na Belgica o mesmo que havia sido fornecido a título de reparações.

roubo

Si a Allemanha ficasse com o carvão do Ruhr, teria meios de manter a sua industria, embóra com sacrificios, evitando a quéda economica definitiva e o monopolio da producção continental por parte da siderurgia franceza. Ou haveria então um accôrdo entre os dois paizes, o que seria o mais desejavel, ou a Allemanha, arranjando ferro na Hespanha, na Suecia, na America, onde quer que fosse, conseguiria alimentar a sua grande industria que era o alicerce da sua força economica.

Logo após o tratado de Versalhes, em uma bôa parte da imprensa continental, foi iniciado um movimento tendente a tornar exequível a occupação do Ruhr, isto é, o dominio da producção allemã pela siderurgia franceza. Todas as vezes que a Commissão das Reparações apontava uma inobservancia do tratado, esta inobservancia era declarada proposital e surgia logo a ameaça da invasão do Ruhr.

Referi-me tambem, neste livro, a outras fórmãs de *contrôle* tentadas por outros meios. Em fins de 1921, o ministro francez Loucheur fez, em Londres, a proposta de se exigir, por conta das reparações, a quarta parte do capital de todas as sociedades commerciaes allemãs. Tratava-se de uma verdadeira expropriação de bens particulares, que era ainda um meio de fazer o *contrôle* de toda producção de um paiz autonomo, sobretudo no interesse da siderurgia. Semelhante proposta, inteiramente nova nos annaes do direito das gentes, foi julgada tão grave que o governo inglez não a quiz tomar em consideração. Ella não deve ser encarada como um factu isolado, pois, ainda ha pouco tempo, foi repetida por Tardieu, em um artigo publicado por conta da agencia americana *Consolidated Press*, e chegou a constituir objecto de estudos



especies na França. Tal procedimento não differe muito daquelle pelo qual, na idade média, os invasores sequestravam o quarto, o terço ou mesmo a metade dos bens dos vencidos.

Do character das propostas relativas á Rhenania e do objectivo da occupação do Ruhr, nós encontraremos a explicação num documento official do mais alto interesse, que é o relatorio de 25 de maio de 1922, da commissão militar franceza incumbida de estudar, de accôrdo com as leis militares de 28 de agosto de 1876 e 17 de abril de 1906, o estado do material e dos aprovisionamentos das tropas de occupação, nas provincias rhenanas e no territorio do Sarre.

Esta commissão teve fins militares préviamente definidos e, não obstante, apresentou um relatorio quasi exclusivamente politico e economico, cujos argumentos vieram reproduzidos em muitos jornaes e até em discursos parlamentares. O documento foi julgado digno da maior attenção e elle tem realmente uma grande importancia, porque elucida por completo os fins de toda a actividade desenvolvida na zona do Rheno, como vamos vêr.

A commissão observa, em primeiro logár, que nada falta ás forças de occupação e que o accôrdo financeiro, firmado em Paris em março de 1922, pelo qual a Allemanha deve pagar annualmente 460 milhões de francos ouro para as tropas francezas, tem sido cumprido. Póde-se dizer que tudo está disposto de fórma que taes tropas constituam o verdadeiro exercito do Rheno, para qualquer eventualidade de guerra. É um exercito, infórma o relatorio, que não está em pé de guerra, nem em pé de paz, e cuja missão é de eventual coerção contra um devedor recalcitrante. A impressão de conjuncto das tropas francezas é de força e de conforto — (*une impression de force et de confort*).

A occupação da cabeça de ponte de Dusseldorf e das cidades de Dusseldorf, Duisburg e Ruhrort, executada em virtude do accôrdo de Londres, de 5 de maio de 1921, teve grande importancia, diz o relatorio militar, pelo seu character de garantia economica. Depois de fazer uma longa descripção



de tudo o que o Ruhr encerra de riquezas mineraes, a commissão accrescenta que a occupação de 1921 foi o primeiro passo é que é necessario ter o dominio do Ruhr. Seguem-se muitas paginas de dados estatisticos sobre todas as industrias, os quaes, são realmente interessantes e provam que a commissão militar se preocupou de preferencia com os objectivos economicos a attingir. Ella declara que o carvão, ferro, aço, productos chimicos e pharmaceuticos, materias corantes, perfumes etc., com que os allemães invadiram o mundo, são todos derivados da industria do Ruhr. Não somente o coke metallurgico, mas todas as industrias tedescas, teem a sua base no Ruhr e mesmo a agricultura d'elle depende em grande parte para os fertilizantes, podendo-se dizer que até a batata é um subproducto do carvão. Foram as grandes usinas do Ruhr que deram logar á prosperidade da Allemanha e a propria deficiencia de substancias alimenticias era até agora compensada pela produção industrial do carvão, das materias corantes, dos productos chimicos etc. As grandes individualidades da Allemanha, Stinnes, Thyssen, Krupp, Haniel, Klockner, Funke, Mannesmann etc., são todas do Ruhr. A situação de cada agrupamento industrial é analysada separadamente e com uma abundancia de dados que chega a impressionar. A França, pois, precisa concentrar todo o seu esforço em não abrir mão das garantias do Ruhr e, como o governo allemão não dispõe de recursos sufficientes, são os industriaes do Ruhr que devem pagar.

batata.

Neste ponto a commissão militar suggere uma medida identica ás que foram propostas por Loucheur e por Tardieu, dizendo que é necessario impôr á Allemanha a obrigação de ceder vinte ou vinte e cinco por cento (*) do capital das suas grandes industrias, «das quaes teremos então todo o interesse em facilitar o desenvolvimento».

O Rheno divide duas grandes regiões metallurgicas e os industriaes francezes, possuindo abundancia de minerios de ferro, que nem chegam a trabalhar, teem absoluta necessidade

(*) Poincaré foi mesmo além e, com a sua habitual moderação, falou em sessenta por cento. (Nota do autor).



do coke do Ruhr. As usinas tedescas, por outro lado, obtendo o ferre com todo o sacrificio, continuam a produzir intensivamente. Poder-se-á pensar em uma cooperação industrial dos dois paizes, mas só estabelecendo o *contrôle* da produção allemã.

Walter

Não menos interessante é a segunda parte do rclatorio que faz um estudo politico sobre a Rhenania. Depois de varias premissas historicas, geographicas e éthnicas, a commissão diz que a Rhenania se deve separar da Allemanha, mas que a politica da separação só poderá vingar com uma larga occupação no Rheno, cuja longa duração será a condição essencial de successo. Não se trata da occupação prevista pelo tratado de Versalhes, visto como, na vida de uma nação, cinco, dez ou quinze annos representam pouca cousa e uma permanencia duradoira é indispensavel. (Eis o motivo, pelo qual os varios governos que se succederam na França, depois de 1919, teem declarado que, em vista da inexecução do tratado por parte da Allemanha, o prazo da occupação ainda nem começou a ser contado). Impõe-se a these jurídica pela qual a hypotheca do credor não pago dá-lhe o direito de appropriação dos bens que representam garantia. Si a Allemanha não paga, a França toma-lhe os territorios. Libertados os habitantes da Rhenania da preocupação de voltar a pertencer á Prussia, a politica da França no Rheno se tornará muito facil e, para que seja bem succedida, é necessario manter a Rhenania em territorio alfandegario francez, afastar todos os funcionarios dedicados á Prussia e alargar os poderes das autoridades rhenanas. Projectos ambiciosos sem duvida — reconhece a commissão militar — mas que, executados com criterio e discernimento, á medida que a Allemanha fôr faltando aos seus encargos, serão plenamente justificados. É politica de longo alcance e a diplomacia deverá desenvolver com habilidade os elos de uma acção ponderada que, pouco a pouco, permita desligar da Allemanha uma Rhenania livre, sob a guarda da França e da Belgica.

O relatorio, por fim, se occupa do Sarre, que considéra uma bacia industrial das mais importantes da Europa. No

anno de 1933, um plebiscito vae decidir si ella deverá pertencer á Allemanha ou á França. A sua população permanece allemã e allemães de sentimento são de facto os agricultores, os operarios, o clero, os professores, mas, uma série de medidas deve modificar esta situação, que é preciso atacar com uma acção prudente e methodica. Os delegados francezes já conseguiram que não fossem tomados em consideração, pela Conferencia de Genova, os desejos dos habitantes do Sarre. Convirá, em todo o caso, fazer o possivel para evitar que, através dos conselhos locais, o povo do Sarre affirme a sua vontade.

Taes são as linhas geraes do documento official que inspirou, talvez mais do que se possa suppôr, a acção do governo francez.

Respondendo a Lloyd George, Poincaré negou terminantemente que a França pensasse em desmembrar a Allemanha e separar a Rhenania. Durante a primeira sessão da Conferencia de Londres, no dia 8 de dezembro de 1922, Poincaré declarou que a affirmação de Lloyd George de que a França tinha o proposito de annexar uma parte da Allemanha, era completamente destituida de fundamento. Elle asseverou, de maneira cathegorica e solemne, que na França não existia um só homem (muito menos um ministro responsavel), que houvesse jámais pensado em annexar qualquer territorio habitado por populações estrangeiras, idéa esta, que nunca poderia caber num cerebro francez.

Semelhante affirmação, tão radical e peremptoria, teve desmentido francez. Durante as sessões da Conferencia de Paris, a França reclamou, pura e simplesmente, a annexação do territorio do Sarre, no qual, em mais de 700 mil habitantes, não existiam cem francezes. Já indiquei tambem a data em que o marechal Foch e o ministro Tardieu, os quaes são sem duvida francezes, pediram a annexação de toda a marger esquerda do Rheno, que é inteiramente allemã.

Agora, porem, o que se está fazendo é um jogo sobre equivocos

lier!...



Não se quer *hoje* a anexação da Rhenania á França, mas trabalha-se para separa-la da Allemanha, erigindo-a em estado autonomo e incluindo-a no systema alfandegario francez.

O documento que procurei resumir fornece a prova evidente de que existe uma acção organizada, habil e consciente, que tem o objectivo de suffocar no Rheno toda a vida da Allemanha, creando o monopolio continental da siderurgia franceza, e a preocupação de destacar toda a margem esquerda do Rheno, constituindo uma Rhenania autonoma, sob o *contrôle* francez ou annexada á França. Esta acção deve ser desenvolvida juntamente com a que visa a separação da Baviera e « assim a Allemanha não existirá mais ».

Para fins de dominio militar e economico, populações inermes teem sido aggreddidas; homens, mulheres e creanças teem sido mortos em grande numero e, tolhidas todas as liberdades, chegou-se até ao ponto de usurpar os bens dos particulares e condemnar cidadãos allemães só porque obedecem ás leis do seu paiz.

Retrogradamos aos mais negros periodos da idade média. Para defender as violencias dos soberanos, os juristas de então empregavam o seu subtil engenho. Hoje, como já disse, ha ainda juristas para justificar tudo o que se está fazendo, e estes não tratam a Allemanha como um povo ou uma pessoa, mas como uma coisa, uma *res*, da qual os vencedores *devem* dispôr. Diz-se, realmente, que a Allemanha *deve* pagar as reparações ou então *deve* ceder os territorios occupados e os bens que nelles se encontram. Os homens e os territorios são considerados como objecto de *penhor*. Ou o devedor paga ou dispõe-se da *cousa*, isto é, dos homens. Os barbaros não pensavam de outra fórma.

Em tudo isso ha muito odio e muita avides plutocratica, mas ha tambem um erro de calculo. Nos circulos militares e politicos da França se acredita que, humilhando a Allemanha e impondo-lhe todas as violencias, os allemães não constituirão mais um perigo. Muitas providencias teem sido adoptadas só com o intuito de offender os allemães em todos

Hitler.

Rheno!

X

Hitler!! *

6

os seus sentimentos e o que o Rheno está presenciando, faz recordar os mais tristes episodios da historia humana.

Si na idade média houve invasões e conquistas de asiaticos na Europa, ainda não havíamos tido exercitos de negros para custodiar e humilhar povos vencidos.

Os observadores superficiaes nunca poderão explicar o motivo por que a França mandou e manda ocupar cidades allemãs, das que estão em primeiro lugar no mundo pela sua cultura e civilização, com tropas negras, pardas e amarellas.

Não é certamente por falta de soldados, porquanto a França, apesar do pessimo estado das suas finanças, mantem hoje um effectivo quasi igual ao de todos os exercitos reuindos da Inglaterra, Italia, Allemanha, Austria, Hungria e Bulgaria. Ella prefere, porem, infligir aos allemães e ás mulheres allemãs o opprobrio de se verem dominar por homens de raça negra, negroide ou mongolica e, o que é peor, representantes de populações que ainda hontem eram cannibaes.

A America não podia perder a guerra mas, suppondo que a tivesse perdido, é licito perguntar como pensariam os americanos, si os allemães vencedores, havendo exigido uma indemnização impossivel, mandassem negros da Africa e selvagens do Camerun garantir os pagamentos, humilhando os homens e violentando as mulheres de Nova York, de Chicago ou de Boston? Que diriam os cidadãos da livre America, da grande patria de Lincoln, si os tribunaes dos vencedores condemnassem os americanos só pelo crime de obedecer ás leis do seu paiz. ?

O exercito de occupação na Allemanha representa o mais monstruoso attentado que a historia moderna consigna e, si não fosse o seu actual embrutecimento, a politica européa não poderia assistir a tudo isso tão indifferente.

Antes da guerra, a Allemanha era considerada a nação mais militarista da Europa. Quaes eram, entretanto, as suas despezas militares? Examinei detidamente os orçamentos do Imperio Allemão e posso dar as cifras exactas dos quatro

Negros



HITLER



anos que precederam a guerra. Reunindo todas as despesas feitas em cada anno com o exercito, marinha e justiça militar, cheguei ao resultado seguinte:

anno de 1910	862	milhões	de	marcos	ouro
”	”	1911	879	”	”
”	”	1912	967	”	”
”	”	1913	1.081	”	”
Total	3.789	”	”	”	”

Depois da guerra, com o exercito de occupação destinado a garantir as indemnizações, que nunca poderão ser pagas e apenas servem de fundamento a todas as violencias, as despesas feitas pela Allemanha foram:

De 11-11-1918 a 30-3-1921	—	3.762	milhões	de	marcos	ouro
”	1-4-1921 a 30-3-1922	—	445	”	”	”
Somma		4.207	”	”	”	”

com mais 7.583 milhões de marcos papel no primeiro periodo e 6.406 milhões no segundo, não incluídos os numerosos onus impostos ás municipalidades allemãs e não calculadas tambem as cifras correspondentes aos territorios de nova occupação, realizada com violação do proprio tratado de Versalhes, sob o pretexto das sancções.

O que se torna evidente é que, para occupar uma pequena parte do territorio allemão, só nos vinte e oito mezes e 19 dias do primeiro periodo, foi despendida uma quantia muito mais avultada do que aquella com a qual a Allemanha manteve exercito e marinha durante os quatro annos em que a sua politica militar attingiu á maxima expansão (*).

Que representam estas despesas senão o insulto aos vencidos, a dissipação mais insensata, a concupiscencia mais deploravel?

(*) O exercito allemão teve um grande augmento em 1913 e os seus effectivos orçamentarios de terra e mar se elevaram a 864.000 homens. (Nota do autor).

Hitler!!

Evitando sempre de entrar em particularidades muito irritantes, mostrei neste livro que o exercito de occupação só tem agido com a idéa do saque, dispondo discricionariamente dos bens dos vencidos.

Emquanto as familias burguezas da Allemanha teem falta absoluta de carvão para as suas necessidades, os homens de côr da Entente consómem quantidades enormes. Não deve faltar leite para os selvagens vindos da Africa, ao passo que as creanças allemãs estão morrendo á mingoa.

A crise de habitações, que existe na Europa inteira, em nenhum paiz é tão aguda como na Allemanha. Os operarios e a pequena burguesia soffrem toda a sorte de privações, mas as tropas de occupação, mais por perversidade do que por necessidade, reclamam alojamentos custosos, salas de refeição, salões de recepção, gabinetes de luxo, clubs etc. Não é um exercito provisoriamente estacionado na Allemanha, mas uma multidão de homens, que esbanja e se diverte o mais que é possível. O facto não tem precedentes na historia moderna.

Os vencidos tudo *devem* pagar: a musica dos negros, as casas para a libidinagem dos selvagens, os *sports* dos vencedores e até despezas mais humilhantes.

Solemniza-se frequentemente a victoria e, não sendo possível pretender que os allemães festejem a sua derrota, elles pagam as festas, como se usava antigamente em alguns paizes de regimen despótico, nos quaes, com delicada intenção, era enviada ás familias das victimas a conta das despezas de execução dos condemnados politicos.

A Allemanha soffre fome, mas as tropas de occupação precisam de divertimentos e, para offerecer espectaculos mais variados aos negros e aos negroides, organizam-se corridas com cavallos vindos da França e todas as despezas ficam a cargo dos vencidos.

Com as epidemias e a falta de recursos, a mortalidade cresce de uma maneira espantosa. Os maiores sabios allemães estão sem meios e sujeitos a duras privações, emquanto qual-

Negros!
Hittler!



negros!
Netto!

quer sargento negro ou amarello recebe da Allemanha enormes estipendios. Homens que gozam de fama mundial, que illustraram o pensamento humano, escrevendo obras insignes sobre mathematica, direito, biologia etc., mal podem viver e os selvagens analphabetos, vindos para defender os principios da Entente, são muito melhor retribuidos do que os mais celebres e mais gloriosos cientistas do mundo.

Os grandes artistas estão na miseria mas, em compensação, os batuques dos negros resôam diante das cathedraes do Rheno, que são maravilhas da arte antiga.

Além de tudo quanto referi neste livro, quiz ainda estabelecer um paralelo entre os vencimentos exigidos para o pessoal da occupação e aquelles que percebem os altos funcionarios da administração e do pequeno exercito de cem mil homens que o tratado de Versalhes concedeu á Allemanha. Este confronto foi feito em dezembro de 1922, quando a derrocada do marco não assumira ainda as proporções actuaes, notando-se que os militares da Entente recebem os respectivos vencimentos na sua propria moeda nacional e mais uma *indemnização especial da Allemanha.*

Pude verificar que um escripturario de qualquer das numerosas commissões de parasitas, disseminadas por todo o territorio occupado, só a titulo de indemnização de residencia, tem uma quantia superior á somma dos vencimentos de um general e de um ministro da Allemanha, e dez vezes mais elevada do que a paga attribuida a um funcionario allemão de igual cathegoria.

Os ordenados de um general presidente de commissão attingiram a 67.000.000 e a indemnização a 11.607.000, num total de 78.607.000 marcos papel. Para um simples soldado, os vencimentos foram de 3.370.000 marcos e a indemnização de 1.652.000, perfazendo a quantia de 5.022.000 marcos. Ora, nesse mesmo anno de 1922, o chanceller do Imperio Allemão apenas percebeu do seu paiz, entre ordenados e gratificações, uma somma de 3.530.000 marcos, e um ministro, nas mesmas condições, 2.952.000 marcos. A mais alta personagem

do governo allemão teve, pois, muito menos do que um soldado e menos de um vigesimo da importancia que o Reich foi obrigado a pagar a um general presidente de commissão. Qualquer ministro da Allemanha recebeu pouco mais da metade do que deve caber a um soldado da Entente e, nesta proporção, é facil calcular o que tóca aos demais funcionarios allemães, obrigados a manter familia numerosa.

O que eu tenho referido é apenas uma parte minima de tudo quanto resulta dos documentos officiaes e estes factos, que são realmente inacreditaveis, só podem provocar o horror do mundo, explicando os verdadeiros fins da occupação militar.

Depois que, contra todos os compromissos, foram tomados á Allemanha os seus bens, créditos, colonias, navios mercantes, organização commercial no estrangeiro etc., sujeitou-se o paiz vencido a um tratamento que nenhum povo supportaria. É o regimen do odio inspirado pela preocupação do que poderá acontecer si a Allemanha um dia resurgir.

Quanto maiores são as torturas, maior se torna esta preocupação e quanto mais se agrava o mal, mais necessidade ha de o agravar ainda.

Durante varias conferencias internacionaes, Lloyd George e eu ouvimos dizer muitas vezes que os allemães não são como os outros povos e que, com elles, o melhor systema é o do tormento. Chegou-se até a escrever que ha no mundo vinte milhões de allemães mais do que o necessario. Mas como faze-los desaparecer?

Antigamente os allemães eram accusados de crueldade, porem hoje, honestamente, ninguém ousaria repetir essa accusação e a verdade é que, quando elles venceram as suas duas grandes guerras do seculo passado, nunca praticaram qualquer das crueldades, das violencias e das injustiças de que se tornaram responsaveis os vencedores de 1918. Dotados de uma grosseira ingenuidade, os tedescos diziam rudemente o que pensavam, invocando razões do Imperio ou da força, ao passo que os actuaes vencedores, todas as vezes que praticam violencias contra a Allemanha, appellam para os direitos

HITLER



Hitler



da civilização e declaram que os allemães são barbaros. A unica differença é que hoje se mata e se violenta, não mais em nome da força, mas em nome da civilização.

Poincaré asseverou em um dos seus discursos que a França, nos ultimos 120 annos, teve de supportar nada menos de cinco invasões da Allemanha. A affirmação não é historicamente verdadeira e, por outro lado, de 1667 a 1815, quantas invasões francezas soffreu a Allemanha? Toda a politica de Richelieu e de Mazzarino teve o objectivo de suffocar a Allemanha. Em 1667, 1671, 1683, 1688, época das grandes conquistas de Luiz XIV, a França invadiu frequentemente e semeou ruínas em grande parte dos territorios tedescos. A successão da Hespanha, em 1701, deu inicio a uma guerra terrivel que, durante treze annos, foi combatida principalmente em terra allemã.

Em 1723, por causa da successão da Polonia, a França de novo invadiu a Allemanha, que teria sido desmembrada antes de Napoleão, si não fosse a resistencia de Frederico o Grande.

De 1792 a 1815, houve uma série de guerras e Napoleão dispoz autocraticamente dos territorios allemães, como aliás de quasi toda a Europa, distribuindo terras e thronos entre os seus parentes e affeçoados.

Poincaré certamente considerou a reacção de todos os paizes da Europa contra o absolutismo napoleonico em 1815, como uma invasão allemã, esquecendo-se de que, não só os allemães, mas tambem os inglezes e os russos combateram nessa occasião pela sua independencia, e que em Paris entraram, com as tropas de Blücher, os exercitos de Wellington e Alexandre da Russia. Tratava-se de uma guerra de libertação, contra um despotismo que não respeitava a autonomia dos demais povos e queria submete-los todos á França.

Restam as duas guerras, de 1870 e 1914, a a historia dirá, a seu tempo, qual a responsabilidade da Allemanha e qual a dos outros paizes. Seria insensato negar ou mesmo attenuar a culpa dos allemães na ultima guerra mas, inculpar



só a elles é tambem uma offensa á verdade dos factos e Lloyd George já o reconheceu lealmente.

Francezes e allemães são grandes povos, com virtudes fundamentaes, e ambos necessarios ao desenvolvimento da Europa. Os francezes são tradicionalmente guerreiros e tambem habéis politicos, emquanto os allemães são mais fortes guerreiros do que politicos.

A lenda de que os allemães, ha varios seculos, só pensam em aggreidir e procuram invadir a França e que esta trata apenas de se defender é falsa e absurda.

Os dois grandes povos, com varias alternativas, se teem longamente combatido e o que seria para desejar, no interesse da paz e da humanidade, é que chegassem a um accôrdo. Isso, porem, será tanto mais difficil quanto maior fôr o odio provocado e o desejo do vencedor de aniquilar o vencido.

Na attitude que a França assumiu contra a Allemanha, depois que esta abateu as suas armas em 1919, ha sentimentos de várias naturezas. Em primeiro lugar, ha rancor, que até certo ponto é justificado, mas o rancor entre povos não é duradoiro, nem é possivel odiar muito e por muito tempo, desde que se extingue a geração que odiou. Ha, em segundo lugar, o calculo plutocratico de utilizar as reparações como um meio de despojar a Allemanha de todos os seus grandes recursos e este meio visa principalmente a conquista do monopolio do ferro e do carvão, do qual resultaria a hegemonia militar na Europa. Ha, finalmente, a preocupação do futuro e com a idéa do que a Allemanha, hoje torturada e humilhada, será capaz de fazer no dia em que reconquistar a sua força, só se deseja que este dia esteja bem distante.

Sentimentos diversos actúam no sentido de redobrar a violencia contra a Allemanha, mas é um profundo erro de psychologia suppôr que o povo allemão tomará horror pela guerra e terá a preocupação ou, digamos melhor, o terror, dos seus vencedores. Em tudo isso ha erro e ha illusão. Os povos não morrem e a Allemanha é forte e tem vida. Quanto maiores forem as torturas, mais o povo allemão odiará e

quanto mais insustentavel fôr a sua situação, maior será a certeza de que a salvação só poderá vir pela revolução ou pela guerra.

Guilherme II era detestavel, mas o que são as violencias cuja intenção lhe era attribuida diante das que tem sido committidas contra os allemães?

A violencia é hoje incontrastavel mas, qual será a situação da Europa, si mais de oitenta milhões de tedescos cheios de odio adquirirem a convicção de que só se poderão salvar, empregando tambem a violencia?

Wilson só havia tratado da restituição da Alsacia-Lorena e garantira pactos justos. Si se houvesse feito uma paz justa e accôrdos commerciaes com espirito de justiça, os paizes vencedores teriam podido utilizar a inmensa capacidade de trabalho do povo allemão e preparar um periodo de paz e de riqueza.

Allega-se que a lembrança dos mortos impede a união mas, mortos houve de ambos os lados e seria preciso possuir a certeza de não ter a minima parcella de responsabilidade na guerra, para poder imputar só á Allemanha a culpa das mortes que todos lamentamos. Os allemães, húngaros e bulgaros combateram pela sua patria do mesmo modo que os americanos, inglezes, francezes e italianos e, exceptuada a Russia, nenhum paiz teve mais mortos do que a Allemanha, obrigada a sustentar a guerra em varias frentes. Segundo um calculo recente, a Allemanha perdeu 1.834.831 homens, isto é mais do que a Italia e a França ou a Italia e a Inglaterra reunidas. Cada paiz tem como sagrada a recordação dos seus mortos mas, para chegar á paz, todos deviam esquecer os odios.

Visitando os Estados Unidos, nenhum espectáculo me pareceu mais bello e mais edificante do que o constatar ter sido não só apagado o odio que dividiu o Norte e o Sul, mas tambem a existencia de monumentos aos heróes dos dois exercitos que tão ençarniçadamente se enfrentaram. Desse modo um paiz civilizado esqueceu o odio e honrou a virtude.



Na Europa, ao contrario, ha um esforço continuo para avivar os odios. Depois da guerra, todos os povos teem o seu nacionalismo, e o nacionalismo não é mais do que a hypertrophia do verdadeiro sentimento nacional. As culturas do odio alimentam sem cessar os bacillos da violencia. Cada paiz sonha com o seu engrandecimento e crescem as desconfianças. Em algumas nações da Europa os parlamentos existem apenas de nome e tornou-se moda vilipendiar a democracia e insultar a liberdade, sendo homenageadas as idéas de hierarchia e de dictadura. Ha um seculo que a liberdade de pensamento e a liberdade politica não correm um perigo tão grave.

E o odio se espalha!

Fiz uma pequena collectânea dos livros que, depois da guerra, foram largamente diffundidos nas escolas da França e da Belgica e nenhuma leitura é mais interessante para se poder verificar a diligencia com que são alimentadas as culturas do odio.

Pour notre France é uma historia da grande guerra, destinada ás escolas francezas, e escripta por um *directeur d'école*. Os allemães são ahi descriptos como hordas de selvagens, que fazem a guerra por profissão, roubam, brutalizam, aterrorizam. Uma longa série de factos é narrada para reavivar o odio e ha episodios tão absurdos que não resistem á mais ligeira critica.

O livro contem ainda, em fórmula de *entretien* um questionario para as creanças, quasi todo referente á crueldade dos allemães e á sua barbaria.

Um outro livro, destinado ás escolas primarias e aos collegios, cheio de contos terriveis de violencias, de crimes e de brutalidades, se intitula *Les lectures des petits* (Leituras para creanças!) e contem historias inverosimeis de heroismos de creanças francezas diante da crueldade dos allemães. *O allemands! Quel crime! Quelle lâcheté! Il n'y a donc pas chez vous des pères qui aiment leurs enfants!*

O mal se propaga e não é só na França que estas cousas são ensinadas, mas tambem na Belgica. Tenho em mãos um

Atlas-Manuel de Géographie destinado ao ensino médio e normal, de conformidade com os programmas officiaes. Este livro foi impresso em 1922, quatro annos depois de terminada a guerra, e se destina a jovens que já possuem algum preparo. Ao tratar da raça germanica, diz que as suas características sempre foram, através dos seculos, *a crueldade, a perfidia, a violação dos tratados* e que as suas qualidades principaes são *um egoismo feroz e um orgulho insolente*. A obra das universidades allemãs é feita *de mentira, de hypocrisia e de mystificação* e só tinha o objectivo de transformar o material humano em atomatos armados. Nellas se descurava o amor ao verdadeiro, ao bello, ao justo e, no fundo, os allemães, são uma *raça de bandidos, de ladrões e de assassinos*. Elles não podem pertencer á Sociedadc das Nações e devcm ser incluídos na cathegoria dos povos *incapazes de governar a si mesmos*, que precisam ficar sob tutéla, como os negros e os povos da Papuasias, os quaes, contudo, teem coração, cousa que não acontece aos allemães!

Espalhou-se no mundo inteiro, durante a guerra, a noticia de que a occupação habitual dos allemães na Belgica era a de decepar as mãos de creanças indefesas e houve muita gente que chegou a acreditar nisso sériamente. Recordo-me de haver dito a Lloyd George, em São Remo, que teria um grande prazer em assistir á Conferencia de Spa e poder percorrer a Belgica, para verificar si havia alguma creança com as mãos mutiladas pelos allemães. A minha demissão de Presidente do Conselho de Ministros da Italia (demissão á qual não foi estranha a agitação provocada pela minha politica exterior), no mez de junho de 1919, não permittiu que eu comparecesse á Conferencia de Spa. A clla esteve presente Lloyd George que me mandou dizer, por intermedio do senador Sforza, Ministro do Exterior da Italia, que não havia podido encontrar, em toda a Belgica, uma só creança com as mãos mutiladas! E no entretanto, essa lenda estúpida e infame ainda corre mundo!

Muito se falou tambem da crueldade dos allemães, como si na guerra não tivessem todos, em maior ou menor escala,



praticado crueldades. Não é possível afastar dos allemães a responsabilidade de alguns actos, como a vergonha da campanha submarina e o crime do torpedeamento do Lusitania mas, contra elles foram tambem praticadas muitas crueldades.

Quando o homem precisa matar, embóra por dever de patriotismo, e todos os seus instinctos selvagens se manifestam, ninguem se deve admirar de crueldades.

O certo é que os allemães, quando foram vencedores, nunca commetteram, em plena paz, as barbaridades e as injustiças que contra elles teem sido perpetradas desde 1919. Os horrores que se estão verificando no Rheno e o procedimento das tropas de occupação, constituem um privilégio da *Entente* e um facto virgem da historia da humanidade.

A sciencia universitaria allemã é, de facto, a obra mais grandiosa do espirito humano nos tempos modernos e não ha nada mais ridiculo do que falar della agora com desprezo. Em cento e cincoenta annos a Allemanha deu á Europa o seu maior poeta, em Goethe, os mais extraordinarios artistas, em Beethoven e Wagner e os mais insignes pensadores, em Kant, Hegel e Schopenhauer. Quaes os genios que foram tão serenos como Goethe, tão profundos como Kant e tão livres como Wagner? A sciencia universitaria allemã, da qual fazem pouco os idiotas, que tomaram ao pé da lettra as tolices inventadas durante a guerra para deprimir os *boches* (como se diz ainda em alguns paizes), representa o maior esforço que jamais foi feito pela actividade do pensamento. As grandes obras allemãs, de sciencia pura e applicada, nada encontram que lhes possa ser comparado e, si a Inglaterra, a França, a America, a Italia, tiveram homens de sciencia que, isoladamente considerados, podem ser julgados superiores aos allemães, não ha duvida que, no seu conjuncto, a sciencia germanica constituia e constitue o mais admiravel esforço colectivo que um povo tenha jamais realizado.

Infelizmente os homens de sciencia, como as mulheres, estão sujeitos aos caprichos da moda e são mesmo muito sensiveis á vaidade.



Professor, ha mais de um quarto de seculo, em uma grande universidade, nada me aborrecia mais, antes da guerra, do que a admiração servil que todos manifestavam pela sciencia allemã. Os cientistas de quasi todos os paizes só viam através dos gabinetes, dos livros e das revistas de Berlim, de Leipzig e de Munich. Era a moda, mas esta irritava pelo seu servilismo.

Detestei sempre o imperialismo allemão e a estultice dos professores tedescos que nunca deixaram de applaudir o gosto e as idéas do megalomaniaco mediocre que foi Guilherme II. Nada me parecia mais vulgar do que ver homens de sciencia tomando ao sério o soldado espalhafatoso, o *miles gloriosus* que um triste destino havia collocado á testa da Allemanha.

Agora, porem, maior é ainda o aborrecimento e a sensação de nausea que se tem ao vêr a maneira pela qual, nos paizes vencedores, pessôas instruidas se atrevem a falar da sciencia allemã. Estas mutações muito se parecem com os sentimentos das mulheres galantes, mas não fazem honra a homens que, com a austeridade da sciencia, deviam tambem aprender a dignidade de character.

Si os mais atrozes sentimentos de odio são instillados na alma tenra das creanças francezas e belgas, com a recordação de violencias passadas, o que deverão dizer os mestres allemães para verberar as violencias do presente? Os negros e barbaros trazidos ao Rheno para ultrajar a dignidade dos allemães constituem um espectaculo que lhes está a todo o instante debaixo dos olhos. Si a Allemanha violou o tratado de 1839, em prejuizo da Belgica, a *Entente*, em prejuizo da Allemanha, faltou a todos os seus compromissos e violou o proprio tratado de Versalhes de 1919. Si os allemães, em plena guerra, fuzilaram miss Cavell, o que será sempre lembrado como uma indignidade, os negros da Africa, em plena paz, estão impunemente violando no Rheno as mulheres allemãs, que morrem de dôr e de vergonha. Não terão os allemães o direito de recordar o seu martyrio? Elles se apropriaram, durante a guerra, dos bens dos vencidos mas, o que

está succedendo agora no Ruhr é a explicação de um programma militar e industrial que, com o dominio do ferro e do carvão, visa a appropriação dos bens de uma nação inteira e a hegemonia continental.

O odio é mantido nas creanças francezas e belgas, pela recordação de erros dos tedescos na guerra, mas inunda tambem a alma das creanças allemãs pelo spectaculo das violencias quotidianas e sob o peso das continuas privações da paz.

O que será da Europa com tantos odios de velhos e de moços? Proseguirá incessante a série de violencias e de mortes na familia dos Atridas? Os delictos se succederão logicamente, sendo cada novo crime a consequencia forçada do crime que o precedeu?

Na Europa, muita gente espéra que, emquanto se occupa o Ruhr e são condemnados aquelles que obedecem ás leis do seu paiz, só porque assim se pretende o pagamento de uma indemnização disparatada, a America e a Inglaterra renunciem aos seus créditos, só porque os devedores pertenciam a uma mesma *Entente*, que affirmava combater pelos direitos da civilização.

Na conferencia de Londres (dezembro de 1922), na qual a America não se fez representar, Poincaré desenvolveu a este respeito uma these muito singular, lembrando que as dividas foram contrahidas pela necessidade de vencer a guerra e que os aliados cooperaram todos, na medida do possivel, para um fim commum (sessão de 9 de dezembro). Julgava-se então, affirmou elle, que uma vez conseguida a victoria, os aliados obrigariam a Allemanha, não só ao resarcimento dos prejuizos, como tambem ao pagamento das despezas feitas para sustentar a guerra. Na impossibilidade de exigir estas despezas, os vencedores se limitaram a reclamar a reparação dos damnos e a França (Poincaré disse *os aliados*, mas não tem razão, porque a Inglaterra pensa em começar logo a pagar as suas dividas) admite que os débitos da guerra sejam pagos, mas só depois que a Allemanha se tenha desobrigado dos seus encargos. Os paizes devedores da *Entente* devem dizer aos

seus credores: nós pagaremos quando tivermos obtido da Allemanha o resarcimento dos nossos prejuizos.

Desejando ficar com as mãos livres contra a Allemanha, para a politica das reparações, Poincaré quer adiar *sine die* o pagamento das dividas da guerra.

Demonstrei neste volume que a chamada reparação dos danos constitúe uma verdadeira indemnização de guerra, que nunca poderá ser paga. E todas as violencias, todos os abusos teem sido quasi sempre a consequencia de um acto ou de uma deliberação da Commissão das Reparações, cujas origens eu tive oportunidade de explicar no meu livro *A Europa sem paz*, que foi traduzido em vinte e duas linguas e espalhado pelo mundo em centenas de milhares de exemplares.

Excluida a idéa de obrigar os vencidos ao pagamento das despezas da guerra e admittido, mesmo contra os compromissos anteriores, o principio da reparação dos danos, os auctores do tratado de Versalhes quizeram dar a uma Commissão poderes soberanos para regular a materia. Era preciso avaliar os prejuizos e verificar o que os vencidos poderiam na realidade pagar, estabelecendo as fórmãs de pagamento.

Os danos se transformaram em uma pesada indemnização, abrangendo até os subsidios militares e as pensões. As exigencias feitas foram absurdas e, pelos estragos causados em uma pequena parte do territorio, se reclamou mais do que o valor de toda a riqueza nacional de antes da guerra, avaliada por financistas conceituados.

Lloyd George e Wilson acceitaram a idéa de instituir a Commissão das Reparações porque acreditaram que uma Commissão de juizes serenos fosse garantia para todos, especialmente para os vencidos.

Muito ao contrario, porem, a Commissão das Reparações se tornou, desde o primeiro momento, o artifice consciente, ou talvez inconsciente, da politica do açambarcamento de materias primas no terreno economico e do desmembramento da Allemanha no terreno politico. Bastará dizer que a sua



directriz inicial foi dada por Poincaré e que os trabalhos são hoje presididos por Barthou, para que se possa fazer uma idéa da imparcialidade dos seus julgamentos.

A Comissão está constituída por homens absolutamente incapazes e sem competencia em assumptos economicos, pagos com estipendios enormes, que supéram os das maiores personalidades dos respectivos governos, ou por homens que são muito capazes, mas tem o objectivo evidente e a idéa preconcebida de fazer tudo quanto possa prejudicar a Allemanha.

O ponto de vista de Poincaré, já muito conhecido, correspondia nitidamente ao programma do desmembramento da Allemanha. Elle chegou a affirmar que a occupação seria tanto mais toleravel quanto mais longa e indeterminada e, representando aos olhos do mundo inteiro a politica nacionalista da França, advogou a theoria dos penhores e a occupação do Ruhr que é o ideal da siderurgia. Foi sua a proposta de que das sociedades commerciaes das provincias rhenanas se exigisse a entrega, por conta das reparações, de sessenta por cento das suas acções, e basta compulsar as actas das recentes conferencias de Londres (dezembro de 1922) e de Paris (janeiro de 1923), para verificar como o actual governo francez tem sustentado sempre as theses mais extremadas.

Si o ministro Loucheur reclamou 25 por cento das acções das sociedades allemãs, Poincaré foi menos discreto e exigiu 60 por cento das industrias fundamentaes da zona do Rheino, o que é uma fórmula methodica de espoliação, tendente a firmar o dominio da França na Europa.

Barthou, que defende as mesmas theses do Poincaré e teve magna parte na Conferencia de Genova, onde impediu que fossem tomadas em consideração todas as tentativas feitas no sentido de discutir a redução dos armamentos, preside hoje a Comissão das Reparaciones, da qual a America de facto não faz parte e a Inglaterra tambem não participa, após os acontecimentos do Ruhr. Com que espirito poderá elle



exercer a presidencia desta Commissão que é apenas um instrumento das tendencias francezas ao monopolio continental?

Foi elle quem proclamou que o Ruhr constitue um penhor e a França ahi *deve* permanecer até que sejam pagas as reparações. De modo que, si a Allemanha não pagar dentro de trinta ou quarenta annos, cousa fóra de duvida, para quem não fôr muito ignorante e nem estiver de má fé, a França continuará no Ruhr, mantendo debaixo do seu *contrôle* toda a politica economica do continente.

Na conferencia realizada este anno em Paris, a 19 de janeiro, foi ainda Barthou quem affirmou, repetindo uma declaração de Millerand, que a duração da occupação devia estar em relação com o cumprimento das obrigações por parte da Allemanha. A França possuía, disse elle, a 1.º de janeiro de 1923, 88 bilhões em créditos sobre a Allemanha, que deveria ter pago 27 bilhões até aquella data, mas só entrou com 12.975 milhões.

Consequencia: — a occupação deve durar indefinidamente.

Objectivo: — a França, não podendo tomar o que não existe, procura tolher a liberdade industrial da Allemanha, e preponderar na Europa, monopolizando o ferro e o carvão do continente.

A occupação militar, as requisições, os *contrôles*, a acção da Commissão das Reparções que, por um pretexto, declarou a inobservancia da Allemanha, tudo está subordinado ao mesmo fim — dominação do Ruhr e separação da Rhenania.

Convem frisar que a Allemanha, depois de supportar as maiores oppressões e torturas, tendo perdido as riquezas transferíveis e grande parte das suas materias primas, pagou 12.975 milhões em ouro, apesar da ruína do seu cambio. E a America deve constatar, com surpresa, que a França, tendo recebido ricos territorios, possuindo abundancia de materias primas, colonias, navios etc. e podendo manter um exercito enorme, não tenha até hoje pago um vintem siquer por conta dos juros da sua divida. A França teve certamente grandes danos em alguns territorios e fortes despesas de guerra

que affirma não poder pagar agora. Os territorios damnificados, porem, ficaram com a França e outros lhe foram entregues, tambem ferteis e dispondo de importantes industrias. Ora, si a Allemanha perdeu o que tinha de melhor em territorios e em materias primas, como poderá pagar quando a França se confessa incapaz de o fazer?

E si a França não paga, si declara mesmo que não pôde pagar, como attribuir á má fé as faltas da Allemanha?

C'est déjà trop d'une victoire mutilée, disse Barthou, e a França precisa de garantias que só tem com a occupação da Allemanha. E desta fórma, os periodos de occupação previstos no tratado de Versalhes, que abrangiam um minimo de quinze annos para a terceira zona, de dez para a segunda e de cinco para a primeira, nem ao menos começaram a ser contados!

Com estas theorias de Poincaré, de Barthou e de Millerand, facilmente se explica por que motivo a França redobrou o seu exercito e creou (contra quem?) uma tão grande aviação; explica-se mais a attitude que assumiu em Washington, na questão dos submarinos (contra quem?); explica-se ainda a sua opposição em Génova a qualquer discussão sobre a redução dos armamentos; explica-se tambem a invasão do Ruhr e a remessa de novas tropas de occupação para a Allemanha, sob o pretexto de inobservancia do tratado de Versalhes; explica-se finalmente o exaggero proposital das despesas com as forças de occupação, entre as quaes, sem necessidade, figuram tropas negras, amarellas e pardas. Tudo faz parte de um programma definido, cujo unico objectivo é desmembrar e suffocar a Allemanha.

Alimenta-se o odio do presente, por meio de actos de violencia e prepara-se tambem o odio das gerações futuras, coincidindo isso com os interesses do capitalismo guerreiro, que vive e prospéra á sombra dos armamentos.

Mas, afinal de contas, haverá quem acredite na possibilidade de destruir a Allemanha ou de escraviza-la por muito tempo?



Não faltam na historia exemplos de povos que desapareceram depois de grandes guerras. Os allemães, que depuzeram as armas logo depois do tratado de paz, acreditando de bôa fé na seriedade das promessas que Wilson havia feito em nome da America, estão hoje completamente desarmados. Elles se encontram tambem muito abalados por doenças e privações, mas são oitenta milhões de homens que representam ainda a mais compacta unidade ethnica da Europa e constituem uma raça laboriosa e tenaz, que nenhuma força humana será capaz de destruir ou reduzir á escravidão.

As continuas violencias praticadas contra a Allemanha só produzirão o resultado de redobrar o seu odio, e envenenar a vida européa, tornando a paz cada vez mais instavel e mais precaria a prosperidade do mundo.

Até aqui tratei do Ruhr sob o ponto de vista economico, mostrando que a invasão, não prevista pelo tratado de Versalhes, foi imposta pelos grandes interesses da siderurgia.

Encaremos agora sob o ponto de vista moral, que é muitissimo mais importante, este grave facto da historia moderna.

A Allemanha hoje não está em guerra, mas sim em paz. Declarada a inexecução proposital do tratado, na parte referente ás reparações, a França e a Belgica invadiram o territorio allemão. O fim allegado foi uma acção economica e o meio empregado uma acção militar.

Mesmo pelo tratado de Versalhes, o Ruhr faz parte da Allemanha e nem ao menos está situado na zona onde a occupação é permittida. Os cidadãos allemães só devem obediencia ás leis allemãs e os funcionarios aos seus superiores. A França e a Belgica assignaram a primeira convenção de Haya de 1889, pela qual, mesmo na guerra (artigo 44), não é possivel obrigar a população de um territorio occupado a tomar parte em acções de guerra contra o proprio paiz. Ora, os cidadãos do Ruhr estão sendo obrigados, *manu militari*, a soffrer requisições, a trabalhar sob coacção, e a abandonar as suas occupações. Perderam até o direito



de se communicar livremente com a Allemanha (*) e são tratados muito mais duramente do que si pertencessem a um territorio occupado em tempo de guerra.

A França sustenta que não está praticando um acto de guerra, mas sim de paz e de character puramente economico. Deixando passar a tragica ironia desta affirmacão, não é preciso ser dotado de uma grande intelligencia para comprehender que, si são limitados os direitos do invasor, mesmo durante a guerra, com relação á população civil, elles devem ser muito mais limitados na paz e que, portanto, qualquer violencia se torna injustificavel.

Entre todos os protestos levantados contra a invasão do Ruhr, o que mais me impressionou, por uma curiosa coincidencia, veio de um paiz muito culto, a Finlandia, provado tambem por grandes soffrimentos, quando sujeito ao absolutismo russo. Os juristas da Finlandia lembram que, sob o dominio do Tzar, ha dez annos passados, muitos dos seus compatriotas foram, como agora os allemães do Ruhr, arrastados perante os tribunaes russos e condemnados porque não se quizeram submeter, dentro do territorio nacional, a leis e disposições incompativeis com os interesses da sua patria.

O acto do Tzar pareceu tão grave, que eminentes juristas do mundo inteiro, inclusive da França, lavraram o seu protesto.

Na realidade, porem, este facto era infinitamente menos grave, porque a Finlandia, gozando embóra de uma relativa autonomia, fazia parte do Imperio Russo, ao passo que, no Ruhr, em tempo de paz, cidadãos allemães tem sido condemnados por tribunaes francezes, segundo leis francezas, só por haverem obedecido, dentro do territorio allemão, ás leis do seu paiz. Mesmo em sociedades menos adiantadas, ninguem

(*) No dia 16 de junho de 1923, os jornaes do Brasil publicaram o seguinte telegramma:

Berlim, 15 (A. P). — As tropas francezas occuparam as estações ferroviarias da estrada Dortmund-Kray, cortando assim as communicacões entre a Allemanha industrial e a zona não occupada. O trafego nessa linha sómente será possivel por meio de trens electricos. Dortmund e outras grandes cidades estão agora completamente isoladas. Ninguem pôde entrar nellas ou dellas sair, sem permissão dos francezes.

até hoje ousára condemnar um homem que fosse accusado unicamente de servir á sua patria e, pelo menos até a invasão do Ruhr, era nórma fundamental do direito das gentes, que nenhum paiz póde exigir de subditos de outra nação que prestem auxilio de qualquer natureza a actos prejudiciaes á sua patria ou contrarios aos seus deveres de fidelidade para com ella (*).

Si as violencias e as offensas ao direito, durante a guerra, foram praticadas em maior numero pela Allemanha, depois da paz, é aos vencedores que cabe a primazia neste particular.

Em todas as suas manifestações, a *Entente* proclamava que esta guerra seria a ultima, mas os tratados de paz, concebidos como um meio de continuar a guerra, não fizeram mais do que preparar novos conflictos. Deste modo baixa cada vez mais o gráo de cordialidade em todas as relações internacionaes, crescem as violencias, aggrava-se o desequilibrio economico e diminuem as liberdades publicas no interior de quasi todos os paizes continentaes.

O que fazer?

Antes de tudo é necessario romper com a linguagem convencional da falsidade e julgar os nossos actos, ou os dos nossos inimigos de hontem, com o mesmo criterio. Foi por esse motivo que, afrontando todos os prejuizos e aborrecimentos, eu quiz neste livro dizer a verdade.

Para que o mundo possa ter paz, é preciso que cesse o mortal equivoco das reparações; é preciso tambem que todas as nações tenham liberdade dentro das suas fronteiras e possam

(*) Entre outros, pode ser lembrado o caso dos directores das usinas Krupp, que foram condemnados a severas penas de multa e de prisão.

A imprensa brasileira publicou, em 22 e 23 de junho de 1923, os seguintes telegrammas da Associated Press:

Düsseldorf, 21 (A. P.) — A alta-côrte marcial franceza confirmou a sentença de morte imposta ao engenheiro George, da *Badische Anilin- und Soda-Fabrik*, condemnado por crime de «sabotage».

Bruxellas, 22 (A. P.) — A côrte marcial belga de Aix-la-Chapelle condemnou os cinco burgo-mestres allemães que tinha sob julgamento, uns a um e outros a dois mezes de prisão, com multas de um a dois milhões de marcos, por se terem recusado a cumprir as ordens dadas pelas autoridades militares.

trabalhar e progredir; é preciso, finalmente, que nenhum soldado, branco, preto ou amarello, continue a pisar o sólo de uma nação vencida.

Emquanto forem empregados, contra a Allemanha, processos muito mais iniquos do que os usados pelos allemães vencedores, em 1815 e 1870, e emquanto se mantiver de pé a estúpida lenda de que elles são incapazes para os regimens livres e democraticos, a decadencia dos vencedores será fatal e progressiva.

Poincaré se tornou um estranho humorista politico e J. Swift não seria talvez capaz de dizer cousas tão atrozes com uma ironia tão cortez. Elle está abusando, porem, deste genero litterario e, nos seus artigos e discursos, tem sustentado theses verdadeiramente absurdas.

O tratado de Versallies limitou em quinze annos a duração maxima da occupação, reduzindo-se de cinco em cinco annos a extensão do territorio occupado. Poincaré entende que uma occupação longa e indefinida é preferivel, porque os allemães se habituam e quanto mais tempo se passar, melhores serão as relações entre invasores e invadidos...

A Liga das Nações, tal como está constituida, não tem a menor autoridade e Lloyd George já reconheceu tambem que ella actualmente não existe, dada a ausencia dos Estados Unidos, da Russia e da Allemanha. Com multiplos pretextos, os allemães foram afastados e Poincaré affirmou que *un jour* (quando?) a Allemanha poderá ser acceita, depois de haver cumprido todas as obrigações do tratado, o que é praticamente impossivel. Deverão entrar todos os paizes, até mesmo a Bulgaria e a Turquia, e só depois é que chegará a vez da Allemanha. *Le jour de l'Allemagne vienàra.*

Sem nenhuma necessidade, a França enviou para o Rheno tropas de côr. Não se trata de gente de côr educada nas livres republicas da America, mas de populações primitivas e semi-selvagens, que ainda hontem talvez eram cannibaes, e lá estão praticando os crimes mais nefandos. A Allemanha, disse Poincaré com o seu humorismo, não tem razão de protestar contra este facto e, si o faz, é porque não admite a igual-

dade dos povos. Houve mesmo um deputado das Antilhas que interpellou Poincaré sobre a possibilidade de se excluir da occupação as tropas de côr e o Presidente do Conselho achou que o deputado tinha razão. A culpa é só dos allemães, que não sabem apreciar os grandes principios da igualdade humana...

A terrivel aventura do Ruhr, que ameaça de arruinar a Europa, começou pela remessa de engenheiros francezes, incumbidos de fiscalizar e garantir as entregas de carvão. Era, segundo Poincaré, uma simples medida de administração.

Esta ironia, que tem até um aspecto macabro, não é desprezo e nem paixão, mas um frio rancor, que só pôde semear odios profundos, talvez irremediaveis.

É principalmente contra este espirito de odio que se deve reagir. A Europa não se poderá reconstituir enquanto não acabar com o regimen das violencias e, para isso, é necessario que se agite a opinião publica do mundo e que as democracias livres venham em soccorro da humanidade e da civilização.

Em varios paizes da Europa, o espirito reaccionario quasi annullou a acção dos parlamentos e, em outros, impéra a mais brutal violencia, pregando-se, em nome da victoria, idéas que são tudo quanto de mais prejudicial á civilização se possa conceber.

Os Estados Unidos, o Brasil, Argentina, Hollanda, Hespanha, Suecia e Noruega, com uma acção precisa e intelligente, poderão fazer trabalho util para o restabelecimento da verdadeira paz, manifestando o seu horror pelos methodos adoptados depois da guerra e reafirmando a sua confiança nas forças vivas da democracia.

Antes de tudo é preciso que a verdade seja conhecida e que se acabe com as idéas falsas e os falsos preconceitos, fructos de uma propaganda tendenciosa, que tambem no Brasil espalhou o veneno de uma concepção européa muito diversa da realidade.

Desde a Conferencia de Londres, em 1920, eu presentii que se marchava para o erro e tentei resistir. Depois da



Conferencia de São Remo, que tive a honra de presidir, os mais fortes elementos da reacção e da violencia se insurgiram, porem, contra mim e a luta se tornou tão intensa que fui obrigado a deixar o governo.

Como escriptor continuei, entretanto, a obra que havia iniciado como chefe do governo da Italia.

Estive só a principio, mas Lloyd George depois sustentou as mesmas idéas, que todos os homens de valor da Inglaterra já esposaram.

Nos Estados Unidos a verdade fez caminho e as discussões do Senado Americano são disso a prova evidente.

Estou certo, de que o movimento será muito mais rapido no Brasil que, além do seu grande interesse pelo restabelecimento da paz e do commercio mundial, é constituido por um povo de indole essencialmente democratica e dotado de um verdadeiro espirito de liberdade.

Quando se vê tanto esforço, que deveria ser orientado para o aproveitamento de todos os recursos da natureza, estar sendo empregado no sentido da destruição e quando se pensa no que ha ainda a fazer na America do Sul e especialmente no Brasil, que dentro de cincoenta annos se poderá tornar um paiz riquissimo com cem milhões de habitantes, centro de prosperidade e de civilização, tem-se uma impressão de atordoamento com tudo o que está occorrendo na Europa, dominada pela mais sinistra violencia.

Este livro é um repositorio documentado de factos, dos quaes nenhum poderá ser contestado. É preciso agora procurar, com pureza de sentimentos, reconstituir a nova sociedade, que resitúa ao mundo a segurança da vida e a fé na liberdade.

O grande e nobre paiz que é o Brasil, não' póde deixar de se collocar ao lado dos que lutam pelo direito e não profanam sagrados principios, com a mais odiosa violencia. A barbaria está hoje justamente com aquelles que, na hora do perigo, pediam soccorro em nome da civilização.

Acquafredda (Basilicata), 16 de abril de 1923.

Nitti.

Brasil.

//



PREFACIO

Este livro é, acima de tudo, um acto de sinceridade moral.

De alguns annos para cá, em materia de politica externa e de relações internacionaes, reina a maior desordem e impéria a maior violencia. Os povos vencedores enaltecem hoje tudo quanto haviam antes condemnado e praticam actos muito mais crueis e mais insensatos do que aquelles que estavam, segundo affirmavam durante a guerra, nas intenções dos vencidos. Só uma cousa mudou:—as usurpações, as violencias, as loucuras e os delictos são agora commettidos em nome da democracia victoriosa.

E, com isso, a Europa inteira está em decadencia. Deixou de ser o continente que regulava no mundo a producção e o commercio, viu declinar a grandeza da sua expansão e até o surto das suas manifestações intellectuaes.

Os vencidos estão todos prostrados. A Austria não pode mais viver; a Hungria, mutilada e ultrajada, se debate em atrózes padecimentos; a Turquia e o Islão, depois de tantas injustiças soffridas, estão em chammas; a Russia, após os grandes erros e loucuras do communismo, vae voltando ao regimen capitalista, cheia de odio, porcm, contra aquelles vencedores que, depois de a terem obrigado aos mais duros sacrificios durante a guerra, quizeram, vendo-a extenuada pelo esforço despendido, aproveitar a sua queda e tentar, com exercitos de reacção, restaurar o absolutismo, o mais brutal, desejando impor ainda um systema de capitulações que visava a conquista de riquezas e de materias primas por meio de creditos e imposições de garantia para as dividas contrahidas pelo antigo regimen.

No futuro, si para o bolschevismo vae ser um titulo de grave culpa o haver reduzido a Russia á mais extrema

URRS.

Amigo
da
URSS?

nacional?!

miseria, com as suas caducas experiencias de communismo, será, por outro lado, um verdadeiro padrão de gloria o ter defendido a sua independencia, renunciando a todos os créditos de preferencia a perder ou diminuir a liberdade do povo russo em face do estrangeiro. A Russia não quiz aceitar o odioso *contrôle* que lhe propuzeram, depois de haverem procurado domina-la pelas armas e até pela fome.

Detestando a organização economica e a crueldade do bolschevismo, nós não podemos deixar de admirar o seu profundo espirito nacional.

De resto, que confiança poderia ter a Russia, vendo o que se passou com a Allemanha? A Allemanha depoz as armas exausta, mais pela fome do que pelo esforço militar, quando os solemnes protestos da *Entente* e as solemnes proclamações do Presidente Wilson promettiam uma paz de justiça e a mais perfeita igualdade de tratamento entre vencedores e vencidos.

Em seguida, por effeito dos tratados, a Allemanha foi desmembrada e torturada como nenhum outro paiz na historia moderna. No seu territorio, usurpado e retalhado, não uma, mas quatro ou cinco questões de Alsacia-Lorena foram creadas. **Regiões** genuinamente allemãs, das quaes nunca ninguem ousara siquer falar, ficaram entregues, ao arbitrio dos vencedores, até mesmo a povos que não sabem governar a si proprios e vão agora governar o povo mais culto da Europa.

A Allemanha foi por todos os lados privada dos seus territorios mais remotamente allemães e instituiram-se uniões alfandegarias as mais absurdas. Partes da Allemanha, desaggregadas ao acaso, entraram para o systema alfandegario dos vencedores. E, além de haverem tomado á Allemanha todas as suas riquezas transferiveis, colonias e navios mercantes, tiraram-lhe tambem tudo o que foi possivel de materias primas, de carvão, ferro, zinco, chumbo, potassa etc.

Contrariamente a todas as normas internacionaes, foram sequestradas mesmo as propriedades particulares de cidadãos allemães nos paizes vencedores.

A Allemanha ficou dividida em duas partes que se não communicam entre si e os seus portos, os seus rios, os seus canaes, todos os seus meios de comunicação emfim, permanecerem sob *contrôle*.



Um exercito de occupação estaciona no Rheno, para garantir uma indemnização que nunca poderá ser paga, tão extravagante e absurda é a sua cifra. E este exercito de occupação custa á Allemanha mais do que lhe custava o seu proprio exercito e a sua marinha de guerra antes de 1914.

Os vencedores, depois de haverem procurado destruir a vida economica da Allemanha, por meio do tratado de paz, e de se terem apoderado dos seus melhores recursos, pretendem, não só que a Allemanha viva, mas ainda que pague uma indemnização muitissimo superior á importancia dos debitos que elles proprios, vencedores, não sabem como pagar.

Chegou-se, além de tudo isso, á tragica e humilhante pilheria de usurpar até a propriedade intellectual dos allemães, exigindo-se delles que não falsificassem productos estrangeiros. A faculdade de os falsificar ficou sendo, pois, um privilegio moral dos vencedores.

Mas, após os tratados de paz é que foram praticados os maiores esbulhos. A Alta Silesia, que era o alvo das mais escabrosas concupiscencias capitalisticas, devia ter sido attribuida, segundo os resultados do plebiscito, á Allemanha, á qual já pertencia desde muitos seculos, ou á Polonia que a reivindicava, menos por sua conta que por conta da siderurgia franceza.

As violencias exercidas pelos polacos contra os allemães foram por todos os modos toleradas e muitas vezes protegidas, mas, não obstante isso, sessenta por cento dos habitantes da Alta-Silesia, embora sob o regimen da força, declararam abertamente, solemnemente, que queriam o seu paiz attribuido á Allemanha.

Entretanto, depois de tão grandiosa manifestação, com desrespeito ao tratado de paz e ao plebiscito, a Alta Silesia foi entregue, na sua maior parte, ou na parte que mais interessava á siderurgia franceza, — á Polonia.

Com a sua immensa desordem, a Polonia, que não sabé administrar os territorios que lhe foram dados accidentalmente (eu quizera dizer em seu prejuizo), que não sabe utilizar as suas proprias riquezas, destróe, assim, as bases essenciaes da prosperidade industrial allemã e da vida economica da Europa.

Relato neste livro o que foi a obra realizada pela Commissão das Reparções, obra de cynismo, de concupiscencia, e de ignorancia.



Quando a Austria e a Hungria estão morrendo de fome, estabelecer que devem pagar, ainda este anno, uma indemnização de seis bilhões de marcos ouro, com a garantia solidaria da Allemanha que, por sua vez, não pôde pagar a propria indemnização, é um acto que no futuro provocará o riso e o desprezo.

O que fizeram, na Allemanha e nos paizes vencidos, os representantes das commissões de *contrôle*, da Comissão das Reparções e das commissões militares, as especulações sobre a miseria dos derrotados, o cynismo da appropriação indébita dos bens do inimigo exangue — são factos sem precedentes. E não quero falar ainda do exercito de occupação no Rheno, mas as paginas que dedico a este tristissimo episodio da historia moderna ninguem as poderá lêr sem córar de vergonha.

Os tratados foram a negação completa das promessas da *Entente* e das proclamações solemnemente feitas em nome da America, e a sua applicação, a violação continua do que havia sido estabelecido.

Estas violencias seriam até certo ponto explicaveis, embora nunca pudessem ter uma justificação si, ao menos, fossem uteis aos vencedores. Quebrada, porem, a unidade economica e dividida a Europa em uma serie de pequenos paizes rivaes, despedaçado o mecanismo propulsor da economia européa, que era constituido pela Allemanha, a Europa inteira decêa.

A Inglaterra fez os mais ingentes esforços, impondo a si propria os mais duros sacrificios; acceitou impostos talvez os mais pesados que existem na Europa e conseguiu, desse modo, ter moeda valorizada e manter o seu equilibrio financeiro. Toda a industria britannica, porem, está em crise; 41 por cento da sua producção é destinada ao exterior, sobretudo á Europa e, após a quéda da Europa central, que acquisições poderão fazer os paizes de cambio depreciado?

Os navios jazem immobilizados nos portos, as industrias são illusorias e a falta de trabalho é um facto.

Os proprios Estados Unidos da America, arbitros verdadeiros que são do mercado mundial, veem os seus productos estagnados e a sua crise sem solução.

Devendo renunciar, na mais larga escala, á mão de obra européa e tendo abundancia de productos que não são vendidos, foram obrigados, para collocar uma parte delles,



mesmo depois da guerra, a emprestar todos os annos, sob fórmãs diversas, dois ou trez bilhões de dollares á Europa. Agora, porem, não teem mais confiança. E, realmente, como se poderá emprestar, a prazo longo, a um continente onde todos estão em luta e onde se pensa mais em tomar, em nome da victoria, a riqueza produzida pelos outros do que em produzi-la por conta propria?

A Allemanha constituia um enorme centro de consumo, o mais importante do continente, mas o dinheiro allemão quasi que nada mais representa hoje e o consumo, até dos artigos mais indispensaveis, foi reduzido de quarenta a sessenta por cento.

Entre os allemães é immenso o esforço despendido para manter o mercado interno, mas a falta de materias primas e a continua oscillação dos preços tornam a vida incerta.

De cerca da metade dos habitantes da Europa se pôde dizer que — ou estão economicamente isolados ou vivem sob *contrôle*, devendo trabalhar em proveito dos vencedores.

A França não chega a retirar dos seus impostos senão a metade das suas despesas: — ha cerca de trezentos bilhões de debito e este augmenta dia a dia.

Fez-se acreditar ao povo francez que, ao menos pela metade, as despesas deveriam ser pagas pela Allemanha. Assim, as despesas se não reduzem, porem a indemnização allemã se reduzirá fatalmente, não já aos 18, ou 15, ou mesmo 12 bilhões que deviam ser assegurados á França, mas, dentro em pouco, uma vez que á Allemanha foram tolhidos todos os recursos, a uma cifra que nem mesmo dará para prover as despesas com o exercito de occupação.

A Italia fez immensos sacrificios e, dispondo de recursos economicos muito menores que a França, procurou reparar melhor as suas finanças; tambem na Italia, porem, um quarto, ou talvez um terço da despeza corre ainda por conta de novos debitos. O commercio está reduzido, as industrias lutam com difficuldades, o credito é escasso e cessou a grande mobilidade dos seus homens.

Só no anno que precedeu a guerra, 1913, a Italia mandou para o estrangeiro 872.000 homens (376.000 para os Estados-Unidos, 111.000 para a Argentina, 90.000 para a Suissa, 83.000 para a França, 82.000 para a Allemanha, 39.000 para a Austria-Hungria, 32.000 para o Brasil etc.).



Actualmente, para onde poderá a Italia enviar os seus homens? Não para os Estados Unidos, que reduziram a immigração depois que, diminuindo a Europa o seu consumo e o seu credito, reduziu a solicitação dos productos e, mais do que isso, a sua capacidade de pagamento; não para a Allemanha ou para os paizes da antiga monarchia austro-hungara, que estão vivendo com immensas difficuldades; não para a Argentina ou para o Brasil, onde a crise tem larga repercussão; não para a Suissa, onde as fabricas se estão fechando por falta de trabalho; não para os outros paizes da America do Sul, onde a crise tambem se alarga; não para a França que, após a guerra, não tem capacidade de expansão etc.

Si a Italia pudesse reportar a sua emmigração ás cifras que ella attingiu entre 1911 e 1913, as suas necessidades internas se alliviamam e é bem possível que a maior parte das suas desordens interiores tivesse fim.

Mas, si a Allemanha não consome, a America não vende e não póde fornecer trabalho aos italianos.

Quasi todos os paizes da Europa apresentam grandes deficits. Alguns delles, como a Romenia, a Polonia, Portugal e todos os paizes vencidos, a bem dizer, não teem mais crédito. Moédas ha que ficaram depreciadas centenas e até milhares de vezes.

O poder de consumo da Europa está diminuido de um terço. Transformada em continente devedor e fraccionada em muitos paizes rivaes, é cada vez menor a acção exterior que ella exerce.

Antigamente existia apenas uma Austria-Hungria, com acerbas lutas de nacionalidade.

Hoje a Polonia, por exemplo, é uma nova Austria-Hungria onde, alem de tudo, se inverteram os papeis e são as populações mais ignorantes que pretendem dominar, pela violencia, as populações mais cultas e progressistas. E em toda a Europa central, como na peninsula dos Balkans, se constituiram novas Austrias-Hungrias.

A Europa, como muitas vezes acontece a quem vive na luta, não tem neste momento a consciencia do perigo que está correndo.

Lentamente a decadencia se produz de modo que o dia de hoje não differe do de hontem mas, de facto, em cada hora que passa, a Europa decáe.

Ha decadencia economica, ha decadencia intellectual e ha até, o que é mais doloroso, decadencia moral.

Os esforços pelo engrandecimento e pelo progresso, foram substituidos por esforços directos no sentido da destruição. Pelo menos dois terços das universidades não funcionam por falta de meios ou reduziram a sua actividade.

Ninguem seria capaz de prever, durante a guerra, que se pudesse verificar o paradoxo militar, ao qual estamos assistindo, isto é que, terminada a luta e desarmados os vencidos, a Europa tivesse em armas mais homens do que antes da guerra. A França sósinha, apczar de todas as difficuldades decorrentes da sua estrutura demographica, com uma população que, longe de augmentar, tende mesmo a diminuir, mantem um exercito mais numeroso que o da propria Allemanha antes da guerra.

E a Allemanha, naquelle tempo, precisava defender-se contra a Russia e contra a França, que possuiam forças poderosas.

Quanto mais se avolumam as injustiças, mais cresce o rancor e, quanto mais cresce o rancor, mais augmenta o receio do vencedor que necessita, por isso mesmo, de maiores elementos de defeza armada.

*

Todos os povos do mundo assistem a esta nossa decadencia progressiva, com uma impressão que oscilla entre a estupefacção e o temor. Procuram pôr-se ao abrigo, o mais que é possível, fogem dos centros infeccionados e consideram muitas relações como indesejavcis.

A Europa não poderá reconquistar o seu crédito si não tiver paz e só poderá ter paz destruindo este mecanismo de violencia que foi creado pelo odio e desenvolvido pela ignorancia.

Assim, portanto, um unico problema domina a vida do mundo — a paz.

E, uma vez que a paz da violencia não realizou condições de vida, é necessario procurar a paz da justiça e restabelecer a solidariedade dilaccrada.

A crise não terá fim sem a restauração da Europa; a restauração da Europa nós só a obteremos desistindo dos exercitos de occupação, restabelccendo a soberania de todos os paizes e renunciando a indemnizações absurdas que tanto prejudicam a intelligencia como a moral dos vencedores.



Fermentam já novas guerras na Europa e a preparação quasi febril de aparelhos de aviação, de gases asphyxiantes e venenosos e de submarinos, só pôde despertar inquietações.

Tão depressa se quebrou então a solidariedade entre os proprios vencedores?

O cynismo pôde ser tambem uma moral e, si as cynicas violencias dos vencedores e o perpetuar dos seus erros lhes chegasse a ser util, o pragramma que se desenvolve, seria ao menos explicavel, embóra não fosse louvavel.

É a propria existencia economica dos vencedores, porém, que está em serio e constante perigo que, longe de diminuir, augmenta todos os dias.

As idéas que eu livremente expandi nas conferencias internacionaes, no Parlamento Italiano, nos meus livros e na imprensa da Europa e da America, attrahiram sobre mim as mais severas criticas e me causaram sérias contrariedades.

Conheço bem a origem de algumas destas campanhas e não ignoro os fins que teem em vista, bem como os meios de que se servem os meus adversarios.

Estas lutas me poderão trazer aborrecimentos, mas nunca serão capazes de deter a minha obra e, muito menos, de impedir a derrocada inevitavel do edificio de absurdos que se procura, em vão, manter de pé.

O meu maior pezar, comtudo, é vêr que as criticas mais asperas partem justamente da França.

Fui sempre um amigo sincero da França e um adversario tenáz e convencido do imperialismo germanico mesmo quando este estava no seu maior fulgor.

No meu paiz e em toda a Europa, enquanto a vulgaridade grosseira de Guilherme II ameaçava todos os povos com a sua phraseologia insolente, entre mystica e guerreira, eu nunca deixei de mostrar a minha repulsa por aquellas manifestações inferiores que todos admiravam. Amei sempre a França que fazia consistir a sua maior gloria na defeza da democracia e dos direitos da civilização.

O nosso coração nunca deixou de bater ao lado da França, quando ella estava comnosco na defeza das mais nobres aspirações humanas. Agora, porem, a situação se modificou.

A maior dôr para a França deve ser a de verificar que só applaudem a sua acção, na Inglaterra e na Italia, precisamente aquelles que louvavam e applaudiam a obra e a acção de Guilherme II.

Isto, porem, em nada diminúe o nosso velho affecto pela França. Trata-se de um periodo de erros que passará mais depressa do que se suppõe.

Logo após a terminação da guerra, eu mesmo declarei estar disposto a sustentar que a Inglaterra e a Italia deviam estabelecer um pacto de garantia para a França, por um largo espaço de tempo, desde que se puzesse fim á occupação militar do Rheno e se reparassem as mais graves injustiças commettidas contra a Allemanha.

Depois do armisticio a *Entente* praticou todos aquelles actos de que era, em itenção, accusada a Allemanha. Predominam as correntes plutocraticas, é constante o açambarcamento de materias primas e de situações economicas, procura-se, emfim, demolir a Allemanha e partilhar a sua herança.

A população franceza não attinge hoje a dois terços da população allemã. Dentro de trinta annos, curto periodo na vida de um povo, a França, muito provavelmente, não contará siquer a metade da população da Allemanha que, humilhada embóra, saqueada e ultrajada, permanecerá o mais compacto organismo ethnico da Europa.

Os allemães por duas vezes, venceram grandes guerras contra os francezes: em 1815 e em 1870. Nunca, porem, tentaram destruir a unidade nacional da França e nem tão pouco asphyxia-la economicamente.

A acção franceza, a partir de 1919, não corresponde absolutamente ás tradições gloriosas da França e os seus actuaes representantes não fazem mais do que isolar o nobre paiz que nós tanto amamos, como centro que era de civilização e de luz.

Quando a França envia tropas negras para o Rheno; quando, ao serviço da sua siderurgia, vae de encontro a todas as praxes internacionaes; quando offende os mais sagrados principios de autonomia e de nacionalidade; quando se apparelha com os mais novos e terriveis engenhos de guerra, não já contra os inimigos inermes, mas contra os seus amigos de hontem; quando sustenta que não ha necessidade de pagar as dividas da guerra e se obstina em exigir indemnizações impossiveis; quando alimenta o dissidio entre os povos, applicando ou, o que ainda é peor, não applicando tratados de paz injustos; quando os seus ministros se insurgem contra a redução dos armamentos, como em Genova; quando impe-



dem a restrição dos submarinos, como em Washington; quando propõem meios de apropriação das riquezas allemãs, como em Londres — a França cada vez mais se afasta das suas tradições.

Nós permanecemos fieis a estas tradições, convencidos de que este sôpro de odio, esta brutalidade de plutocracia, este ardor de violencia hão de ter duração passageira.

A França atravessou um longo periodo de anciedade e de angustias e viu passar sobre a cabeça dos seus filhos injusto perigo. Ella não readquiriu ainda a serenidade necessaria ao bom julgamento. Quando sentir, porem, o seu isolamento espirital e quando verificar que os seus recursos se não desenvolvem sem paz e que, para chegar a esta, o melhor meio é a volta ás tradições do passado, então este triste periodo que atravessa será esquecido.

Em 1914 a França encontrou a seu lado a Russia. A Inglaterra, contra todas as previsões tedescas, entrou na guerra para defender a França invadida e atacou a Allemanha pela fome. A Italia rompeu o tratado da triplice alliança e declarou guerra aos seus proprios alliados. O Japão se enfileirou com a *Entente* e, por ultimo, os Estados Unidos da America, em nome da democracia e da liberdade, trouxeram á França o seu immenso auxilio para que mais rapida fosse a solução do conflicto.

Porventura, dentre todos estes povos que participaram da guerra, haverá hoje um só que mantenha os mesmos sentimentos? Existirá por acaso algum que esteja disposto a bater-se pela manutenção do crime da Alta Silesia ou pelo erro fatal do Sarre?

E, dentro da propria França, poderá alguém confiar ainda no fragil edificio da Polonia?

Si a França foi salva pelas armas do mundo inteiro, é com verdadeira angustia que o mundo inteiro observa hoje o que se está passando.

No interesse da França, que tem uma parte tão grande na civilização européa, nós desejamos que a verdade inteira seja conhecida pelos francezes e que a França volte aos idéaes que foram sempre a sua grandeza e que foram tambem a sua salvação.

Os homens que neste momento estão usando uma linguagem differente desta não são os legitimós herdeiros das grandes tradições francezas, mas sim os seus destruidores.



Não é exacto que a Allemanha não possa constituir uma democracia livre e pacifica.

As classes operarias da Allemanha se batem corajosamente pelo regimen democratico, minado pelas violencias dos vencedores e pelo despertar da reacção, dois factores que alimentam, no mesmo gráo, o espirito da revolução.

Apezar de todas as humilhações a que foi submettida, a Allemanha não só poderá constituir uma grande democracia e uma força de paz, como tambem voltará a ser, indubitavelmente, o maior centro propulsor da vida economica da Europa continental.

É possivel arrebatat de um povo as suas riquezas e as suas armas, as suas colonias e os seus navios, os seus creditos e a sua organização no exterior; é possivel espesinha-lo e até suffoca-lo na sua prosperidade — nunca porem, será possivel destruir a sua alma nacional.

A Inglaterra, e isto será a sua gloria, depois dos grandes esforços da guerra, realizou os maiores esforços em beneficio da paz. Ella se declarou mesmo disposta a todas as renunciias para que a Europa se pudesse reconstituir e tivesse um termo a obra de destruição que está sacrificando a vida do mundo.

A França ha de sentir, mais cedo ou mais tarde, que o seu maior interesse será seguir, neste caminho, a sua grande alliada. Mas, enquanto durar o actual dissidio, só a vóz poderosa dos Estados Unidos poderá trazer a palavra da verdadeira paz.

A Inglaterra, a França, a Allemanha e a Italia são as quatro nações mais adiantadas da Europa e, si não quizerem successivamente perecer, deverão encontrar a formula da convivencia pacifica e restabelecer a solidariedade perdida.

A paz se tornou, no actual momento, não somente uma necessidade moral, mas tambem uma necessidade economica.

De tudo isto procurei dar demonstração nas paginas deste livro que contem duras verdades, mas nenhum exaggero.

O leitor achará talvez que eu repeti frequentemente alguns argumentos e alguns dados. Essa repetição foi proposital para que certas verdades se tornassem mais evidentes e não pudessem ser esquecidas.

O meu ultimo livro « *A Europa sem paz* » foi traduzido em quasi todas as linguas e espalhado por toda a parte em



muitas centenas de milhares de exemplares. Era um grito da verdade contra certos preconceitos diffundidos pela imprensa que é, quasi sempre, responsavel pelos grandes erros.

Tenho a esperanza de que este volume, escripto com sinceridade e com fé, fóra de todas as preocupações da minha situação politica pessoal, sem odios e sem rancores, encontre um acolhimento igual e que a boa palavra da verdade possa chegar até as almas mais cégas pela paixão e mais obscurecidas pela ignorancia.

Estamos vivendo ainda sob as trévas de uma noite profunda de preconceitos, de concupiscencia e de odios mas, em todos os paizes, as forças da vida começam já a se manifestar mais livremente.

É possivel que um dia seja para mim um titulo de honra o haver rompido com a linguagem convencional da falsidade que nos está opprimindo mais do que a nossa decadencia economica, mais do que a nossa ruina financeira.

Acquafredda (Basilicata), 2 de outubro de 1922.

NITTI.



CAPITULO PRIMEIRO

A decadencia da Europa.

O tratado de Paris de 20 de novembro¹⁸ de 1815

e o tratado de Versalhes de

28 de junho de 1919.



Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.



CAPITULO PRIMEIRO

A decadencia da Europa. O tratado de Paris de 20 de novembro de 1815 e o tratado de Versalhes de 28 de junho de 1919.

Durante muitos annos foi dito e repetido que os tratados de 1815 constituiram a victoria dos principios do absolutismo sobre os principios da democracia, proclamados pela revolução franceza e diffundidos na Europa inteira, sobretudo pelos exercitos da França, de 1792 a 1815.

Os imperadores da Russia e da Austria, o rei da Prussia, o rei da Inglaterra, representado pelo duque de Wellington e por Lord Castelreagh, ficaram tidos como os homens da Santa Alliança, que se reuniram para conservar e garantir os paizes contra as reivindicações nacionaes e o espirito revolucionario das novas democracias. Metternich, o principal artifice dos accôrdos de Vienna, chegou até nós como o verdadeiro interprete do espirito de reacção.

O congresso de Vienna, restabelecendo as dynastias derribadas e dividindo entre os vencedores os paizes que faziam parte do Imperio Francez de Napoleão I, não havia levado em conta a vontade dos seus habitantes. É certo que as grandes potencias victoriosas não tiveram em vista fins estranhos aos principios da legitimidade e da paz e apenas procuraram voltar, tanto quanto possivel, á Europa de 1790.



A Santa Alliança, porem, representou por muito tempo a victoria do absolutismo e dos systemas do antigo regimen.

Os paizes alliados e associados que, de 1914 a 1918, participaram da maior guerra dos tempos modernos, viviam a declarar que estavam todos animados por um mesmo fim. Briand, em nome da *Entente*, formulava em Paris, a 30 de dezembro de 1916, os principios da guerra e dizia ao mundo o que desejavam os governos alliados, unidos pela defeza e liberdade dos povos (*les gouvernements alliés, unis pour la défense et la liberté des peuples*).

O presidente dos Estados Unidos da America, W. Wilson, que vinha repetidamente affirmando ser necessaria uma paz sem victoria (*it must be a peace without victory*), e que o direito é mais precioso do que a paz (*the right is more precious than peace*), e que a guerra já não era feita ao povo allemão, (*we have no quarrel with the german people*) mas somente ao imperador allemão e aos representantes do imperialismo germanico — formulava aos 8 de janeiro de 1918, nos seus famosos quatorze principios, as declarações que constituíam um compromisso solemne, não só da Republica Americana, mas de todos os paizes da *Entente*, para com os inimigos e para com os demais povos da terra.

Aquelles quatorze principios, dos quaes já se perdeu quasi a lembrança, embóra sejam apenas decorridos cinco annos depois da sua proclamação, eram o programma das democracias e a preparação da Sociedade das Nações, onde vencedores e vencidos, em um pé de perfeita igualdade, juntos se deviam encontrar para garantir os altos interesses da paz, protegendo-a contra qualquer cilada.

Quaes, segundo os compromissos da America, deviam ser os principios da paz?

Abolição completa dos tratados secretos; liberdade absoluta dos mares, fóra das aguas territoriaes; remoção de todas as barreiras economicas e igualdade de commercio; redução de todos os armamentos ao minimo necessario á segurança interna; systematização de todos os direitos coloniaes, com respeito das populações indigenas; evacuação de todos os

territorios russos e auxilio á Russia para a sua resurreição; evacuação e reconstrucção da Belgica; libertação dos territorios francezes invadidos pelo inimigo e restitução á França da Alsacia-Lorena, arrebatada em 1870; rectificação dos limites italianos, segundo as linhas de nacionalidade facilmente reconhecidas; auxilio aos povos da Austria-Hungria para accôrdarem sobre a mais livre oportunidade de desenvolvimento autonomo; libertação dos territorios invadidos da Romenia, da Servia e do Moutenegro e garantias internacionaes para a independencia politica e economica dos Estados Balkanicos; reconhecimento da soberania do sultão sobre as partes turcas do Imperio Ottomano, garantida a segurança das outras nacionalidades, e abertura dos Dardanellos como caminho livre para o commercio de todas as nações, sob garantia internacional; restauração da Polonia, formada de territorios contendo populações indubitavelmente polacas, com livre e seguro acesso para o mar. Finalmente, uma Sociedade das Nações devia ser formada, com especiaes accôrdos para o objectivo de assegurar as garantias reciprocas de independencia politica e de integridade territorial, eguaes para os grandes e pequenos paizes.

A proclamação destes principios, mais do que a força das armas da *Entente*, diminuiu o espirito de resistencia, tanto na Austria como na Allemanha.

A 27 de setembro de 1918, na vespera do armistício, o Presidente Wilson falava da systematização economica que se devia seguir á guerra.

Nenhum interesse, especial ou separado, de uma só nação ou de um grupo de nações, devia ser tomado para base de qualquer systematização que não estivesse de accôrdo com o interesse commum de todos; não deviam existir ligas ou allianças especiaes ou pactos e entendimentos dentro da familia commum da Sociedade das Nações; não devia existir qualquer combinação económica egoistica e nem qualquer fórmula de *boycottage*, salvo como poder de sancção economica para aquelles paizes que violassem as bôas normas da convivencia; todos os accôrdos e tratados internacionaes de qualquer



especie, deviam ser levados, na sua integra, ao conhecimento do resto do mundo.

Os dois grandes tratados que, a um seculo de distancia, pretenderam regular duradouramente a sorte da Europa, são: o tratado de Paris de 20 de novembro de 1815, em seguida ao congresso de Vienna e a outros tratados e accôrdos estipulados depois de 23 de abril de 1814; e o tratado de Versalhes, concluido a 28 de junho de 1919, depois da conferencia de Paris, seguido pelos tratados de Saint-Germain-en-Laye, do Trianon, de Neuilly e de Sèvres, com a Austria, a Hungria, a Bulgaria e a Turquia, respectivamente.

O exame comparativo destes dois tratados mostra, melhor do que qualquer outro argumento, como a Europa retrogradou em vez de progredir; mostra como, em pleno seculo vinte, foram abandonados todos os principios do direito e só a ancia de arruinar e destruir os inimigos orientou a acção dos vencedores; mostra ainda como a avidez plutocratica das modernas democracias, inconstantes e irresponsaveis, é muitissimo mais perigosa do que os proprios principios da monarchia legitimista.

Em 1815, a violencia por parte dos vencedores parecia rasoavel depois do estrago feito na maior parte dos seus territorios e depois de todas as humilhações soffridas durante muitos annos.

A França de Napoleão, em 1810, após a sanguinolenta batalha de Wagram, seguida pela paz de Vienna, havia attingido ao maximo do seu poderio.

A Europa quasi inteira estava sob a dominação da França. O Imperio se estendia desde o Garigliano, na Italia, até a embocadura do Elba, no norte da Allemanha, formando cento e trinta departamentos dirigidos por prefeitos. Eram prefeitos francezes que governavam de Hamburgo a Genova, de Amsterdam a Florença e de Antuerpia a Genebra.

Napoleão, seguido pelo enthusiasmo da França inteira, tinha a visão da antiga Roma imperial e da idade média, de Augusto e de Carlos Magno.



Para elle e para a França não existia o respeito das nações, nem o das dynastias, nem o da Historia.

Aos limites da França de 1790 se vieram juntar, successivamente, a Belgica, a parte meridional da Hollanda, a margem esquerda do Rheno, as cidades de Mulhouse e de Genebra, o Bispado de Basiléa, a Sabóia, o Condado de Nice, o Piemonte, o Ducado de Parma, a Toscana, a Illiria, os Estados da Egreja, o Valois, o Reino da Hollanda, o Grão Ducado de Oldemburgo, os territorios do Hannover e da Westphalia, as cidades hanseáticas.

Em redór do Imperio existia ainda toda uma série de paizes vassallos, que a França dominava de facto, e a cuja frente Napoleão havia collocado pessoas de sua familia, de humilde origem.

Soberanos de antiga e nobre estirpe tinham sido forçados a ceder o trono, em paizes onde reinavam havia seculos, a pessoas da familia de Napoleão e muitas vezes a aventureiros não assignalados por qualquer merito particular.

Paizes vassallos, nos quaes a soberania era exercida por conta da França, podemos citar: o Reino da Italia, capital Milão, do qual Napoleão era rei e o seu enteado, Eugenio de Beauharnais o vice-rei; a Republica Helvetica, da qual Napoleão era *Médiateur*; a Confederação do Rheno, da qual Napoleão era *Protecteur* e principaes membros os reis da Baviera, do Württemberg, da Saxonia e da Westphalia; os Grão Ducados de Frankfort, Baden, Berg, Darmstadt, Wurzburg etc.; o Reino de Napoles, de que era rei Murat, cunhado de Napoleão; o Reino de Hespanha, de que era rei José Bonaparte, irmão de Napoleão.

Os paizes da Europa, que não estavam incorporados ao Imperio e nem haviam sido declarados estados vassallos, eram porem obrigados a entrar, de bom grado ou não, no *systema continental*: a Russia e a Prussia depois de Tilsit, a Austria depois de Wagram e a Suecia depois de 1810.

Um unico grande paiz da Europa, a Grã-Bretanha, resistia verdadeiramente á dominação imperial que, sob fórma directa ou indirecta, abrangia quasi todo o continente.

A França concentrava contra ella os seus esforços e, com o blóco continental, procurava humilhar e isolar a Inglaterra, occasionando-lhe immensos prejuizos economicos.

Jamais talvez, na historia do mundo, um soberano absoluto terá disposto de tronos e de grandes situações, em proveito da sua familia e dos seus parentes, como Napoleão. Dos seus irmãos, José era rei da Hespanha, depois de haver sido rei de Napoles; Luciano era príncipe de Canino; Elisa era princeza de Piombino; Luiz, marido de Hortencia de Beauharnais, era rei da Hollanda; Paulina era princeza Borghese; Carolina, esposa de Joaquim Murat, era rainha de Napoles e Jeronymo era rei da Westphalia.

Josephina de Beauharnais, que certamente não descendia de principes, tinha os seus tres filhos sobre tronos: Eugenio, vice-rei da Italia, Hortencia, rainha da Hollanda e Estephania, grã-duqueza de Baden.

Napoleão coustrangera a Russia a entrar no systema continental contra a Inglaterra e o tratado de Tilsit obrigava o Imperio Moscovita a acompanhar a França e romper todo o commercio com os inglezes.

O imperador Alexandre, que a principio havia observado o tratado, apesar de ruinoso para o seu paiz, permittira depois aos seus subditos a renovação das relações commerciaes com a Grã-Bretanha.

Napoleão, tendo já resentimentos pessoaes contra o imperador Alexandre, ameaçou a Russia, empenhando-se em seguida na terrivel aventura que determinou a quéda do seu exercito. Após a batalha de Leipzig (16-18 de outubro de 1813), que foi decisiva para as armas francezas, Napoleão viu a sua estrella empallidecer.

Finalmente, depois de uma serie de revezes, as armas dos russos, dos allemães e dos inglezes tiveram a sua desfórta e, a 11 de abril de 1814, Napoleão foi forçado a abdicar e a deixar a França, contentando-se com a soberania da ilha d'Elba

A 1.º de março de 1815, porem, fugindo da ilha e desembarcando em França, elle tentava novamente os azares

da guerra até que, batido em Waterloo, teve de abdicar pela segunda vez e de ir terminar os seus dias em Santa Helena

O congresso de Vienna (3 de outubro de 1814—9 de junho de 1815) preparou as bases do que mais tarde foi o tratado de Paris de 20 de novembro de 1815, tratado denominado da Santa Alliança.

Todas as represalias e todos os esforços para desmembrar e humilhar a França, nunca poderiam seduzir tanto como naquella ocasião, o animo dos vencedores. Allemeães e inglezes, russos e italianos, occupavam o territorio da França. Napoleão havia offendido a todos os principios, desmantelado quasi todas as dynastias e ensanguentado a Europa, procurando realizar o sonho de constituir um imperio maior que o de Cesar ou de Carlos Magno. A França inteira o acompanhara no seu delirio de grandezas e de dominio. Si alguns poucos espiritos, de velhos republicanos, tinham procurado reagir, embóra discretamente, o povo francez sempre seguira Napoleão com verdadeiro enthusiasmo.

Todos os paizes da Europa haviam soffrido as mais fortes humilhações e os maiores prejuizos. A Inglaterra, embóra victoriosa nos mares, com o seu grande Nelson, fora forçada, para resistir, a acceitar as mais duras privações, correndo serios perigos e, muitas vezes e por muitos annos, alem de arruinada no seu commercio, esteve ameaçada na sua propria existencia.

Os povos allemeães e a Austria, a par dos grandes desastres militares que soffreram, tiveram immensas perdas economicas. A Italia, a Hespanha e a Hollanda foram obrigadas a acceitar dynastias estrangeiras, tendo como soberanos pessôas humildes que ninguem, poucos annos antes, conhecia siquér de nome. A Russia, forçada a uma guerra terrivel, para poder resistir, teve de resignar-se á destruição dos seus territorios e ao incendio de Moscou.

Napoleão dispunha por toda a parte dos bens e da liberdade dos vencidos, sujeitando-os a contribuições, obrigando-os



a combater contra os proprios interesses e até, muitas vezes, contra homens da mesma raça.

O catecismo do Imperio era a affirmação do poder o mais absoluto. Tratando dos deveres dos subditos affirmava: «Nós devemos em particular ao Imperador o respeito, a obediencia, a fidelidade, o serviço militar, os tributos exigidos pela defeza do Imperio e do seu trono... Honrar e servir o nosso Imperador é, pois, honrar e servir ao proprio Deus. Aquelles que faltarem ao cumprimento dos seus deveres para como o nosso Imperador se tornarão dignos das penas do inferno».

Na Allemanha, durante um seculo de victoria, de 1815 a 1914, nunca se chegou a esta fórmula de exaltação imperial e imperialista.

Em setembro de 1815, Napoleão havia chamado ás armas dois milhões e cento e treze mil homens, cifra enorme para aquelles tempos, dada a população da Europa de então; eram, porem, considerados subditos do Imperio e forçados, pela conscripção obrigatoria, a participar de todas as aventuras imperialistas da França, os belgas, hollandezes, westphalianos, hannoverenses, rhenanos, hanseaticos, suissos, romanos, piemontezes, croatas, dalmacios etc., etc. Nas maiores expedições, os paizes vassallos, e por fim os estados alliados, eram todos obrigados a dar a sua contribuição, e juntos se encontravam, muitas vezes, prussianos, austriacos, polacos, bavaros, napolitanos, saxões, hespanhóes etc.

A guerra era o estado normal do Imperio Napoleonico e a que foi emprehendida contra a Grã-Bretanha se apoiava sobretudo na duração e na resistencia.

Vencidos ou avassallados quasi todos os povos do continente, Napoleão tinha deante de si o problema da Inglaterra contra a qual havia constituido o blóco continental. Tratava-se de saber qual dos dois grandes adversarios poderia resistir mais tempo, forçando o outro a capitular:— a Inglaterra cedendo ao blóco do continente ou a França ao blóco do mar.

O rancor profundo que devia existir no animo de quasi todos os povos e no de todos os soberanos sobreviventes da



Europa, o odio dos russos, dos allemães, dos hespanhóes, dos italianos, contra a França imperial, é cousa que facilmente se explica e se comprehende.

A sublevação dos povos allemães em 1813 e a guerra da independencia da Allemanha, a união da Russia, Prussia, Austria e Inglaterra, para repellir a dominação estrangeira, foram movimentos expontaneos de revolta, foram o despertar de nacionalidades profundamente offendidas e torturadas.

Quando, em abril de 1814, Napoleão foi forçado a abdicar e o edificio imperial começou a ruir, os vencedores podiam ter pensado, não somente na restauração dos povos vencidos, mas tambem nos mcios de pôr a França em condições de não mais representar um perigo para a Europa.

Os vencedores, no entanto, se satisfizeram em mandar Napoleão para a ilha d'Elba, dando-lhe até um pequeno reino e, restaurada a monarchia em França, com a carta constitucional, estabeleceram as condições geraes da paz, pelo tratado assignado em Paris a 10 de maio, reunindo-se no congresso de Vienna que iniciou os seus trabalhos em outubro do mesmo anno de 1814. Ora, além de não ter sido excluida do congresso de Vienna, a França foi nelle representada por Talleyrand, o mais habil dos seus diplomatas, que alli pode fazer valer todos os recursos da sua formidavel intelligencia e da sua astucia ainda mais formidavel.

Nos congressos anteriores, como em Vienna, depois da quéda de Napolcão, nenhum dos alliados victoriosos jamais pensou seriamente em desmembrar a França, contra a qual existiam, no entretanto, os mais profundos e mais justificados motivos de odio. As potencias alliadas, reunindo o ponto de vista da segurança e independencia futura da Europa, com o desejo de fazer a França voltar ao posto que occupára sempre no systema politico europeu, limitaram-se, salvo pequenas modificações, a reconstituir a França de 1792.

Repostos nos seus tronos os reis que haviam sido derribados, e conservados, entre os nomeados por Napoleão, até aquelles cuja actuação parecia menos perigosa, todos os paizes da Europa deviam deixar a condição de vassallagem.

E a Inglaterra restituia á França quasi todas as suas colonias, sem lhe crear qualquer limitação, qualquer restricção, qualquer obstaculo, nem em terra nem no mar.

A fuga de Napoleão da ilha d'Elba, a aventura militar dos Cem Dias e a facilidade mesma com que Napoleão havia podido arrastar o povo francez a mais uma empresa de guerra, determinaram em todos os representantes dos povos reunidos em Vienna, novas e muito justificadas razões de alarma. Assim, a França obteve condições menos favoraveis do que aquellas que teria conseguido sem Waterloo, chegando-se ao tratado de Paris de 20 de novembro de 1815.

Aquelles que o estipularam eram homens do antigo regimen e, de facto, o tratado começava pelas palavras — *Em nome da Santissima Trindade*. A sua grandeza moral, porém, e a sua nobreza, supéram de tal modo a concepção de concupiscencia, a avidez plutocratica e o scepticismo demagogico dos homens que fizeram os tratados de 1919, que os primeiros nos apparecem como representantes da mais alta civilização e do mais nobre periodo historico.

Quando o tratado de 1815 foi redigido, a França não estava em condições de oppor a menor resistencia. Napoleão já se achava em Santa Helena, os exercitos vencedores occupavam Paris e 850 mil homens das tropas alliadas guarneciam o territorio francez. A occupação estava sobretudo nas mãos dos prussianos e dos inglezes. Os primeiros eram commandados por Blücher e muitas vezes se mostraram dispostos a usar de represalias; os inglezes obedeciam á nobre direcção do duque de Wellington que, recusando o seu consentimento a quaesquer actos de violencia, soube sempre impedi-los.

Quando os officiaes prussianos quizeram derrubar a columna Vendôme, que recordava as suas derrotas, do mesmo modo que os francezes vencedores, passando pela Allemanha, haviam abatido a columna de Rosbach, e ainda quando pensaram em destruir a ponte de Iena, que lembrava um desastre das armas prussianas, o duque de Wellington não permittiu que fosse offendido o brio dos francezes.



O tratado de Paris se compõe de 12 artigos enquanto que o tratado de Versalhes contem 440, além de grande numero de *annexes*, que delle fazem parte integrante. Os tratados de 1919 e 1920 com os outros paizes vencidos, a Austria, a Hungria, a Bulgaria e a Turquia, fórmam tambem grossos volumes.

No preambulo do tratado de 1815 as potencias alliadas declaravam que, tendo a victoria das suas armas preservado a França e a Europa da subversão de que estiveram ameaçadas pelo ultimo attentado de Napoleão Bonaparte e pelo systema revolucionario introduzido na França, entendiam de repôr a França na situação de confiança e de benevolencia reciproca que o espirito de conquista havia longamente perturbado. Persuadidas, por outro lado, de que deviam exigir justa compensação pelo passado e solidas garantias para o futuro, estipulavam os doze artigos cujas disposições principaes podem ser rapidamente resumidas. As fronteiras da França voltaram, salvo pequenas modificações, ao que eram antes de 1790. As fortalezas de Huningue deviam ser desarmadas. A França ficou obrigada a pagar uma indemnização de 700 milhões de francos, de accôrdo com as normas estabelecidas por uma convenção especial (artigo 4). Por causa do desasoscego e da fermentação em que se encontrava, a França acceitava que permanecesse no seu territorio um exercito de occupação de não mais de 150 mil homens; o maximo de duração desta occupação foi fixado em cinco annos (artigo 5). Foram reconhecidas e confirmadas as disposições do tratado de Paris de 30 de maio de 1814 e o acto final do congresso de Vienna de 9 de junho de 1815. Feitas poucas excepções, todas as colonias francezas foram restituídas pela Inglaterra.

O congresso de Vienna engrandeceu o poder colonial inglez; a Europa oriental ficou restabelecida quasi como era no fim do seculo XVIII; a Russia conquistou mais fortes posições no Oriente; a Italia voltou, com pouca differença, á situação que gozava antes das subversões; a Belgica foi

incorporada á Hollanda; constituiu-se a nova Confederação Germanica que foi o principio da unidade.

Todas as outras disposições do congresso de Vienna são bastante conhecidas e não ha necessidade de as reproduzir.

Existia nos maiores soberanos da Europa como que um espirito religioso de paz e um sentimento de horror pela violencia. Alexandre I da Russia era um mystico, Frederico Guilherme III da Prussia um pietista e Francisco I da Austria um homem religiosissimo.

Formando-se a Santa Alliança, os soberanos que a constituam declavaram: Os tres soberanos, de accôrdo com a parte da Santa Alliança que ordena a todos os homens de se quererem como irmãos, de permanecerem unidos pelos laços da verdadeira e indissolúvel fraternidade, e de se prestarem mutuamente auxilio e assistencia, promettem governar os seus subditos como paes de familia, manter a religião, a paz e a justiça; consideram-se membros de uma unica e identica religião christã, encarregados pela Providencia de dirigir os varios ramos de uma só familia e convidam todas as potencias a reconhecer os mesmos principios.

Facto notavel é que, postas de lado todas as divergençias de fôrma, tres soberanos que representavam, respectivamente, a orthodoxia, o protestantismo e o catholicismo, se declaravam unidos por uma identica fé mystica e religiosa, afim de poderem juntos attender ás nobres realizações da paz.

Si o Papa por causa da orthodoxia e a Inglaterra pela sua constituição não intervinham na Santa Alliança, nem por isso a tentativa era menos nobre.

E si, em verdade, o accôrdo se fazia entre soberanos, é preciso não esquecer que esses soberanos representavam grandes povos.

Um dos maiores historiadores da França moderna, Alberto Sorel, depois de fazer a crítica do congresso de Vienna, reconhece, sem reservas, o beneficio immenso que elle acarretou para a paz e para a prosperidade da Europa.



Si bem que, escreve elle, nos pareça incompleta a sua concepção, empiricas, arbitrarías e abusivas algumas das suas applicações, a obra de Vienna nem por isso deixou de proporcionar á Europa o mais fecundo e o mais duradouro periodo de civilização e de paz que ella já tem gozado.

Muito embora a quasi unanimidade dos francezes tivesse participado da exaltação napoleonica e da dominação da Europa, naquelles tratados não existia traço de odio e apenas o desejo de desfazer a obra imperialista.

Lord Castelreagh, ministro dos estrangeiros da Grã-Bretanha, explicando os tratados, declarava na Camara dos Communs que elles só haviam tido um objectivo — abater o despotismo militar que Napoleão chegára a crear. A verdadeira questão, dizia elle, é saber si o mundo deve ser governado por um principio civil e moral ou dirigido pelo despotismo militar.

Os alliados de então nunca pensaram em diminuir a França territorialmente, o que acarretaria a creação de um espirito de vingança.

A indemnização de 700 milhões de francos foi tal que a França poude pagar rapidamente, sem grandes difficuldades, tanto assim que em dois annos, 1816 e 1817, ficou completamente livre da divida.

A França pediu que a occupação militar de cinco annos fosse reduzida. Entaboladas as negociações, que foram conduzidas com grande equanimidade por parte do Tzar Alexandre, todos os exercitos de occupação, cujo effectivo maximo havia sido fixado, abandonaram o territorio francez em fins de 1817.

A França imperial, que invadira quasi todos os paizes da Europa, destruiu todos os poderes nacionaes, expulsára dynastias seculares, determinára milhões de mortes, impuzera como principes e como reis pessoas da familia e homens da confiança de Napoleão, que arruinára as finanças de quasi todos os paizes, que constrangerá todos a longas guerras e que ameaçára a propria existencia da Inglaterra — não teve dos vencedores outro castigo senão a volta aos seus limites

de antes da guerra, o pagamento de uma indemnização toleravel e uma curta occupação militar.

O mais frisante ainda é que, estabelecido o accôrdo com os paizes vencedores, não limitada nos seus armamentos, não obrigada a quaesquer restricções e nem fiscalizada, ella reencetou immediatamente, ao lado dos inimigos da vespera, a sua grande politica internacional. E no dia seguinte á sua derrota, ella poude mesmo negociar allianças com a Russia e accôrds com a Inglaterra sobre a questão do Oriente.

É bom constatar tambem que a Prussia venceu a Austria em 1866 e não exigiu indemnização de guerra, nem quiz occupação militar, evitando humilhar o paiz vencido. Venceu a França em 1870 e reclamou duas condições injustas: o territorio da Alsacia-Lorena e uma indemnização de cinco bilhões. E essa indemnização foi tal que poude ser paga bem depressa, tendo havido uma breve occupação militar. A Prussia, porem, não exigiu da França vencida nem as suas colonias, nem os seus navios, nem os seus bens transferiveis, nem os seus creditos no estrangeiro. Sobretudo, não impôz nenhum *contrôle* e nenhuma limitação aos armamentos de terra e mar.

A França, uma vez paga a indemnização, ficou logo livre nos seus movimentos.

Os paizes da *Entente*, antes de obterem a victoria de 1918, se haviam compromettido solemnemente a applicar os principios de autonomia, de nacionalidade e de igualdade entre vencedores e vencidos.

A Allemanha deveria restituir apenas os territorios anexados em 1870; a Polonia deveria ser constituida com as populações genuinamente polacas; a Austria-Hungria deveria modificar os seus limites com a Italia, segundo as linhas de nacionalidade claramente existentes; os povos da Austria-Hungria deveriam ser auxiliados para resolver sobre a mais livre disponibilidade de um desenvolvimento autonomo.

Todos os outros compromissos estão já muito divulgados e não vale a pena repeti-los.

Confrontemos agora, resumidamente, os tratados de 1919-1920 e os de 1814-1815.

Os tratados de 1919-1920 teem todos uma carasteristica commum: o espirito de odio junto ao desejo de destruir os vencidos, mediante condições impossiveis. Elles teem, tambem, um commum aspecto exterior: representar os vencidos como os unicos culpados da guerra e os vencedores como os homens da paz, que fazem preceder todos os tratados do celebre pacto da Sociedade das Nações, que é um documento até ironico.

Si o tratado, como disse explicitamente Clemenceau na Camara Franceza, não é mais do que um meio de continuar a guerra, o pacto de paz que o precede é mais uma ironia do que um insulto aos vencidos.

De um lado as nações alliadas, em numero de vinte e sete, e do outro lado a Allemanha, subscreveram o tratado de Versalhes. Em todas as negociações da paz, porem, a Allemanha não foi ouvida e só obrigada a assignar.

Em 1814 e 1815, Talleyrand a principio, e depois o duque de Richelieu, trataram cordialmente com os vencedores, em nome da França vencida.

Afastado Napoleão, os paizes vencedores em 1814 não manifestaram odio pela França que, no entanto por tão longos annos havia dominado tantos sentimentos e ferido tantos interesses nacionaes.

Agora, afastado Guilherme II e dada á Allemanha uma constituição democratica, o odio dos vencedores se tornou ainda mais rancoroso, chegando a impôr os mais crueis ultrajes aos sentimentos e á dignidade do povo allemão.

O artigo 231 do tratado de Versalhes diz que os governos alliados e associados declaram e a Allemanha reconhece que a Allemanha e os seus alliados é que são responsaveis por todas as perdas e todos os damnos causados aos governos alliados e associados e aos seus nacionaes, em consequencia da guerra que foi imposta pela aggressão da Allemanha e de seus alliados.

O artigo 227 declara que as potencias alliadas e associadas apontam Guilherme II de Hohenzollern, ex-imperador allemão, á execração publica pelos crimes que commetteu contra



a moral internacional e a sagrada autoridade dos tratados. Ora, os paizes vencedores em 1814, só deportaram Napoleão para Santa Helena, depois que elle tambem faltou aos ultimos pactos e fugiu da ilha d'Elba, reaccendendo a guerra na Europa; nunca pensaram, porem, em obrigar a França a declarar-se culpada de todas as guerras e de todos os damnos. Ninguem pôde duvidar que a França de Napoleão tivesse querido e provocado todas as guerras, determinando, portanto, todas as perdas e todos os damnos causados na Europa, mas, a phrase injuriosa e superflua do reconhecimento da culpa, ninguem jamais pensou em impôr á França cahida.

A França voltou em 1815 aos seus limites de antes da guerra. Da Allemanha e dos demais povos vencidos em 1815, foram arrancados territorios nacionaes que lhes pertenciam ha centenas e até ha milhares de annos, que eram inteiramente allemães, ou húngaros, ou turcos, ou bulgaros, sem outro criterio a não ser o direito da victoria.

Todo o mundo estava convencido de que a Alsacia-Lorena seria restituída mas ninguem pensava em outros territorios. Entretanto, sem a menor justificação, e muitas vezes sem qualquer reclamação da parte dos paizes beneficiados, a Allemanha foi inteiramente mutilada.

Neutral e Préussich Moresnet e Eupel Malmedy foram entregues á Belgica, talvez por causa da sua riqueza florestal e dos minerios de zinco. Pertenceram sempre á Allemanha e, com rarissimas excepções, nunca falaram outra lingua senão a allemã.

E, visto que um plebiscito teria sido certamente favoravel á Allemanha, inventou-se um direito de protesto que, como arte de mystificação, não encontra precedentes na historia. Os belgas tinham duas listas e aos habitantes annexados cabia o direito de inscrever-se em uma dellas. É evidente que ficava assim excluida toda a livre manifestação da vontade dos principaes interessados.

O Sarre é um territorio inteiramente allemão que, entre os seus 800 mil habitantes, não contava talvez uma centena de francezes. A França pediu a sua annexação pura e simples



e obteve, depois de um compromisso, a cessão perpetua da bacia mineira, como compensação aos danos transitorios produzidos pelos allemães nas minas do Pas-de-Calais.

Não existe territorio que seja mais allemão do que o Sarre e, apesar disso, foi posto sob uma administração da Sociedade das Nações, praticamente da França; os seus habitantes foram desligados da Allemanha e, daqui a 15 annos, será feito um plebiscito para decidir si ficam com a França ou com a Allemanha.

Comquanto nenhum territorio devesse ser attribuido á Polonia, que não fosse, segundo Wilson, verdadeira e inquestionavelmente polaco, a Prussia Oriental foi dividida em duas partes; a cidade de Dantzig, destacada da Allemanha, está sob o *contrôle* da Sociedade das Nações e a Polonia ficou unida a Dantzig por um corredor que tem a unica função de separar a Allemanha em duas partes.

Tres milhões de allemães foram, de facto, entregues á Polonia; e vinte e uma circumscripções da Prussia Occidental, desaggregadas da Allemanha, passaram, sem plebiscito, para a Polonia, afim de constituir o já citado corredor que é o maior absurdo economico e politico de que ha exemplo na historia moderna.

Nunca ninguem havia falado, antes da guerra, no territorio de Memel, provincia da Prussia Oriental. Terminada a guerra, porem, inventou-se o lithuanismo e a Allemanha foi obrigada a ceder todos os seus titulos e direitos aos territorios comprehendidos entre o Mar Baltico, a fronteira norte da Prussia Oriental, estabelecida pelo tratado, e as antigas fronteiras germano-russas.

O territorio do Schleswig, após plebiscito, foi attribuido em parte á Dinamarca e em parte menor á Allemanha.

Teria sido demasiadamente grave arrebatarse de um só golpe a Alta Silesia á Allemanha. Tratava-se de um territorio puramente allemão e dispondo de immensas riquezas mineiras. Por isso, a Alta Silesia foi submettida a um plebiscito e, apesar do resultado ter sido favoravel á Allemanha, os territorios foram repartidos arbitrariamente entre a Allemanha

e a Polonia, com transgressão das proprias disposições do tratado de Versalhes, e isso em seguida a uma interpretação arranjada para uma nórma do *annexo* que, no tratado, regulava o processo de votação.

Depois do congresso de Vienna e do tratado de Paris, os vencedores de 1815 restituíram á França, com raras excepções, todas as suas colonias. Com o tratado de Versalhes, todas as colonias da Allemanha foram tomadas e nem ao menos lograram ser respeitadas as propriedades particulares dos subditos allemães, tendo sido expulsos de toda a parte os emigrantes tedescos.

A Allemanha jamais pensou em fazer guerra á China e ao Sião. Mas até á China e ao Sião, que lhe haviam declarado guerra expontaneamente, por méra phantasia, foi admitido que tomassem, como presa de guerra, todos os bens dos allemães, obrigando-se a Allemanha a abrir mão de tudo quanto lhe advinha dos tratados precedentes. Do mesmo modo foi a Allemanha forçada a ceder todos os seus direitos em Marrocos, na Liberia e em outros estados.

Napoleão, á frente da França, havia levado por toda a parte os seus exercitos victoriosos, bivacando nas capitães mais importantes da Europa e, depois da primeira abdicação, poudé ainda formar um grande exercito para de novo emprehender a guerra. Os paizes vencedores nunca pensaram então em despojar a França da sua esquadra, nem em desarma-la para o futuro. Mudado o regimen politico, contentaram-se com uma breve occupação militar, até a consolidação de novo governo, e não exigiram o desarmamento.

Agora, depois do tratado de Versalhes, todos os paizes vencidos foram constrangidos a renunciar quasi que definitivamente aos seus exercitos e a entregar aos vencedores todos os seus navios de guerra.

A Allemanha hoje não possui mais força militar alguma, mas, em compensação, os paizes vencedores augmentaram consideravelmente e alguns até redobraram os seus exercitos e desenvolveram as suas marinhas.



A Allemanha foi forçada a ceder quasi todos os seus bens disponiveis, os seus creditos no estrangeiro e a sua propria organização commercial. Este facto não tem precedentes na historia moderna e não existe na lingua uma expressão digna que o possa qualificar com justiça.

Depois de destruidas todas as fortificações do Rheno e impedidas quaesquer operações militares, estabeleceu-se a occupação de uma larga zona de territorio, durante quinze annos, até a completa execução do tratado. Mas, como as indemnizações reelamadas, baseadas no fatal equivooco das reparações, são illimitadas e, portanto, não poderão ser cumpridas, essa occupação, que já dura ha quatro annos, prolongar-se-á indefinidamente.

As despesas de occupação, expressas em ouro, attingiram, até agora, a uma somma mais elevada do que aquella que a França teve de pagar depois da derrota de 1870 e, pela primeira vez, foi feito ao povo vencido de uma das nações mais cultas do mundo, o ultraje de occupar as suas cidades com tropas negras e pardas, da Africa e da Asia, e de exigir dos vencidos que puzessem as suas mulheres á disposição dos selvagens, mediante requisições legalmente autorizadas por militares, que deviam possuir em mais alto gráo o sentimento de honra nacional.

A França, vencida em 1815, não soffreu a menor diminuição interna e, no entretanto, a Commissão das Reparções, creada para applicar uma indemnização que nunca ninguem ousou precisar, tal o seu absurdo, e quando expressa em numeros, constituiu uma verdadeira offensa ás leis da logica, tem poderes soberanos em toda a Allemanha. Ella póde intervir na administração, modificar leis e regulamentos, dispôr a seu talante de todos os bens e recursos do povo vencido. Emquanto existir a Commissão das Reparções e durar a occupação do Rheno, a Allemanha não será de facto um paiz soberano.

Milhões e milhões de allemães foram attribuidos aos paizes vencedores, aos neutros e á novas nações: a Allemanha



foi forçada a reconhecer tudo como valido, até mesmo com relação á Tcheco-Slovaquia e á Polonia.

Praticamente, a Allemanha teve de ceder, com a maior parte dos seus recursos, todos os seus bens transferiveis, creditos e propriedades no exterior, e de aceitar o *contrôle* das suas vias de communicação. Perdidas assim suas maiores riquezas mineraes, os melhores territorios, o celleiro de Posen e as suas organizações, ella foi ainda obrigada a uma indemnização exaggerada, que todos reconhecem não poder ser paga, sustentando, além disso, um exercito estrangeiro do qual fazem parte representantes de povos selvagens, e que é destinado a assegurar o pagamento das indemnizações.

Reduzida a Austria a seis milhões de habitantes, com uma capital de dois milhões, o que importa em não poder viver, era preciso simular respeito aos principios de autonomia e de nacionalidade.

Sendo inteiramente allemã, esta Austria devia poder unir os seus destinos á Allemanha e não ha duvida que, si ella pudesse livremente decidir da sua sorte, teria agido de accôrdo com as tendencias nacionaes. Para não fazer uma prohibição á Austria, fez-se então a prohibição á Allemanha, isto é: a Austria fica livre de agir como entender, mas a Allemanha deve, pelo artigo 80 do tratado de Versalhes, respeitar, a todo o transe, a independencia austriaca cuja situação não poderá ser modificada sem o consentimento da Sociedade das Nações. Ora, como as deliberações da Sociedade das Nações só são validas quando tomadas por unanimidade de votos, e como a França é contraria á união, que é natural e que é justa, resulta que a Austria jamais se poderá unir á Allemanha, e os principios de nacionalidade e de autonomia ficam sendo assim uma burla e uma méra ficção.

Situação perfeitamente identica á da Allemanha foi creada para todos os paizes vencidos, a Austria, a Hungria, a Turquia e, em proporções um pouco menores, para a Bulgaria. Os principios de nacionalidade só serviram de pretexto para arruinar os inimigos vencidos e os principios de autonomia quasi nunca foram respeitados.



Clemenceau chegou a afirmar na Camara Franceza que o tratado de Versalhes era o meio de continuar a guerra. Existe no mundo um excesso de vinte milhões de allemães, pelo menos, e a Allemanha, apezar dos solemnes compromissos que caracterizaram as declarações da *Entente*, precisa ser, não somente vencida, mas desmantelada e oprimida!

Ha dois mil annos, os guerreiros vencedores, fossem elles germanos ou gaulezes, Ariovisto ou Vercingétorix, agiam com lealdade. Tambem elles innvocavam o direito da victoria, mas não falavam em principios, nem em nacionalidade, nem em liberdade, nem em autonomia. Diziam claramente que queriam depredar os vencidos, dispôr dos seus bens e das suas mulheres. A Julio Cesar que pedia a Ariovisto, como condição de paz, que tratasse com honestidade e com justiça aos Eduinos, que eram amigos do povo romano, Ariovisto respondeu francamente que era direito de guerra que os vencedores dominassem os vencidos como bem entendessem: — *jus esse belli qui vicissent jis quos vicissent, quem ad modum vellent imperarent*. Linguagem rude e sincera que sanciona os direitos da victoria.

Confrontando os tratados de 1814-1815 com os de 1919-1920, o congresso de Vienna em 1814 com a conferencia de Paris em 1919, ninguem poderá deixar de sentir uma impressão de profunda tristeza. Quanta differença de sentimentos! Naquella época, nenhum odio existia contra o vencido, do qual, aliás, tinham provindo todas as violencias e todas as injustiças. Predominava apenas a necessidade imperiosa de restaurar a paz com a justiça e uma preocupação quasi doentia de evitar novas guerras e novos massacres.

Os homens que nós haviamos sempre considerado como expressões do passado, os soberanos do direito divino, os ministros do absolutismo, os diplomatas do velho estylo e da antiga tempera, como Metternich, nos apparecem hoje aureolados de nobreza moral e de grandeza politica em face daquelles que, um seculo depois, falando em nome da *Entente*, se dizem representantes da democracia e da civilização.

Assim, decorridos cem annos, a Europa se nos mostra tão rebaixada moralmente, tão inferior, que quasi se não comprehende como haja sido possível uma tão grande decadencia.

As novas democracias se revelam corruptas, doentes, de idealismo exterior e de avidez interior, incapazes de lutar com outras armas que não sejam a intriga e a violencia: apresentam-se como Bayard, mas agem como Shylock, segundo já o disse uma vez Lloyd George.

Foi dado um grande passo em falso no caminho da civilização e é por isso que, emquanto os tratados de 1815 proporcionaram á Europa um longo periodo de ordem e de prosperidade, os novos tratados romperam a solidariedade economica, quebraram todos os laços que seculos de esforço commum haviam estreitado, convulsionaram todos os povos e preparam, com exercitos sempre crescentes, com uma desconfiança cada vez maior, um futuro que, si é bem triste para os vencidos, não é menos ameaçador para os vencedores, caso não abandonem o fatal declive que leva ao abysmo, para onde os attrahiu a moral da violencia.

Nota do traductor. A imprensa brasileira publicou no dia 15 de março ultimo o seguinte telegramma:

LONDRES, 14 (U. P.)—O jornal «Daily Mail» publica uma entrevista de seu correspondente em Hamborn com o Sr. Fritz Thyssen, grande industrial allemão em que este declarou:

«A França deseja dominar o Ruhr, o que equivalerá ao dominio da Europa. Ella, provavelmente não será bem succedida, ou a Europa soffrerá outra época napoleonica com todos os horrores modernos, para torna-la mais terrivel».



CAPITULO SEGUNDO

**O tratado de Versalhes
como meio de continuar a guerra.
O mortal equivoco das reparações.**



Le mortal aux yeux des étrangers
comme s'ils de couleur de pierre
le regard de Venetian



CAPITULO SEGUNDO

O tratado de Versalhes como meio de continuar a guerra. O mortal equivoco das reparações.

Em muito poucos annos a Europa se balkanizou grandemente, apresentando symptomas constantes de uma franca decadencia.

A Europa era uma unidade economica activa. Nos vastos paizes que della faziam parte, antes da guerra, a produção tendia cada vez mais a organizar-se nos moldes da grande industria e o seu intercambio, crescendo dia a dia, reunia todos os povos numa solidariedade sempre mais intima.

A guerra destruiu talvez trinta milhões de homens e massas enormes de riqueza; muito mais riquezas, porem, veio destruir a paz, concebida pelo odio, como meio de continuar a guerra e de arrastar os povos vencidos áquellas fórmulas de desorganização que são a ruina inevitavel.

A paz dizimarará, certamente, muito maior numero de vidas do que a propria guerra.

O numero de nações da Europa augmentou consideravelmente. No territorio do antigo Imperio Moscovita, ha uma grande massa humana em desordem; surgem por toda a parte barreiras alfandegarias e açambarcamentos de materias primas — por toda a parte o commercio está desorganizado.



O Imperio Germanico, que era o grande propulsor da vida européa, fiscalizado, humilhado e privado de todos os seus melhores recursos, desesperadamente tenta resistir e viver, sob a pressão das forças externas de desagregação.

A Europa continental se transformou toda ella em uma grande Balkania. Vastos sonhos de dominio e programmas de violencia, coincidem com a decadencia economica. Nenhum dos paizes europeus, sahidos da guerra, tem as suas finanças em condições de inspirar confiança para o futuro. E, uma vez que todos estão em desordem e despendem muito mais do que antes da guerra, não em cifras absolutas, mas em cifras relativas, dada a desvalorização da moeda, todos estão em decadencia progressiva e com os seus cambios cada vez mais depreciados.

Si a situação dos vencidos é pessima, desastrosa mesmo para alguns, a situação dos vencedores peióra dia a dia. Unicamente, á proporção que isso se dá, elles pretendem fazer com que o saneamento das suas finanças e da sua economia não provenha só do proprio esforço, mas, sim e sobretudo, do esforço dos vencidos.

A Europa é um continente pequeno de nove milhões e trezentos mil kilometros quadrados, mas tem uma população relativamente grande que, apesar das perdas da guerra e das ruinas da paz, attinge hoje a cerca de 476 milhões de habitantes. É, portanto, pouco mais extensa do que os Estados Unidos da America mas, emquanto estes constituem uma só unidade economica e melhor utilizam todos os seus recursos, a Europa está assoberbada por um grande numero de nações, augmentadas em grande parte pelos tratados de paz, que não tem territorio seguro, nem paz estavel, nem finanças solidas. Muitos povos pretendem arruinar outros para desfrutar-lhes o trabalho e as riquezas. Diffundiu-se de tal modo, depois da guerra, a moral da violencia, que muitos individuos, e até classes numerosas, não trabalham e preferem servir-se da riqueza produzida pelos outros.

Os povos que não sabem conseguir a paz fóra das suas fronteiras, não saberão encontra-la no seu interior.



Publica-se em Gotha, na Allemanha, ha cento e cincoenta e nove annos, um almanaque que se chama justamente *Almanaque de Gotha* e que constitue, para todos os homens politicos e diplomatas, um *vade-mecum* indispensavel. O annuario genealogico e o annuario diplomatico e estatistico que formam o volume, encerram, na aridez dos nomes e dos algarismos, todas as mutações havidas em um seculo e meio nos diversos paizes do mundo.

Assim, o confronto entre os volumes que precederam e os que se seguiram a alguns grandes acontecimentos, são verdadeiramente interessantes. Comparando o almanaque de 1914 com o de 1922, veem a pêlo algumas considerações que impressionarão certamente pela sua gravidade.

Haviam na Europa em 1914, incluidos os estados que compunham a Confederação Allemã, 57 paizes. Existem agora, depois da guerra e das pazes que se lhe seguiram, nada menos de 73. E esta cifra fica aquem da verdade porque o almanaque não considerou alguns paizes de formação recente e que ainda não estão bem definidos. Em 1914, a Europa contava 41 familias reinantes de que hoje restam apenas 17, tendo sido as demais, tres quintos aproximadamente, colhidas pelas engrenagens da guerra e das revoluções. Não considerando os estados federados allemães e contando a Allemanha como um só paiz, haviam na Europa 25 nações, inclusive Andorra, São Marinho, Lichtenstein e Monaco. Póde-se dizer que, na realidade, existiam na Europa duas dezenas de paizes soberanos, emquanto que agora elles são talvez 35. Ainda assim, é difficil saber si a Russia fórma um unico paiz ou si são dois, a Russia e a Ukrania, ou mesmo mais. Ha, pois, novos fermentos de desaggregação entre os povos que, apenas unidos, tendem a separar-se.

Os homens de responsabilidade que arrastaram a Europa para a guerra acreditavam de bôa fé que uma consequencia inevitavel seria o desenvolvimento do espirito imperial e a intensificação dos sentimentos dynasticos. Os tres maiores imperios da Europa continental foram entretanto derribados. Os Hohenzollern, os Habsburg e os Romanoff, reinavam em

monarchias que pareciam de granito, mas a guerra destruiu as proprias bases de todo o poder tradicional e, não poucas das que ainda perduram, repousam sobre alicerces muito frageis.

Na Inglaterra e na Italia as monarchias estão ainda solidas e dispõem de força e de prestigio, por serem profundamente democraticas, assegurando a todos as vantagens do regimen republicano, sem as violencias que assignalam, em alguns paizes, a passagem do poder de um partido para outro.

Dizia-se nas democracias occidentaes, durante a guerra, que, depois, seria feita uma paz justa e que a luta não era entre os povos mas sim entre os regimens. Garantia-se que a redução dos armamentos viria para todos.

Em lugar disso, porem, foram impostas aos vencidos condições pavorosas, contrarias a todos os compromissos anteriores, verificando-se uma verdadeira explosão de novos e velhos nacionalismos, e uma resurreição de antigos odios. Aos vencidos, não só arrebataram, sem necessidade, grandes porções de territorio, offendendo aos principios de autonomia e de nacionalidade, mas ainda exigiram condições absurdas e pagamentos enormes que, como todos sabem, si não estiverem obscurecidos pela ignorancia e pelo preconceito, são absolutamente inexequiveis.

Na Europa, em conjuncto, existem hoje muito mais homens em armas do que antes da guerra.

A França, apesar das suas aperturas financeiras, da sua escassa população e da sua má estructura demographica, mantem em pé de guerra, estando os allemães completamente desarmados, um exercito que, pela sua grandiosidade, não tem precedentes na historia moderna, muitissimo maior do que o da Allemanha, durante o tempo do seu maior fulgor, isto é, quando mais era accusada de imperialismo.

A causa fundamental da desorganização que se alastra pela Europa, está no equivoco das reparações, ponto este que será conveniente esclarecer com a possivel amplitude.

Entre os grandes paizes que formam a *Entente* não existe hoje qualquer alliança. Fala-se ainda de alliança e de aliados, mas isso é pura expressão verbal, porquanto não ha mais alliança e apenas um interesse commum na applicação dos tratados.

Os Estados Unidos da America, o grande associado, depois que o Senado de Washington, com alta sabedoria politica, não quiz approvar o tratado de Versalhes, ficaram de parte e assistem, mais como espectadores, as manifestações convulsas da Europa. O Japão que foi, pôde-se assim dizer, um belligerante neutro, havendo colhido, com o minimo de esforço o maximo de resultado, aguarda, tambem em difficuldades economicas, o seu desenvolvimento na Asia. A Russia cahiu e a acção dos antigos aliados se fez sentir mais contra ella do que em seu beneficio. E, como quer que corram os acontecimentos, ella terá necessidade de longos annos e de ingentes esforços para sahir da situação actual de miseria e de ruina, o que, aliás, só com o concurso da Allemanha poderá acontecer.

Entre a Inglaterra, a França e a Italia, não ha alliança alguma. Existe só alliança entre a França e a Belgica, que se transformou agora em paiz militar. Cada um dos grandes paizes vencedores tem, entretanto, uma concepção distincta e uma orientação differente no actual momento.

Mas, si não ha alliança, ha uma acção commum, determinada pelos tratados e, sobretudo, pelo tratado de Versalhes.

O tratado de Versalhes começa por estabelecer que a responsabilidade da guerra cabe sómente aos vencidos (artigo 231). A Allemanha é, portanto, a unica responsavel por todas as perdas e por todos os damnos causados aos governos aliados e associados e aos seus nacionaes, em consequencia da guerra que lhes foi imposta pela aggressão da Allemanha e dos seus aliados.

Esta affirmativa, nova na historia dos tratados, porque é essencialmente ridicula, desde o momento que ao vencedor é sempre facil fazer com que os vencidos se declarem os unicos responsaveis, não tem, todavia, um valor platonico,



mas sim o objectivo de declarar, no artigo 232, que os governos alliados e associados reconhecem que a Allemanha, mesmo levando-se em conta as perdas determinadas pelo tratado, não está em condições de reparar todos os prejuizos e todos os damnos. Querem, porem, que a Allemanha assuma o compromisso de reparar todos os prejuizos e todos os damnos causados á população civil de cada uma das potencias alliadas e aos seus bens, durante o tempo da guerra.

Assim, a Allemanha e os paizes vencidos de um modo geral, devem responder por todos os damnos especificados no documento I que acompanha o artigo 232.

Ponhamos de lado todas as questões sobre a origem da guerra, da qual, si a responsabilidade maior cabe á Allemanha, em parte cabe tambem aos alliados, conforme reconheceu Lloyd George.

Está claro que, no tratado de Versalhes, a responsabilidade moral (artigo 231) não tem valor historico e serve apenas para fazer reconhecer a obrigação financeira (artigo 232).

O debate travado no Senado Americano, as importantes declarações do senador Johnson e tudo quanto Baruch escreveu sobre o assumpto, aliás sem commetter indiscrição a respeito dos actos internos da Conferencia de Paris, demonstram cabalmente, quanto o ponto de vista americano divergia do francez e como as conclusões adoptadas não foram mais do que consequencias de uma serie proposital de equivocos.

No meu livro «A Europa sem paz» (capitulo terceiro), tive o ensejo de explicar como toda a questão das reparações foi derivada de um simples equivoco, qual o de haverem os representantes das varias nações, reunidos em Paris em novembro de 1918, para o estabelecimento das condições do armisticio, introduzido ahi, a pedido de Clemenceau, a phrase *réparation des dommages*.

Nenhuma das declarações da *Entente* havia jamais cogitado de damnos a reparar. Nos seus quatorze principios, o Presidente Wilson falára somente da reconstrucção da Belgica, dos territorios francezes invadidos e da restauração dos

territorios da Servia, Romenia e do Montenegro, occupados pelo inimigo.

A phrase *réparation des dommages*, do pacto do armistício, não foi ali introduzida para acarretar quaesquer consequencias e, somente, porque o governo francez fez della uma questão de opinião publica e de satisfação ao sentimento popular.

O tratado de Versalhes, porem, negando todas as affirmações e todos os compromissos anteriores, definindo a responsabilidade moral da Allemanha, estabelecia, como consequencia, a reparação dos prejuizos.

Estes prejuizos são de dez cathogorias e comprehendem, não somente tudo quanto diz respeito á população civil, aos territorios invadidos, aos máos tratos soffridos pelos prisioneiros de guerra, ás requisições e multas impostas nos territorios occupados etc., como tambem as despezas de assistencia feitas em cada paiz vencedor ás familias dos soldados, as pensões para as victimas da guerra e para as suas familias, os auxilios etc.

Não se trata, portanto, de *reparação de prejuizos*, mas de uma verdadeira indemnização de guerra. E, si bem que a formula das reparações tenha servido apenas para estabelecer precedencias, a idéa de indemnização é tão clara que não deixa duvidas sobre a verdadeira natureza do artigo 232.

O serviço das pensões e das subvenções, pagas ás victimas da guerra e ás familias dos militares, constitue uma exigencia absolutamente injusta e contraria ao que fora estipulado a 2 de novembro de 1918.

Pelo menos duas terças partes das pretensões formuladas contra a Allemanha são, entretanto, absurdos deste jaez que vão de encontro aos compromissos anteriores e até á propria logica.

Do tratado, tal como foi concebido, derivaram dois factos que permittiram o desmembramento da Allemanha, a saber: — a existencia, por tempo indeterminado, da Commissão das Reparações e, por consequencia, do exercito de occupação no Rhen; a indeterminação das indemnizações.

A Comissão das Reparações não encontra precedentes na historia moderna pela enormidade e, sob certo ponto de vista, pela propria extravagancia das suas attribuições. A Comissão não poderá ser dissolvida enquanto a Allemanha não tiver cumprido todas as obrigações impostas pelo tratado e, como essas obrigações são inexequiveis, a Comissão nunca terá fim. Ella delibera secretamente, salvo quando entender o contrario, e é livre de adoptar todas as providencias que julgar opportunas, sendo as suas decisões executorias e podendo ter applicação immediata, sem qualquer formalidade. Tem o direito de fiscalizar todos os serviços da Allemanha, de intervir em todos os actos de sua vida economica e financeira e pôde ainda obriga-la a fazer promulgar e a pôr em execução todos os regulamentos, leis e decretos que se tornem necessarios, a juizo da Comissão, para assegurar a completa execução das disposições do tratado (artigo 241).

A Comissão das Reparações tem, pelo tratado, a incumbencia de fixar o montante das reparações. A falta de quaesquer relações iniciaes, poz a Allemanha em condições de não saber quando é que os seus esforços poderiam alcançar algum resultado pratico e isso precedeu esse estado de verdadeira dissolução ao qual a Allemanha se viu compellida.

A França foi vencida em 1815 e 1870; da primeira vez os vencedores lhe exigiram 700 milhões e da segunda 5 bilhões. Estas sommas, embora avultadas, puderam ser pagas com relativa facilidade.

Uma indemnização, ainda que fosse seis ou sete vezes maior do que esta ultima, e a libertação do territorio, teriam certamente permittido que a Allemanha se desobrigasse dos seus encargos. Em logar disso, porem, a indeterminação da *indemnização*, sob a fórmula de reparações, tirou á Allemanha a segurança de sua producção e determinou o estado de crise, de profunda crise, que ameaça suffocar-lhe todas as energias

Na realidade, portanto, o tratado não somente teve em vista estabelecer uma indemnização exaggerada sob a fórmula de reparações, como tambem collocar a Allemanha e os paizes



vencidos na situação de vassallagem e isto por um numero illimitado de annos.

Estabelecendo que o periodo da occupação militar seja contado da execução do tratado (é a these de Poincaré), uma vez que esta execução se pôde considerar inexequível, por ser impossivel, a indeterminação a mais completa é só o que regula, de facto, as relações com a Allemanha.

Em todas as guerras precedentes, o vencedor havia exigido uma indemnização liquidavel immediatamente ou, pelo menos, rapidamente.

É natural que aquelles que quizeram a guerra sejam apontados como responsaveis. Pela primeira vez no mundo, porem, a indemnização, sob a fórma euphemica de reparações, foi imposta de maneira que a devem pagar não só aquelles que, pela sua tenra idade, não participaram da guerra, mas ainda os que nem eram nascidos, ao tempo da sua declaração, e até os seus descendentes.

Tudo isso convulsionou profundamente a Allemanha e os paizes vencidos, alem de paralyzar todo o commercio internacional e de envenenar todas as relações, abalando o edificio de credito e arruinando, senão matando, toda a solidariedade internacional.

É o mortal equivoco das reparações que assim intoxica a vida da Europa e suffoca todas as energias, ameaçando arrastar o continente inteiro a uma completa ruína.

Torna-se necessario fazer um exame detido deste terrivel equivoco que ataca as proprias fontes da vida européa e que, si a opinião publica não fôr esclarecida, si os Estados Unidos e a Inglaterra não voltarem sem demora ao caminho da realidade, ameaça, como já dissemos, comprometter a economia mundial, subvertendo e arruinando toda a Europa continental.

No meu livro «*A Europa sem paz*» tive ensejo de explicar longamente como o criterio da *réparation des dommages*, que, depois da introduccção das pensões e dos subsidios de guerra, constitue uma verdadeira *indemnização*, tanto mais que é justamente este o onus que importa em cifra mais



avultada, só accidentalmente e quasi por condescendencia, foi introduzido no tratado de paz.

Depois de tudo quanto foi publicado na Russia, na Allemanha, na Inglaterra e na propria França, dizer que a responsabilidade da guerra cabe só á Allemanha é, sem duvida alguma, um acto de pura má fé. Todos os paizes belligerantes da Europa têm a sua parcella de responsabilidade e, si a maior parte desta pertence á Allemanha, nenhum dos outros se pôde proclamar isento de culpa.

Para avaliar a decadencia da Europa e a fallenciã de todo o prestigio moral dos paizes da *Entente*, que diziam lutar pela victoria do direito, da civilização e da justiça e pela independencia dos povos (quantas vezes nós mesmos tivemos occasião de affirmar isso que hoje apenas representa uma tão amarga ironia), é preciso voltar ainda aos tratados de 1814-1815.

Os vencedores de então, não accusavam abstractamente a França imperial pelo seu programma imperialista, mas estavam diante de um verdadeiro facto concreto.

Napoleão, com as armas francezas, havia posto sob o seu dominio directo quasi todos os soberanos da Europa e raros foram aquelles que puderam escapar á dominação. Pela grandeza do Imperio Francez, foram constrangidos a trazer as suas contribuições e a empenhar-se em longas guerras, francezes, hespanhiões, allemães, eslavos etc. Napoleão impuzera familiares seus como principes e como reis. Nenhum respeito tivéra, em summa, pelas dynastias, pelas tradições, ou pelas nacionalidades.

Á Allemanha, vencida em 1918, não se attribuia propriamente um facto, mas só intenções de dominio e de expansão, intenções que, aliás, eram e são communs a não poucos dos vencedores de hoje.

A Allemanha, depois de 1870, não venceu pelas armas e nem fez guerra a qualquer povo. Attribuia-se-lhe somente o intento de fazer guerra e de querer dominar. Esta desconfiança era até certo ponto justificada pela sua fórmula de governo, pelo desenvolvimento do seu exercito e da sua marinha, pelas



manifestações grosseiras e violentas dos partidos militares e dos seus calamitosos theoreticos, e pela linguagem violenta, fatua, ao mesmo tempo que mystica e brutal, de Guilherme II. Nos annos que precederam a guerra, a Allemanha era encarada com um sentimento em que havia tanto de inveja quanto de admiração. Ella a todos sobrepujava e, si nos ultimos trinta annos, tinha tido grandes sabios mais do que grandes pensadores, homens praticos mais do que espiritos liberaes e capazes de agir pela elevação do povo, o qual continuava sempre obediente a um regimen inferior, era, no entanto, sob todos os aspectos, o paiz que aos outros superava e o mundo inteiro acompanhava com preocupação e interesse. Isso tudo vae fazer com que, mais tarde, maior seja a responsabilidade dos homens allemães que quizeram a guerra, quando a Allemanha não precisava della e, na sua admiravel expansão pacifica, constituia o orgulho e a força da Europa, contribuindo, mais do que qualquer outro povo, para o progresso das sciencias, das industrias e de todas as fôrmas de actividade.

Ha muito mais de quarenta annos que não é possivel imputar á Allemanha actos imperialistas, mas tão somente gestos ou intenções.

Não dominava sobre qualquer povo da Europa, não annexára territorio algum, não impuzera os seus principes a ninguem e muito menos invadira outros paizes ou constrangerá os exercitos de povos livres a combater pela gloria tedesca.

Nenhum confronto é possivel, portanto, com a dominação napoleonica que foi um facto e não uma intenção.

O proprio incidente de Serajevo que determinou a guerra, o assassinato de Francisco Fernando, herdeiro do throno da Austria-Hungria, e de sua mulher, a archiduqueza Sophia, praticado por agentes de sociedades secretas pan-sérvias, que ameaçavam a existencia do Imperio Austro-Hungaro, este proprio incidente inicial, encarado á distancia, agora que já se pôde discutir mais serenamente o assumpto, não devia ser considerado um facto isolado, mas um verdadeiro movimento



para a demolição da monarchia. O *ultimatum* da Austria-Hungria á Servia foi rude e, quasi se póde dizer, injusto, mas, por muito menos e muito mais depressa, Napoleão expulsava soberanos e annexava paizes.

Ora, os monarchas daquella época, que já haviam sido vencidos e humilhados, não exigiram, depois da quéda da França, uma só das cousas injustas e impossiveis que o tratado de Versalhes consigna e nem ao menos reclamaram indemnização tão pesada que não pudesse ser paga rapidamente. E é preciso notar que, de contribuições, requisições e despezas feitas com a manutenção de tropas francezas, os allemães e os demais povos já haviam pago a Napoleão quantias muito maiores do que aquella que depois exigiram como indemnização.

No congresso de Vienna de 1814, a preocupação dominante foi a de não tolher á França qualquer recurso fundamental. Uma commissão especial de estatistica (para aquelles tempos o facto era novo e tinha grande importancia) havia determinado e avaliado a situação industrial e agricola de cada um dos novos paizes e as suas capacidades de vida e desenvolvimento.

A divergencia entre os imperios russo, allemão e austro-hungaro, todos os tres governados por meia duzia de individuos irresponsaveis, a luta entre a Russia e a Austria, pela preponderancia nos Balkans, o cynismo com que a Russia corrompia e excitava as resistencias, o estado de animo da França, depois do desastre de 1870, a irreflectida aventura da Libia, por parte da Italia, o erro fatal da Allemanha, que visava a supremacia dos mares, supremacia que a Inglaterra não podia justamente tolerar porque, como paiz insular, ficaria ameaçado na sua propria existencia, — tudo isso devia, mais cedo ou mais tarde, determinar a guerra européa. Atirar, pois, toda a responsabilidade sobre a Allemanha, é uma offensa á verdade e um acto de má fé.

Estabelecido então, de todos os modos, que a culpa da guerra cabia só e unicamente á Allemanha, como réza o artigo

231 do tratado de Versalhes, a reparação dos danos foi a forma hypocrita das indemnizações.

Com rarissimas excepções, os homens que na Europa teem maior influencia politica, ignoram completamente os factos economicos. Muitos disparates chegaram a adquirir fóros de razão, menos por má fé do que por ignorancia.

Si o publico soubesse com quanta leviandade, com quanta falsidade e com que scepticismo se discutem, mesmo os grandes e sérios problemas da vida das nações, não supportaria por mais tempo os prejudiciaes equivocos que estão transtornando a vida do mundo.

Procuremos agora, apoiados em documentos officiaes, resumir a questão das reparações nas suas phases successivas:

1.a) Nas declarações da *Entente* e nos quatorze principios de Wilson, como já vimos, nunca se havia cogitado de reparações de danos e nem de indemnização, mas unicamente de territorios devastados.

A idéa da *réparation des dommages*, entrou por equívoco na minuta do pacto de armistício de 2 de novembro de 1918. Conclúe-se, de palavras trocadas nas reuniões, que esta idéa, a principio não acceta (e nem era mesmo possível considera-la logicamente como uma condição de armistício), foi incluída a pedido de Clemenceau, por méra complacencia, sem que ninguem medisse as suas consequencias. A 5 de novembro, porem, os primeiros ministros da França, Inglaterra e Italia, em carta que dirigiram ao Presidente Wilson, diziam já que pelas palavras «reparação dos territorios devastados» se deveria entender «reparação de todo o prejuizo causado á população civil e aos seus bens, pela aggressão tedesca».

No absurdo de deixar as pensões de guerra e os auxilios ás familias dos soldados de todos os paizes vencedores a cargo dos vencidos, e praticamente da Allemanha, só se pensou muito mais tarde.

Estavam iminentes as eleições geraes na França e na Inglaterra e operou-se então um movimento, sobretudo por parte da França, que foi depois acompanhada pela Inglaterra,

para incutir no animo do eleitorado a convicção que as despesas da guerra deveriam ser pagas pelos vencidos.

A ignorancia encyclopedica de varios homens politicos cogitava das immensas riquezas da Allemanha e da sua quasi illimitada capacidade de pagamento.

Lloyd George que, com a sua admiravel intelligencia, não tinha illusões quanto á indemnização, foi arrastado, no interesse do seu partido, a certas declarações que favoreceram o equivoco.

Durante as eleições inglezas, Lord Cunliffe chegou a falar de uma annuidade de 28,8 bilhões em ouro!

Quando se pensa que todas as exportações da Allemanha, só no anno de 1913 é que atingiram a cifra de 10 bilhões de marcos, e que, para formar as exportações, concorrem tambem sommas avultadas de materias primas importadas, vê-se bem a loucura e a exaltação dos homens que prepararam os tratados sem cuidar da paz, e tambem a responsabilidade tremenda que elles assumiram perante a civilização e perante a historia.

Sabe-se pelos debates oraes que, durante a Conferencia de Paris, quando se estudava a possibilidade de fixar uma quantia determinada para as indemnizações, os primeiros ministros da Inglaterra e da França admittiam como preliminar, para poderem adherir ás proposições formuladas pelos representantes americanos, uma annuidade de 8 a 10 bilhões de marcos ouro.

Mas, em fins de 1919, depois que o tratado de Versalhes despojara a Allemanha de quasi todas as suas riquezas transferiveis e, submettendo-a a pesadissimos onus, entravára todas as suas fórmulas de produção e de commercio, o ministro das finanças da França, Klotz, calculava em 375 bilhões o total das indemnizações allemãs baseadas no tratado. Os juros deveriam ser accumulados até o fim de 1921 e, dahi em diante, a Allemanha teria de pagar o seu debito em 34 annuidades de 25 bilhões cada uma, cabendo, só á França, 13.750 milhões por anno!

Ao lado da immensa loucura que se apoderou dos paizes vencedores depois da guerra, havia tambem, por parte de alguns delles, a intenção de exaggarar a indemnização, afim de, mantendo a Allemanha sob um *contrôle* duradouro, deprimi-la e suffoca-la.

De outra maneira não é possivel explicar o facto de, em fins de 1920, ministros responsaveis reclamarem sériamente, á Commissão das Reparações, uma indemnização de 218 bilhões só para a França (141 bilhões de prejuizos e 77 bilhões de pensões)!

Antes da guerra, os estatistas francezes estimavam em 250 bilhões a riqueza da França inteira, e as regiões francezas que foram devastadas representam apenas uma pequena parte do seu territorio.

Positivamente, na Conferencia de Paris fora abolida a logica e só se pensava em adoptar um plano de violencias.

Já tive occasião de me referir, em outro lugar, aos sophismas mais correntes durante a conferencia, dos quaes citarei alguns: — não importa saber o que a Allemanha *póde* pagar, mas só o que ella *deve* pagar; a *obrigação* de pagar é absoluta, a *capacidade* de pagamento só importa para a determinação do numero de annuidades; trinta annos ou mais si fôr preciso; o poder de desenvolvimento da organização technica é illimitado e os calculos dos economistas não correspondem á realidade; não se podendo fixar o que a Allemanha produzirá dentro de trinta ou quarenta annos, melhor será que a indemnização fique estabelecida levando em conta, desde já, o desenvolvimento futuro; a Allemanha não deve discutir, mas pagar; e, finalmente, *elle ou nous* como diziam em Paris, e, si a Allemanha não paga, os Alliados é que terão de pagar e será melhor garantir o futuro...

Todos estes conceitos, fatuos e irrisorios, eu os ouvi de homens de responsabilidade, em momentos de graves decisões!

Como encontrar uma solução logica, quando as bases do raciocínio estavam assim deturpadas e se procurava convencer á grande massa do publico que as finanças seriam restauradas, os impostos diminuidos, as materias primas obti-

das e as dividas da guerra pagas, em grande parte, senão no seu total, só com a indemnização da Allemanha?

2.a) Enquanto se annunciavam enormes exigencias de indemnização e a Allemanha ficava despojada de todas as suas riquezas transferiveis, a sua unidade económica era rompida, destruida a sua grande organização commercial e entravada a sua produção. Por effeito do tratado ella perdeu todas as colonias, toda a marinha mercante, a sua organização economica no estrangeiro, os seus melhores territorios agricolas e mineiros e as materias primas necessarias á siderurgia, das quaes tinha a primazia. Teve de supportar todos os *contrôles* e entregar enormes quantidades de material ferroviario, do qual aliás tinha falta, de rebanhos e productos manufacturados e soffrer ainda um exercito de occupação, de brancos, pardos e negros, que lhe custa mais do que qualquer exercito do mundo.

E, ao mesmo tempo que tão fortes se mantinham as exigencias de pagamento, produzia-se o mais paradoxal dos contrastes.

Por causa da guerra, a Inglaterra se tornou credora de 557 milhões esterlinos da França, de 476 milhões da Italia, 561 da Russia, 94 da Belgica, 22 da Servia, 66 da Romenia, Grecia e Portugal, num total de 1776 milhões de libras.

Pelo mesmo motivo os Estados Unidos emprestaram 4277 milhões de dollares á Inglaterra, 2977 milhões á França, 1648 á Italia, 349 á Belgica, 187 á Russia, 61 á Tcheco-Slovaquia, 26 á Servia, 25 á Romenia e 15 á Grecia.

A França, durante a guerra, tirou proveito para o seu commercio e para a sua situação monetaria das enormes despesas feitas pelos exercitos alliados e, depois da guerra, recebeu grandes quantidades de carvão, ricos territorios e immensas riquezas mineraes, alem de quatro quintos do minerio de ferro germanico. Novas e grandes colonias se vieram juntar ao seu imperio colonial, o mais importante que existe hoje sobre a terra, e a sua marinha mercante se tornou muito maior do que era em 1914.



A Italia recebeu territorios pobres e limitados, pelo facto de que até a sorte de algumas cidades, como Trieste, estava sériamente compromettida, após a quéda do Imperio Austro-Hungaro, pela falta de um verdadeiro *hinterland*.

Ora, a França e a Italia se encontram actualmente na impossibilidade de pagar não só as suas dividas como até os juros dessas dividas.

A Inglaterra conseguiu quasi equilibrar os debitos com os creditos e foi o unico paiz da Europa, sahido da guerra, que deu provas de uma grande probidade financeira, preferindo antes uma seria crise industrial e a consequente crise de falta de trabalho, a ter uma moeda desvalorizada e a manter nas finanças nacionaes, a desordem que assignála o orçamento italiano e muito mais ainda o orçamento françez.

Para a França e para a Italia, o pagamento, não já do capital, mas dos juros das suas dividas, importaria na quéda completa do franco e da lira.

Mesmo as pessoas mais inexperientes, comprehendem facilmente quanto é absurdo e até immoral exigir da Allemanha pagamentos de largas indemnizações, não demonstrando os paizes vencedores o menor empenho em pagar as proprias dividas.

Sem perder toda a noção de honradez, não é possível ser, ao mesmo tempo, máo devedor e exigente credor.

Si a indemnização, disfarçada com o nome de reparação dos damnos, não fosse senão um meio de estancar as fontes de prosperidade, de suffocar e de estrangular o Imperio Allemão, as exigencias absurdas já teriam sido abandonadas, procurando-se um meio de compensar os debitos e os creditos dos diversos paizes, para chegar rapidamente a uma liquidação que permittisse suspender a occupação do Rheno e deixar a Allemanha livre nos seus movimentos.

Os factos de nada valem, porem, quando os politicos dominados pelo odio e uma imprensa enganadora, perigosa pela sua propria ignorancia, não fazem mais do que alterar diariamente toda a visão serena das cousas e toda a concepção honesta da vida social.



3.^a) O tratado de Versalhes deixou sem solução as questões relativas ao *montante* da indemnização alemã, cujo calculo ficou a cargo da Commissão das Reparações (artigo 233), e ao modo de partilhar, entre os governos alliados, os pagamentos que a Allemanha fosse realizando. Isto deu logar a uma serie de praticas ulteriores que podem ser divididas em dois periodos. No primeiro, que vae até maio de 1921, os governos procuram estabelecer, por si mesmos, a cifra e o modo dos pagamentos a effectuar pela Allemanha; no segundo periodo o encargo é de novo confiado á Commissão das Reparações, composta em geral de homens sem responsabilidades politicas, de mediocre autoridade e cuja competencia varia na razão inversa dos altissimos estipendios e das remunerações enormes que elles a si proprios se attribuiram.

Segundo o tratado de Versalhes, a Commissão das Reparações, dispondo de poderes soberanos até para modificar na Allemanha as leis e regulamentos, é composta de pessoas que só aos respectivos governos prestam contas dos seus actos ou das faltas decorrentes do exercicio das suas funcções, e nenhum dos governos alliados assume responsabilidade perante qualquer outro.

Passadas as primeiras loucuras, quando se tornou patente o ridiculo das exigencias de duzentos ou trezentos bilhões de marcos ouro, depois que, na Conferencia de Paris, uma offerta da Allemanha de 100 bilhões pareceu muito fraca (e era tambem essa uma proposta absurda), foi só então que se começou a raciocinar.

Os varios paizes vencedores, prevendo uma redução proporcional das exigencias, haviam exaggerado as suas reclamações. A França, a bem dizer, tinha pedido mais do que a importancia total da propria riqueza nacional, conforme os calculos dos seus economistas mais optimistas!

Na Conferencia de Londres (março de 1920), da qual participaram Llloyd George, Millerand e o auctor destas linhas, esboçou-se a luta entre as duas tendencias e surgiu a idéa do *forfait*. As potencias alliadas resolveram tomar como base



das reparações, não mais a extensão effectiva dos danos (inclusive pensões e auxilios de guerra), mas sim a capacidade economica da Allemanha.

Essa tendencia mais se accentuou em São Remo (abril de 1920) e nesta conferencia, que eu tive a honra de presidir, embora se não tenha chegado a um accôrdo entre a these franceza, contraria ao *forfait*, e a these anglo-italiana, favoravel ao mesmo, ficou resolvido discutir a questão com os delegados da Allemanha, combinando-se a Conferencia de Spa.

Foi talvez em São Remo que, pela primeira vez, se começou a pensar sériamente no problema da indemnização.

4.a) A Conferencia de Spa foi precedida pela reunião de Hythe (maio de 1920), na qual o governo francez adheriu, em principio, á idéa do *forfait*, sobre o criterio das annuidades minimas, crescendo de accôrdo com a progressiva melhoria da situação economica da Allemanha.

No subsequente convenio de Bologna (junho de 1920) houve um accôrdo mais preciso entre os aliados quanto á norma de pagamentos, tendo por base o *forfait*. A contar do dia 1.º de maio de 1921, a Allemanha deveria pagar annualmente 5 bilhões da marcos ouro até 1963, alem de outros tres bilhões durante cinco annos, a partir de 1.º de maio de 1926, e de outros quatro bilhões pelos annos subsequentes. Offercia-se á Allemanha a possibilidade de contrahir emprestimos sob fórmias e condições as mais humilhantes, isto é, com caução de títulos allemães junto á Comissão das Reparções. Resolvia-se, emfim, tratar a Allemanha não muito melhor quē a Turquia.

A França e a Inglaterra divulgaram então o accôrdo feito a 15 de dezembro de 1919, pelo qual se adjudicavam 80 por cento das reparações tedescas, na proporção de 5 para 11, e esta communicação provocou, da parte dos aliados, a mais viva opposição.

Precedida por uma reunião em Bruxellas, iniciou-se a Conferencia da Spa (julho de 1920) onde, pela primeira vez, os allemães se puderam encontrar com os representantes da

Entente. Apresentaram então propostas assás rasoaveis, que eram baseadas na realidade; mas que nem siquer foram tomadas em consideração, ficando apenas repisados os tres principios do projecto de Bologna, pagamento em prestações annuaes, faculdade á Allemanha de fazer anticipações e possibilidade de contrahir emprestimos nas condições estabelecidas.

A Allemanha firmou o protocollo do carvão, mediante o qual os diversos paizes alliados se asseguraram o fornecimento do carvão allemão, contra uma bonificação de 5 marcos ouro por tonelada, e por conta dos 20 bilhões que deviam ser pagos eventualmente em especie, conforme estabeleceu o artigo 235 do tratado de Versalhes.

Fixaram-se as quotas de partilha das reparações entre todos os alliados, sendo: 52 por cento para a França, independentemente da posse das minas do Sarre; 22 por cento para a Inglaterra e mais o privilegio de lhe serem debitados os navios allemães, pelos preços de venda no mercado inglez, só a subditos britannicos; 10 por cento á Italia, alem de 25 por cento das reparações austriacas, bulgaras e hungaras (de valor quasi identico ao ouro da lua), com obrigação solidaria da Allemanha, e a dispensa do pagamento á vista dos navios austriacos que lhe foram adjudicados, dos bens transferiveis com os territorios annexados, e da contribuição para as despezas com a libertação dos mesmos; 8 por cento á Belgica e mais a prioridade no recebimento de dois e meio bilhões de francos; 0,75 por cento ao Japão; 0,75 por cento a Portugal; e, finalmente, 6,50 por cento aos demais alliados, sendo que, por um accôrdo posterior (20 de junho de 1921), cinco por cento desta ultima parte foram destinados á Yugoslavia.

Na Conferencia de Spa nenhuma tentativa se fez para discutir seriamente a questão fundamental da amplitude das reparações; ninguem queria ouvir as reclamações justas da Allemanha e nem dar a impressão de ceder em qualquer das questões principaes.

Poincaré, na França, chefiava uma violenta campanha contra todas as reuniões dos Alliados. Elle sustentava que,



com essas reuniões, o assumpto das reparações se estava compromettendo, que era preciso não falar nelle ou falar muito pouco, e que era preciso, em todo caso, fazer agir só a Commissão das Reparações.

Reuniões de peritos, effectuadas em Bruxellas, em fins de 1920, não tiveram resultado, ou pelo menos as suas propostas não lograram sancção pratica. Partindo das cifras estabelecidas em Bolonha, desde que não estavam autorizados a fornecer outras, os peritos de Bruxellas apresentaram as seguintes propostas: a Allemanha pagaria, de 1921 a 1926, uma indemnização media de 3 bilhões de marcos ouro, a qual deveria ser fraccionada, de modo a permittir prestações menores nos dois primeiros annos e maiores nos dois ultimos, sem definir porem, de fórmula alguma, os pagamentos a realizar depois daquelles cinco annos; uma parte da somma deveria ser paga em especie e outra em dinheiro; as despezas annuaes dos exercitos de occupação não poderiam exceder 240 milhões de marcos ouro; o pagamento destas despezas não seria sommado ás indemnizações, mas constituiria, ao lado dellas, uma primeira hypotheca; os Alliados deveriam renunciar á pretensão de que a Allemanha construisse especialmente um certo numero de navios para entregar juntamente com os que ainda existiam nos portos allemães; por seu lado a Allemanha procuraria regularizar as suas finanças e o seu orçamento e consentiria que os Alliados fiscalizassem as suas taxas no caso de não cumprimento das obrigações.

Estas propostas não tiveram applicação pratica e nesse interim, cada vez mais se accentuou a divergencia entre o ponto de vista britannico, favoravel a uma indemnização equitativa, que permittisse á Allemanha de viver e de intensificar a sua producção, e o ponto de vista francez, dirigido, com a these da applicação integral do tratado, no sentido de abater e desmembrar a Allemanha. A Italia, como já disse, não seguia desde junho de 1920 uma orientação precisa, e mantinha uma attitude dubia, com a estranha idéa de apresentar uma these intermediaria entre o ponto de vista francez e o ponto de vista inglez, como fez depois para a questão

da Alta Silesia. Linha de conducta absurda e sem prestigio porque, em um assumpto de tanta magnitude, não era possivel defender senão uma idéa, ou a da destruição ou a da reconstrucção.

As propostas dos peritos de Bruxellas não lograram portanto acceitação e a Conferencia de Paris (janeiro de 1921), sob a pressão dos interesses industriaes, limitou-se a excluir a hypothese dos pagamentos em especie e a modificar o projecto de Bolonha, estabelecendo 42 annuidades fixas progressivas de 2 a 6 bilhões de marcos ouro e 42 annuidades, correspondentes a 12 por cento do valor das exportações, pagaveis em ouro.

O projecto de deposito dos titulos allemães como garantia, foi abandonado, tendo sido proposta a emissão de bonus ao portador para mobilizar o debito.

Como o governo allemão, convidado a tomar parte na Conferencia de Londres, não tivesse podido acceitar esta norma de pagamento, os governos alliados enviaram-lhe o *ultimatum* de 3 de janeiro de 1921, que foi seguido da applicação das sancções, isto é, da occupação de tres cidades da Westphalia, na margem direita do Rheno, e do estabelecimento de um cordão aduaneiro, entre os territorios occupados e o resto da Allemanha.

Os governos alliados, considerando então fracassado o projecto de *forfait*, entregaram de novo á Commissão das Reparções o encargo de estabelecer as condições dos pagamentos.

A occupação das cidades do Rheno foi uma violencia não só desnecessaria como contraria ao tratado e ao proprio estatuto da Sociedade das Nações.

É verdade que o governo francez sustentou que, emquanto a Allemanha possuisse valores transmissiveis e se conservasse em estado de voluntaria inobservancia ao tratado, no tocante ás reparações, todo o alliado tinha o direito de invadir e de saquear o territorio tedesco, sem com isso se tornar responsavel por um acto de guerra. Mas, si todos os Alliados juntos concorreram para o desarmamento da Alle-

manha e para deixa-la em situação de não poder oppor qualquer resistencia, esta these, que aliás é contraria a todos os tratados e a todas as normas internacionaes, colloca a Allemanha na mais completa subordinação da França.

O *ultimatum* de Londres, de 3 de abril de 1921, foi pois, uma violencia inutil, e a occupação de Duidort, Ruhrort e Düsseldorf, sobre a margem direita do Rheno, constituiu um acto de compressão, tão opposto á razão quanto nocivo e contrario ao proprio tratado de Versalhes (*).

5.a) Assim se iniciou, depois de março de 1921, a nova phase da questão das reparações.

O governo tedesco, desejoso de chegar a um accôrdo com os Alliados, apresentou, por intermedio do governo dos Estados Unidos, varias contrapropostas.

A Allemanha, esforçando-se por offerecer aquillo que, na opinião dos seus homens mais competentes, representava o limite maximo do que os seus recursos economicos podiam supportar, se declarou prompta a reconhecer, a titulo de reparações, a sua divida, num total de 50 bilhões de marcos ouro, e propunha todos os meios de fazer circular esta somma.

Declarava-se ainda prompta: a fazer com que as Potencias interessadas beneficiassem de quaesquer melhorias eventuaes da situação economica e financeira, consentindo que a quóta de amortização fosse variavel; a auxiliar com todos os seus recursos, a reconstrucção dos territorios devastados; a fornecer aos estados interessados qualquer outro material e a prestar-lhes qualquer outro serviço, sobre uma base puramente commercial.

(*) *Nota do traductor.* Os jornaes mais importantes do Brasil publicaram a 15 de março o seguinte telegramma:

LONDRES, 14 (U. P.)—Diversos membros da Camara dos Comuns pronunciaram hontem energicos discursos condemnando a invasão franceza do Ruhr, *como uma violação do tratado de Versailles*, que representa uma ameaça de nova guerra. O debate foi iniciado por Sir John Simon, ex-ministro do Interior, que affirmou que os francezes tinham isolado a zona allemã occupada pelos inglezes e accusou a França de não procurar o pagamento das reparações, mas qualquer outra coisa.

Falou tambem o Sr. Ed. Morel, membro do partido laborista, dizendo que se os francezes continuarem em sua politica, no fim ella provocará outra guerra, na qual ficará envolvida a Inglaterra.

Alem de offerecer um bilhão em ouro, a Allemanha se promptificava, caso os Estados Unidos e os Alliados desejassem, a assumir a responsabilidade de uma parte das dividas para com a America, sempre nos limites da propria capacidade economica. Dizendo-se preparada para dar todas as garantias, a Allemanha ponderava, o que é uma verdade fundamental, que as suas propostas só poderiam ser mantidas si fosse abandonado o systema das sancções, si não baixasse a média actual da producção allemã; si a nação fosse novamente admittida no commercio mundial e ficasse libertada de toda a despeza improductiva. Affirmando, finalmente, estar sempre disposto a acceitar quaesquer propostas rasoaveis, o governo tedesco declarava estar convencido de que a paz e o bem estar do mundo somente dependiam de uma solução rapida, leal e justa do problema das reparações.

A Comissão das Reparações apresentou, em maio de 1921, a seguinte norma para os pagamentos: A cifra global de 132.000 milhões de marcos ouro seria representada por tres series de obrigações, A, B e C, que a Commissão das Reparações se reservava o direito de acceitar á medida da progressiva solvabilidade da Allemanha; as obrigações seriam a juros de 5 por cento e com uma quóta de amortização de 1 por cento; a Allemanha deveria pagar uma annuidade fixa de 2 bilhões e mais o equivalente a 25 por cento das suas exportações, creando-se para o recebimento destas sommas um *Comité* especial de garantia.

Acceitas as propostas da Commissão das Reparações, a Conferencia de Londres (maio de 1921) dirigiu um segundo *ultimatum* á Allemanha (5 de maio de 1921), que neste documento era ameaçada de serias medidas coercivas, entre as quaes a occupação da bacia do Ruhr, pelas forças alliadas do Rheno. A Allemanha, então, embora reconhecendo o seu absurdo, não poude deixar de acceitar aquella norma de pagamentos e, tendo pago, com enormes sacrificios, um bilhão de marcos ouro, reuniu-se em Paris (agosto de 1921) a primeira conferencia financeira para fazer a distribuição. A Ingla-

terra coube a maior parte da somma, como reembolso das despesas de occupação até 1.º de maio de 1921, e o resto foi entregue á Belgica pela sua prioridade. Autorizava-se a Commissão das Reparções a emittir obrigações da serie C, até para as reparções austriacas, bulgaras e húngaras, pelas quaes a Allemanha era solidariamente responsavel. Estabelecia-se que o preço do carvão entregue devia ser calculado de accôrdo com o preço interno da Allemanha e não com o do mercado mundial.

Estes accôrds, firmados *ad referendum* pelo ministro Doumer, não foram ratificados pelo governo francez.

E assim, sob a pressão de difficuldades cada vez maiores, emquanto a Commissão das Reparções, directamente ou por intermedio do *Comité* de garantia, desorganizava todos os dias a vida economica da Allemanha, o governo tedesco declarou não estar em condições de poder satisfazer os compromissos relativos a 1922, solicitando uma prorogação.

Por iniciativa de Lloyd George reuniu-se então, após uma serie de erros e de incertezas, a Conferência de Cannes (janeiro de 1922).

Em Londres (março de 1920), a idéa da solidariedade européa e da necessidade de acabar com o regimen das violencias, lograra uma referencia no manifesto economico, no qual as opiniões de Lloyd George e as minhas haviam encontrado echo, e essa idéa, tendo-se accentuado ainda mais em São Remo, decidiu a Conferencia de Spa.

A Italia, porem, depois da primavera de 1920, fora agitada por forças que a desviaram do caminho iniciado e a sua acção, deploravel na questão da Alta Silesia, continuou sempre incerta. Nenhuma pessoa de criterio existe na Italia que seja capaz de fazer o minimo endosso sobre a indemnização allemã e ninguem está nem mesmo disposto a sustentar abertamente que a Allemanha deva ser humilhada e suffocada. Tendo necessidade de permutar mercadorias e de enviar ao estrangeiro grande numero de homens, nenhum paiz soffre tanto como a Italia as consequencias desta situação de



incertezas e desta balkanização da Europa, que abate todas as suas energias economicas.

6.º) A conferencia de Cannes (janeiro de 1922), perturbada pela crise ministerial franceza, não poude chegar a resultados satisfatorios. Resolveu-se limitar a moratoria da Allemanha só ao anno de 1922, durante o qual deveriam ser pagos 720 milhões de marcos ouro em moeda e 1450 milhões em especie. Ella devia fornecer, com a majoração em ouro das taxas alfandegarias, a limitação dos adiantamentos ao Reichsbank e a limitação das emissões de papel moeda, garantias seguras de apresentar, dentro de seis semanas, projectos de reformas fiscaes e financeiras capazes de augmentar as suas rendas.

Ficou assentado o criterio da divisão, entre os varios paizes da *Entente*, dos pagamentos effectuados e foram estabelecidas regras para as consignações. Os accórdos de Cannes permaneceram, todavia, no estado de simples propostas, pela partida inesperada da delegação franceza, seguida da crise ministerial que acarretou a demissão de Briand.

A Comissão das Reparações, sósinha proseguiu então a sua obra e decidiu (13 de janeiro) conceder uma prorrogação provisoria para os vencimentos de 15 de janeiro e 15 de fevereiro, com a condição de pagar a Allemanha, de dez em dez dias, de 16 de janeiro em deante, 31 milhões de marcos ouro e de apresentar, no prazo de 15 dias, um projecto de reformas financeiras e um programma de pagamentos para o anno de 1922.

Projecto e programma foram apresentados á Comissão das Reparações, pelo governo allemão, em 28 de janeiro de 1922.

Na Conferencia de Paris (março de 1922) ficaram definitivamente approvados os resultados da Conferencia de Cannes, deixando-se para a Comissão das Reparações todas as determinações acerca da moratoria. Fixou-se em uma somma de 220 milhões de marcos ouro o reembolso da Allemanha á França, á Belgica e á Inglaterra, por um anno, a partir do dia 1.º de março de 1922. Modificaram-se as condições



estabelecidas em Cannes para a divisão das quotas pagas, para os pagamentos em especie e para a applicação do accôrdo franco-alemão de Wiesbaden.

Firmaram-se outras regras para o calculo do preço do carvão e para as fórmulas de pagamentos em productos agricolas. Com uma inconsciencia cega e uma ignorancia admiravel, foram determinados os limites maximos das cifras de reparações devidas pela Austria e pela Hungria, em 6 bilhões de marcos ouro, não entrando nesta importancia os bens já transferidos aos vencedores pelos dois paizes e em 2 bilhões e meio de marcos ouro a indemnização da Bulgaria, na execução do tratado de Neuilly.

Baseada nas decisões da segunda conferencia financeira de Paris, a Commissão das Reparaciones dirigiu ao governo allemão, em resposta ás communicações de 28 de janeiro, uma nota (21 de março) pela qual era concedida a moratoria com as modalidades assentadas na Conferencia de Cannes (720 milhões de marcos ouro em dinheiro e 1450 milhões em especie dentro do anno de 1922), intimando-se o governo allemão a dar prova, até 31 de maio, de poder e querer satisfazer todas as exigencias, sob pena de revigoração da norma de pagamentos notificada com o *ultimatum* de 5 de maio de 1921, e de successivas applicações das sancções, depois de quatorze dias, em caso de inobservancia. Na mesma nota a Commissão das Reparaciones indicava ao governo tedesco uma longa serie de medidas e reformas financeiras a adoptar para o fim de poder chegar ao pagamento das reparações.

A simples leitura desta nota evidencia o quanto podem a ignorancia e a inconsciencia, quando servidas pela má fé.

Nos conselhos, ou melhor, nas ordens dadas ao governo allemão, não só se cogitou da creação de grande numero de impostos novos, como tambem de augmentar as arrecadações, para o exercicio financeiro de 1922-1923, de 60 bilhões de marcos papel no minimo. A Commissão, para facilitar o descalabro do marco, suggeria, juntamente com tão grandes entradas, a adopção de um systema pelo qual as aliquotas

dos impostos deviam ter um augmento automatico, proporcional á diminuição progressiva do valor da moeda.

Prevista uma serie de *contrôles*, por parte do *Comité* de garantia, que devia velar a applicação de todos os impostos, a nota alvitrava grandes córtes nas despezas, principalmente nos serviços publicos, abolição de quaesquer contribuições locais e, em geral, a suspensão de todas as obras não exigidas por uma necessidade immediata e urgente. Lembrava ainda um conjuncto de medidas que collocavam a Allemanha na mais completa dependencia do *Comité* de garantia e, por conseguinte, da propria Commissão das Reparações.

Na sua resposta de 7 de abril de 1921 o chanceller Wirth, dando prova da maior boa vontade, ponderava que a queda do marco difficultava a vida da Allemanha. O preço dos principaes artigos de consumo, augmentado de 60 a 70 vezes, dizia elle, a previsão de que já no verão o marco teria perdido todo o seu valor no exterior, e a impossibilidade de adquirir artigos no estrangeiro, determinavam uma situação extremamente penosa para a Allemanha

Propunha então que a Commissão das Reparações, em vez de experimentar processos de violencia, fizesse, sob sua direcção, examinar todas essas questões, por peritos que não pertencessem aos paizes interessados.

A Commissão das Reperações não ligou a menor importancia a todos os factos e todos os documentos expostos nesta nota. Reclamar pagamento em ouro importava em precipitar o cambio e a pretensão de crear 60 bilhões de impostos novos, alem dos consignados no orçamento votado pelo Reichstag, que já representava o maximo das possibilidades, era completamente absurda. No que concerne ao *contrôle* previsto pela Commissão das Reparações, o governo allemão não se podia declarar de accôrdo com o que fosse incompativel com a soberania financeira da Allemanha. Nós estamos promptos, dizia o chanceller Wirth, a dar á Commissão das Reparações todas as explicações que esta julgar necessarias, sobre a situação financeira da Allemanha e sobre os seus recursos. Nenhum governo, porem, poderia conceder ao estran-

geiro um poder decisivo na confecção e até na applicação das suas leis.

A 13 de abril de 1922, a Commissão das Reparções replicava com uma nota que, no cynismo e na incompetencia, supéra a precedente a que ha pouco nos referimos. Reaffirmou a necessidade de um grande e immediato augmento de impostos, alem daquelles previstos já no orçamento approvado pelo Reichstag, e isso, dizia ella, *é importante e indispensavel no proprio interesse da Allemanha.*

Diante do facto que a Allemanha allegava, de não poder fazer, nas condições do seu cambio, qualquer pagamento em ouro, senão por meio de um emprestimo externo, a Commissão respondia que, para isso, era necessario obter o equilibrio financeiro que, lembramos nós, os paizes vencedores do continente estão muito longe de realizar. A Commissão affirmava, entretanto, com todo o desembaraço, *que desejava contribuir para a restauração da situação economica e financeira da Allemanha!*

7.a) Chegava-se assim á Conferencia de Genova (abril de 1922) retardada e difficultada por todos os modos.

Em virtude das resoluções adoptadas em Cannes, a 6 de janeiro de 1922, as potencias alliadas se declaravam unanimes em concordar que era conveniente convocar uma conferencia para a qual fossem convidadas a enviar representantes todas as potencias europeas, inclusive os paizes vencidos e a Russia. A Conferencia devia ser um passo urgente e excepcional para a reconstrucção da Europa central e oriental. As potencias alliadas concordaram em julgar indispensavel o restabelecimento do commercio internacional como o desenvolvimento dos recursos de todos os paizes, e affirmavam que um esforço commum das nações mais poderosas era necessario para restituir ao organismo europeu a sua vitalidade agora paralysada. As potencias alliadas estabeleceram e formularam em Cannes alguns principios ou condições fundamentaes, indispensaveis á realização de um esforço efficaz.

A ordem do dia da Conferencia de Genova constava de seis partes:

1.a) resolução adoptada na Conferencia de Cannes, a 6 de janeiro de 1922, na qual estão expostos os principios que deviam orientar as decisões da Conferencia;

2.a) exame dos methodos para a applicação dos principios contidos na resolução approvada em Cannes, a 6 de janeiro de 1922, pelo Conselho Supremo;

3.a) estabelecimento da paz européa sobre bases solidas. Esta parte, de character essencialmente politico, se referia ao artigo 6.º da resolução de Cannes que dispunha que « todos os paizes devem tomar o compromisso de não praticar qualquer aggressão contra os seus visinhos » e correspondia ao artigo 10.º do pacto da Sociedade das Nações. Podia, portanto, dar logar a propostas de indole politica, pactos de garantia etc.;

4.a) condições essenciaes para o restabelecimento da confiança entre os povos, *sem prejuizo dos tratados existentes*. Esta restricção « sem prejuizo dos tratados existentes » foi introduzida a pedido da delegação franceza, na previsão de que o programma das reparações pudessc ser posto em discussão;

5.a) questões financeiras — circulação, bancos centraes e bancos emissores, finanças publicas em relação com a obra de reconstrucção, cambios, organizações de divida publica e particular;

6.a) questões economicas e commerciaes — facilidades e garantias para o commercio de importação e de exportação, garantias locais e juridicas para o restabelecimento do commercio, protecção da propriedade industrial, litteraria e artistica, estatuto consular, admissão e situação dos estrangeiros em relação ao exercicio do commercio, assistencia technica para a obra da reconstrucção industrial.

Para que os paizes que formavam a *Entente* se pudessem reunir concordemente em Genova, foi preciso em Cannes reduzir o programma e não falar das reparações.

Tres grandes questões são hoje sobrepujantes na vida da Europa:



a) como se poderá restabelecer o commercio mundial, com o absurdo systema das reparações, que paralyza a vida dos paizes vencidos, eria odios continuos e erescentes e desorganiza a producção de toda a Europa.

b) como se poderá reconstituir o valor da Russia, arruinada em consequencia da guerra e do bolschevikismo;

c) como se poderá abolir o systema de violencias, creado pela paz da violencia, por causa da qual a Europa tem hoje mais homens em armas do que antes da guerra e está inteiramente dividida entre vencedores e vencidos.

Não conseguindo organizar as suas finanças e nem pagar os seus debitos, os vencedores pretenderam enormes indemnizações dos vencidos aos quaes já tomaram todos os bens transferiveis e arrastaram, com toda a violencia, á maior desorganização. Admittido, portanto, que na Conferencia de Genova não era permittido discutir a questão das reparações, dahi se conclue que não era permittido discutir a unica cousa que interessava e interessa verdadeiramente á Europa e que diz respeito á sua propria existencia.

Os representantes de todos os paizes reunidos em Genova, com excepção dos mais obsecados pelo odio e pela politica da violencia, sentiam que nenhuma obra essencial de renovação seria possivel, si se não procedesse á revisão dos tratados de paz, que, concebidos no erro e na violação dos principios que a *Entente* havia proclamado, só podem conduzir á ruína. Não obstante, a Conferencia de Genova teve uma acção muito proveitosa, porque alli foram pronunciadas as primeiras palavras de paz, que cahiram em terreno fertil, e porque, tambem pela primeira vez, em redor de uma mesa se reuniram os antigos inimigos para discutir e tratar do perigo commum.

Além disso, a Conferencia teve uma funcção esclarecedora, porque collocou frente a frente as duas tendências que agora se chocam na Europa.

A Inglaterra e a Italia, talvez com algumas incertezas decorrentes da gravidade da situação, mostraram ao mundo



o seu vivo desejo de concorrer para a politica da paz. Em politica, os actos positivos são, sem duvida, as unicas cousas que teem valor real; nada, porem, provôca os actos positivos como as attitudes que se patenteiam, as tendencias que se manifestam, os estados d'alma que se formam. A Inglaterra e a Italia estão já no estado d'alma da paz.

Mais de uma vez, em Genova, os delegados allemães tentaram trazer ao debate a questão das reparações, invocando mesmo o motivo da complicação creada pelo tratado entre o Reich e a Republica dos Soviets, mas, apesar da attitude favoravel da Inglaterra e da Italia, visando uma compensação parcial das reparações allemãs com as dividas dos Alliados para com os Estados Unidos, nada mais se fez do que differir qualquer discussão nesse sentido, deixando-a para a Comissão das Reparções que iniciou logo (maio de 1922) os seus trabalhos, assistida sempre pelos representantes dos grandes bancos europeus e americanos, por causa da concessão eventual de um emprestimo á Allemanha.

Tendo-se tornado impossivel qualquer emprestimo, pela situação creada para os paizes vencidos, proseguiu a Comissão das Reparções com os seus *contrôles* contra a Allemanha, os quaes, no fim de julho de 1922, através do *Comité* especial, assumiam as fórmias mais humilhantes e aggravantes.

A Conferencia de Londres (julho de 1922) nem ao menos chegou a resultados concretos, mas nella se intensificou ainda mais a idéa de relacionar o problema das reparações dos paizes vencidos com o das dividas dos vencedores da Europa.

E, assim, entre pedidos de moratoria por parte da Allemanha e notas contradictorias da Comissão das Reparções, os acontecimentos se succedem ao sabor do acaso.

A França, como que não desejando assumir a paternidade de novos actos de violencia, deixa que a Belgica tome a dianteira e de certa forma se torne a unica responsavel.

Tal é, em suas linhas geraes, a historia da questão das reparações, o que vale dizer do ponto o mais fundamental da vida economica do mundo.



Gerada por um engano, nascida da violencia e concebida contra todos os pactos e todos os compromissos, ella representa a ruína completa da Allemanha, a dissolução do commercio mundial, o mais formidavel equivoco que tenha jamais ameaçado a existencia da civilização na historia moderna.

Demonstrei de uma maneira exhaustiva, quer sob o ponto de vista technico, quer sob o ponto de vista financeiro, que as reparações constituem, não somente um equivoco, mas tambem o maior absurdo que se possa imaginar.

A riqueza das nações foi sempre um assumpto que eu estudei com prazer e sobre o qual, mesmo antes da guerra, escrevi alguns livros. A mim me enojou o cynismo, alliado á ignorancia, com que o abordavam os homens publicos e até mesmo pretensos peritos de algumas nações. Posso dizer conscientemente que, na sua maior parte, elles eram destituídos de bom senso e dos elementos essenciaes a todo o julgamento.

A Austria, a Hungria, a Turquia, a Bulgaria não podem pagar indemnização alguma e, pelo menos as tres primeiras, teem até necessidade de urgente soccorro. Da Allemanha se poderia exigir, desde que se não tivesse a intenção de utilizar as indemnizações como arma de compressão, que endossasse as dividas dos paizes vencedores para com a America e a Inglaterra, com uma moratoria de alguns annos; poder-se-ia reclamar tambem 20 ou 25 milhões de toneladas de carvão, durante dez annos, renunciando, porem, á cessão perpetua das minas do Sarre, cessão que, si não representa uma tentativa para matar pela violencia a nacionalidade allemã nesse territorio, é tão inutil quanto illogica, e deixando-lhe toda a Alta Silesia.

Tendo perdido todos os seus bens transferiveis, navios mercantes, colonias, creditos e organização commercial no estrangeiro, a Allemanha, ao terminar a guerra, depois de um longo periodo de fome, por causa do bloqueio, estava já em uma situação extremamente penosa. Quando se trata dos povos vencidos é preciso não esquecer que tambem elles tiveram, como os vencedores e até em proporção maior, as suas



perdas de vidas humanas. Relativamente, nenhum paiz perdeu mais do que a Hungria, e a Allemanha, mesmo levando em conta o seu excesso de população, perdeu tanto ou mais do que a França.

A Allemanha teve 1.800.000 mortos, alem de 1.000.000 de invalidos, cuja capacidade de trabalho é nulla ou quasi nulla e, embora miseravelmente, em virtude da sua propria miseria, ella tem de acudir tambem ás suas viuvvas e aos seus orphãos de guerra.

Assim, nada mais injusto, absurdo e mesmo paradoxal, do que a idéa das indemnizações, apresentada sob a fórmula de reparação dos damnos, em virtude da qual, além de prover ás suas proprias pensões de guerra, a Allemanha terá de responder pelas despezas feitas com auxilios e subvenções durante a guerra e pelas indemnizações e pensões concedidas posteriormente em todos os paizes vencedores, alguns dos quaes foram bem prodigos neste particular!

Antes mesmo da injusta decisão tomada para com a Alta Silesia, a Allemanha, no dia immediato ao tratado, havia perdido, pela divisão feita quasi a esmo do territorio tedesco, 15,5 por cento da sua população.

Perdeu, na mesma proporção, os seus mais fertes territorios agricolas, enorme quantidade de rebanhos, quatro quintos dos seus minerios de ferro e de zinco e a maior parte das suas minas de carvão, que ficou ainda obrigada a fornecer em larga escala. Ella devia o seu immenso progresso e a sua notavel prosperidade de antes da guerra ao esforço perseverante e á sabia organização de que dispunha, mais do que ás suas condições naturaes. Desorganizada toda a sua produção e privada das materias primas mais indispensaveis, a Allemanha devia soffrer na sua riqueza um golpe mortal e constitue um phenomeno verdadeiramente maravilhoso o esforço soberbo e tenaz que ella desenvolveu para evitar uma ruina completa e immediata.

A idéa da *reparação dos damnos*, que já historiamos, se transforma numa perfeita *indemnização*, desde o momento

em que abrange tambem as despezas relativas aos auxilios de guerra e ás pensões

Até então, os vencedores sempre fixaram o valor da indemnização de guerra em uma cifra pagavel em pouco tempo, mediante o esforço do governo e das economias privadas, e assim foi que a França poude pagar 700 milhões em 1815 e 5 bilhões em 1870.

Si se tivesse exigido da Allemanha uma indemnização logica e toleravel, ella teria podido pagar, apezar de todos os seus prejuizos e, com a libertação do seu territorio, facil lhe teria sido recorrer mesmo a um empréstimo externo.

Todo o mundo teria emprestado á Allemanha, certo da solidez da operação, uma vez sabido que ella retomava livremente a sua actividade economica.

Ao contrario disso, porem, reclamou-se uma cifra absurda e em todas as exigencias iniciaes dos vencedores não houve uma avaliação real e precisa dos damnos causados, mas sim uma determinação de creditos, na mais larga escala, afim de que, com as successivas reduções, na quota proporcional, coubesse ainda a cada paiz uma parte vantajosa.

Diante da enormidade das exigencias prevaleceu a idéa de dividir os creditos em uma serie de prestações annuaes. Durante quasi meio seculo a Allemanha deveria pagar annualmente alguns bilhões em ouro (a principio se falou até em 25 ou 28) e fornecer uma grande quantidade de productos.

Trata-se, portanto, não de uma indemnização de guerra mas de um *tributo servil* que os vencedores, armados até os dentes, querem impor aos vencidos inermes, tendo ainda o direito de occupar-lhes o territorio e fiscalizar-lhes a existencia.

Praticamente, a Allemanha permaneceria então escravidada, pelo menos durante quartenta annos, não podendo siquer fazer livremente as suas leis, tolhida nos seus movimentos, e os netos daquelles que declararam a guerra, deveriam ainda pagar para o resgate de culpas dos seus avós!

É preciso remontar á antiguidade ou ao mais negro periodo da idade media para encontrar cousa semelhante, isto

é, o sacrificio de um povo inteiro por culpas de remotos antepassados.

Nos tempos da sua maior prosperidade, a Allemanha, tendo que sustentar uma população exuberante e fecunda, não chegava a capitalizar mais de 10 bilhões por anno. É preciso que se note, porem, que capitalizar não quer dizer, para uma nação, augmento de riquezas transferíveis, mas sim accrescimo de instrumentos de producção.

Capitaliza-se, augmentando, por exemplo, o numero de machinas de uma fabrica ou plantando arvores em um terreno inculto, mas isso não significa crear riquezas transferíveis. Só se póde pagar uma indemnização ou um tributo, cedendo as proprias riquezas transferíveis (e isso a Allemanha já o fez), ou lançando mão de creditos provenientes do lucro realizado com a venda de mercadorias ao estrangeiro, ou cedendo colheitas por conta da indemnização. Neste caso porem, é preciso que as mercadorias e os valores cedidos sejam em quantidade tal que não venha a ser prejudicado o desenvolvimento da producção.

Antes da guerra, a Allemanha tinha uma exportação que não era superior á sua importação. Ella conseguia cobrir as diferenças por meio dos fretes, das remessas dos seus emigrantes no estrangeiro e da sua organização commercial no mundo inteiro. Só assim chegava, nem sempre aliás, a ter saldos no seu balanço. Depois da guerra, mais ainda se accentuou, pelo pavoroso deficit alimentar e pela necessidade de reabastecimento de materias primas, a diferença entre as importações e as exportações, sem que tenha havido qualquer compensação.

O grande augmento das despesas internas, exigidas na sua maior parte pela politica da *Entente*, tendo avolumado de uma maneira extraordinaria e absurda a circulação, contribuiu enormemente para a depreciação da sua moeda.

Quasi todo o mundo na Europa, inclusivé homens politicos e banqueiros, desconheciam a essencia do monstruoso tratado de Versalhes e ignoravam, portanto, a inevitavel ruína economica que o mesmo acarretava para a Allemanha.

Sobretudo nos dois primeiros annos, 1919 e 1920, em quasi todos os paizes neutros, nos paizes vencedores e até mesmo na America do Norte, se acreditou que a desvalorização do marco fosse uma consequencia da guerra e não da paz. Dahi as enormes aquisições feitas em toda a parte e a especulação que sobreveio, jogando na alta. Este erro de apreciação, baseado na ignorancia, permittiu que muitos particulares, especialmente allemães, ganhassem fortunas avultadas e permittiu tambem a constituição de disponibilidades no exterior e a aquisição de materias primas. Mas o desastre inevitavel do marco, que é, exclusivamente, uma consequencia do tratado e da politica das reparações, tolheu á Allemanha todos os recursos.

Nas circumstancias actuaes a França não poderia absolutamente desembolsar dois bilhões de francos ouro por anno, e a Italia nem mesmo um bilhão, sem uma quêda de cambio ruinosa. A Allemanha, evidentemente, não está mais em condições de poder fazer qualquer pagamento. E, assim, os continuos pedidos de moratoria, com as successivas ameaças por parte da França de occupação de novos territorios, são a consequencia da situação que se creou.

De tudo quanto ficou dito até agora resulta que:

1.º) O principio das reparações dos damnos foi incluido no pacto do armisticio de novembro de 1918 por um simples equivoco e como uma méra concessão ao espirito publico francez. *Je supplie le Conseil de se mettre dans l'esprit de la population française*, disse Clemenceau na reunião do Conselho Supremo, de 2 de novembro de 1918. A reparação dos damnos constituia uma violação de todas as precêdentes declarações da *Entente* e, sobretudo, dos quatorze principios de Wilson — ella só foi aceita por condescendencia, sem que ninguem lhe tivesse podido avaliar as consequencias.

2.º) O tratado de Versalhes, incluindo no artigo 231, contrariamente a todos os precedentes, a formula que a responsabilidade da guerra cabe unicamente ao paiz vencido, fez nascer della a consequencia do artigo 232 de que a este compete, *ipso facto*, toda a sorte de reparações.

Transformou, porem, a reparação dos damnos em indemnização, quando incluiu tambem o onus gravissimo dos subsidios pagos durante a guerra e das pensões estabelecidas depois della.

3.º) Todas as *indemnizações* anteriores eram fixadas de modo que pudessem ser pagas em curto prazo, quasi sempre em poucas semanas ou alguns mezes. A indemnização exigida dos paizes vencidos em 1918, ficou por muito tempo indeterminada e foi depois fixada em sommas tão grandes que jamais poderão ser pagas. E ao mesmo tempo se creava e se corporificava, sobretudo na França, a illusão de uma indemnização que viria restaurar as finanças avariadas dos paizes vencedores. O publico acreditou nas declarações officiaes que annunciavam uma indemnização total de 375 bilhões e uma annuidade de 14 bilhões só para a França!

Assim se estabeleceu o desequilibrio entre a phantasia e a realidade dos factos, de modo que, hoje, qualquer indemnização que a Allemanha pudesse realmente pagar, não seria accetavel para a França onde a opinião publica está completamente desnorteada com a disparidade entre o que foi prometido e o que está para acontecer.

4.º) A extrema leviandade com que a *Entente* recusou a offerta de 100 bilhões, contentando-se mais tarde com 132, mostra que o problema nunca chegou a ser examinado sériamente.

No entretanto, a obrigação imposta á Allemanha de realizar pagamentos em ouro produziu a catastrophe do cambio tedesco e a derrocada do marco, estando ella hoje ameaçada, como a Austria, de sahir das correntes do commercio internacional e de perder toda a capacidade de aquisição. Depois de haver contado com uma prestação annual de 28 bilhões, a *Entente* se encontra na impossibilidade de receber um unico bilhão, tendo intoxicado as proprias fontes da vida economica da Allemanha e impedido toda a sua actividade.

5.º) A Commissão das Reparações, com o contrapeso da occupação do Rheno, foi o meio indirecto de crear a actual situação de vassallagem, pela qual a Allemanha perdeu



os principaes caracteristicos de um paiz soberano. O que a Austria-Hungria pretendia da Servia, com o famoso *ultimatum* que provocou a guerra, é muito menos do que, pelo tratado de Versalhes e pela Commissão das Reparações, sua creatura, foi imposto á Allemanha.

6.º) O problema das reparações se apresenta cada vez mais insolúvel, porque a Allemanha só poderá fazer reduzi-dissimos pagamentos em ouro e, por outro lado, não poderá entregar a quantidade de carvão que lhe exigem, sem a conse- quente ruina das suas industrias.

7.º) A França e a Italia, não tendo pago as suas divi- das para com a Inglaterra e os Estados Unidos, e não podendo nem ao menos pagar os juros respectivos, provaram quanto é absurdo e quanto é immoral da sua parte, exigir que a Allemanha faça grandes pagamentos em ouro.

8.º) Não resolver a questão das reparações equivale não só a manter a Allemanha em uma situação de vassallagem, estancando por isso mesmo a sua producção, como a elimi- nar das correntes do commercio internacional os seus elemen- tos productores mais activos e mais importantes. Com a quéda da Austria, da Hungria e da Allemanha, accen- tua-se progressivamente a decadencia da Europa inteira, a prosperidade do mundo fica sériamente ameaçada e cada vez mais se anda para trás no caminho da civilização.

A *réparation des dommages*, que só serviu de arma para suffocar e desmembrar a Allemanha, permanece assim o mais sério problema da actualidade.

A Europa não poderá readquirir a sua paz e nem o mundo a sua prosperidade si este problema não fôr rapida e corajosamente resolvido.



Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page. The text is arranged in several paragraphs and is mostly obscured by the paper's texture and some staining.



CAPITULO TERCEIRO

**O tratado de Versalhes
como meio de continuar a guerra.
A acção do tratado
para abater e desmembrar a Allemanha.**



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE FÍSICA DE CAROLINA
CAMPUS CAROLINA
RUA DO MATÃO, 130
13506-900 CAROLINA, SP



CAPITULO TERCEIRO

O tratado de Versalhes como meio de continuar a guerra. A acção do tratado para abater e desmembrar a Allemanha.

Exhaurida por quatro annos de guerra penosissima, a Allemanha pediu a paz quando os solemnes compromissos de Wilson, em nome dos Estados Unidos da America que haviam sido factores decisivos da victoria, asseguravam e garantiam uma perfeita igualdade entre vencedores e vencidos.

Quando, porem, a Allemanha já não estava mais em condições de resistir, o tratado de Versalhes, trahindo a todos os compromissos assumidos e introduzindo na historia moderna novas fórmas de dominação e de luta, adoptou uma serie de medidas que só tinham o objectivo de suffocar e desmembrar a Allemanha, romper a sua unidade economica e politica, aniquilando todos os seus factores de existencia.

1 — As causas de oppressão derivadas do tratado.

« Eu concebo — disse Clemenceau na Camara Franceza — depois da victoria, a vida como uma luta incessante, quer na guerra e quer na paz. Creio que foi von Bernhardi quem disse que a politica é a guerra dirigida por outros meios: Nós podemos inverter o aphorismo e dizer: a paz é uma guerra dirigida por outros meios ».



Em verdade, a concepção de Clemenceau não ficou muito distante da de von Bernhardi e o tratado de paz forneceu o meio de continuar a guerra, até de maneira mais rude. É necessario verificar, porem, si este principio, após a ruina dos vencidos, não acarretará também a ruina da Europa inteira.

A guerra, dizia Tardieu, um dos signatarios do tratado de Versalhes, custou aos Alliados 1000 bilhões e estes exigem da Allemanha tão somente 350 bilhões. Os principios economicos da paz são moderados e justos, correspondendo inteiramente aos principios de Wilson!

Estas cifras, verdadeiramente phantasticas, muito concorreram para desviar o espirito publico e determinar em França as mais profundas e maleficas illusões.

Depois da guerra, era preciso empregar todos os esforços para que se não rompesse a unidade economica da Europa. Sendo esse, de facto, o interesse dos vencidos, não deixava de ser também, e muito mais fortemente, o dos vencedores.

Ao contrario disso, porem, o espirito de violencia e o desejo incontido de esphacelar a Allemanha, fizeram adoptar uma serie de disposições e de providencias que, afinal, viriam prejudicar a todos, arrastando a Europa, em poucos annos, ao seu estado actual de abatimento e decadencia.

Examinando com attenção as clausulas militares e de garantia, as clausulas politicas, economicas e financeiras do tratado de Versalhes, facilmente se chega á convicção de que o tratado foj exclusivamente preparado com o objectivo de arrastar a Allemanha á dissolução.

É bem possivel que os seus proprios autores se não tenham apercebido disso e, quanto ao Presidente Wilson, quasi se póde dizer que a Europa lhe era completamente desconhecida.

Collocado na posição de verdadeiro arbitro dos acontecimentos, elle divagava, entretanto, em uma ideologia abstracta e estéril. Ao mesmo tempo que contribuia para dissolver as nações, creava a Sociedade ou Liga das Nações.

A Italia, a bem dizer, não existia, pois os seus representantes, havendo commettido o erro de concentrar todo o seu



esforço em uma questão insolúvel, porque foi mal orientada desde o principio, a questão do Alto Adriatico, estavam quasi que ausentes.

Lloyd George teve muitas vezes a visão real dos factos, mas, nas questões em que a França era interessada, isto é, na maior parte das questões da Allemanha, elle se encontrava em uma situação muito embaraçosa e, dado o retrahimento de Wilson, foi frequentemente forçado a abandonar até as theses as mais logicas.

Tive a oportunidade de explicar, no meu livro *A Europa sem paz*, o processo psychologico que dominou a preparação do tratado de Versalhes.

Um estudo aprofundado de todos os actos da Conferencia de Paris trouxe ao meu espirito a convicção de que a acção dirigente na Conferencia ficou principalmente, senão exclusivamente, com a França.

O erro mais grave foi o de reunir a conferencia em Paris, num ambiente cheio de anciedade e de odios. Paris, que poucos mezes antes havia estado sob a pressão do canhão e dos aeroplanos tedescos, devia conter odio até no ar que respirava.

Nas grandes democracias, os homens de governo são muitas vezes os escravos, em logar de serem os dominadores das multidões. Afim de não perderem a popularidade, elles exaggeram os erros das turbas e raro é se encontrarem espiritos verdadeiramente nobres e verdadeiramente grandes que saibam afrontar a impopularidade.

Os pactos do armisticio já haviam sido muito duros. Os curtos prazos concedidos para a retirada e o licenciamento das tropas, quando a revolução campeava em muitas cidades da Allemanha, tornaram impossivel a applicação das medidas que melhor teriam podido assegurar a manutenção da ordem e impedir o desperdicio de uma enorme quantidade de materiaes e de provisões.

A obrigação de entregar immediatamente cinco mil locomotivas e cento e cincoenta mil vagões, quando todo o material ferroviario estava avariado pelo longo trabalho da guerra,



foi agravada pelo facto de que essa requisição coincidia com a desmobilização geral. Assim, os movimentos das tropas que se recolhiam e, em sentido inverso, os do material que devia ser entregue, produziram nos transportes e na produção uma desordem tão grande, que teria desorganizado e abatido immediatamente qualquer outro paiz sem o espirito de ordem e de disciplina da Allemanha.

Quando se pensa nas difficuldades que tiveram os vencedores para fazer sua desmobilização, e no grande numero de homens que ainda estavam incorporados um anno depois do armistício, facilmente se comprehende como deve ter sido anarchizada a vida da Allemanha.

Em vez de suspender o bloqueio, a desconfiança dos vencedores procurou aggrava-lo, estendendo-o mesmo até o Baltico.

Em vez de consentir a abertura de creditos para a aquisição das materias primas e dos productos alimentares mais indispensaveis, a *Entente* forçou a Allemanha a atacar profundamente as suas reservas monetarias e de valor externo. Assim, a circulação foi convulsionada e o lastro em ouro, que era de 10,2 por cento em fevereiro de 1918, desceu até 3,1 por cento. Iniciava-se deste modo a queda do marco tedesco que devia, com movimentos lentos a principio, rapidos e sinuosos mais tarde, chegar á triste situação actual.

As condições impostas á Allemanha pelo tratado de Versalhes são já agora tão conhecidas que não vale a pena reproduzi-las aqui.

Elas se podem assim resumir: concepção do desmembramento da Allemanha, pela cessão de territorios inteiramente allemães e pela divisão da Prussia em duas partes; perda da qualidade de paiz soberano, por effeito da Commissão das Reparções que, emquanto não fôr liquidada uma indemnização impossivel de satisfazer, como todos sabem, funcionará com plenos poderes, servindo-se do exercito de occupação, que é pago pela propria Allemanha, como espectro ameaçador; perda quasi completa de muitas materias primas indispensaveis, entre as quaes os minerios de ferro; paralyisia da



produção de outras materias primas fundamentaes como o carvão; cessão de todos os bens transferiveis, colonias e navios mercantes, propriedades de subditos allemães no estrangeiro etc.; escravidão economica a mais completa e absoluta.

A Allemanha inteiramente desarmada, depois da entrega de sua marinha de guerra e da redução do effectivo do scu exercito a cem mil homens, sem estado maior, sem serviço militar, nada póde fazer senão acceitar, até o seu completo esgotamento, as duras condições que lhe foram impostas.

Na introdução do tratado de Versalhes está escripto que as Potencias Alliadas, igualmente desejosas de pôr fim á guerra, quizeram conceder aos inimigos uma paz justa, solida e duradoura!

Verdadeiramente, estes tres adjectivos, si não teem em vista fazer ironia, são inteiramente superfluos.

Os vinte e sete paizes signatarios declararam que, ao entrar em vigor o tratado, se considerava findo o estado de guerra mas, na realidade, o proprio tratado contem uma serie de disposições que importam justamente na continuação da guerra.

Assim, por exemplo, a Allemanha se deve habituar a soffrer e não considerar como actos de hostilidade, as providencias de toda a sorte, até mesmo as mais vexatorias e insultuosas. Pelo artigo 18 das nórmas que regulam a acção da Commissão das Reparações, a Allemanha se obriga de facto a não encarar como actos de hostilidade as medidas que as potencias alliadas e associadas vierem a tomar, em caso de inobservancia voluntaria de qualquer clausula do tratado. Estas medidas comprehendem prohibições, represalias economicas e financeiras e, de um modo geral, tudo quanto aquelles governos possam julgar necessario, segundo as circumstancias.

Por outras palavras, estabelecida uma indemnização que, como se sabe, nunca poderá ser paga, os paizes vencedores teem o direito de praticar contra a Allemanha todas as violencias, a ella não cabendo nem siquer o direito de se queixar ou de as considerar como actos de hostilidade.

As leis da guerra continuam, pelo tratado, a regular a propriedade privada dos vencidos, e os vencedores se reservam a faculdade de limitar os direitos de propriedade dos allemães, referentes á industria, á arte ou á litteratura, ainda mesmo que hajam sido adquiridos depois da paz.

A destruição e a apropriação da propriedade intellectual (artigos 306 e 311), é cousa sem precedentes na historia moderna e constitue até uma offensa á intelligencia dos proprios vencedores que, implicitamente, assim se confessam incapazes de produzir tanto quanto a Allemanha, estando, porem, promptos a lançar mão dos recursos do seu esforço intellectual, como dos productos do seu sólo ou subsolo.

Desde o principio, a preocupação dominante foi a de collocar a Allemanha em uma situação de completa inferioridade moral. Assim é que o tratado, em todas as suas clausulas, estabelece uma clara e perfeita distincção entre o povo allemão e os demais povos, annullando, sem a menor necessidade, até os tratados de character economico anteriormente firmados pela Allemanha.

Ao Japão, a quem ella não declarára guerra, foi obrigada a ceder Schantung, o que afinal se comprehende mais do que a renuncia que lhe impuzeram para com a China, de todos os tratados existentes.

Dahi decorre que, enquanto os subditos de todos os paizes europeus não podem ser julgados pela justiça chinesa, só os allemães, agora, como povo inferior, estão a ella submettidos (artigos 128 e 134).

Do mesmo modo a Allemanha foi expulsa do Sião, da Liberia, de Marrocos e do Egypto, perdendo todos os beneficios dos antigos tratados.

O artigo 155 dispõe que a Allemanha deve ratificar préviamente os accórdos e tratados que os paizes da *Entente* vierem a fazer com a Bulgaria e a Turquia, relativamente a direitos, privilegios e interesses de qualquer natureza. Taes disposições, aberrantes de toda a justiça e do mais rudimentar senso commum, annullam até tratados de character juridico

e cultural. Uma vez que não era possível a apropriação dos bens dos súditos allemães, como para os territorios directamente allemães, recorreu-se a um subterfugio pelo qual á *Entente* cabe o direito de exigir que o proprio governo allemão exproprie os direitos e a participação de allemães nas emprezas publicas, afim de utilizar estas emprezas para pagamento das reparações.

O governo tedesco tem enfim o dever de fornecer á *Entente* todos os elementos para este sequestro indirecto e ainda a obrigação de resarcir os seus concidadãos. Taes disposições visam uma expropriação e tambem collocar a Allemanha completamente fóra das provincias da Turquia.

Afim de prejudicar a economia allemã, foram annullados os tratados entre a Allemanha e o Luxemburgo, os quaes eram todos favoraveis ao desenvolvimento dos dois paizes (artigos 40 e 41). Em virtude do accôrdo alfandegario com a Allemanha, se constituiria em ambos os paizes uma importantissima industria siderurgica, baseada na unção dos grupos industriaes tedescos.

A Allemanha perdeu então, não somente as materias primas, mas os artigos semitrabalhados já fornecidos ao Luxemburgo.

A Allemanha, separada propositalmente da Rússia, que podia ser para ella, depois da perda de territorios, das colonias, das materias primas e da organização commercial no exterior, um grande centro de actividade renovadora, foi estrangida a acceitar a annullação dos seus tratados e convenções (artigos 116 e 117), e a reconhecer préviamente, não só as fronteiras de todos os novos paizes, como tambem os tratados que as potencias da *Entente* viessem a celebrar com os paizes, constituídos ou por instituir, sobre o antigo territorio russo.

Alem de tudo aquillo que podia humilhar o povo allemão, como o processo do Kaiser e dos officiaes tedescos, verdadeiros actos de loucura que eu procurei evitar com todos os meus esforços, o tratado timbrou em considerar os allemães, na Europa e fóra della, como excluidos dos privilegios

da civilização. A todos os outros povos da terra se concederam regalias que só ao povo allemão foram negadas.

A cessão completa da marinha mercante e dos cabos submarinos allemães foram violencias inuteis e prejudiciaes, destinadas unicamente a augmentar a desordem e aggravar a crise.

Antes da guerra, os navios de ferro e aço deslocavam no mundo inteiro 42.500.000 toneladas. A Allemanha tinha uma frota tecnicamente admiravel de mais de 5 milhões de toneladas e a Inglaterra, que a todos superava, 19 milhões. Em junho de 1922, a tonelagem mundial subia a cerca de 57 milhões ou, sejam, mais 15 do que antes da guerra.

Da Allemanha, não obstante, foram tomados todos os navios e, emquanto os vapores permanecem ancorados nos portos, por falta de trafego, a *Entente* exigiu até construcções navaes por conta das reparações!

Com uma comprehensão muito mais larga e intelligente, a delegação allemã havia proposto a formação de uma grande associação mundial da qual faria parte a frota germanica que deveria proceder, no interesse commum, de accôrdo com as dos outros paizes.

As disposições referentes á utilização dos machinismos industriaes serviram, ellas tambem, para deixar a industria allemã na mais completa dependencia dos seus concorrentes. Por estas disposições é possivel requisitar, em cada fabrica, até um terço dos seus machinismos e materiaes e, assim, não ha industria que tenha segurança.

Sendo gratuitos e independentes de qualquer compensação todos os fornecimentos feitos á *Entente*, só a Commissão das Reparções póde estabelecer, sem audiencia das partes interessadas, quaes as mercadorias que devam ser exigidas. Isto não significa apenas escravidão economica, mas tambem incerteza e instabilidade para todas las industrias.

O que se fez com o carvão vae ser examinado em um capítulo especial e nada é mais prejudicial á economia dos proprios vencedores do que esta obtenção gratuita de merca-



dorias cuja utilização só os órgãos do governo podem determinar.

A Allemanha não tem mais liberdade alfandegaria e, além do facto de se tornar o Sarre um territorio alfandegario francez, ficou obrigada a conceder o mesmo tratamento a todos os paizes vencedores.

Ella não póde decretar restricções á importação (artigo 264), nem limitar com impostos a exportação de qualquer producto. Praticamente não tem o direito de realizar tratados de commercio e é obrigada, sem reciprocidade, a varios onus dos quaes não ha exemplo na historia, mesmo sem levar em conta as gravissimas disposições especialmente arranjadas para a Polonia, para a Alsacia-Lorena e para a zona do Rheno.

A Allemanha não exerce mais soberania nos seus mares territoriaes (artigos 271-273) e nelles a pesca é livre para os paizes vencedores, em condições inteiramente excepcionaes.

Até o presente, todo o navio devia ser inscripto no porto onde exercia a navegação. O tratado, porem, permittiu que os navios dos paizes centraes pudessem ser registados mesmo em logares muito afastados do movimento naval. Os paizes centraes podem, portanto, possuir frotas commerciaes em portos allemães, sob a sua propria bandeira.

Em todos os paizes do mundo, a legislação maritima vigente estabelece que a navegação dos portos allemães deve ser exercida com a bandeira allemã, mas agora inventou-se até a instituição hybrida e absurda dos portos isentos de registo.

Dentro da Allemanha os cidadãos dos paizes vencedores não estão sujeitos a quaesquer restricções na sua actividade e o governo é até obrigado a assegurar-lhes uma constante e efficaz protecção.

O governo allemão tambem não póde fazer objecção alguma no que diz respeito ás nomeações dos consules e agentes consulares estrangeiros, devendo acceital-os, sem direito a qualquer exame ou restricção (artigos 278-281).

A Allemanha está obrigada a tomar todas as medidas administrativas ou legislativas necessarias para garantir, contrá



qualquer concorrência desleal, os productos naturaes ou originariamente fabricados em qualquer das potencias alliadas ou associadas. Deve tambem reprimir e cohibir, mediante sequestro ou outra qualquer providencia, a importação, exportação, fabricação, circulação e a venda no paiz, de todo o producto ou mercadoria que, no seu aspecto exterior, marcas, nomes, inscrições ou signaes de qualquer especie, contenha indicações não exactas quanto á sua qualidade e natureza especial (artigo 274). Estas disposições, ainda mais aggravadas para o commercio dos vinhos (artigo 275), querem dizer que os vencedores tem o direito de falsificar os productos e de dar indicações não verdadeiras quanto á sua origem e natureza, faculdade esta interdicta aos vencidos que, só elles, são obrigados á honestidade commercial, ficando a deshonestidade como um direito exclusivo do vencedor. Pelo tratado de Versalhes é este, de facto, o mais fundamental direito da victoria.

A Allemanha não tem mais liberdade para combinar e concluir tratados, nem mesmo sobre assumpto postal ou telegraphico. São os vencedores que estabelecem os tratados que devem ser mantidos, ficando a Allemanha desde já obrigada á aceitar todos os accôrdos feitos entre os actuaes adversarios, sem poder contrariar ou discordar de qualquer disposição (artigos 282-295).

A questão das dividas entre o estado e os cidadãos da Allemanha foi regulada (artigo 296 e annexos) da maneira a mais injusta e absurda, e nós poderíamos fazer uma longa exposição para demonstrar como as injustiças só foram ultrapassadas pelos erros commettidos.

A navegação aerea commercial (artigos 313-320), ficou prejudicada e paralyzada no seu desenvolvimento porque, emquanto a *Entente* tem no territorio allemão todas as facilidades e as aeronaves estrangeiras gozam das mesmas regalias e vantagens das allemãs, liberdade de vôo, uso de estações etc., não existe reciprocidade alguma.

Todas as vias de comunicação da Allemanha, rios, canaes, portos, caminhos de ferro, estão sujeitas a uma serie



de limitações que só teem o objectivo de entrar a sua actividade (artigos 321-386).

É realmente admiravel que a Allemanha tenha podido resistir a tantas limitações, constrangimentos, onus e humilhações inuteis, sem um completo esphacelamento.

Quando se pensa que rios allemães, como o Elba, o Niemen, o Oder e o Rheno, são considerados rios internacionaes e administrados por commissões internacionaes, tem-se a mesma sensação de espanto que experimentaríamos si delegados allemães e russos adminstrassem o Tamisa, o Rhodano ou o Pó. Quando se sabe que na administração os allemães estão em minoria e que nella se encontram até representantes da Italia, da Inglaterra e da Tcheco-Slovaquia; que na administração do Oder, composta de nove membros, dos quaes apenas tres são allemães, figuram representantes da Inglaterra, França, Suecia, Dinamarca e Tcheco-Slovaquia, tem-se uma impressão de tristeza e de humilhação. O Rheno, que é um rio quasi inteiramente allemão, está administrado por uma commissão de dezenove membros, dos quaes só quatro são allemães. Esta commissão, com a sua séde em Estrasburgo, é dirigida por um presidente nomeado pela França que ainda tem quatro representantes.

Toda a maravilhosa rêde de rios e canaes da Allemanha que, conjugada com as estradas de ferro, constituia a maior riqueza economica de um paiz com população densa e territorio plano, foi entravada e paralsada na mais largá proporção que era possivel.

A Allemanha foi obrigada a ceder a paizes centraes, durante 99 annos, o uso e gozo de areas, com o regimen de zona alfandegaria franca, nos portos de Hamburgo e Stettin, garantindo-lhes mais a passagem directa pelo seu territorio.

Assim, enquanto perdia o porto de Dantzig e era obrigada a entregar a sua frota mercante, a Allemanha via os seus portos mais importantes entrarem em um regimen de verdadeira dependencia.

Além da entrega de grande cópia de material ferroviario, a Allemanha teve de ceder as linhas e o material

fixo dos territorios que perdeu. As estradas de ferro, constrangidas a uma serie de utilizações de character militar, para o exercito de occupação, e a transportar carvão e mercadorias por conta das reparações, ficaram a bem dizer paralyzadas com a instituição do corredor polaco. É a primeira vez no mundo que se divide um paiz em duas partes, para servir ao trafego de um terceiro paiz que, em ultima analyse, não participára da guerra e nem siquer existia nesse tempo como nação.

Emquanto o tratado julga que a Tcheco-Slovaquia e a Polonia, dois paizes centraes de recentissima formação, tem uma necessidade tão grande do mar que não é possivel evitar a humilhação e a escravização da Allemanha, esse mesmo tratado, com relação a outros paizes igualmente centraes, mas que foram vencidos, acha que não precisam de communicação directa com o mar.

A Bulgaria tinha ancias pelo mar, porem, pela logica dos vencedores, quem não ganha na guerra não precisa de mar. Assim a Austria, a Hungria e, do mesmo modo, paizes como a Suissa, que sempre se mantiveram sinceramente neutros.

Para communicar com a Prussia Oriental os habitantes da Prussia Occidental devem passar em territorio polaco e o trafego ferroviario é impedido e obstado por todos os modos.

Mesmo sem levar em conta as numerosas disposições, especialmente destinadas a prejudicar a vida da Allemanha, verifica-se que a applicação do tratado nos ultimos tres annos só teve o objectivo de romper a unidade allemã e de matar a Allemanha economicamente. Na impossibilidade de vencer as industrias allemãs em concorrência leal, pelo trabalho e pela intelligencia, cogitou-se simplesmente de provocar o seu exterminio.

Estas tendencias se manifestaram desde o primeiro instante.

O que se deveria ter feito, logo depois da paz, era reatar as relações commerciaes e, antes de mais nada, as relações diplomaticas. Preferiu-se, todavia, tratar com a Allemanha, não por intermedio de representantes diplomaticos, mas sim de commissões e representantes militares.



Na Conferencia de Londres, e mesmo depois, eu achei que devia agitar esta questão, e encontrei sempre a mais viva opposição. Ratificada a paz, a guerra continuava.

As tentativas para favorecer movimentos separatistas surgiram logo no inicio e durante a preparação do tratado.

Por muito tempo foi requestada a separação da Baviera e depois a reunião da Baviera com a Austria. Por ocasião do tratado de paz chegou-se mesmo a suscitar a duvida sobre si a Baviera deveria ou não assignar separadamente.

No inverno de 1919 eu fui fortemente solicitado, por parte de um dos governos alliados, para que a Italia nomeasse representantes diplomaticos junto aos principaes estados allemaes, alem do de Berlim. Julguei não dever acceder ao convite que importava em offensa á constituição allemã e ao proprio tratado de paz. Isso não impediu que a França nomeasse um representante diplomatico na Baviera.

No discurso que pronunciou no Reichstag a 30 de janeiro de 1922, o ministro das finanças Hermes resumiu bem claramente a situação de impossibilidade em que se encontrava a Allemanha para cumprir as obrigações que lhe haviam sido impostas.

Na realidade, as exigencias do tratado não visam absolutamente a paz e nem mesmo a indemnização, mas tão somente a desagregação da Allemanha pela continuação da guerra.

2 — O Sarre.

O territorio do Sarre é inteiramente allemão e nunca ninguem em França chegou a pensar na possibilidade de uma anexação.

Quando surgiu o pedido de anexação, por parte da delegação franceza, durante as sessões da Conferencia de Paris, houve uma sensação de verdadeiro assombro! Tendo reclamado a concessão perpetua da bacia carbonifera do Sarre, como compensação dos danos passageiros soffridos pelas



minas do Pas-de-Calais, a França, a principio, queria tambem a soberania directa de um extenso territorio onde não existem francezes. Isto equivaleria, caso tivessem vencido os Imperios Centraes, á requisição da provincia de Verona, por parte da Austria ou á annexação do Franco Condado e da Borgonha por parte da Allemanha.

A sensação de assombro foi de tal ordem que produziu uma verdadeira crise na Conferencia. A 28 de março de 1919, Lloyd George declarou aos delegados francezes: «Não renovemos o erro commettido pela Allemanha, em 1871, em nome de um pretenso direito histórico. Não façamos novas Alsacias-Lorenas!».

Mas emquanto a Alsacia e a Lorena conteem fortissimos nucleos de população tedesca, o Sarre não tem um só nucleo francez e é uma zona inteiramente allemã. A delegação dos Estados Unidos e a da Inglaterra acharam tão absurda a pretensão que o desaccôrdo tomou aspecto de um conflicto.

Chegou-se depois a uma transacção de que não ha precedentes na historia. Tendo cedido definitivamente as minas de carvão do Sarre, a Allemanha teve tambem de garantir o seu uso e gôzo.

A Allemanha cedeu então as minas e o governo francez ficou com a propriedade livre absoluta, devendo o seu valor entrar na conta das reparações (artigos 45-50 e *annexe*). A Allemanha renuncia ao territorio do Sarre em favor da Sociedade das Nações, considerada como fideicommissaria. Decorridos quinze annos, um plebiscito decidirá si o Sarre deve pertencer á França ou á Allemanha. As minas cedidas foram não só as que pertenciam ao governo mas tambem as que eram propriedade de sociedades commerciaes e de particulares. Si o Sarre por acaso voltasse ao dominio da Allemanha, verificar-se-ia o paradoxo de um territorio cujo solo pertence a um paiz e cujo subsolo é propriedade de outro.

Durante esse periodo de quinze annos, o Sarre será governado por uma commissão nomeada pela Sociedade das Nações e composta de cinco membros, dos quaes um francez



e um outro escolhido entre os habitantes não francezes. A commissão tem todos os poderes de que dispunham anteriormente o Imperio Allemão, e Prussia e a Baviera, e mais os relativos aos serviços publicos, aos caminhos de ferro e aos canaes. A justiça é distribuida tambem em nome da commissão, que tem o direito de decretar impostos e de ordenar despezas. A zona alfandegaria é annexada á França.

E, logo em seguida á occupação, começou o trabalho para a desnacionalização do territorio. Alem de um grande numero de agentes de toda a especie, impuzeram-lhe uma guarnição franceza de 7.500 homens; a lingua franceza ficou sendo obrigatoria nas escolas; foram expulsos innumerous habitantes e a viagem do Sarre para o resto da Allemanha só é possível com passaportes especiaes.

Allemaes ha mais de mil annos, os filhos do Sarre nem ao menos se podem communicar livremente com a Allemanha.

Apezar de serem quasi exclusivamente allemaes, os operarios das minas passaram a ser pagos em moeda franceza. Privados dos direitos politicos, obstados no seu desenvolvimento cultural, abolida de facto a liberdade de imprensa e de reunião, os habitantes do Sarre ainda tiveram de supportar as tropas polychromas que a França mandou para o seu territorio. Numerosos cidadãos allemaes, homens de negocios, redactores e directores de jornaes foram expulsos.

A separação alfandegaria do Sarre e da Allemanha teve por fim a separação economica. Em 1913 o territorio produziu 13.204.000 toneladas de carvão, 1.340.000 de ferro bruto e 2.080.000 de aço. Em consequencia da forte producção de aço havia uma média de 350.000 toneladas de escorias Thomas, que eram utilizadas como adubos e contribuiam fortemente para o desenvolvimento da agricultura allema.

Possuindo todo o carvão, tendo nas mãos os minerios de ferro e dispondo do regimen alfandegario, a industria siderurgica franceza iniciava com o Sarre, e completava depois com a Alta Silesia, o seu programma de monopolio da siderurgia continental.

A introdução da moeda franceza agia ao mesmo tempo como um pesado tributo de exportação contra a Allemanha.

Em virtude de todas estas medidas, a producção do Sarre decahiu. A do ferro bruto desceu de 1.340.000 toneladas para 643.745 em 1921, e a do aço, de 2.080.000 para 986.046. Apezar de possuir a França escorias Thomas em quantidade muito superior ás proprias necessidades, o governo, só em prejuizo da Allemanha, prohibiu a exportação, tendo descido a producção de 350.000 para 175.000 toneladas. O governo do Sarre reconheceu a prohibição franceza e a diminuição ainda mais se accentuou.

A prohibição foi depois levantada em março de 1921, mas quando já o periodo util para a agricultura havia passado.

Oitocentos mil allemães estão submettidos por quinze annos a um governo dictatorial, estranho ao seu paiz, e serão constrangidos a um plebiscito depois do completo processo de desnacionalização que vão soffrer. A fôrma de governo é uma derivação da Sociedade das Nações, da qual só a Allemanha não faz parte, sempre por não haver cumprido aquellas obrigações do tratado que, todos o sabem, são inexequiveis.

Assim, quaesquer reclamações dos habitantes á Sociedade das Nações cahirão no vacuo, e as violações do proprio tratado de Versalhes, como aquella pela qual foi feita a occupação militar franceza, e a substituição da moeda allemã pelo franco, não terão opposição séria.

Na sessão de 10 de maio de 1922, o presidente apresentou á Conferencia de Genova, um memorial dos habitantes do Sarre, reclamando contra os obstaculos que estão entrando e impedindo o desenvolvimento commercial da bacia e solicitando que a Conferencia examinasse os meios mais efficazes de remediar a situação. Propoz que se mandasse o memorial para a acta.

Lloyd George observou que a questão devia ser examinada pelas potencias alliadas e associadas, signatárias do tratado de Versalhes, e que a ellas, portanto, devia ser encaminhado o memorial.

Barthou, em nome da delegação franceza, objectou que a Conferencia não podia absolutamente abordar a questão do Sarre. O memorial, por isso mesmo, não devia ser enviado ás potencias alliadas e associadas e nem consignado na acta, porque este simples factó importava em uma attenção que o governo francez não podia consentir.

E, assim, todas as grandes culpas imputadas aos allemães na colonização interna do territorio polaco submittido á Allemanha, nada são em face do que occurre no Sarre, que foi desligado economicamente da Allemanha, com a idéa preconcebida de uma separação politica dentro de poucos annos.

3 — A desordem da Allemanha oriental, o corredor de Dantzig e o desmembramento da Alta Silesia.

Depondo as armas sob a pressão da fome, na certeza de uma paz justa, tal como a *Entente* a havia promettido, e na convicção de que depois da guerra viria o desarmamento geral, gozando vencedores e vencidos de garantias communs na Sociedade das Nações, a Allemanha estava preparada para a restituição da Alsacia-Lorena, para a indemnização da Belgica e para a restauração dos territorios francezes invadidos. Eram as consequencias inevitaveis de uma guerra perdida e tambem de uma paz justa.

Entretanto, o que occurreu depois da paz escapou a todas as presivões dos allemães e, é preciso accrescentar, escapou tambem a todas as previsões dos paizes vencedores que ainda hoje ignoram as consequencias que póde acarretar a politica dos tratados.

Toda a Allemanha occidental ficou desorganizada pela cessão da Alsacia-Lorena e mais ainda pela separação violenta e inexplicavel do Sarre, pela cessão á Belgica de territorios em que ninguem havia jámais pensado, e pelo numeroso exercito de occupação no Rheno, que ameaçava sempre e ainda hoje ameaça passar á margem direita do rio, aliás já occupada, sob o pretexto de faltas no pagamento de indemni-

zações, que não eram previstas e que, como todos sabem, jámais poderão ser pagas. Ficou desorganizada tambem no seu regimen alfandegario, pelas providencias adoptadas para o Luxemburgo, e condemnada a ter toda a zona do Rheno em permanente desordem. E o mesmo programma, com mais amplitude e mais violencia, se applicava tambem á Allemanha oriental.

Surgiu uma nova Polonia, não composta de elementos seguramente polacos, como Wilson havia proclamado e todos a queriam, mas com largos nucleos allemães e russos, de modo tal que os elementos polacos representam pouco mais de metade da sua população. Esta Polonia nova que, com as suas idéas imperialistas, prepara para si e para ás suas populações resurgidas um destino terrivel, si não reparar em tempo os erros commettidos, desempenha a absurda função de constituir um agente militar da França contra a Allemanha e de separar permanentemente a Allemanha da Russia, isto é, os dois povos mais numerosos e mais expansivos da Europa continental.

Emquanto a Austria era desmembrada e a sua população allemã distribuida quasi ao acaso entre os novos paizes visinhos, em toda a Allemanha oriental se implantava a desordem, os territorios eram divididos e convulsionados, e a producção se desorganizava completamente.

Creada a Polonia, uma parte da Prussia Oriental lhe era entregue juntamente com a Posnania. Creado o estado livre de Dantzig, que não tinha e nem tem rasão de existencia, constituia-se o chamado corredor de Dantzig pelo qual a Prussia ficava bipartida. Na historia moderna era absolutamente inédito o facto de uma nação, grande e progressista, ser separada em duas partes e obrigada, em todos os seus movimentos, a soffrer o *contrôle* de um outro paiz.

Alem disso, o mais importante territorio da Allemanha, a Alta Silesia, era occupado por tropas alliadas, enquanto se aguardava o resultado de um plebiscito que devia decidir dos seus destinos. As fronteiras da Allemanha, taes como foram determinadas pelos artigos 27 e 28 do tratado de Ver-

salhes, contem a mais flagrante violação dos principios de autonomia e são méras divisões de territorios, feitas a esmo, com offensa ao direito das gentes.

O effeito immediato de tudo isto foi a diminuição do commercio e a desorganização de toda a produção, destruindo-se assim o que representava o trabalho de muitos seculos. Com a solução do corredor de Dantzig, lembrando-se de que uma parte da Prussia Oriental havia estado sob sua vassalagem, de 1525 a 1657, a Polonia procurou meios de dominar em todo o territorio, mesmo no mais meridional. É preciso lêr o memorial apresentado pela delegação polaca a Balfour, então ministro do exterior, em março de 1917, e ao Presidente Wilson, em outubro de 1918, para ver quão extravagantes eram as pretensões que foram em grande parte sancionadas pelo tratado de Versalhes.

Destacava-se da Allemanha oriental a circumscripção de Memel, com a cidade de Heidekrug, fundada pelos allemães ha 650 annos, e parte das circumscripções de Tilsit e Ragnit, pertencentes á Allemanha desde 1422.

Tentava-se ainda, alem das circumscripções de Oletsko, Ortelsburg, Reidenburg, Johannesburg, Lik, Sensburg, Allenstein, Osterode, Lölzen, Rossell, que fazem parte da Allemanha ha mais de quinhentos annos, arrebatat-lhe tambem as circumscripções de Stuhm, Marienburg, Marienwerder e Rosenberg, da Prussia Oriental. Si um plebiscito favoravel á Allemanha por nove decimos da votação, não houvesse difficultado alguns propositos de desmembramento contidos no tratado, toda a Allemanha oriental teria sido esphacelada. A divisão da Prussia em dois territorios separados, a formação do corredor polaco em terra allemã, a separação de Dantzig e a cessão á Polonia de grandes territorios prussianos, inclusivé uma parte da Pomerania, comprometteram toda a economia de uma zona vastissima. Os territorios entregues á Polonia representam, não somente a perda de trez milhões de homens, mas tambem a dos recursos agricolas mais importantes. A Allemanha ficou sem um quarto da sua produção total de trigo e sem um sexto da de batatas.



Separada do Imperio, como se fosse uma colonia, a Prussia Oriental está circumdada por territorio polaco, pela Lithuania e pelo mar, permanecendo o alvo dos arbitrios da Polonia.

Por effeito do tratado, vinte e uma circumscripções da Prussia Occidental e o angulo sudoeste da Prussia Oriental, com mais de um milhão de habitantes, foram destacadas do Imperio, sem plebiscito, para formar o corredor polaco. Memel se tornou objecto de contestação arbitraria e Dantzig se constituiu em estado independente.

Nos seus quatorze principios, Wilson que, de facto, quasi não conhecia a Europa e muitas vezes se louvava em peritos de grande inexperiencia, havia declarado somente que era preciso formar uma Polonia com populações inquestionavelmente polacas, garantindo-lhe uma sahida para o mar. Ora, uma Polonia de 18 ou 20 milhões de homens, com a certeza de ter garantias seguras no porto de Dantzig, era o cumprimento exacto de uma das promessas da *Entente*.

Mas o objectivo daquelles que prepararam o tratado consistiu em desorganizar o territorio e, mais ainda, a producção allemã.

A velha cidade hanseatica de Dantzig, patria de Schopenhauer e de muitos dos mais insignes intellectuaes allemães, com o seu rico territorio agricola, começou a florescer no anno de 1250, pela immigração de negociantes e navegadores tedescos, sobretudo vindos de Lübeck. Tornou-se cidade allemã em principios do seculo 14 e em 1360 entrou para o ról das cidades hanseaticas, nucleo fundamental da actividade tedesca e do germanismo. A circumscripção de Dantzig não tem mais do que um por cento de habitantes polacos, a de Marienburg, cedida em parte, tem 3 por cento; Dantzig Höhe tem 11 e a cidade de Dantzig propriamente dita não chega a ter 4 por cento.

Não obstante, sem ao menos consultar as populações, que nunca haviam manifestado o desejo de passar a um outro paiz, Dantzig representa hoje um estado a parte, collo-

cado aparentemente sob a jurisdição da Sociedade das Nações mas, de facto, sob o *contrôle* da Polonia.

Com uma população de 330 mil habitantes e uma superficie de 1920 kilometros quadrados, Dantzig constitue um estado livre, somente na apparencia, visto como no seu governo, que emana da Sociedade das Nações, o que vale dizer dos paizes vencedores, a Polonia exerce de facto uma acção preponderante. Só é possível communicar com Dantzig pelo corredor, isto é, pelo territorio attribuido abusivamente á Polonia; a Polonia representa no estrangeiro o estado livre, o que é uma legitima expressão de soberania (artigo 104), e desfruta ainda uma série de privilegios economicos.

Pela constituição de 11 de agosto de 1920, imposta ao novo estado livre, tudo gravita em torno da Polonia e, desde 1.º de janeiro de 1922, Dantzig entrou na união alfandegaria polaca.

Para ir da terra de Kant á de Schopenhauer, os dois maiores pensadores, não só da Allemanha como da Europa moderna, isto é, para ir de Königsberg a Dantzig (*) é preciso atravessar territorio polaco, do mesmo modo que para ir de Dantzig a Berlim. Nunca a historia moderna havia registado absurdos mais estranhos e mais confusos.

Para desorganizar completamente a producção da Allemanha oriental, ferindo de morte a siderurgia allemã e todas as industrias do ferro, que representavam a quinta parte da exportação germanica, era preciso, depois de tomadas as minas do territorio do Sarre, que ficou incluído no systema alfandegario francez, comprometter tambem a situação da Alta Silesia, o maior centro de producção mineira, a grande reserva economica da Allemanha e, por isso mesmo, da Europa.

Estabelecendo-se o conflicto entre a Polonia e a Allemanha, arrebatando-se-lhe a Alta Silesia ou parte della, a producção seria golpeada nas suas proprias fontes vitaes.

(*) Kant nasceu em Königsberg em 1724 e Schopenhauer nasceu em Dantzig em 1788.



Já havia sido, porem, uma cousa enormemente arbitraria desligar o territorio de Dantzig da Allemanha, e muito mais grave seria destacar tambem a Alta Silesia. Si se tinha conseguido arranjar argumentos para a Posnania, e mesmo para Dantzig, onde encontra-los para a Alta Silesia que pertencia á Allemanha, ininterruptamente, ha mais de mil annos?!

Nem a mais temeraria das phantasias, antes ou durante a guerra, teria dado a menor attenção ás aspirações polacas sobre o territorio da Alta Silesia, que jámais fora objecto de duvidas ou contestações.

Apezar disso, o artigo 88 do tratado de Versalhes impoz um plebiscito para a Alta Silesia, definindo-lhe as nórmas em um *annexe* ao qual ninguem ligou importancia e que nem ao menos foi sujeito a qualquer exame sério durante a Conferencia. Este annexo, entretanto, trazia no bôjo disposições capazes de tornar viaveis e possíveis os maiores absurdos.

Examinando as actas da Conferencia de Paris, vê-se que a primitiva redacção do tratado não falava em plebiscito.

No projecto das condições de paz, porem, entregue aos allemães em 7 de maio de 1919, a Alta Silesia passava para a Polonia sem a menor formalidade e, só depois, como isso fosse forte demais, cogitou-se do plebiscito.

A historia da Alta Silesia e das violencias que alli foram praticadas, após o tratado de paz, para obrigar os seus habitantes a votar pela Polonia, mereceria um volume especial. Nunca talvez a legalidade serviu para encobrir maiores violencias e nunca as apparencias de legalidade estiveram em tão frisante contraste com as violencias da realidade.

A Alta Silesia encerra todas as maiores jazidas de carvão fóssil do continente europeu. Havendo sido forçada á ceder as minas do Sarre e a fornecer grandes quantidades de carvão, a título de reparações, depois de ficar sem quatro quintos dos seus minerios de ferro, a Allemanha, com a perda total ou parcial da Alta Silesia, completava a sua ruina economica.

A Alta Silesia é uma zona essencialmente mineira, com 34 por cento de florestas e 55 por cento de campos culti-

vados, onde existem enormes quantidades de ferro, carvão, zinco etc.

Nas vespéras da guerra (1913) ella dava uma produção de 40 milhões de toneladas de carvão, um quarto da produção allemã de chumbo e 17,5 por cento da produção mundial de zinco.

As suas enormes jazidas de carvão são as mais ricas da Europa continental e, mesmo que o consumo cresça consideravelmente, chegarão para milhares de annos.

A sua rêde ferroviaria, principal e secundaria, com os seus innumeraveis troncos de ligação e ramaes que unem entre si os centros de produção, os conductores de energia electrica que medem milhares de kilometros, a serie de enormes aqueductos, o desenvolvimento da grande industria mineira e das grandes industrias mechanicas, colligadas entre si no interesse commum e tambem no da propria natureza da produção — formam da Alta Silesia uma grande, uma importantissima unidade economica. E, perdida esta, toda a industria germanica tinha de ser profundamente ferida.

Quando o plebiscito de 20 de março de 1921 surtiu favoravel á Allemanha e não padecia duvida, ao menos pela fé dos tratados e do proprio tratado de Versalhes, que a Alta Silesia ficaria com a Allemanha, o governo tedesco, em sua nota de 7 de abril, expoz claramente as razões da indivisibilidade do territorio.

A Alta Silesia é uma região essencialmente mineira e o seu regimen economico se desenvolveu em connexão a mais intima com as forças economicas da Allemanha.

A agricultura allemã fornecia á Alta Silesia o supplemento de viveres que esta não podia produzir, como a industria allemã fornecia os materiaes e as manufacturas.

O mercado monetario allemão facilitava os creditos e os capitaes e era nas escolas da Allemánha que se formavam os funcionarios e operarios aos quaes a industria da Alta Silesia deve o seu immenso progresso actual.

Ella, por outro lado, tinha na Allemanha o principal cliente dos productos do seu sólo e da sua industria, e só



a situação privilegiada que para esta foi creada no mercado allemão permittiu que vivesse e supportasse a concorrência. Separar a Alta Silesia da Allemanha, no todo ou em parte, importa em matar a sua industria.

Convem lembrar ainda que o territorio da Allemanha constituia o mais importante mercado para o carvão silesiano, graças ás tarifas de favor das estradas allemãs; que mais da metade da madeira necessária aos trabalhos de armação das minas provinha da Allemanha; que a industria do ferro só se poudo desenvolver na Alta Silesia, apezar de grandes difficuldades, graças ás tarifas excepçõaes dos transportes prusianos; que a industria do zinco só na Allemanha encontra os estabelecimentos necessarios ao tratamento do minerio; que todos os machinismos e utensilios da industria silesiana vinham e veem da Allemanha. Cortar, portanto, total ou parcialmente, as communicações da Alta Silesia com o territorio allemão, importa em estancar-lhe as proprias fontes de vida.

Em ultima analyse, postas de lado todas as considerações éthnicas e economicas, o tratado de Versalhes affectava a decisão ao plebiscito e estabelecia que, retiradas as tropas tedescas, o territorio devia ser occupado por forças alliadas e governado por uma commissão composta de representantes das quatro potencias alliadas e associadas, que depois se reduziram a tres pela retirada dos Estados Unidos.

Si a base da população polaca na Alta Silesia era constituída principalmente por immigrants, lavradores e mineiros, é preciso confessar, por sinceridade, que a Allemanha, durante o seu longo dominio, tudo havia feito para que prevalecesse o elemento germanico.

Um mez depois de ter entrado em vigor o tratado de Versalhes, a 11 de fevereiro de 1922, chegava a Oppeln, cidade principal da Alta Silesia, e iniciava immediatamente o seu governo, a commissão inter-alliada composta dos tres chefes das delegações da Inglaterra, França e Italia. Allemães e polacos começaram desde logo o movimento de propaganda do plebiscito. A principio tudo correu bem mas, pouco depois, principalmente pela acção dos polacos, occorreram actos de

grande violencia que assumiram verdadeira gravidade no mez de agosto.

Para favorecer o resultado e conquistar votos, o governo allemão e o polaco promettiam a autonomia da Alta Silesia, caso lhes fosse favoravel o plebiscito. Todo o territorio foi invadido por bandos de desordeiros, entre os quaes o capitaneado pelo caudilho polaco Korfanty, que procurava perturbar a livre manifestação da vontade popular. Korfanty annunciára mesmo que, si permittissem o voto aos emigrantes, a Alta Silesia ficaria transformada em uma segunda Macedonia. A these de não acceitar o voto dos emigrantes foi defendida pelo representante francez, mas, prevalecendo a opinião contraria dos commissarios inglez e italiano, o Conselho Supremo decidiu que os emigrantes teriam o direito de voto.

Durante a Conferencia da Paz, em junho de 1919, haviam sido previstas as difficuldades deste plebiscito.

Na sessão de 2 de junho, Lloyd George mostrou a necessidade de não entregar summariamente a Alta Silesia á Polonia e se declarou favoravel ao plebiscito. Clemenceau queria a annexação pura e simples, invocando direitos historicos da Polonia e accrescentando que era preciso, por todos os meios, separar a Allemanha da Russia.

A Allemanha, senhora da Russia, dizia elle, significa que os nossos mortos morreram em vão. Wilson, que desconhecia completamente a questão, não via na controversia mais do que uma luta capitalistica.

Pelo dissidio entre Wilson e Lloyd George, Clemenceau concluia que o plebiscito era um perigo. Um plebiscito é uma solução optima, dizia elle, mas não para os allemães e nem na Allemanha, onde a liberdade nunca existiu. Depois de uma longa discussão, Clemenceau vendo que prevalecia a idéa do plebiscito, limitou-se a dizer: «Eu nada mais posso accrescentar ás minhas declarações. Logo que a minha opinião não encontra apoio, devo ceder, porem penso que graves aborrecimentos nos esperam na Alta Silesia e que teria sido muito preferivel adoptar uma solução rapida».

Semelhante discussão demonstra que nenhum daquelles que nella tomaram parte tinha sobre a questão uma idéa precisa e, assim, o plebiscito só foi acceito por transacção.

Na comissão inter-alliada de Oppeln surgiram as mesmas divergencias que em Paris. O seu presidente, o general francez Le Rond, que na Conferencia da Paz tinha tido papel saliente, assumiu desde o primeiro momento uma attitude favoravel a todas as exigencias polacas, emquanto que os representantes britannico e italiano procuravam manter a mais estricta neutralidade. E todas as violencias foram praticadas, sempre protegidas quando não instigadas, a ponto de varios funcionarios inglezes, que estavam prepostos ao serviço do plebiscito, terem dado a sua demissão, para não assumir a responsabilidade de actos injustos.

A delegação franceza, muito mais numerosa e provida de abundantes meios, auxiliava todas as tentativas dos polacos.

A propaganda da Polonia dispunha de recursos financeiros vastissimos. Compravam-se casas e hoteis, fundavam-se ou adquiriam-se jornaes e despendia-se largamente com a corrupção.

A Allemanha empregava identicos processos, mas não podia resistir ás violencias, assassinatos e intimidações dos polacos que eram abertamente tolerados e favorecidos.

Violencias commettiam tambem os allemães, mas estas eram insignificantes, comparadas á acção sanguinaria dos polacos. A 11 de janeiro de 1921, o governo allemão enviou aos da *Entente* duas notas, nas quaes assignalava o estado de crescente insegurança que reinava na Alta Silesia e referia os actos de vandalismo praticados pelos bandos polacos nas regiões do leste e do sul, visinhas da fronteira polaca, mostrando o estado de excitação em que vivia a população, exposta a toda a sorte de violencias.

Com uma outra nota de 13 de janeiro, a delegação allemã em Paris levou ao conhecimento da Conferencia dos Embaixadores, que os polacos tramavam uma revolução no territorio do plebiscito.

O governo polaco reforçara a sua fronteira e os soldados licenciados do exercito de Haller, que voltaram da guerra com os bolschevistas, se organizavam. Os *sokols* polacos da Alta Silesia passavam igualmente a fronteira e se reuniam periodicamente em Sosnowicz, para fazer exercicios militares.

Compulsei todos os documentos diplomaticos que se referem á conducta da commissão inter-alliada e á acção dos governos polaco e allemão. Depois de um maduro exame, posso, em sã consciencia, affirmar que todos os meios foram tentados para que a Polonia vencesse e que, si não fosse a acção equanime dos delegados italiano e inglez, nenhuma violencia teria sido poupada e quiçá nenhuma carnificina.

As operações de voto, realizadas no domingo, 20 de março de 1921, deram o resultado que se podia prever, não obstante as tentativas de adulteração. Sobre 1.220.998 inscriptos votaram 1.190.846 pessoas, sendo 707.605 pela união com a Allemanha e 479.359 pela união com a Polonia. Assim os allemães tiveram 59,6 por cento da votação e os polacos 40,4 por cento, tendo havido 3.882 votos nullos. Uma maioria de dois terços decidia, pois, resistindo a toda a compressão e a todos os actos de banditismo, pela annexação da Alta Silesia á Allemanha.

Segundo o celebre *annexe* que regula no tratado de paz as normas do plebiscito, este devia ser realizado por *communas*, tomando-se por base a maioria de votos obtidos em cada uma. Ora, sobre 1522 *communas*, os allemães tiveram maioria em 844 e os polacos em 678, de modo que, mesmo assim considerada a votação, o resultado era favoravel á á Allemanha.

Emquanto territorios inteiros haviam dado mais de 90 por cento de votos á Allemanha, a Polonia só obtivera maioria em Plys, Rybnik e Tarnowitz.

Todas as razões economicas, mais do que o plebiscito, impunham a permanencia da Alta Silesia com a Allemanha. A Polonia nenhuma contribuição trouxera ao desenvolvimento maravilhoso da região, a menos que se não queira exaggerar

a importancia do trabalho manual o mais vulgar. Durante a occupação inter-alliada, a administração da Alta Silesia arrecadou 21 milhões de marcos, dos quaes apenas dois milhões eram de proveniencia polaca.

Em 34 milhões de impostos sobre bens immobiliarios, só 900 mil marcos foram pagos por polacos, e sobre 18 mil fabricas diversas, mais de 17 mil eram allemãs.

Quando se appellou para o annexo do tratado, no sentido de que o resultado devia ser apurado por communas, o argumento não podia ser invocado contra os allemães. De facto, este criterio só tinha valor como norma do processo eleitoral e base do escrutinio, mas nunca poderia significar que, na votação, tivessem a mesma importancia communas de cem habitantes e cidades de dezenas de milhares. E até este argumento cahia deante do resultado apurado.

A votação havia provado a vontade firme da Alta Silesia de pertencer á Allemanha. Os relatorios do commissario inglez e do italiano, si fossem publicados, mostrariam a quantas violencias e a quantas infamias a população allemã esteve sujeita. As tropas francezas muitas vezes apoiaram abertamente os insurrectos polacos e estes tornavam inuteis as prohibições de armas, mantendo depositos na fronteira. Os inglezes e italianos inutilmente procuravam protestar mas a França havia mandado uma delegação tão grande que só ella se occupava de tudo.

Dos chefes de departamento, quatro eram francezes (interior, thesouro, finanças e serviço militar), dois inglezes (communicações e abastecimentos), um só italiano (justiça).

Os francezes tinham (1 de agosto de 1920) onze inspectores de circumscripção contra cinco inglezes e cinco italianos, que foram depois elevados a sete, ficando os inglezes com seis.

Existia um pessoal de policia secreta exclusivamente francez e ao novo corpo de policia, onde não havia italianos e nem inglezes, pertenciam muitos francezes.

Nos primeiros tempos o commandante da policia na zona do plebiscito era um general francez que foi mais tarde

exonerado e repatriado. Quando se preparava o plebiscito, estavam na Alta Silesia numerosas tropas francezas (oito batalhões, seis baterias, um parque de autos blindados e um regimento de cavallaria) enquanto os italianos mantinham apenas quatro batalhões e duas baterias e os inglezes nenhum soldado. Depois da revolta polaca de 1921, foram remetidos reforços inglezes e italianos e no fim ficaram oito batalhões italianos e oito inglezes.

O resultado do plebiscito não deixava a menor duvida.

Manifestou-se então uma evidente divergencia entre a França e a Inglaterra. Esta queria que, respeitado o tratado, a Alta Silesia, constituindo uma só unidade politica e economica, fosse entregue á Allemanha.

As palavras que Lloyd George pronunciou na Camara dos Communs, a 13 de maio de 1921, mostram como elle comprehendeu claramente que negar os resultados do plebiscito equivalia a negar o proprio tratado e que o facto constituia uma violação do direito das gentes muitissimo mais grave do que o fôra, durante a guerra, a violação do territorio belga por parte da Allemanha.

Sob o ponto de vista historico, disse elle, a Polonia não tem absolutamente direito á Alta Silesia e a unica razão que ella póde invocar é a da existencia alli de uma numerosa população polaca, immigrada muito recentemente, com o fim de encontrar trabalho nas minas.

A Polonia deve a sua liberdade á Italia, á França e á Inglaterra e foi creada pelo tratado. Este, porem, deve ser applicado com imparcialidade e com justiça, sem a preocupação das vantagens ou desvantagens que dahi possam advir. Os alliados devem exigir que o tratado seja respeitado ou então permittir que os proprios allemães o façam respeitar.

Não obstante tudo isso, prevaleceu a idéa de não applicar o tratado na sua expressão genuina, e prevaleceu principalmente pela reprovavel abstenção do governo italiano.

Nenhum homem honesto poderia admittir outra solução que não fosse a entrega de toda a Alta Silesia á Allemanha

e, todavia, interpretado o tratado de uma maneira absurda, a Polonia ficou com as communas nas quaes obtivera maioria e tambem com aquellas nas quaes estava em minoria!

Procurando encontrar uma solução conciliatoria os tres commissarios, inglez, italiano e francez, munidos de instrucções dos respectivos governos, tentaram, na primavera de 1921, chegar a um accôrdo sobre o criterio a adoptar para a divisão. O representante da Italia havia recebido ordem do ministro do exterior Sforza, sem que o Parlamento Italiano dissesse ter sido informado, de apoiar tanto quanto possivel as pretensões polacas, mas já o dissidio entre os representantes da Inglaterra e da França se tornara insanavel. Enquanto o primeiro sustentava que era preciso, de qualquer forma, fazer a divisão de accôrdo com o plebiscito, o representante francez communicava que o seu governo, no interesse da economia geral da Europa e do futuro da Alta Silesia, propunha entregar á Polonia toda a zona das minas, com a condição de representar uma parte das reparações e de ficar submettida, por um certo numero de annos, ao *contrôle* inter-alliado. Communicou ainda que á Polonia aceitava integralmente estas condições que, sem a menor duvida, haviam sido combinadas préviamente e correspondiam ao programma da siderurgia franceza, a qual tinha tido parte importante na preparação do tratado de Versalhes e ainda mais importante na sua execução. A Polonia fazia abundantes promessas ao ministro italiano já referido, de empregar largos capitaes e mão de obra da Italia no territorio que lhe viesse a caber, promessas que, naturalmente, não foram cumpridas.

Por causa de ter o representante italiano recebido instrucções de Roma, por intervenção directa do governo francez, para apoiar quanto fosse possivel as pretensões polacas, este representante e o da Inglaterra tiveram de alterar a linha de conducta que vinham mantendo. O representante inglez não quiz modificar essencialmente o seu ponto de vista, que era o da justiça, mas o italiano, constrangido pelo seu governo, apresentou uma proposta pela qual, alem dos territorios de Pless e de Rybnik, eram assegurados á Polonia



outros mais, compreendendo a quasi totalidade das minas de chumbo e zinco, e tres quartas partes das reservas de carvão.

Na realidade, como affirmava em seu relatorio um dos tres commissarios na Alta Silesia, a luta não era entre a Allemanha e a Polonia, mas sim entre a Allemanha e a França, que tinha a illéa preconcebida de desorganizar a producção germanica e de obrigar a siderurgia tedesca a ficar sob o *contrôle* francez. A Italia, por motivos que ainda são ignorados, mas que certamente não correspondiam aos interesses da politica nacional, nem aos da justiça, apoiava as pretensões mais absurdas e encorajava a acção dos polacos, ao passo que os representantes italianos na Alta Silesia, principalmente o commissario geral e os officiaes que estavam sob as suas ordens, tinham um procedimento nobilissimo e eram respeitados e amados. A França queria não só arrebatat da Allemanha todos os territorios mineiros, mas ainda implantar alli o *contrôle* inter-alliado, isto é, uma nova e longa occupação militar em territorio allemão, com o intuito apparen-te de garantir as reparações, mas, na verdade, para perpetuar a occupação franceza.

Sob a pressão do Ministerio do Exterior de Roma, o delegado italiano na Alta Silesia apresentou uma solução inteiramente favoravel á Polonia e que não foi aceita pelo representante inglez. Este, porem, foi mais tarde autorizado, por espirito de conciliação, a subscrever a proposta italiana, que representava o maximo das concessões para a Polonia. Em agosto de 1921, reuniu-se em Paris o Conselho Supremo, mas não foi possivel chegar a um accôrdo.

O ministro Sforza, por iniciativa propria, sem consultar os representantes italianos na Alta Silesia, e sem ao menos fazer-lhes qualquer communicação, propoz então uma nova linha, inteiramente favoravel ás ambições polacas e ao programma francez. E a França, pouco depois, obtinha em em Genebra um successo ainda superior aos *desiderata* com os quaes já se havia contentado em Paris!) !... ..

Constituia-se, nesse interim, um banco franco-polaco que agia vigorosamente no sentido de transferir para a França, sob a pressão do panico, os interesses da Allemanha. Assim, dentro de muito pouco tempo, aproveitando-se a desvalorização do marco, mais de 50 por cento das acções do zinco e um terço das do carvão, passaram para a França.

A linha Sforza não era somente um erro grave e uma violencia sem nome, mas tambem um absurdo inqualificavel, que sacrificava completamente a Alta Silesia, e a determinação dos seus limites não teve outro effeito senão o de crear uma nova e muito maior Alsacia-Lorena.

A França, alem de conseguir tomar á Allemanha a quasi totalidade da bacia mineira e ao mesmo tempo collocar-lhe no flanco a ameaça militar de uma Polonia fortemente armada, quer agora dispor de todas as riquezas naturaes e industriaes da Alta Silesia, tirando partido dos resultados da situação militar e dá quéda proposital do marco.

Do texto da decisão tomada em Paris pela Conferência dos Embaixadores, a 20 de outubro de 1921, por delegação especial das potencias alliadas, Inglaterra, França, Italia e Japão, foram intimadas na mesma noite, em nota do presidente Briand, a Allemanha e a Polonia.

Nesta nota se declarava que, apezar da decisão constar de duas partes (a delimitação das fronteiras e o regimen economico provisorio, valido por quinze annos), as potencias a consideravam como um todo inseparavel, de modo a não admittir reservas!

Tinha-se visto pouco antes, por occasião da decisão concernente á Alta Silesia, como a Sociedade das Nações era apenas um instrumento desprestigiado e servil nas mãos dos vencedores, uma forma nova da Commissão das Reparações, destinada a sancionar e ratificar os direitos da victoria que, ha alguns annos, succederam aos principios de liberdade, de autonomia e de nacionalidade pelos quaes, na sua phraseologia, a *Entente* affirmava combater durante a guerra.

Sob ameaça, o parlamento allemão acceitou, na sua sessão de 26 de outubro de 1921, a decisão, lavrando porem

um protesto formal que, communicado a 28 de outubro ás potencias da *Entente*, foi declarado inefficaz e inexistente.

O parlamento polaco, sem discussão accitou as deliberações que correspondiam, não só aos seus interesses, como ás pretensões mais injustas e mais absurdas.

A decisão tomada pela Sociedade das Nações, com relação á Alta Silesia, é tão falha de sinceridade e tão contrária ao espírito de justiça que bem mereceria uma exame particularizado. Juridicamente é muito estranhavel que, em lugar de cumprir o tratado, se recorresse á Sociedade das Nações, da qual, os vencidos estão de facto excluidos. Praticamente negava-se o plebiscito. Bastará dizer que, só por interesses industriaes, que se queriam firmar contra a siderurgia allemã, entregou-se á Polonia a cidade de Kattovitz onde, num total de 26.715 votantes (não levando em conta os votos nullos) 22.774 se tinham pronunciado em favor da Allemanha e só 3900 pela união á Polonia.

E do mesmo modo em Königshütte, onde 31.864 votantes, num total de 42.758, se haviam declarado pela Allemanha!

Na realidade, o criterio que prevaleceu em todas as decisões foi o de tirar á Allemanha toda a possibilidade de desenvolvimento economico. Dentre 61 minas de anthracite, 49 e meia passaram para a Polonia; das 16 minas de chumbo, só quatro ficaram com a Allemanha; de 37 altos fornos, foram entregues á Polonia 22, com uma produção de 400 mil toneladas, deixando-se com a Allemanha apenas 15, com 176 mil toneladas!

Assim, portanto, depois da desordem implantada na Allemanha occidental pelos tratados e pelas violações desses mesmos tratados, foi completamente desorganizada a produção da Allemanha oriental.

Esphaceladas as industrias do ferro, madeira, chumbo, zinco e carvão, rompidos todos os accórdos, destruida a organização que custára mais de meio seculo de esforços e de sacrificios, desmembrados territorios inteiramente allemães, mesmo contra o resultado dos plebiscitos, perturbadas todas

as communicações por estradas e canaes, alterado o regimen dos rios, collocado entre duas partes da Allemanha um territorio arbitrariamente declarado polaco, e tomado emfim da Allemanha o porto de Dantzig — eis como foram aniquiladas e feridas de morte as bases da economia allemã.

4 — O carvão allemão e a politica da siderurgica na Europa.

Demonstrei já em muitas occasiões que, si a siderurgia allemã foi uma das causas desta guerra maldita, pela qual, aliás, todos os paizes da Europa são mais ou menos responsaveis, a siderurgia franceza foi um dos principaes factores desta paz feroz. Os seus homens de negocio continuam a inspirar a attitude dos governos e a conducta da Commissão das Reparações, fazendo-se sentir a sua acção na propria Inglaterra, na Belgica e mais ainda na Italia.

Antes da guerra, a Allemanha havia quasi attingido a producção ingleza de carvão. Em 1913, para 292 milhões de toneladas da Grã-Bretanha, a Allemanha produzira 190 milhões de toneladas de carvão e 87 milhões de toneladas de linhite. A producção franceza, embora em notavel augmento nos ultimos annos, não chegava então a 41 milhões de toneladas, entre carvão e linhite. Naquelle mesmo anno, a producção de minerio de ferro foi de 39,5 milhões de toneladas na Allemanha e de 21,9 na França, mas, de tal forma a Allemanha desenvolvera a sua producção de ferro e de gusa, que precisava importar grande quantidade de minerio da Suecia, da Hespanha e da propria França. Os tratados visaram, entretanto, arrebatá-lhe cerca de quatro quintos do seu minerio de ferro, em beneficio da França!

Com relação ao carvão, apezar da falta das minas do Sarre e da Lorena, que passaram para a França, a Allemanha conservava ainda o primeiro logar no continente e teria sido muitissimo util a cooperação dos dois paizes, que chegou a ser tentada mesmo depois da guerra. Esta cooperação não teria permitido a quédá industrial e o abatimento



economico da Allemanha, mas, as tentativas posteriores se encaminharam todas no sentido de tolher á Allemanha os seus maiores recursos e acarretar, portanto, a sua desorganização e a sua fallencia. Outro não foi o objectivo da politica da Alta Silesia e da politica da Commissão das Reparações.

Dos 190 milhões de toneladas de carvão extrahidos das minas allemãs no anno anterior á guerra, 114,5 provieram do Ruhr, 43,4 da Alta Silesia, 13,2 do Sarre e 3,8 da Lorena. Perdida a Lorena e annexado o Sarre, ficaram ainda os dois maiores centros de producção — a Alta Silesia e o Ruhr.

Quanto á Alta Silesia nos já vimos o que succedeu, mesmo contra o tratado e contra o plebiscito e, quanto ao Ruhr, toda a imprensa, que na Inglaterra, na França e na Italia, tem quasi a mesma orientação, fala como de um territorio a invadir, si não forem cumpridas todas as obrigações do tratado, que é inexequível como uinguem ignora.

O tratado de Versalhes não só privou a Allemanha dos seus melhores territorios carboniferos, como estabeleceu as quantidades de carvão que a Allemanha deve fornecer á França, á Belgica e á Italia, a titulo de reparação dos damnos.

A Allemanha ficou obrigada, mesmo depois de perder as suas mais ricas minas, a entregar á França, durante 10 annos, 7 milhões de toneladas annuaes, alem de uma quantidade igual á differença entre a producção actual e a producção de antes da guerra, das minas de Pas de Calais. Este fornecimento não deve exceder a 20 milhões de toneladas nos primeiros cinco annos, e a 8 milhões dahi por deante.

Ella deve ainda entregar á Belgica 8 milhões de toneladas, isso durante dez annos, e á Italia uma quantidade variavel de 4,5 milhões no primeiro anno, 6 milhões no segundo, 7 no terceiro, 8 no quarto e 8,5 nos annos subsequentes.

Si a Alta Silesia tivesse ficado com a Allemanha, a situação do carvão, embora difficil, não seria insuperavel, mas, actualmēte, devendo ella fornecer, por exigencia da Commis-

são das Reparações, 1.916.000 toneladas mensaes, fica impossibilitada de prover mesmo ao seu consumo interno. Perdida a Alta Silesia e diminuindo a producção do Ruhr, sob a pressão da crise interior, a Allemanha era forçada, apezar do desastre do seu cambio, a comprar o proprio carvão que entregava a titulo de reparações e a adquirir ainda quantidades consideraveis no mercado inglez.

Antes da guerra a Allemanha só importava da Inglaterra carvão com caracteristicos especiaes para determinadas industrias, ao passo que agora, ella compra para supprir as enormes defficiencias da sua industria e do consumo da população civil.

Muitas industrias allemãs estão ameaçadas de falta de carvão e sujeitas a restricções de toda a sorte, do mesmo modo que a população civil soffre as mais duras privações.

As officinas a gaz da costa se alimentam com carvão inglez, quando é possível, e as do interior estão funccionando com toda a parcimonia.

Em geral, com as difficuldades crescentes da situação industrial e financeira e com a desordem consequente, a producção de carvão tende a diminuir em todos os territorios que ficaram com a Allemanha. Esta diminuição não é ainda de impressionar mas, se tornará sensivel, sobretudo no Ruhr e, embora possa ser reparada, constitue um symptoma grave.

A obrigação de fornecer 1.996.000 toneladas de carvão por mez, depois de haver perdido grande parte dos seus territorios mais ricos em carvão, acarreta para as industrias allemãs difficuldades cada vez maiores. Em todas ellas, ou em quasi todas, o consumo de carvão foi reduzido de 10 a mais de 50 por cento. Muitas fabricas estão trabalhando só com carvão inglez e marcha reduzida, e outras vivem *au jour le jour*.

A Allemanha tem falta de carvão por toda a parte e, emquanto isso se dá, o commercio inglez de carvão está em difficuldades por falta de mercados, a producção da França e a da Belgica lutam com os mesmos obstaculos, e até no

Sarre, ha crise de trabalho nas minas allemãs que foram tomadas pela França.

Fóra da Allemanha se desenvolvem todas as applicações do carvão, mesmo as mais antieconomicas, e emquanto as estradas de ferro francezas, as fabricas de gaz e de electricidade de Paris, empregam em larga escala carvão do Ruhr, vindo do Rheno, é o carvão allemão, readquirido na França e na Belgica, que volta para alimentar os altos fórnos do Ruhr. Ao passo que na Allemanha o coke falta de uma fôrma impressionante, sobretudo para a obrigação dos fornecimentos a titulo de reparações, as industrias allemãs recebem do syndicato de coke da Belgica offertas quotidianas.

Frequentemente a Commissão das Reparaciones, sob a acção dos interesses da siderurgia, tem exigido, de proposito, aquellas qualidades de carvão, coke e carvão especial para coke, cuja falta mais póde prejudicar a industria allemã.

As quantidades requisitadas da bacia do Ruhr ultrapassam um terço da sua producção total.

Sob a influencia de tantas causas perturbadoras, a producção do Ruhr diminuiu de 30 mil toneladas diarias e a Alta Silesia, na parte que permaneceu com a Allemanha, póde fornecer quantidade muito pequena.

Tão grandes se tornaram as difficuldades das industrias allemãs, principalmente as siderurgicas e metallurgicas, que ellas se viram obrigadas a encarar a possibilidade, quiçá a conveniencia, de ficar sob o *contrôle* das industrias francezas. Tal resultado se tornou para a França ainda mais facil, pela extrema depressão do marco, consequencia de todas essas medidas de luta economica.

Os roubos que foram commettidos na entrega das minas da Alta Silesia, que pertenciam ao Estado ou a familias principescas como os Hohenlohe, a especuladores particulares da *Entente*, mereceriam um exame a parte, tanto elles reflectem o espirito da violencia que está dominando os vencedores para os quaes o latrocinio parece um direito.

É preciso remontar á edade media, ás formas mais degeneradas do feudalismo, para encontrar qualquer cousa que,

em cynismo e em violencia, se possa comparar com as novas formas de rapina internacional e de assalto á propriedade privada, que foram introduzidas depois da guerra.

Destróem-se, pouco a pouco, os maiores recursos da Allemanha e desorganiza-se o mercado europeu que, dia a dia, vê crescerem as suas difficuldades.

E, com o mesmo criterio pelo qual se trazem ao Rheno os miseraveis negros da Costa d'Africa, afim de ultrajar as mulheres e humilhar o povo da Allemanha, os arbutres do capitalismo internacional se movimentam para derrubar o paiz vencido.

5 — A Commissão das Reparações.

Como já vimos, a Commissão das Reparações é um facto novo na historia moderna dos tratados.

Ella tem os poderes os mais completos e inconcebiveis. Estabelece o que a Allemanha e os paizes vencidos devem pagar, a maneira e o prazo dos pagamentos. Por intermedio dos seus representantes ella póde entrar em toda a parte, modificar e até fazer, si quizer, as leis e os regulamentos.

Os seus membros gozam de todas as immunidades e só tem responsabilidades definidas perante os governos de que são delegados. Os vencidos estão obrigados a não considerar como actos de hostilidade todas as medidas, mesmo as mais absurdas e violentas, tomadas em seu prejuizo pela Commissão.

Com a idéa fixa de que os vencidos deveriam pagar, a Commissão das Reparações começou por estabelecer para os seus membros, vencimentos e subsidios colossaes. Vantagens de duzentos, trezentos e até quatrocentos mil francos, foram attribuidas a homens sem valor algum e que, nos seus paizes de origem, nunca perceberam a oitava ou a decima parte das sommas com que agora se locupletam.

Funcionarios e magistrados destituídos de qualquer merecimento ganham cinco, seis e até dez vezes mais do que os seus proprios chefes de governo e, uma vez que cada

membro da Commissão só é responsável perante o governo que representa, elles interpretam a sua acção como sendo de mera execução das tendencias politicas e financeiras que predominam.

A Commissão reside em Paris e, com algumas restricções, principalmente por parte dos representantes britannicos, reflecte bem as condições do ambiente.

A principio ella foi constituída com um criterio elevado, mas, pela retirada dos seus vultos mais importantes e representativos, se transformou em um agrupamento de puras mediocridades, cuja incompetencia só é excedida pelo seu cynismo. //

Bastará lembrar que, ha pouco tempo, quando a Austria entrava em verdadeira agonia financeira e a Hungria, privada dos seus melhores recursos, se preparava para ter a mesma sorte, esta Commissão fixava em 6 bilhões, ouro, as sommas que os dois paizes deviam pagar a titulo de reparações!

Pequenos politicos sem importancia, diplomatas que tudo ignoram e magistrados que mal conhecem as leis dos proprios paizes, allí estão para dizer quanto e como a Allemanha deve pagar e para fiscalizar a vida interna do paiz mais adiantado da Europa. Pretendem actuar sobre toda a economia do continente, sem comprehender e sem saber ao menos, qual seja a situação de uma unica industria. ... ✓

Quem está habituado ao governo de um paiz sabe bem quanto é difficil, em materia economica e financeira, adoptar providencias referentes á producção.

O estudo e as boas intenções muitas vezes não bastam e os processos da producção moderna são tão complicados que nenhum politico póde fazer delles uma idéa exacta. Tendo dedicado toda a minha existencia ás pesquisas economicas e ao estudo da estrutura economica do meu paiz, nos varios annos de governo que em differentes ministerios dirigi, frequentemente encontrei difficuldade, não só para resolver, como tambem para comprehender os problemas complexos da producção moderna.



Na Comissão das Reparações, individuos absolutamente ignorantes, que não conhecem nem ao menos a lingua dos paizes vencidos, dos quaes dispõem como soberanos absolutos, pretendem resolver problemas muito mais transcendentos. Quasi todos os numerosissimos funcionarios e dependentes da Comissão, nunca viram a Allemanha, não conhecem uma só industria e nem possuem a mais rudimentar experiencia dos factos economicos. Julgam quasi sempre sob a pressão das correntes politicas e dos systemas bancarios, o que vale dizer que julgam quasi sempre sem criterio.

Depois da guerra as multiplas commissões decorrentes do tratado, militares e civis, para o governo, para a entrega de materiaes e para o *contrôle*, se revesaram em todos os paizes vencidos, as mais das vezes sem um pretexto decente e impondo despezas enormes. Os mais vorazes especuladores da guerra, burguezes e militares, por espirito de concupiscencia e por espirito de violencia, como bandos de phantasmas, percorreram o territorio dos vencidos.

Recolhi e examinei uma serie de dados sobre as suas despezas, as suas requisições e a sua acção. Não os quero divulgar para não reaccender os odios, mas um dia virá em que, o facto de haver pertencido a qualquer destas commissões de ladroeira, constituirá uma grande vergonha. Inventaram-se, até para paizes em situação de miseria como a Austria, commissões as mais inuteis. Assim as que se destinam a fiscalizar a applicação de clausulas militares, navaes e aeronauticas, quando a Austria nada mais possui e nem meios tem para tentar qualquer empreendimento.

Compulsando as notas da Comissão das Reparações, tem-se a impressão de que ella não fórma a menor idéa da situação real dos paizes de cuja sorte está decidindo, e muito menos ainda da sua economia.

As famosas notas de 21 de março de 1922, são tudo quanto se possa conceber de mais arbitrario e de mais absurdo, e as que vieram depois, ainda excedem as primeiras, si bem que isso não fosse cousa facil.



A Commissão das Reparações quiz formar tambem o *Comité* de garantia, que é della uma emanação e, residindo na Allemanha, fiscaliza a applicação de todas as medidas adoptadas pela Commissão. Póde-se dizer que, de ora em diante, toda a finança do Reich é regulada por este *Comité* que verifica as entradas, as despezas, as emissões, a divida fluctuante, as medidas tendentes a impedir a exportação de capitaes, a publicação das estatisticas etc.

Conforme a nota dirigida ao Chancellor do Imperio, dois representantes do *Comité* ficam em Berlim, junto ao Ministerio das Finanças e, enquanto um verifica a receita, o outro examina as despezas. O governo deve transmittir ao *Comité*, ao mesmo tempo que ao Conselho do Imperio, os balanços previos, os projectos de lei com character fiscal, e todas as propostas de novos creditos. Qualquer concessão de credito supplementar excedente de 500 mil marcos (*), o que praticamente significa todo pedido de credito, o governo é obrigado a participar ao *Comité* e bem assim a situação mensal do Thesouro, tudo quanto diz respeito ás finanças de cada um dos estados, as providencias relativas á administração central e á arrecadação dos impostos e o que se refere ás economias recommendadas pela Commissão.

Nenhum pagamento póde ser feito além dos limites dos creditos fiscaes, e os representantes do *Comité* teem direito a todos os *contrôles* e a todos os confiscos.

Para impedir o exódo de capitaes, os bancos estão fiscalizados e nenhuma remessa de fundos podem fazer para o exterior sem a approvação dos órgãos competentes. Para a aquisição de mercadorias estrangeiras é indispensavel obter certificados das Câmaras de Commercio, e graves penas pecuniarias ou de prisão são estabelecidas para os casos de inobservancia.

Fiscalizadas as exportações, o governo allemão é obrigado a apresentar todos os mezes um quadro demonstrativo com a indicação dos pagamentos feitos em marcos e em

(*) Pouco mais de 100\$000 ao cambio actual!



moeda estrangeira, sendo tambem obrigado a demonstrar o movimento das estradas de ferro, da navegação etc. Todas as informações commerciaes e financeiras devem ser prestadas sem a menor reserva!

Deste modo, a Allemanha perdeu completamente o caracter de paiz soberano e é fiscalizado em todos os actos da sua vida interna, economica e financeira, como nunca o foi nenhum paiz da Europa, nem mesmo a Turquia, ao tempo da sua maior escravidão economica.

Em seus quatorze principios, nos quaes a Allemanha se baseou para pedir a paz, o Presidente Wilson havia declarado que, depois de leaes tratados de paz, todas as barreiras economicas seriam abolidas e que as mesmas normas deviam regular a vida dos grandes e dos pequenos paizes.

Elle affirmava tambem, e a America o havia garantido, que a *Entente* não fazia a guerra ao povo allemão, mas só ao seu Imperador...

6 — O exercito de occupação no Rheno e a violencia negra na Europa.

Depois de haver providenciado sobre o completo desarmamento militar e naval da Allemanha, o tratado de Versalhes estabeleceu que, *os territorios allemães situados á margem esquerda do Rheno* e as cabeças de ponte, deviam ser occupados por um exercito inter-alliado, durante quinze annos, a contar da entrada em vigor do tratado (artigo 428). No caso de fiel cumprimento de todas as clausulas, por parte da Allemanha, a occupação devia ser diminuida, de cinco em cinco annos, e no fim do prazo total (15 annos), só aos alliados compete decidir si será necessaria uma prorogação (artigo 429).

Aliás, só a Commissão das Reparações tem autoridade para julgar si a Allemanha cumpriu ou não as exigencias do tratado e para resolver si os territorios evacuados devem ser novamente occupados.

Depois disso, sem nenhum motivo justificado e até contra o proprio tratado de Versalhes, foram occupados territorios

situados na margem direita do Rheno. Em março de 1920, a França, sem a annuencia dos Alliados, occupou militarmente duas importantes cidades allemãs, Francfort e Darmstadt.

Estando eu á testa do governo da Italia, não deixei de fazer todos os protestos, tendo Lloyd George agido no mesmo sentido. Em julho de 1920, a ameaça, por parte dos Alliados, de occupação de outras cidades, induziu a Allemanha a acceitar as clausulas inexecutableis da Convenção de Spa. Em 1921, não tendo produzido resultado uma ameaça idêntica, foram occupadas as cidades de Düsseldorf, Ruhrort e Duisburg e, mesmo depois de cessada a causa que a havia determinado, a occupação foi mantida pela França. Em maio do mesmo anno de 1921, a ameaça de occupar a bacia do Ruhr, forçou a Allemanha a acceitar as condições impostas. Estas occupações da margem direita do Rheno, muitas vezes ameaçadas e duas vezes executadas, constituem uma violencia inaudita e uma offensa ao proprio tratado de Versalhes.

Além das penalidades que o tratado previu, não podem ser applicadas outras, conforme a phantasia dos vencedores. Aquelles que pretendem justificar o que está succedendo, invocam, em falta de outros argumentos, não o que vem escripto na parte VII (sancções), mas algumas palavras que constam de um annexo á parte VI (reparações).

Diz, então, essa disposição do *annexe* II ao paragrapho 17 que, no caso de inobservancia, por parte da Allemanha, de alguma das obrigações do tratado (bem se comprehende que são as obrigações economicas das quaes se occupa a Comissão das Reparções), a Comissão assignalará sem demora a falta, apresentando todas as propostas que julgue devam ser, por isso, adoptadas.

Trata-se aqui, evidentemente, de medidas de caracter economico e nunca ninguem poderia suppor que a loucura dos vencedores os levasse ao ponto de sustentar que lhes é licito occupar qualquer parte do territorio allemão, fóra da zona de occupação prevista no tratado.

Vamos vêr, agora, como se procedeu a esta occupação inter-alliada.

Quando a Allemanha estava no apogeu da sua organização militar e considerava a zona do Rheno como sendo da maior importancia, mantinha, em todo o territorio agora occupado, uma força de 70 mil homens, distribuida em vinte e oito circumscripções militares.

Estando hoje a Allemanha completamente desarmada, bem se poderia reduzir o effectivo das tropas de occupação até abaixo daquelles 70 mil homens. O que se fez, entretanto, foi manter alli um verdadeiro exercito para custodiar a zona occupada. A 1.º de dezembro de 1921, estas forças de occupação ainda se compunham de 130 mil homens, distribuidas por 228 localidades. Na falta de quartéis e de casernas, foi preciso requisitar um grande numero de casas particulares e, naquella mesma data, já haviam sido requisitados 9700 apartamentos com 38 mil quartos, além de 13 mil alojamentos de um só commodo, todos em casas particulares. Esses alojamentos foram sempre occupados com violencia, com dureza e sem consideração de especie alguma, por officiaes, sargentos e praças. Em 1.º de novembro de 1921, já tinham sido exigidos e destinados á occupação militar mais 23 theatros, 51 cinematographos e até 60 escolas, que eram frequentadas por 16.450 alumnos.

Para fins militares, foram ainda utilizadas 167 propriedades industriaes e 240 hectares de propriedades ruraes, quasi todas cultivadas intensamente.

No tempo em que a Allemanha previa e preparava a guerra, segundo as affirmações da França, mantinha em todo o territorio actualmente occupado 9 campos de aviação. Hoje, que ella está desarmada, não podendo mais pensar em guerra, foram alli creados 24 novos campos, que roubaram á agricultura 1305 hectares de optimas terras para lavoura.

Na época do chamado militarismo allemão, existiam apenas 7 campos de tiro e de manobras, tendo sido agora organizados 17 novos campos, com uma area total de 3210 hectares de boas terras para cultura, além dos campos para exercicios e para a aviação.



A população foi quasi sempre tratada pelas tropas francezas e belgas como no regimen colonial.

Impoz-se-lhe o fornecimento de mulheres allemãs e os municipios foram obrigados a manter prostibulos especiaes, fazendo todas as despezas correspondentes. Em uma nota financeira pudemos verificar que, até outubro de 1921, o governo allemão havia concedido, para este fim, 802 mil marcos, além das despezas locaes que são muito mais avultadas.

Conforme uma relação apresentada a 2 de março de 1921, pela sub-commissão das reparações á comissão germanica encarregada dos onus da guerra, as despezas feitas com as tropas de occupação do territorio rhenano, desde o armistício até dezembro de 1920, ascendiam já a 1.227.248.596 de marcos ouro para a França, 1.132.959.856 para os Estados Unidos, 947.621.997 para a Inglaterra, 183.585.584 para a Belgica e 10.064.861 para a Italia que, justamente, nunca desejara participar da occupação. Depois disso as proporções se alteraram e agora prevalecem sobretudo as tropas francezas e belgas, apesar de todas as cidades rhenanas preferirem tropas anglo-saxonias, com as quaes os conflictos são menos frequentes e as relações, embora não cordiaes, muito menos difficeis.

Si bem que as despezas tenham diminuido, relativamente ás dos primeiros tempos, em que foram de um exaggero inaudito, até o fim de março de 1922, já haviam sido gastos 5.536.954.542 de marcos ouro e mais 14.000.000.000 de marcos papel ou sejam, em cifras redondas, 6 bilhões de marcos ouro!

Esta somma representa o que a Allemanha teria podido, com bastante sacrificio, pagar por conta das reparações.

A generaes, officiaes e soldados se attribuiram quasi sempre vencimentos e vantagens bem differentes do que percébiam nos seus paizes. Os officiaes reclamaram alojamentos de luxo, e exigiram, onde havia absoluta falta de habitações, cassinos de reunião guarnecidos com magnificencia.

O peor exemplo foi dado pela comissão rhenana, que se devia compor de quatro membros e chegou a ser

de 1300 pessoas, entre as quaes 75 delegados que pretenderam alojamento e tratamento de generaes de brigada. A simples instalação do presidente desta commissão rhenana, no palacio da presidencia provincial de Coblença, custou a quantia de um milhão e meio de marcos e, só um tapete, avaliado em mais de meio milhão, acarretava uma despeza de conservação de 25 mil marcos.

No sequito dos officiaes francezes e belgas vinham não só as pessôas de familia, mas, muitas vezes, parentes, amigos, aggregados e até estranhos. E desse modo crescia o numero dos appartamenti familiares, como se diz em linguagem burocratica. O que sejam pessôas de familia é definido na pratica pelas proprias autoridades militares e, quasi sempre, o acompanhamento inteiro das tropas se aloja por conta dos allemães.

O Rheno está em verdadeira servidão militar, servidão que foi tambem estendida aos territorios occupados com infracção do proprio tratado, por uma interpretação abusivamente dada a uma clausula que só tinha o character de sancção economica.

Pelo «*accôrdo*» imposto com relação aos territorios de occupação, a commissão inter-alliada, que nos já vimos de quanto é capaz em materia de violencia e de avidez, tem o direito de tomar todas as disposições que digam respeito á manutenção, segurança e necessidades das tropas da *Entente*. Praticamente ella póde fazer tudo, até exigir que as mulheres allemãs se prostitúam aos negros da Africa central.

O argumento da segurança é tão elastico que todas as medidas, mesmo o banimento de cidadãos, a censura da imprensa, a prohibição de reuniões etc., são faceis de justificar.

Como se vê da communicação feita pelo Chancellor ao Reichstag, em 21 de março de 1922, os simples soldados da *Entente*, que estão em serviço na Allemanha, recebem quantias tres vezes mais elevadas do que os altos funcionarios da administração allemã. O Chancellor do Imperio e todos os ministros reunidos, mesmo sommando as verbas que teem

para a sua representação, percebem do Thesouro uma quantia inferior ao montante das despezas de dois unicos generaes da *Entente*. Com um decimo da paga attribuida a um soldado inglez, vivem familias inteiras de operarios, empregados no commercio e funcionarios allemães.

Estas extravagantes enormidades e a utilização das melhores casas fazem com que, aquelles que chegam á zona de occupação e se aboletam nas cidades arbitrariamente invadidas, não queiram mais sahir de lá.

Em maio de 1921, a commissão inter-alliada de *contrôle* já havia terminado o seu trabalho, mas o numero dos 752 officiaes que a compunham, descera apenas a 450!

Póde-se dizer, que dois terços das rendas da Allemanha em 1922, se destinam á execução do tratado de paz e, com a desvalorização do marco, que em março de 1922, valia oito vezes mais do que no outomno, a receita estava avaliada em 182,5 bilhões de marcos papel.

Todas as outras commissões seguem, mais ou menos, o mesmo exemplo. Um membro da commissão de *contrôle* do Rheno exigiu um appartamento de 17 salas, com a respectiva mobilia e mais 22 quartos de dormir para o seu sequito e pessoas de familia.

Com as despezas feitas pelos exercitos de occupação, os territorios da França já podiam estar reconstruidos.

Augmentando, porem, e mantendo elevadas as despezas de occupação, impede-se e difficulta-se o andamento das repaçoões, suffocando a Allemanha, com a esperanza de a desmembrar e manter por muito tempo sob *contrôle*, em situação de dependencia.

Com todas as organizaçoões de prevençoão e de lucha que foram creadas, chegou-se a destinar propriamente ás repaçoões só quantias insignificantes, sendo obtido o resultado ardentemente desejado que era a desorganizaçoão das industrias e o abatimento do povo allemão.

Quando se estava ainda bem longe da actual desvalorizaçoão do marco, havia um general da *Entente* que, só elle,



em vencimentos, alojamento etc., custava á Allemanha 3.620.000 marcos annuaes.

De 1.º de março a 31 de dezembro de 1921, as despesas feitas, sómente com a compra de terrenos, construcções novas e adaptações para o alojamento das tropas de occupação (trata-se apenas da zona prevista no tratado e não das cidades occupadas por uma arbitraria interpretação do capitulo das sancções), attingiram a 109,5 milhões de marcos para a Inglaterra, 661,2 milhões para a França, 50,2 para os Estados Unidos e 197,2 milhões para a Belgica.

Todas as festas, os *sports* e até as solemnidades militares para a celebração da victoria contra o paiz occupado, estão a cargo da Allemanha. A despeza com a erecção de uma tribuna transportavel para uma solemnidade militar realizada em Moguncia, em 1921, foi computada em 75 mil marcos.

O que se exigiu que a Allemanha despendesse para os appartamenti dos officiaes, attinge as raias do inverosimil. Quando o marco estava ainda relativamente alto, o mobiliario do appartamento de um delegado districtal inglez, cuja hierarchia corresponde á de um tenente-coronel, custou 464.116 marcos, sendo feitas as despesas seguintes: mobilia de sala de visitas em acajú, estylo imperio, 30 mil marcos; quarto de vestir *laqué*, 16 mil; quarto de dormir *laqué*, 11.150; quarto de dormir em cereja e faia, 55.800; sala de jantar em nogueira e faia, 43 mil; quarto de dormir commum, 6.400; ordenado para um engenheiro especialista, durante os trabalhos de decoraçáo, 4.627; fornecimento de damasco, 9.282; um docel de seda, 954; duas coberturas de luxo, 19.150; uma cortina de seda azul, 806; uma coberta de renda, 1.300; um tapete indiano, 3.950; um tinteiro, 1.353; uma *bonbonière*, 553 etc., etc.

As forças de occupação requisitaram, só no anno de 1921, 284.539 toneladas de carvão e, como o seu effectivo médio foi de 135.844 homens, houve um consumo de mais de duas toneladas por cabeça, o que é realmente um exaggero por se tratar de tropas que, em geral, vivem em grandes casernas. E, no mesmo anno de 1921, foram tambem fornecidas indi-

rectamente pelo Reich, por intermedio das administrações communaes, mais 174.333 toneladas!

Na escolha do mobiliario os officiaes faziam frequentemente questão de esthetica e, por isso, as guarnições dos appartamenti eram, muitas vezes, mudadas por simples capricho. Despezas loucas, inconcebiveis, e immoraes, sob todos os pontos de vista, porque eram feitas em detrimento de quem não podia reagir, contrariando a todos os principios de justiça e de humanidade!

Por uma carta, datada de 22 de agosto de 1921, o Commando do Exercito do Rheno reclamou a construcção especial de um assoalho para o quarto de dormir do commandante em chefe, que residia então no castello de Moguncia. O assoalho existente estava em bom estado e guarnecido até por um tapete de valor, mas a sua substituição foi pedida porque, em alguns pontos, quando se caminhava, os passos produziam um ligeiro rumor. Para o novo assoalho foi escolhido um desenho de que não havia modelo no commercio, tendo, portanto, de ser feito especialmente. Fornecidas todas as peças encommendadas, ellas não puderam ser ajustadas no lugar, porque adoeceu a esposa do commandante. Este declarou então que, por causa dos trabalhos em andamento, preferia ir habitar o castello de Waldhausen, nos arredores de Moguncia, e pediu a sua immediata adaptação. Os serviços, executados a toda a pressa, custaram 293.139 marcos e estavam já concluidos, quando chegou um aviso de que o general, por motivo de força maior, não iria mais residir no castello, perdendo-se assim toda a despesa feita.

Examinando muitas requisições, verifica-se que ellas só são o resultado de caprichos, de ostentação de luxo e tambem do desejo intimo de impor aos vencidos novas e maiores humilhações. Assim, muitas obras exigidas com urgencia, foram logo depois abandonadas ou não tiveram a menor utilidade pratica.

Innumeras vezes, nas reuniões dos Alliados, eu assignalei a necessidade de reduzir as tropas de occupação e de diminuir, sobretudo, as suas despesas.



Mas, quando o espirito de violencia e o de concupiscencia se manifestam em homens, que acreditam ser tudo permitido aos vencedores, os proprios governos são frequentemente impotentes para remediar o mal.

Falando a respeito das commissões inter-alliadas, Lord Newton dizia na Camara dos Lords, ser um espectáculo dos mais repugnantes a vista daquellas commissões que se entregavam a um luxo excessivo no meio da miseria do povo allemão.

Desgraçadamente a decadencia moral da Europa é tão grande que nada mais lhe desperta indignação e essa repugnancia só é sentida por alguns raros e nobres espiritos.

Em um relatório da commissão financeira da Conferencia dos Embaixadores, de 15 de abril de 1921, foram estabelecidas, de fórmula mais modesta, as despesas com as forças de occupação. Entre estas despesas estão computadas as do Ruhr que, pelo tratado, não deveria ter tropas da *Entente*, e tambem as da margem direita do Rheno, feitas com violação do mesmo tratado.

O facto mais grave, porem, de toda a occupação do Rheno, foi a introduccão das tropas de côr.

Os effectivos destas tropas de côr nunca foram fixos e são mais numerosos no verão, do que no inverno. Na primavera de 1920, existiam no territorio rhenano 17 regimentos de côr, com 2500 homens cada um. Em maio, dois regimentos de negros senegaleses foram transportados para a Syria e, em março de 1921, ficaram 55 mil homens de côr. Segundo os dados colhidos no territorio occupado, pelas autoridades locais, mesmo no rigor do inverno, nunca permaneceram menos de 18 a 20 mil.

Estas tropas de côr são exclusivamente francezas e compostas de negros da Africa central, amarellas de Madagascar, em sua maioria do typo malaio e parte de negroides, indochinezes de raça mongolica, pardos do norte da Africa, semiticos, como os arabes e berbéres, como os cabilas.

As cidades que estas tropas occupam, são as mais adiantadas do mundo, onde não existe o analphabetismo e mais

42.500!.

intenso foi sempre o culto pela arte. A região do Reno, que ostenta os mais grandiosos monumentos da arte gothica, aloja hoje os negros nascidos em choupanas de barro que, aliás, não deixam de ter atenções estheticas para com as populações vencidas. Assim é que as musicas dos negros e dos barbaros da Africa, frequentemente resôam nas praças das cidades occupadas e executam programmas africanos.

Na terra que, juntamente com a Italia, deu ao mundo os maiores genios musicaes, de Haendel a Beethoven, de Bach a Wagner, tem-se hoje a vantagem de ouvir musica selvagem...

Ainda no verão deste anno, em Wiesbaden, as musicas dos negros da Africa executavam, diante dos allemães e dos estrangeiros, batuques africanos.

Pouco antes de voltar ao governo, Poincaré sustentava não ser verdade, que uma occupação longa ou mesmo indefinida pudesse excitar os animos dos allemães. Talvez que um occupação breve, escreveu elle, irrite mais pelo seu limite arbitrario, mas uma occupação indefinida, sem outro limite, a não ser a completa applicação do tratado, é por todos comprehendida. Quanto mais o tempo passa, mais as relações tendem a melhorar.

Si o actual chefe do governo francez não teve a intenção de fazer humorismo, pôde-se-lhe perguntar si já pensou algum dia no juizo que faria de Frederico Guilherme III da Prussia e de Guilherme I da Allemanha si, victoriosos que foram nas guerras de 1815 e de 1870, tivessem deixado os seus exercitos em toda a França oriental, durante uns cincoenta annos, com a idéa de que entre uma occupação de dois annos, como em 1815, ou de alguns mezes apenas, como em 1871, que certamente irritou os francezes, era preferivel uma occupação longa que todos comprehenderiam.

De accôrdo com as theorias de Poincaré, quanto mais annos se passassem, mais a França melhoraria as suas relações com os vencedores. Com taes criterios e com o ponto de vista dos autores do tratado de Versalhes, a occupação germanica na França teria podido evitar a guerra de 1914,

porque os francezes se habituariam e, com o tempo, as suas relações com os allemães seriam as melhores!...

Quando a *Entente*, durante a guerra, trouxe á Europa, para combater contra a Allemanha, as suas tropas de côr, e entre estas, ao serviço da França, negros quasi selvagens da Africa, nós mesmos achamos que os protestos da Allemanha não eram procedentes.

A necessidade não tem leis, tinham dito os allemães depois de haver violado a Belgica. Isto não é, sem duvida, a expressão de uma moral elevada, mas a guerra rompe todos os laços da tradição e da moral. Só ha uma cousa necessaria na guerra — é vencer. O respeito a algumas normas tradicionaes do direito das gentes e de alguns pactos tambem tradicionaes, é mais uma salvaguarda reciproca dos belligerantes do que um acto de generosidade. Um povo que está defendendo a propria existencia fica, *ipso facto*, tolerado, se não justificado, perante a opinião publica do mundo, quando recorre a todos os meios de coacção e de violencia. A Allemanha violou a neutralidade da Belgica, mas o que a *Entente* fez na Grecia não se parece de nenhum modo com a persuacção. Os allemães empregaram os submarinos, mesmo contra os navios mercantes e de passageiros, maculando-se de culpas nefandas, mas a *Entente* fez o bloqueio que, sendo uma fórmula de destruição mais discreta e menos sensacional, esfomeou um grande numero de povos e sacrificou decerto mais gente do que os submarinos. Todos empregaram as armas mais traiçoeiras, granadas de mão, gazes lagrimogenios, gazes asphyxiantes etc. Nunca se combateu com meios mais crueis e mais violentos e, de ambos os lados, horriveis estragos foram determinados pelo instincto da defeza e pela necessidade da victoria

F. Witt... Na guerra, tudo o que é necessario se torna legitimo, por mais que isso repugne á nossa alma e por mais dolorosa que seja esta confissão. O que devem fazer os homens de estado mais respitaveis, os grandes pensadores e honestos escriptores, é convergir todos os seus esforços no sentido

de evitar a guerra. Mas, uma vez que esta se declara, e que o heróe é aquelle que mata em maior escala, torna-se ridiculo o escandalo provocado por aquillo que só representa a manifestação de um estado de necessidade.

Por isso foi que, quando a Inglaterra e a França fizeram vir á Europa homens de todas as côres e de todas as raças e arrebanharam até negros de uma civilização inferior no fundo da Africa, povos que, até hontem, até hoje mesmo talvez, eram cannibae, nós achamos exaggerados e infundados os protestos allemães. Não tinha o direito de protestar quem empregava submarinos contra navios mercantes e afundava barbaramente navios de passageiros. A violencia injusta da Allemanha determinava, como consequencia, a violencia injusta de *Entente*.

A diffusão de noticias falsas é tambem uma grande arma de guerra. O mundo inteiro acreditou, durante muito tempo, que o exercicio predilecto dos allemães na Belgica, fosse o de cortar as mãos das creanças. Nada havia nisso de verdade e na Belgica não existem mais creanças com as mãos mutiladas do que na Inglaterra ou na propria Allemanha.

Eram noticias falsas, mas os jornaes mais autorizados as publicavam, as agencias telegraphicas as espalhavam pelo mundo, alimentando a prevenção contra a Allemanha que a isso deve, em grande parte, a sua derrota. A diffusão de noticias falsas é uma arma comparavel aos gazes asphyxiantes, que todos admittem, embora a todos repugne. O que se precisa evitar, é a guerra mas, uma vez que esta foi declarada, é muito difficil ou mesmo impossivel impedir as manifestações de violencia e de tyrannia.

Depois da paz, porem, cessado o perigo, qualquer offensa feita ao direito das gentes, qualquer affronta aos povos vencidos, qualquer violação de tratados, qualquer denegação de justiça, constitue um ultraje á civilização e á moral, fecundando os germens do odio e rebaixando cada vez mais a Europa ao nivel de unia grande Balkania, onde os mais nobres sentimentos deram logar aos mais ignobeis rancores. A conducta mantida para com os vencidos é uma medida exacta do gráo

de civilização dos vencedores e o insulto feito aos vencidos é prova da deshonestidade dos vencedores.

A Historia é uma successão continua de victorias e de derrotas e não ha povos eternamente vencedores. A obra da civilização consiste justamente em estabelecer, entre vencedores e vencidos, aquellas relações que fazem a victoria menos injusta e a derrota menos insupportavel. Os anthropophagos devoram os vencidos, os menos selvagens os escravizam e os povos modernos, que se dizem civilizados, se contentam, ou se contentavam até agora, em garantir a propria segurança e deixar o vencido em condições de não fazer mal.

Contra a Allemanha, porem, e contra os povos que com ella foram derrotados, os methodos mudaram inteiramente. Elles não só perderam tudo quanto era possivel perder, mas foram ainda humilhados, ultrajados e offendidos em todos os sentimentos de honra, de raça e de familia. Agora mesmo, depois de varios annos de paz concluida, os amarells, os pardos e os negros estão installados no Rheno, onde commettem toda a sorte de crimes e de violencias, seguros da sua impunidade.

Si a França tivesse perdido a guerra e a Allemanha se lembrasse de trazer, a Leão e a Marselha, regimentos de negros da Africa, para, em 15 annos, impor o pagamento de uma indemnização enorme, o acto pareceria horrivel a todo o mundo civilizado e os nossos corações teriam vibrado de indignação. Sem protesto, porem, nós assistimos o que se está passando na Allemanha e toleramos que miseraveis negros alli pratiquem as mais inauditas violencias e os mais nefandos crimes.

Examinei com attenção todos os communicados officiaes, todas as notas allemãs e todas as publicações, feitas na America e na Inglaterra, sobre a occupação do Rheno, e nunca a minha alma sentiu um fremito maior de desgosto e de horror.

No interesse da civilização e no da propria dignidade humana, eu julgo que não devo narrar tudo o que apurei nesses documentos.

Mulheres assassinadas, creanças agredidas e ultrajadas, velhas senhoras, a quem nem ao menos a idade serviu de protecção, mulheres mortas em consequencia de violencias soffridas, meninas violadas.

E tudo isso é ainda nada, ante a fria crueldade, com que se exigiu que os municipios allemães fornecessem mulheres allemãs para as casas de prostituição, ao serviço da libidinagem dos negros!

Quantas mulheres foram violadas impunemente e tiveram de esconder a sua vergonha com receio de maior soffrimento!

Quantas cidades allemãs foram obrigadas a fornecer, a expensas suas, e a organizar, com as suas mulheres, as casas de prostituição destinadas ás tropas brancas, amarellas e negras!

Quantas violencias não tiveram siquer o epilogo de um processo, e quantos estuproos nem ao menos foram seguidos de punição!

As autoridades exaggeravam a sua complacencia e nem ao menos procuravam descobrir os autores dos delictos. Eram quasi sempre os negros ainda selvagens, que mal entendiam, ou que declaravam não entender as ordens em francez!

Diante destes factos, o que são as atrocidades attribuidas aos officiaes allemães durante a guerra?

O brado de angustia das mães allemãs, ainda hoje não ouvido, chega até nós como a mais atroz censura a povos christãos, que a si mesmos se dizem civilizados e democraticos e, ainda ha poucos annos, proclamavam solemnemente que combatiam pelos direitos da civilização, pela victoria da justiça e pela igualdade dos povos livres!

A guerra, porem, os tornou insensiveis a toda a idéa de bondade, a toda a noção de justiça, e são os direitos da victoria que consagram o crime e a violencia em plena paz.

Parece que nem as associações religiosas, nem os sacerdotes catholicos e os pastores protestantes se deixam commover e, emquanto despendem avultadas sommas com a propagação

do christianismo na China, assistem indifferentes ás atrocidades européas, para as quaes, até aquelles que pregam a moral de Jesus, não teem um gesto de reprovação!

O grito de dôr da mulher allemã perde-se no deserto do sentimento!

Não desejo referir tudo o que está acontecendo no Rheno, mas devo dizer no entanto que, si os inglezes elevaram um monumento a Miss Calwell, que foi victima da barbaridade e da violencia allemã, durante a guerra, o seu martyrio é muito pouca cousa ante o martyrio das mulheres allemãs durante a paz.

E um dia, quando a civilização voltar a ser honrada, e fôr restabelecido o respeito ao direito das gentes, os allemães do Rheno hão de relembrar os nomes das suas pobres esposas e das suas miserables creanças, contaminadas pela violencia negra, por vontade dos vencedores!

Durante mais de dois mil annos as aguas do Rheno assistiram a todas as guerras e a todos os conflictos, e muito sangue foi derramado numa e noutra margem do rio legendario dos herões. Até agora, porem, nunca das suas verdes ribanceiras se haviam reflectido no rio sagrado das batalhas e da gloria, faces negras de cannibae da Africa, vindos para impor os direitos da victoria ao povo mais culto do mundo, que mais contribuiu para a civilização moderna, que mais monumentos de architectura legou á religião e á arte!

Esta phase da vida da Europa será considerada talvez a mais vergonhosa de toda a sua historia.

7 — A desorganização e o abatimento economico da Allemanha.

Mesmo depois de uma guerra tão rude e tendo encontrado toda a sorte de difficuldades para o seu aprovisionamento, por causa do bloqueio que a apertava, a Allemanha sahiu do conflicto com o seu mecanismo de producção quasi intacto. Mas o tratado de Versalhes, ou melhor, a applicação que

lhe quizeram dar, convulsionou e desorganizou toda a produção allemã, entrou o seu commercio e tornou incerta toda a sua actividade economica.

A condição mais importante da produção é uma estabilidade, pelo menos relativa. Ora, depois da guerra, tudo se tornou instavel e incerto na Allemanha que, portanto, não pôde produzir. O tratado de paz, a começar pela questão das indemnizações de guerra, imprópriamente denominada das reparações dos damnos, deixou tudo sem solução. Inertas são as fórmulas de pagamento e duvidosos são os proprios limites do Imperio. Além das grandes porções de territorio, distribuidas a esmo, até a paizes que isso não haviam pedido, houve zonas de plebiscito, como a Alta Silesia, abandonadas ao regimen da violencia. A Allemanha não pôde celebrar tratados de commercio, não pôde fazer accôrds economicos, e nem ao menos sabe aquillo que ainda possui ou pôde fazer. Regiões inteiras, das mais ricas, entraram no systema alfandegario francez ou polaco e a Prussia Oriental ficou separada do resto da Allemanha, como se fosse uma colonia.

Havendo perdido a sua marinha mereante, quasi todas as suas riquezas e materias primas mais importantes, a organização commercial no exterior e todas as suas colonias, vendo fiscalizados os seus rios e caminhos de ferro, desorganizada a produção de carvão e aniquilada a industria do ferro, ha cerca de tres annos a Allemanha tem em cheque, não só a sua unidade economica, como tambem a sua unidade politica. Impossibilitada de unir-se á Austria, ella não pôde ir á Russia, e encontra barrados os caminhos do Oriente, ficando submettida, além disso, a toda a sorte de torturas moraes e de violencias economicas, nos territorios occupados.

As tropas de occupação não permanecem no territorio germanico por segurança militar, mas sim para exercer o commando. Proibições de publicações, censuras e requisições são feitas ao acaso e quasi por capricho. Pretextos absurdos levam as commissões militares a mandar destruir, não só material de guerra, como tambem productos da industria particular que, de facto, não teem objectivo militar. Em junho,

deste anno, uma partida de 9 mil espingardas de caça da «Companhia Allemã de Armas de Munich», destinada á exportação, foi inteiramente destruida sem motivo sério.

Tenho aqui presentes alguns exemplares de questionarios espalhados por autoridades militares, nos territorios occupados e fóra delles, com o fim de conhecer as condições da opinião publica a respeito de algumas questões: Ha perguntas, como esta: «Quaes são as correntes de idéas nos diversos partidos sobre a criação de uma federação do Danubio, que reúna as provincias catholicas da Germania do sul com a Rhenania e com o Ruhr?» Uma outra pergunta symptomatica: «Qual seria a attitude da população operaria do Ruhr, diante de uma possivel occupação? Qual a attitude dos burgoezes, industriaes, funcçionarios e engenheiros allemães? Nomes dos principaes funcçionarios e sua attitude; quaes delles seriam favoraveis?».

A industria allemã não sabe o que pôde comprar, dada a instabilidade do cambio e não sabe tambem o que pôde vender. Durante muito tempo ella não teve siquer a segurança das suas installações, que poderiam ser requisitadas de um momento para outro, para a reparação das fabricas belgas, prevista no tratado. E, depois da injusta e enorme perda da Alta Silesia, a Allemanha não sabe mesmo como poderá compensar a ruptura de todo o systema que, pela mais completa e perfeita divisão de trabalho, unia a industria de um a outro extremo do territorio do Imperio. Emquanto durou a guerra, ella teve necessidade de mobilizar todos os seus recursos e realizou os mais extraordinarios progressos technicos, que foram depois utilizados durante a paz. Assin, tendo perdido a maior parte dos seus mercados externos, desenvolveu grandemente o mercado interno. Em todos estes aspectos nada existe de mais grandioso do que a energia com a qual o povo allemão procura não perecer e, sujeito a todas as privações, apezar das convulsões internas, da luta entre os partidos e da insegurança do regimen, ameaçado por todos os extremistas, consegue viver, soffrendo embora os maiores padecimentos



Em seu conjunto, na Allemanha como em toda a parte, o trabalho piorou qualitativamente depois da guerra. O espirito de inercia e de opposição que invadiu as massas operarias da Europa, e que só com o tempo poderá desapparecer, reina tambem entre os allemães.

Não podendo contrahir emprestimos no exterior, logo depois da guerra, a Allemanha vendeu marcos em grande quantidade e augmentou a sua circulação. De certo modo era um meio de pagar as despesas a que estava obrigada, e de adquirir tambem materias primas.

Dada a insegurança e a instabilidade de todas as fórmulas de actividade e pelo facto de que a especulação do marco a todos seduzia, surgiram na Allemanha inteira, fórmulas moribundas de actividade economica. A continua baixa do mercado tornou inutil a pequena economia e o exodo de capitaes, verificado em larga escala, foi a consequencia da absoluta falta de confiança. Ainda agora, todos procuram prorogar os seus pagamentos no interior, para aproveitar a inevitavel depreciação da moeda e hoje, mesmo dentro da Allemanha, os contractos já se fazem em padrão estrangeiro.

Quando a Allemanha sahiu da guerra, não obstante a necessidade de grandes aquisições no exterior, o seu cambio estava relativamente muito bom. Um dollar, ao par, equivalia a marcos 4,20; em dezembro de 1918, um dollar custava 8,28 e depois do tratado, em julho de 1919, já se elevava a 15,08. A applicação do tratado, porem, com as fortes despesas impostas á Allemanha, a dissolução do seu poderoso organismo economico e a ruína das finanças publicas, dois annos depois, em novembro de 1921, tinham feito chegar o valor do dollar a 262,96. Após as deliberações da Commissão das Reparaciones e a attitude da *Entente*, no verão de 1922, as cotações attingiram a 2000 e até 2400 marcos por dollar (*). Deste modo, o marco se desvalorizou 500 ou 600 vezes, e está prestes a perder todo o seu poder acquisitivo. A desordem da circulação veio coincidir com uma verdadeira revolução

(*) Em maio de 1923 um dollar valia mais de 50.000 marcos!



dos preços, que oscillam a cada instante. Os industriaes tem medo de vender a sua mercadoria e receiam que o preço, embora muito alto, não chegue para compensar a parte que é necessaria, como quota de reintegração, para a aquisição das materias primas no estrangeiro.

Apezar de todas as nórmas estabelecidas pela Commissão das Reparções e pelo *Comité* de garantia, ou talvez por isso mesmo, as finanças publicas estão em tal estado de desordem, que nem se comprehende como o Thesouro possa ainda fazer face aos seus compromissos.

A divida fluctuante, em 31 de maio de 1922, era de 299,8 bilhões de marcos e a circulação de papel moeda de 131,8 bilhões, ou seja, um total de 432 bilhões, afóra todas as outras dividas.

O enorme edificio da industria tedesca, producto do esforço, da intelligencia e de um trabalho incessante, apresenta por todos os lados grandes fendas e pôde-se ter a certeza de que a sua quéda será fatal, pelo menos em grande parte, si se não encontrar um meio de libertar a Allemanha das algemas que a opprimem e lhe não permitem qualquer liberdade de movimentos.

As estultas opinões daquelles que falavam em indemnizações de 1000 bilhões e em reparações de 350 bilhões, reproduzidas nos proprios jornaes francezes, italianos e inglezes, deram vulto a uma idéa muito estúpida, pela qual o publico suppõe que a quéda do marco é favoravel á expansão da industria tedesca, que a Allemanha não paga impostos elevados e que, voluntariamente, provocou a derrocada das proprias finanças, afim de não pagar indemnização aos vencedores.

Ora, durante a guerra, qualquer diffusão de noticias falsas podia ser util para os effeitos da victoria, do mesmo modo que as bombas e os gazes, mas, durante a paz, essa divulgção de boatos e de preconceitos absurdos que faz uma parte da imprensa, sempre a mesma e sempre com a mesma intenção perversa, não deveria ser tolerada por mais tempo.



Depois de um exame accurado e meticoloso, eu adquiri a convicção de que na Allemanha os impostos são muito mais pesados que em qualquer outro paiz do continente.

Nos meios mais ignorantes e nos jornaes menos circumspectos, falava-se, até bem pouco tempo, em uma especie de *complot* allemão para desvalorizar o marco e arruinar os Alliados. Os paizes unitarios do continente, que já empregam toda a bôa vontade em arruinar-se a si mesmos, com a sua politica militar, com a sua dissipação financeira e a absurda pretensão de exigir da Allemanha infinitamente mais do que elles proprios seriam capazes de dar, nas mesmas condições e com todo o esforço, acolhem facilmente esses boatos que, em meios sérios, só provocariam indignação.

Analysando todos os indices economicos, não obstante o esforço immenso do povo germanico para não cahir, observa-se na Allemanha uma rapida e progressiva decadencia economica. Os consumos alimentares diminuem por toda a parte e, por causa dos preços elevadissimos, cada vez maior se torna a penuria dos alimentos, das vestimentas, das roupas brancas e do calçado. Colhi muitos dados sobre a situação das creanças que frequentam as escolas publicas e fiquei vivamente impressionado ao verificar que, nos centros de grande riqueza, faltam, hoje, as cousas mais indispensaveis á vida.

A quédia do marco tudo convulsionou e impediu completamente a estabilidade da producção. Informações obtidas no congresso dos representantes das cidades allemãs, na primavera de 1922, são realmente alarmantes.

Pessôas da pequena burguezia, que trabalharam a vida inteira para constituir um capital de 100 mil ou 200 mil marcos, na realidade nada possuem hoje, porque estas sommas valem uma centesima parte do que valiam antes da guerra e nem attingem a um decimo da renda annual que dellas se esperava.

A alimentação escassa, a falta de alojamento, de roupas e de carvão, compromettem cada vez mais a saude da população, especialmente a das creanças e adolescentes, nascidos

e crescidos durante a guerra, e que se estão desenvolvendo em um periodo de durissimas privações.

Na reunião annual da Sociedade de Hygiene, realizada em Nuremberg no mez de setembro de 1921, foram conhecidas cifras verdadeiramente impressionantes. As molestias da infancia, principalmente o rachitismo, estão em terrivel augmento e a tuberculose se propaga á medida que pioram as condições alimentares e escasseiam os meios de vida. Fecham-se diariamente hospitaes, estabelecimentos de assistencia e institutos de soccorro.

O doutor Kaufmann, presidente da Repartição dos Seguros do Imperio, escreve que a resistencia physica da população diminue de maneira tal, que a tuberculose, qual cyclone devastador, derribando todas as barreiras protectoras, poderá hoje facilmente invadir a Allemanha. Ainda mais triste é que, quanto mais tragica se torna a situação, maior é a falta de recursos, e os estrangeiros que chegam á Allemanha só não teem uma idéa exacta da verdade, pela compostura exterior da população. A fome, entretanto, alastra por toda a parte e, devido á absoluta falta de meios, deixam de funcionar até os serviços de assistencia e de educação.

Ninguem economiza, com o receio de que o dinheiro valha ainda menos no dia seguinte. A situação dos incapazes para o trabalho e dos mutilados da guerra fica cada vez mais horrorosa, porque para nada chega o que o governo lhes dá e as familias, por sua vez, não os podem soccorrer. Os medicos encarregados da hygiene encontram nas escolas, sempre em maior numero, creanças que não teem uma só muda de roupa branca e que são obrigadas a usar a mesma, durante mezes e mezes, por falta de outra. O problema da vida, especialmente para a pequena burguezia, se complica de uma maneira assustadora e progressiva. Os contrastes sociaes se vão intensificando e augmentam as iras da população que aspira a um governo ainda mais democratico, em opposição aos partidos reaccionarios que pensam na volta ao antigo regimen.

Sobre toda esta tragedia economica paira, continuo, incessante e ameaçador, o problema das reparações.

A Allemanha, ignorando o que deve pagar, sabe só que não póde pagar o que lhe exigem, e sabe tambem que não exigem para receber, mas sim, para suffocar-lhe as energias. Esta noção se espalha e se diffunde; juntamente com o desejo da resistencia: resistencia passiva contra a violencia, acceitação da violencia e desenvolvimento continuo e crescente do odio.

Alguns governos aspiram ao rompimento da unidade allemã, esquecidos de que esta unidade não reside apenas na organização, mas tambem nos corações, e que os soffrimentos contribuem para excitar a anciedade geral e o rancor commum.

Depois da tragedia da Austria, esboça-se a tragedia da Allemanha, consequencia menos da guerra que dos tratados de paz.

Mas essa, que não poderá impedir a grande resurreição do povo germanico, arrastará fatalmente para a ruina, uns depois dos outros, quasi todos os povos do continente europeu. Os vinculos de solidariedade se rempem successivamente e a paralyisia economica, que já ataca os vencidos, se estenderá tambem aos vencedores. Podem aneaçar com todas as occupações, com todos os assaltos e todas as violencias, que só conseguirão augmentar as suas despezas, diminuir o seu credito e perder, com o prestigio moral, toda a capacidade de desenvolvimento.

Foi unicamente pela sua grandiosa capacidade de resistencia, que a Allemanha poudes subsistir até agora e é só pela grandiosa intelligencia de seus filhos que ella lia de felizmente resurgir, para o bem da Europa e da riqueza do mundo. Nenhum outro paiz teria podido resistir tanto.

Supponhamos, para argumentar, que a França e a Italia tivessem perdido a guerra e que lhes fossem applicados os criterios dos tratados de Versalhes e de Saint-Germain-en-Laye.



À Austria-Hungria victoriosa, a Italia teria sido obrigada a ceder as provincias Udine e Treviso. Não é demais, desde que se leve em conta o criterio pelo qual quatro milhões de allemães da Austria, com cidades que são tudo quanto possa existir no mundo de mais allemão, como Pilsen, Karlsbad, Reichenberg etc., foram annexados a outros paizes.

Para representar um equivalente á cessão perpetua das minas do Sarre, a Italia teria sido forçada a entregar, pelo menos, as installações hydro-electricas das provincias de Como e de Sondrio, com direito de transportar a energia para a Austria. Não tendo a Austria-Hungria uma sahida para o Mediterraneo, teria exigido um porto de mar, da Liguria e, como se fez para Dantzig, um corredor que teria separado o Piemonte da Lombardia, isolando-o completamente da Italia. Para assegurar uma indemnização igual á metade do que se pretende da Allemanha, a Italia teria de garantir 60 bilhões e de obrigar-se a sustentar um exercito de occupação de brancos e de negros, com 70 mil homens, nas provincias de Milão e Pavia e, em caso de inobservancia de qualquer condição, teria visto occupar até as cidades de Bolonha e de Ferrara.

Tudo isso, além da cessão de todos os bens pertencentes a italianos no estrangeiro, das colonias e da marinha mercante.

Supponhamos agora, que a França tivesse sido derrotada e a Allemanha se lembrasse de fazer valer os mesmos criterios que, em nome da democracia e da justiça, a França pleiteia para a Allemanha. Como primeiro acto, então, a França teria de ceder todas as suas riquezas transferiveis e colonias, todos os navios mercantes e cabos submarinos. E como a riqueza franceza não está muito longe da allemã, não seria demais exigir 150 bilhões de francos em ouro.

Como equivalente da cessão definitiva das minas do Sarre, a França deveria entregar todas as minas do Pas-de-Calais e, como modesta compensação á perda da Alta Silesia, a bacia de Briey.



Como a Allemanha almejaría um porto no Mediterraneo, teria talvez preferido o de Ceuta, com um corredor desde a Alsacia até o mar. Para garantir a indemnização dos 150 bilhões, viriam 100 mil allemães com 30 mil negros e homens de côr da Africa oriental, do Camerun, do Togo e da Nova Guiné. As tropas brancas e de côr, installadas em Leão, Dijon, Bologna e Ruão, com requisição de alojamentos nas casas de familias ricas, teriam, pelo menos, 4 bilhões de francos ouro de despeza annual. Obrigada a ceder os seus navios de guerra, a França teria visto no seu flanco uma Allemanha com um exercito de um milhão de homens, ameaçando constantemente de invadir novos territorios, trabalhando pela sua destruição e pretendendo impor-lhe até o supremo ultraje de exigir que as mulheres francezas ficassem á disposição dos barbaros do Camerun e da Africa oriental. Postas sob *contrôle* as finanças do paiz, fiscalizados os caminhos de ferro e os canaes, tudo submettido a commissões residentes em Berlim e Munich, a França finalmente teria sido forçada a declarar que todas as offensas, todas as violações de territorio e quaesquer represalias não eram actos de hostilidade!

Francezes e italianos não podem siquer pensar em todas estas cousas, sem estremecer de horror. Melhor seria morrer combatendo do que viver vencido, si a derrota devesse ser a mais atroz das humilhações, a mais terrivel das ruinas.

No entanto, os francezes e os italianos ignoram as consequencias dos tratados, e aquelles que as conhecem, por cynismo, ignorancia ou idiotismo, ou por todas estas cousas juntas, continuam a falar nos direitos da victoria e a proclamar que a Entente combateu pela civilização, pela justiça e pelos direitos da humanidade (*).

(*) Nota. Reuniu-se, ha pouco, no *Grand Palais*, em Paris, o jury encarregado de julgar o concurso aberto entre todos os artistas francezes para a execução da medalha commemorativa inter-alliada, a medalha da Victoria. Cincoenta projectos foram apresentados aos juizes, Srs. Landowsky, Dropsy, Albert Parenty, Bouchard, Jeanne e Jean Boucher. Foi proclamado vencedor o Sr. Alexandre Morlon, que recebeu um premio de 3.000 francos. No verso da medalha, á qual coube o primeiro lugar, estão gravados os dizeres: *R. F. La grande guerre pour la civilisation. 1914-1918.*

Nós nos envergonhariamos, certamente, si fôssemos accusados de dispensar a um povo semiselvagem o tratamento que estamos tendo para com a Allemanha!

Julgamos que tudo é licito contra os allemães, isto é, contra o povo que em cento e cincoenta annos deu ao mundo os seus maiores pensadores, de Kant a Schopenhauer, os maiores artistas, de Beethoven a Wagner e Goethe, e as maiores contribuições para a sciencia e para as applicações industriaes.

Si, com as perseguições, só se quer atormentar a quem mais se temia, tambem é forte o desejo de abater e dividir o povo allemão.

Que futuro reservamos nós aos nossos filhos? Qual será o nosso proximo amanhã? A situação que nós prepararmos será aquella que viremos a ter e não poderemos restabelecer a paz no interior de todas as nações, nem a prosperidade, nem as condições de vida, emquanto este triste periodo de ignorancia e de brutalidade não estiver esquecido.

A causa da Allemanha e dos povos vencidos é, mais do que nunca, a causa do mundo inteiro e só della depende a paz e a prosperidade de todas as nações.



CAPITULO QUARTO

**A desordem politica da Europa.
As consequencias da guerra
e as consequencias dos tratados de paz.**



FAVITE DE ARTON
A desonhon politica da Europa
As consequencias do tratado
As consequencias das lutas de paz



CAPITULO QUARTO

A. desordem politica da Europa.

As consequencias da guerra e as consequencias dos tratados de paz.

Era muito facil de prever que a guerra, tendo durado de 1914 a 1918, daria logar a uma grande crise mundial, com revoluções politicas, desordens economicas e relações menos cordiaes entre as differentes classes sociaes.

As grandes guerras são como os grandes terremotos. Quem já observou, nas regiões onde estes phenomenos occorrem, o estado de desordem e desanimo que se segue ao flagello, facilmente comprehende e explica muitos dos factos que se passaram depois da guerra.

Em geral, as populações feridas pelo terremoto, durante varios annos após o desastre, pouco se interessam pela produção. Trabalham com má vontade e são frequentemente invadidas por uma sêde de vida e de prazeres. Quasi indifferentes ao que se passa, facilmente se excitam e perdêm a aptidão, mesmo para prover as suas necessidades mais urgentes.

Todas as grandes guerras, como os terremotos, convulsionam a terra, revolucionam os animos e derrubam até as instituições politicas.



A propria guerra de 1870, combatida apenas por dois povos de Europa, que durou poucos mezes e produziu ao todo menos mortes do que só as da Italia na ultima guerra, acarretou algumas consequencias bem caracteristicas.

O paiz vencido, a França, viu a quéda do seu regimen politico e o imperio cedeu o logar á republica, tendo havido, com a Communa de Paris, uma verdadeira tentativa comunista ou, como se diria hoje, bolshevista.

O paiz vencedor, a Allemanha, depois dos grandes movimentos de massas militares, teve nos seus partidos politicos a influencia das massas populares, surgindo com impeto a democracia social e, desejoso de dominio, o centro catholico.

Phenomenos analogos e em mais larga escala, era facil de prever que occorressem agora na Europa. A guerra durou mais de quatro annos, porem foram principalmente os tratados de paz que contribuiram para convulsionar o continente europeu, tratados de paz, dos quaes ninguem poderia prever o absurdo, a violencia e o espirito de rapina.

Elles são, realmente, de uma moral tão baixa e de um cynismo tão revoltante, que seria preciso ir á idade média, para encontrar cousa semelhante. Aquelles que os conceberam e que acreditavam poder conseguir o aniquilamento dos vencidos, verificaram, tarde demais talvez, que, dado o character da producção moderna, a quéda dos vencidos é tambem a ruína dos vencedores.

Não houve, na Europa, durante muitos seculos, uma guerra, pela sua extensão e pelos damnos causados, comparavel com a de 1914, que determinou a subversão de todas as relações existentes entre os povos. Para encontrar no passado um periodo analogo ao actual, é preciso remontar aos tempos de Julio Cesar. A forma e a natureza das guerras de então eram muito differentes. Julio Cesar, que foi certamente o maior guerreiro da Europa em todos os tempos, á frente dos seus exercitos, matou um numero de inimigos que, segundo os historiadores mais conceituados, ultrapassou a dois milhões, e, em proporção, soffreu naturalmente grandes

bar judaica.

id. media?...

perdas. Levando em conta a população da Europa daquella época, vê-se que a intensidade da guerra e a gravidade dos phenomenos que se lhe seguiram, foram da mais terrivel violencia.

Verificaram-se então grandes desordens que perduraram até o tempo de Augusto. Nas cidades, e especialmente em Roma, accentuava-se o dissidio entre a plebe e as classes abastadas. Cesar, com uma concepção quasi socialista, desejava que, depois da guerra, aquelles que della haviam participado mais largamente, as massas populares e os trabalhadores livres, tivessem o maior proveito, e que todas as investidas se democratizassem. As grandes despezas, porem, haviam desorganizado o thesouro e os impostos não chegavam para cobrir o deficit, manifestando-se no povo, por outro lado, o desejo de uma vida melhor e mais confortavel e a paixão pelos divertimentos e espectaculos publicos. Os habitos de economia eram esquecidos e, o que é ainda peor, o povo não mostrava vontade de trabalhar. Á guerra militar seguia-se então a guerra civil e a discordia interna succedia às luctas contra o inimigo. Os legionarios e trabalhadores livres invadiam as terras dos ricos e dellas se queriam apossar, devendo o governo procurar, por meio de leis agrarias, tornar possiveis estas transferencias de riqueza.

Foi no periodo das mais intensas lutas civis, que Caio Sallustio (*) dirigiu a Cesar duas cartas cheias de factos e conceitos que parecem reflectir os estados de alma consequentes ás grandes guerras.

Houve quem duvidasse da authenticidade destas duas cartas, porem os criticos mais autorizados as attribuem ao eminente general e historiador romano.

Sallustio queria falar a Cesar, com toda a franqueza, como a um homem que era maior e mais forte de animo na adversidade do que nas circumstancias favoraveis: *semper tibi*

(*) Caio Sallustio, grande historiador, foi um dos mais notaveis escriptores de Roma, autor da «Vida de Jugurtha» e da «Conjuração de Catilina». Viveu de 86 a 34, antes da éra christã.



majorem in adversis, quam in secundis rebus animum esse.
E Cesar possuía o espirito de quem, desde o principio, con-
trariou sempre o partido da nobreza, restituindo ao povo as
suas liberdades e investiduras.

bacharel!
judaeus!
 A vida publica, dizia Sallustio, está profundamente con-
 vulsionada. Homens mediocres e facciosos, cujo valor e cuja
força estão só na lingua, (quorum omnis vis virtusque in lingua
sita est) aspiram a todos os cargos. (Naturalmente já existi-
tiam naquelle tempo os que não faziam a guerra e que, depois
della, tinham as maiores pretensões).

Das provincias veio muita plebe cheia de máos costum-
 es e de modo nenhum apta a tomar o governo da Repu-
 blica (*parum mihi idonea videtur ad capessendam Republicanam*).

O amor ás riquezas e ao dinheiro assumiu proporções
 sérias, sobretudo depois das fortunas rapidamente feitas com
 a guerra

Os nobres permanecem inertes e, como nas estatuas,
nada ha nelles mais do que o nome (in quibus sicut in statua,
praeter nomen, nihil est additamenti).

No meio de um tão grande agitar de paixões, os sena-
 dores, nas suas decisões, procedem sem criterio e ora deli-
 beram uma cousa, ora outra (*ex alinea libidine huc atque*
illuc fluctuantes agitantur).

A liberdade é igualmente desejavel para os fortes como
 para os fracos, mas os proprios senadores a perderam, com
 medo das facções. Será conveniente melhorar o Senado?
 Mudar a sua composição? (Então, como agora já se
 pensava nas reformas eleitoraes, com a esperança de que
 a fórmula pudesse melhorar a realidade da situação).

Sallustio alimentava, tambem elle, a illusão de uma
 dictadura de Cesar. Os sacrificios da guerra que fez a gran-
 deza de Roma, não deviam ser perdidos e era preciso resta-
 belecer a liberdade prejudicada pelas facções e pela desor-
 dem. Os cidadãos pediam a ordem (*pro his amplissimus bene-*
ficiis non flagitium a te, neque malum facinus petimus; sed
uti libertatem eversam restituas).

Si, como disse Appio nos seus cantos, cada qual é artifice da propria fortuna (*fabrum esse suae quemque fortunae*), é necessario um governo que inspire confiança aos cidadãos

A empreza mais nobre é pôr em ordem o Senado, no qual as facções vencedoras consideram a violencia como um direito e exigem presa, quando os vencidos, na realidade, são outros cidadãos (*Bellum aliorum pace mollius gessisti; ad hoc victores praedam petunt, victi cives sunt*).

É preciso não esquecer aquelles que durante a guerra se portaram nobremente e com fé e tambem aquelles que tripudiaram, ganhando na administração da guerra e esbanjando com meretrizes e luxos de toda a sorte (*quoque modo in belli administratione scorta aut convivia exercuerint nonnulli*).

Mas, talvez seja preferivel não falar mais da guerra (*de bello satis dictum*) e enfrentar as difficuldades da paz.

Para salvar a Republica, torna-se necessario apenas: reduzir as despezas publicas, diminuir as despezas particulares, produzir mais e consumir menos.

A geração nova quer gozar e não tem conta nos seus gastos; os jovens consomem o seu e o dos outros (*Homines adolescentuli sua atque aliena consumere, nihil libidini atque aliis rogantibus denegare, pulcherrimum putent*).

A guerra trouxe a mania do luxo, das grandes despezas e o habito de fazer justiça pelas proprias mãos, organizando expedições e facções. (Justamente o que agora ocorre em alguns paizes sahidos da grande guerra).

É necessario restabelecer a simplicidade dos antigos institutos, reformar os costumes e reduzir as despezas, de modo que ninguem gaste levianamente além do proprio patrimonio.

O que se pôde esperar de quem está absorvido pelos prazeres materiaes?

O que podem fazer homens que encham a barriga duas vezes por dia e passam todas as noites com mulheres galan-



tes? Inaptos para a guerra e inaptos para a paz, estragam a maior parte das cousas por imprudencia ou pouca seriedade (*nam imprudentia pleraque et se praecipitant*).

Não deve prevalecer a moral da desordem. Não deve ser consentido que em todas as provincias da Italia irrompam tumultos, que se occupem as casas dos cidadãos e seja damnificada a propriedade dos particulares, por interesses de facções. Os devastadores descuram as suas proprias casas e occupam as dos outros (*nam iidem omnia vastant, suas deserendo domos et per injuriam alienas occupando*).

A paz, com a justiça e a ordem no interior. E não aconteça que a guerra seja desfrutada por aquelles que a não fizeram. E, como alguns se bateram trinta vezes, enquanto outras nenhuma, os recursos disponiveis devem ser dados a quem lutou pela patria (*Item ne, ut adhuc, militia injusta aut inequalis sit; cum alij triginta, pars nullum stipendium faciat*).

Levando-se em conta a diversidade d'os tempos, das circumstancias, do ambiente e das formas de producção é forçoso reconhecer que nada mudou! (*).

Depois de uma dura guerra, era de prever, na Europa, uma durissima paz, e as grandes difficuldades da producção e do commercio não podiam ser evitadas. O que representa, porem, o maior perigo para a Europa e para a civilização inteira, é que a paz foi feita, como reconheceu Clemenceau, só como um meio de continuar a guerra.

A. Tardieu, que foi um dos representantes da França na Conferencia de Paris e talvez o maior responsavel pelo tratado de Versalhes, escreveu que contra a Allemanha era necessario o *maximum d'obstacles que la raison puisse concevoir*. A razão não podia, pois, conceber obstaculos maiores e nunca a historia apresentou o spectaculo de tantas garantias quantas exigiu a França: *des garanties telles que jamais*

(*) Já Salomão dizia que nada ha de novo debaixo do sol (*Nihil novi sub sole*) Eclesiastes 1-9.

l'histoire n'en a enregistré de pareilles (*). As dificuldades, ou si se quizer empregar a phraseologia democratica, as garantias foram, portanto, augmentadas na razão directa do fim que se procurava attingir.

A ordenação, ou para melhor dizer, o mechanismo da paz está baseado nos seguintes criterios:

1.º) os vencidos, declarando-se responsaveis pela guerra, assumem o compromisso de pagar, a titulo de reparação dos danos, em ouro e em especie, não entrando em conta as cessões territoriaes, as colonias etc., uma verdadeira indemnização que deve ser determinada, no *quantum* e na fórma de pagamento, pela Commissão das Reparações, a qual é constituída exclusivamente pelos principaes paizes vencedores;

2.º) a Commissão das Reparações fiscaliza toda a vida economica e financeira dos paizes vencidos, principalmente da Allemanha, podendo modificar, como entender, as suas leis, regulamentos e até ordens admnistrativas;

3.º) enquanto não forem cumpridas todas as obrigações do tratado, um exercito de occupação domina e occupa uma parte do territorio allemão e, segundo uma interpretação absurda, arranjada posteriormente, os vencedores podem tambem occupar e saquear qualquer outra parte da Allemanha, sem que esse facto constitúa acto de hostilidade;

4.º) para defender os direitos dos vencedores e emprestar fórma legal a todos os abusos, existe em Genebra uma chamada Liga ou Sociedade das Nações, de que deviam fazer parte todos os paizes, mas os vencidos estão realmente excluidos, porque só poderão ser admittidos quando tiverem cumprido todas as clausulas do tratado, o que nunca acontecerá. Esta Sociedade das Nações da qual, com elevada noção de seriedade e de dignidade politica, os Estados Unidos não

(*) O *Correio da Manhã*, de 30 de maio de 1923, publicou o seguinte telegramma: *Paris, 29.* (A. P.) Na sessão de hoje da Camara dos Deputados o snr. Poincaré foi vivamente atacado pelo snr. André Tardieu que qualificou de verdadeiro fracasso a occupação do Ruhr. Disse o orador que a França recebera menos um milhão e quinhentas mil toneladas de carvão do que antes da occupação.

quizeram fazer parte, (*) só funciona em proveito dos vencedores e, como principio fundamental, exige que os seus membros se comprometam a respeitar e preservar de ataques externos a *integridade territorial e a actual independencia* politica de todos os paizes associados (artigo 10). Estes paizes, portanto, devem effectivamente sancionar todas as enormidades que o tratado consagrou, não podendo ser permittida qualquer modificação. A Sociedade das Nações garante ainda actos de violencia, como a divisão da Allemanha em duas partes e o corredor de Dantzig, que os proprios polacos mais honestos reconhecem como uma enormidade moral, não querendo ser por ella responsaveis, porquanto a Polonia nem siquér existia quando foi feito o tratado e taes abusos tiveram mais o intuito de offender a Allemanha do que de auxiliar a Polonia, para a qual, aliás, constituem um perigo permanente.

É verdade que a Sociedade das Nações póde convidar os seus membros para uma revisão dos tratados que se tornarem inapplicaveis (artigo 16), mas esta faculdade é até ridicula, porque o mesmo estatuto da Sociedade (artigo 5) dispõe que todas as disposições do Conselho devem ser tomadas por unanimidade.

Si se reconhecesse, pois, o absurdo do corredor e da constituição de Dantzig em cidade autonoma, bastaria o voto de um unico paiz interessado, para impedir qualquer decisão. Do mesmo modo, si a Austria allemã se quizesse unir á Allemanha, só o voto da França, ou da Italia, seria sufficiente para impedir essa união e, portanto, a Sociedade das Nações tem apenas o objectivo de fazer valer os direitos dos vencedores;

5.º) praticamente, a Commissão das Reparações, garantida pelos canhões da *Entente*, dispõe de todos os recursos

(*) No jornal *O Paiz*, de 29 de maio de 1923, foi publicado o seguinte telegramma da Agencia Americana:

Nova York, 27 (A. A.) — O Dr. Rodrigo Octavio, illustre juriscunulto brasileiro, declarou que a ausencia dos Estados Unidos, não só diminue seriamente o prestigio, como talvez affecte a propria validade do Tribunal Internacional da Liga das Nações.



dos vencidos e pôde mesmo aniquila-los, si quizér, tendo apenas a missão de manter uma pretensa situação de direito, que é, na realidade, um regimen de violencia e de arbitrio.

Sob o ponto de vista do direito, a Sociedade das Nações não differe muito do que é, de facto, a Commissão das Reparações e facilmente se comprehende que uma verdadeira democracia, como a America do Norte, não podia fazer parte della, sem se diminuir. Os Estados Unidos decerto nunca pertencerão á Liga, si esta, constituida com elevados fins, mas tendo degenerado depois em uma verdadeira garantia da violencia, não pôr reformada.

Ao serviço da paz, feita só para continuar a guerra, existem, pois, dois gendarmes: um é a Commissão das Reparações, cynica, incompetente, avida de grandes lucros, que advoga os direitos patrimoniaes e cuida de tolher aos vencidos todos os recursos; o outro é a Sociedade das Nações, que tem o encargo de sustentar a actual situação territorial e os limites estabelecidos pelos tratados.

Estes dois organismos de garantia apenas representam, de facto, os meios para assegurar e defender o monstruoso tratado de Versalhes.

Já vimos qual foi a situação creada para a Allemanha sob o ponto de vista territorial. Os francezes, os inglezes e os italianos nunca se resignariam a acceitar condições como aquellas que foram impostas á Allemanha, e os allemães tambem não as podem acceitar. Em todos os espiritos germanicos ha dôr, ha humilhação e ha rancor, mas não ha renuncia. Condições como a do Sarre, da Alta Silesia, do corredor de Dantzig e da partilha de territorios que nem ao menos haviam sido reclamados, podem ser supportadas por necessidade, mas nunca acceitas. As occupações militares de inimigos e de raças de côr, a perda da soberania no interior e no exterior, são humilhações muito grandes para que uma nação as receba sem rugir. A crença, de que o soffrimento e a humilhação possam dividir, por muito tempo, um grande povo, é uma illusão!



Tomando por base os ultimos recenseamentos, existem na Europa cerca de 476 milhões de homens, dos quaes 432,4 pertencem aos paizes sahidos da guerra e apenas 43,6 aos que della não participaram. Póde-se dizer, porem, que a Europa inteira soffreu a guerra, porque até os paizes não belligerantes sentem, ainda hoje, as consequencias da sarça ardente que os circumdrou.

Dos 432 milhões sahidos da guerra, os vencidos ou os paizes que são considerados vencidos (porque se tornaram vencedores até alguns estados que faziam parte dos imperios centraes), a Allemanha tem 60,8 milhões, a Austria 6, a Hungria 7,8, a Bulgaria 4,9 e a Turquia 1,3 milhões de homens na Europa.

Ao todo são, portanto, quasi 81 milhões de homens que teem a vida completamente incerta, porque foram desarmados e estão sob *contrôle* militar e financeiro, com a obrigação de pagar uma indemnização que todos sabem impossivel e que serve apenas como meio de oppressão e de sujeição.

Os vencidos não podem manter exercitos e só pequenas forças para assegurar a sua ordem interna. Excluindo a Turquia, que ainda não possui exercito na Europa, os quatro paizes vencidos juntos, teem em armas 176 mil homens, isto é, pouco mais do que a Romenia, menos da metade da Grecia, quasi um terço da Polonia e menos de um quarto da França. Excepção feita da Inglaterra e da Italia, os paizes vencedores duplicaram e até triplicaram as suas forças armadas, de modo que alguns delles, em situação de completa ruina financeira, como a Polonia, mantem exercitos mais numerosos que os das grandes nações antes da guerra. Allegam que isso é porque teem a receiar pelo seu futuro, porem esse futuro será tanto mais incerto, quanto mais arbitraria tiver sido a sua expansão.

Tomar á Russia vastos territorios, tolerar o opprobrio de Dantzig e querer a Alta Silesia contra os plebiscitos, constituem decerto um perigo permanente, mas nenhum exercito será sufficiente garantia, nem poderá impedir que, no futuro,

a Allemanha e a Russia reivindicuem os direitos da historia e os direitos da nacionalidade.

Sobre o antigo territorio da Russia e da Allemanha surgiram diversos pequenos paizes, como a Finlandia (o unico forte e vital), a Esthonia, a Lettonia, a Lithuania, Dantzig, Memel, dos quaes não é facil de prever a sorte, pelas difficuldades que alguns teem, até para viver autonomos.

Além desses 81 milhões de vencidos, postos sob *contrôle* de alguns povos que até hontem delles dependiam, ha que considerar a Russia européa e a Ukrania, com 125 milhões de habitantes, que se encontram na mais estranha situação. A Russia não é um inimigo vencido, mas um amigo cahido. Por haver supportado um esforço muito superior ás suas energias, ella desmoronou, succumbida sob o peso das difficuldades. O regimen imperial, ignorante e corrompido, não permittira a formação de uma burguezia numerosa e intelligente. Mais de 180 milhões de homens, aparentemente dominados por um autocrata fraco e hesitante, eram, na realidade, dirigidos por uma pequena oligarchia militar, oligarchia de concussionarios, de ladrões e de corruptos, que precipitou a guerra mesmo contra a vontade do soberano.

*amigo
da
URSS. ?*

Wilson, nos seus principios, havia declarado que o tratamento concedido á Russia devia ser maior prova de boa vontade dos aliados. Estes deviam, com a sua *desinteressada sympathia* e não se deixando levar pelos proprios interesses (*distinguished from their own interests*), auxiliar a Russia com assistencias de toda a sorte, como ella melhor pudesse desejar. O procedimento que se teve para com a Russia mostra, todavia, até que ponto prevaleceram as tendencias plutocraticas e o desejo de appropriação e de rapina, que tanto rebaixaram a Europa nestes ultimos annos.

Si não fosse a sua quéda, a Russia praticamente teria obtido o dominio dos estreitos, a posse de Constantinópola e de toda a Polonia, ficando esta menos autonoma do que nunca, apezar das proclamações do Tzar que, com criminosa violencia, havia já usurpado as liberdades tradicionaes da Finlandia. Isso bem mostra que nenhum principio de naciona-

lidade entrava nos objectivos da *Entente* e que todos os paizes creados depois do tratado, só foram architectados para tirar o maior numero de territorios da Allemanha e da Russia e para separar, o mais que fosse possivel, o povo allemão do povo russo.

De qualquer modo que se encare a revolução russa, ella representa, em proporções infinitamente maiores e em situação muito mais complexa, o mesmo estado de animos que determinou a Communa de Paris em 1871. Na Russia, depois do esphacelamento, não havia forma alguma de organização e ainda agora, após tantas ruinas accumuladas pelo regimen communista, o governo dos soviets representa o unico principio de organização que subsiste.

Examinei com attenção todos os documentos officiaes relativos á Russia, os relatorios das varias missões e das associações da Cruz Vermelha que lá estiveram a prestar soccorros. Não ha quem se anime, de bõa fé, a defender os processos de violencia do governo dos soviets.

Póde-se dizer somente que, processos de violencia igualmente abominaveis existiam sob o dominio do Tzar e o que acontece agora é, em grande parte, uma consequencia do passado, o povo russo apresentando hoje as mesmas qualidades e os mesmos defeitos que sob o regimen imperial.

A *Entente*, porem, que tinha já não pequenas responsabilidades na quéda do Tzar, depois que o bolschevismo triumphou, só viu no primeiro momento a necessidade de reconstituir a monarchia e, por muito tempo, considerou os homens do antigo regimen como os legitimos representantes da Russia. De facto, todas as expedições militares contra o governo de Moscou, foram organizadas, auxiliadas e pagas pela *Entente*, sobretudo pela França. Os exercitos de Koltciak, Judenic, Denikine e Wrangel, eram formações desejadas e mantidas pela *Entente*. A França chegou mesmo a nomear um representante diplomatico junto a Wrangel, a quem reconhecia, portanto, como chefe do governo legitimo.

Na politica contra a Russia bolschevista a *Entente* seguiu tres orientações successivas e distinctas. No primeiro periodo,

RSS

amigo...

X

isolando a Rússia com um cordão de aço, *le fil barbelé* de que falava Clemenceau, acumulou-se contra ella, até a queda de Wrangel em novembro de 1920, o maior numero de forças militares. No segundo periodo, recorreu-se ao isolamento economico por meio do bloqueio, e enfim, no terceiro, accetando-se a situação de facto, o governo dos soviets foi admitido á Conferencia de Genova, a discutir não só a propria legitimidade, como as suas relações com os outros paizes.

Não é possivel deixar de reconhecer o mal que o governo bolshevista causou á revolução russa. Nesta, como em todas as grandes revoluções, vieram frequentemente á tona os piores elementos, os mais violentos e os mais corruptos. Exceptuados poucos idealistas e alguns grandes organizadores, o governo de Moscou representou durante algum tempo um sério perigo para a civilização européa.

Aproveitando-se do estado de desorganização e do abatimento dos espiritos que a guerra devia necessariamente determinar, a Rússia bolshevista tentou fornecer armas e elementos para um movimento revolucionario na Europa. Muitos fanaticos acreditaram que de Moscou viria a nova civilização e que o mundo devia ser governado por uma pretensa dictadura do proletariado, que seria a da incapacidade e da ignorancia.

A miseria extrema em que a Rússia mergulhou e a situação de fome e de penuria em que se encontram regiões inteiras mostrou, mesmo aos mais obsecados, que o programma comunista e a loucura de um dictadura do proletariado constituem um grave perigo para a humanidade.

Era natural, pois, que os paizes da Europa e da America não quizessem reconhecer o governo dos soviets, sem garantias da sua lealdade e enquanto os representantes russos, violando o direito das nações, insistissem em promover a revolução nos paizes que os hospedavam.

Armar e subsidiar expedições militares no interior da Rússia constituia, porem, um grave e duplo erro, porque não só alimentava a desconfiança do povo moscovita, como também transformava a revolução bolshevista em um movimento nacional.

URSS. ?

?



Foi só devido a isso que o governo de Moscou representou, por muito tempo, o papel de defensor dos direitos nacionaes da Russia.

A *Entente* muitas vezes excitou a Romenia e a Polonia contra a Russia, ameaçando-lhe a existencia, e tentou por todos os meios, o que é ainda peor, atear a guerra civil e armar os exercitos dos representantes do antigo regimen. Nunca, nas suas proclamações, ella teve uma palavra elevada e nem tratou senão de assegurar o pagamento dos debitos russos para com os paizes da *Entente*, quando devia unicamente affirmar, de modo solemne: que os povos vencedores, nao tinham a intenção de restaurar o velho regimen; que reconheciam ao povo russo, o direito de se organizar, como julgasse mais acertado; que reconheciam tambem á Russia a liberdade de escolher, segundo as proprias conveniencias, a forma unitaria ou a federativa; que não cogitavam de alterar o regimen das terras, creado com a situação de facto que succedera á revolução

✗ Embora sejam horriveis as condições actuaes, ninguem na Russia, com raras excepções, deseja voltar ao antigo systema de governo. Os trabalhadores livres querem, muito justamente, conservar as terras que antes cultivavam, tratados como animaes, por conta dos senhores feudaes, só agora se tendo libertado, de direito quando não de facto, da escravidão da gleba. ✗

Affirmar estes principios e estabelecer como condição fundamental para o reconhecimento do governo de Moscou a garantia segura de que este não se devia mais occupar com a politica interna dos paizes com os quaes ia entrar em relações diplomaticas, deviam ser as unicas bases de qualquer accôrdo.

Em logar disso, porem, houve desde o primeiro momento a preocupação de separar a Allemanha da Russia, de não permittir que a Allemanha, pelo trabalho, pudesse obter na Russia os recursos que havia sido obrigada a ceder, após a victoria dos seus inimigos, e a de fazer reconhecer as dividas da monarchia, garantindo o pagamento por meio de concessões especiaes e do *contrôle* das materias primas.

Amigo da
URSS. ?!



A França manteve muitas vezes, em divergencia com a Inglaterra, uma attitude inteiramente plutocratica.

Durante uma sessão da Conferencia de Londres, em 1920, Millerand fez um tremendo requisitorio contra o governo bolshevista, composto, dizia elle, de criminosos, sanguinarios e violentos. Na sessão seguinte Lloyd George, com uma fina ironia, fez collocar na sua frente, sobre a mesa da Conferencia, uma collectânea dos escriptores inglczes do tempo da revolução franceza e do periodo napoleonico. Os escriptores inglczes conservadores julgavam os homens da revolução e os homens de Napoleão, com as mesmas phrases e até com as mesmas palavras.

Todos sabem, que a França muito se oppoz á admissão da delegação russa na Conferencia de Genova. Ella se preocupava apenas em garantir os credores e assegurar para si os lucros correspondentes aos creditos.

X Ora, o regimen novo que na Russia surgiu da revolução, póde não reconhecer ou mesmo annullar os debitos do antigo regimen e nem por isso iremos deixar de entrar em relações com elle. X Os credores é que teriam motivos para não conceder mais credito, ou para só o fazer com garantias especiaes. Os governos das diversas nações, para estabelecer rlações com o governo de Moscou, podem exigir apenas que elle respeite as boas normas internacionaes e não intervenha na vida íntima dos outros paizes, sendo principio fundamental de direito, que todas as nações se devem, com empenho, abster de qualquer propaganda subversiva da ordem e do systema político das demais.

amigo
da
URSS...

Na primeira sessão plenaria da Conferencia de Genova, (maio de 1922), onde pela primeira vez a Russia se fez representar e esteve em contacto legal com todos os outros paizes, Tchicherine declarou que o governo russo tinha todo o interesse na reconstrucção geral da vida economica da Europa e que reconhecia a necessidade de estabelecer accórdos com os paizes de regimen capitalista, sobre a base da respectiva situação interna.



A delegação franceza, presidida por Barthou, apresentou então á Conferencia um projecto de accôrdo com a Russia, cujas idéas fundamentaes eram as seguintes: *a)* a Russia se compromette a não fazer qualquer propaganda subversiva da ordem publica e do systema politico dos outros paizes; *b)* a Russia se compromette a não intervir absolutamente nos negocios internos e a não promover qualquer acção tendente a perturbar o *statu quo* existente nos demais paizes; *c)* a Russia se compromette a não fazer qualquer tentativa no sentido de auxiliar movimentos revolucionarios no estrangeiro (artigo 1). (Até aqui, como se vê, as condições de reconhecimento eram perfeitamente legitimas e admissiveis, porem as que se seguem, tinham character exclusivamente financeiro). *d)* o governo russo aceitará as obrigações financeiras contrahidas pelos governos que o precederam, isto é, pelo governo imperial e pelo governo provisorio, para com as potencias estrangeiras, as quaes, diante das actuaes circumstancias, estão dispostas a conceder facilidades para os pagamentos (artigo 2); *e)* o governo dos soviets reconhecerá as dividas que contrahiu e as que foram feitas pelos seus representantes para com os cidadãos estrangeiros (artigo 3); *f)* o governo dos soviets reconhecerá tambem os compromissos financeiros assumidos por todas as autoridades na Russia, provinciaes ou locaes (artigo 4); *g)* o governo russo se obriga, dentro de curto prazo, a assegurar o serviço de pagamento dos titulos do estado, com as facilidades que forem necessarias, dadas as condições da Russia (artigo 5); *h)* o governo dos soviets, para encorajar o reatamento da actividade economica dos estrangeiros na Russia, assumirá o encargo de restituir os bens, direitos e interesses dos estrangeiros e indemnizar aos que tiverem direito, a juizo de um tribunal arbitral mixto, quando não houver accôrdo (artigo 6); *i)* o governo dos soviets pagará as indemnizações em obrigações russas, de 5 por cento, de uma emissão nova (artigo 7); *j)* os tribunaes arbitraes mixtos serão constituídos por um membro do governo dos soviets, por um membro nomeado pelo governo do paiz interessado e por um terceiro, que será o presidente, desi-



gnado pelo presidente da Suprema Côrte dos Estados Unidos, ou pelo presidente da Côrte Permanente de Justiça da Hollanda, ou pelo Conselho da Liga das Nações (artigo 8); k) o governo dos soviets se compromette a crear um regimen provisorio para a protecção dos estrangeiros e dos seus bens, fixando a adminstração da justiça e as condições de segurança dos estrangeiros, segundo as nórmas instituidas por uma comissão de peritos que se reunirá em Londres (artigo 9).

Era, evidentemente, a imposição de um regimen quasi capitular, como si se tratasse de um paiz oriental.

Tudo isto, na realidade, equivaleria a estabelecer para a Russia, não as regras da convivencia internacional entre povos livres, mas um *contrôle* financeiro indirecto, cujas consequencias, mesmo sob o ponto de vista economico, são faceis de prever.

Separar a Russia da Allemanha, fiscalizar as suas finanças e ter concessões de materias primas em tróca do reconhecimento e dos empréstimos exigidos pelas condições de carestia e de fome: — *ecco il programma!*

Poderia um governo nacional russo, mesmo bolshevista, acceitar este programma de conquista plutocratica? Forçando, póde-se assim dizer, os bolshevistas a defender a independência da nação russa, não se prestigiou o regimen comunista, porque elle é tão desastroso que se vae lentamente modificando para a volta á economia capitalista, mas, esta modificação teria sido talvez muito mais rapida, si não fosse a antipathia que a intervenção da *Entente* despertou entre os russos intelligentes, os quaes, detestando embóra o regimen actual, não pensam absolutamente em tornar ao antigo.

Deste modo, a Russia permanece ainda fóra da Europa, não reconhecendo os limites injustos, nem a injusta separação da Allemanha, nem as tentativas feitas parar tirar partido da sua miseria e das suas difficuldades, obrigando-a a escravizar-se ao capitalismo occidental, nas suas mais avidas manifestações.

Se graves foram os erros commettidos contra a Russia, muitissimo mais graves foram os praticados contra a Turquia.



Por estes é responsavel toda a *Entente* e, mais do que qualquer outra potencia, a propria Inglaterra, isto é, o paiz da Europa que, nas suas relações com os outros povos, mostrou sempre o maior espirito de justiça, de honestidade e de moderação.

Da Conferencia de Genova participaram trinta e quatro paizes, entre os quaes não figurava a Turquia.

Na sessão preparatoria dos trabalhos da Conferencia (9 de abril de 1922), Barthou, chefe da delegação franceza, queria saber, antes de tudo, o que pensavam a Russia e a Allemanha das resoluções tomadas na Conferencia de Cannes. Só na hypothese de estarem acceitos os limites alli fixados, seria possivel proseguir, ficando avisadas as commissões dos diversos paizes de que, no caso contrario, a discussão se considerava encerrada e não seria mais reaberta.

O presidente communicou que a Turquia queria tomar parte na Conferencia e que a delegação russa apresentava e apoiava o seu pedido. Declarou-se então, que a Turquia não podia ser admittida na Conferencia; *porque era uma potencia asiatica e estava ainda em guerra.*

O primeiro motivo era bem estranho porque, mesmo pelo tratado de Sèvres, que limita até Tchataldja a Turquia européa, esta tem, na Europa, um milhão e meio de habitantes. Ora, entre os paizes representados em Genova, figuravam a Lettonia, com população pouco maior, a Esthonia, com população menor e o Luxemburgo, com menos habitantes do que um só dos bairros de Constantinópola. Por outro lado, não havia fundamento para considerar a Turquia como um paiz não europeu, devendo-se notar que na Conferencia estavam representados os *dominions* inglezes da America, da Africa e da Australia e o Japão, que é uma potencia puramente asiatica.

Não era verdade ainda, que a Turquia estivesse em guerra com a *Entente*. Ella supportou o tratado de Sèvres, com a occupação militar de Constantinópola, e guerra havia apenas na Asia Menor, onde uma grande revolta islamica reagia contra os abusos e as violencias injustas da *Entente*.



Depois dos tratados de paz, sobretudo na Asia e na Africa, existe entre os povos islamicos um profundo máo estar que frequentemente se transforma em odio violento e em fermento de novas guerras.

Si as condições dos gregos na Europa são quasi desesperadoras, porque não puderam conquistar o que almejavam e nem souberam renunciar ao que lhes foi concedido, a situação do norte da Africa, da Asia Menor, da Persia, do Afeganistão e da India está muito confusa, preparando-se por toda a parte e já se tendo mesmo manifestado, revoltas de sentimento e revoltas de religião.

Muito antes do fim da guerra as nações da *Entente* já se haviam posto de accôrdo quanto á partilha da Turquia e dos territorios turcos da Asia Menor. Não era, porventura, a Turquia um povo barbaro? Podiam os barbaros offender a civilização? Assim, Constantinópola, onde os russos constituem uma pequena minoria, tinha sido attribuida á Russia imperial, o que era não somente um crime, mas tambem uma ameaça de escravidão para os povos do Mediterraneo e um perigo permanente para a Italia. Fez-se, mais tarde, a divisão da Asia Menor. Ao lado do sonho vasto e romantico' de formar uma grande Grecia e crear uma grande Armenia, havia uma idéa pratica — herdar da Turquia todas as riquezas agricolas e mineraes da Asia Menor.

Lembro-me da impressão profunda que senti em Londres, no inverno de 1919, quando se tinha espalhado e firmado a idéa de enxotar o Sultão de Constantinopla, o Grande Califa do Islão, e de o relegar para Brussa, na Asia Menor. Experimentei a mesma sensação que si tivesse ouvido o proposito de expulsar de Roma o Pontifice Catholico, destinando-lhe uma pequena cidade do Piemonte, da Calabria ou da Basilicata. É preciso não esquecer, que o Islão é a religião de 240 milhões de homens, representando uma força religiosa de uma resistencia quasi inconcussa. Penetrando com mais facilidade nas populações de desenvolvimento menos adiantado ella, depois, muito raramente se desenraíza. Os povos isla-

micos são os mais avessos ás conversões religiosas e os que odeiam com maior tenacidade.

Quando a Turquia perdeu a guerra, todo o mundo se lembrou das suas culpas. Em geral, quem perde, nunca tem razão. De facto, o tratado de Versalhes e todos os demais que depois appareceram, exigiram que os vencidos se declarassem responsaveis pela guerra. Depois da victoria, todos estiveram de accôrdo em imputar á Turquia as mais negras culpas, mesmo porque, quanto maiores fossem estas, mais natural seria o direito de tirar tudo quanto ella possuia e de tomar conta de quasi todos os seus territorios. Que montão de crimes! Que série de atrocidades!

Com o insuccesso das guerras balkanicas, provocadas pela expedição da Libia, feita com muita leviandade pela Italia, a Turquia, que tudo havia perdido na Africa, viu o seu territorio reduzido, na Europa, a 26 mil kilometros quadrados. Ficavam-lhe entretanto, como minimo para uma existencia politica, Constantinópola, o districto de Tchataldja e o districto onde se acha a cidade sagrada de Andrinópola, tumulo dos Califas.

Com mais os territorios da Asia Menor, a Armenia, o Kurdistão, a Syria, a Mesopotamia e a Arabia, era ainda um imperio de 1.792.000 kilometros quadrados e de recursos sufficientes.

Nos seus famosos principios, o Presidente Wilson havia declarado que ás partes turcas do Imperio Ottomano devia ser dada uma inteira soberania, e que as outras nacionalidades, até então sob o domínio turco, deviam ter a certeza de uma indiscutivel segurança de vida e de uma completa e imperturbavel oportunidade de desenvolvimento autonomo. Os Dardanellos, sob garantias internacionaes, deviam ficar permanentemente abertos, como um caminho livre aos navios e ao commercio de todas as nações.

Entretanto, os paizes belligerantes da Europa, que se queriam locupletar com todas as riquezas da Turquia, já nessa época haviam firmado accôrdo. A Inglaterra ficaria com a Mesopotamia e a Palestina, sob a fôrma de mandatos; a

França teria a Syria e a Cilicia; á Italia caberia o *contrôle* do *vilayet* de Smyrna e uma acção na Anatolia.

Houve na Italia homens de governo que chegaram a conceber duas loucas empreitadas — a concessão de Smyrna e uma expedição militar na Georgia. Seriam duas sementes de morte, que arrastariam a Italia a uma guerra directa e irreductivel com todas as forças turcas, de um lado, e com todas as forças bolshevistas, de outro.

Além disso, a ruina economica seria fatal, com a segurança de manter expedições militares de incrível difficuldade, que teriam consumido todos os recursos do paiz, justamente quando elle mais precisava de se reconstituir.

Quando a delegação italiana em Paris abandonou a Conferencia, por causa do conhecido incidente de Fiume, o Presidente Wilson não quiz mais que Smyrna fosse attribuida á Italia e sim á Grecia.

A Italia, que não tem muitos motivos de gratidão para com o Presidente Wilson, ser-lhe-á eternamente reconhecida por este acto de amavel aversão, sem o qual a Italia se teria afundado em uma guerra tão injusta quanto feroz e sanguinaria.

A expedição militar que era destinada á Georgia, eu mesmo a dissolvi, quando presidia o Conselho de Ministros, no verão de 1919.

Tendo a Italia, com o accôrdo triplice que o tratado de Sèvres estabeleceu, limitado a sua acção na Asia Menor a uma actividade quasi exclusivamente economica, a Grecia se encontrou sósinha diante da revolta turca e foi rapida e completamente esmagada.

Entre a Grecia e a Italia não existe o menor choque de interesses e eu sempre sustentei no Parlamento que o interesse da Italia era vêr a Grecia prospera e forte.

Recordando-se de todas as culpas da Turquia durante um grande numero de annos e esquecendo-se do que os proprios paizes europeus fizeram para corromper e depredar o Imperio Ottomano, a *Entente* quiz tomar-lhe tudo o que era possivel.

O territorio turco da Europa, mesmo onde os turcos constituíam a grande maioria da população, foi cedido á Grecia. Constantinópola e os estreitos ficaram sob o *contrôle* dos vencedores e os accôrdos foram firmados com a exclusão dos dois maiores interessados, a Allemanha e a Russia, que no futuro certamente farão ouvir a sua vóz poderosa. Foi promovida a formação de reinos arabes que deviam substituir a Turquia e de califas arabes que deviam tomar o lugar do califa de Stamboul.

A Arabia foi dividida em oito estados independentes ou semi-independentes, e o Kurdistão declarado autonomo. O Heggiaz ficou sob o dominio de Hussein Ibn Ali, que deveria mais tarde, segundo a opinião de alguns politicos inglezes como Lord Curzon, substituir o Sultão de Constantinópola na devoção dos fieis.

As duas meninas dos olhos da *Entente*, no Oriente, eram a Grecia e a Armenia mas, com relação a esta ultima, a *sympathia* foi apenas platonica. Projectava-se um grande imperio hellenico, herdeiro da Turquia na Europa, senhor do territorio de Smyrna e de uma vasta zona da Asia Menor, e a nova grande Armenia, não limitada só ao territorio em torno do lago de Van, mas com a inclusão de Erzerum e de Trebizonda.

A idéa de constituir um grande imperio hellenico não passava de uma rematada loucura mas, era tal o entusiasmo em favor das theses gregas, que qualquer conselho sensato inspirava desconfianças e eu mesmo encontrei grande opposição quando defendi os direitos fundamentaes da Turquia.

Amigo sincero da Grecia, eu vi claro o perigo de lançar um paiz, já redobrado no territorio e na população, em empresas temerarias. Aos seus homens politicos, e principalmente a Venizelos, em vão eu sempre aconselhei moderação nas exigencias, convencido que, desse modo, demonstrava maior amizade pela Grecia do que aquelles que a excitavam e acompanhavam em todos os exaggeros nacionalistas.

Mas a Venizelos, que havia arrastado a Grecia para a guerra quando a Grecia não queria a guerra, nada se negava.

em Paris e em Londres. Elle principiava todos os seus discursos com premissas historicas e geographicas, sob uma fórma didactica. Os turcos, dizia elle, são povos primitivos, incapazes para a civilização e devem ficar somente na Ásia. Esta era a sua these e, mesmo onde as populações turcas ou musulmanas prevaleciam, elle negava, corrigia as estatísticas a seu modo ou recorria á historia, utilizando-se da estatística e da historia, segundo as circumstancias e as conveniencias. Mostrava uma grande segurança e não tinha duvidas quanto á força dos gregos para manter Smyrna, affirmando que os turcos estavam desorganizados e que seria facil recalca-los nas suas montanhas. Quando eu lhe provei a difficuldade ou, antes, a impossibilidade dos turcos entregarem Smyrna, que representava para elles a maior fonte de recursos commerciaes e financeiros, elle mostrou surpresa, mas respondeu que as difficuldades eram só apparentes e que os turcos jámais offereceriam uma resistencia séria.

Em Paris, em Londres e em São Remo discutiram-se as theses mais extravagantes. Dizia-se então que, si os arabes eram mais intelligentes do que os turcos, e si a sua religião era commum, bastaria despertar os sentimentos dos primeiros, para annullar a Turquia. Por que razão, dizia-se ainda, o Islão havia de acreditar no califa de Constantinópola, que surgiu da violencia fazem poucos seculos, e não no califa de Hedgiaz que deriva do Propheta?

A verdade, porem, é que, ha muitos seculos, desde os turcos que se banham no Danubio até as cidades islamicas dos confins da India, só se préga pelo califa de Constantinópola, e os tratados, quando não convinha aos vencedores, davam muito pouca importancia á Historia.

As creações da *Entente* só tiveram o objectivo de arruinar os vencidos. A Polonia, fóra dos seus limites ethnicos, foi inventada para suffocar a Allemanha e separa-la da Russia.

A grande Grecia foi desejada tambem para forçar os gregos a se defenderem sériamente na Asia Menor, para onde, com o pretexto da civilização e na fórma dos mandatos, se transferiram os estados maiores. Assim, a Polonia actual

ficou em permanente perigo e a Grecia, havendo já perdido tudo na Asia Menor, arruinado as suas finanças, sacrificado o seu exercito e soffrido as maiores derrotas, perdeu, *ipso facto*, a maior parte dos beneficios da guerra, permanecendo ainda em perigo grave.

A Armenia não chegou a surgir e nem tem qualquer possibilidade de existir fóra das cartas geographicas annexas aos tratados e que estabelecem direitos imaginarios.

Quando, na primavera de 1920, eu presidi a Conferencia de São Remo, veio ter ás minhas mãos uma áltiva mensagem de Wilson, que convidava os paizes da *Entente* a constituirem a grande Armenia com Erzerum, onde quasi não ha mais armenios, com Trebisonda e com sahidas seguras para o mar. A mensagem tinha o ar de reclamação e quasi de reprehensão, pois o Presidente Wilson nunca se esquecia de que era professor e gostava de falar em estylo didactico, mesmo quando se dirigia ás nações.

Para constituir a Armenia idealizada pelo Presidente Wilson, seria preciso rechassar os turcos e os russos, e quem assumiria esse encargo? Eu reuni e interroguei as diversas autoridades militares, o marechal Foch, o general Badoglio, o marechal Wilson etc.

Para começar, a empresa exigia um grande numero de divisões, um verdadeiro exercito e, louvando embora as intenções de Wilson, nem a França, nem a Inglaterra, nem a Italia, quizeram tomar a si a tarefa da protecção aos armenios, o que equivalia a uma guerra immediata com os turcos e depois certamente com os russos. Foi convidado um paiz neutro muito respeitavel, a Noruega, para se encarregar da protecção dos armenios, mas a Noruega recusou com dignidade. Só restava offerecer a protecção aos Estados Unidos, o que fizemos em fórmula muito attenciosa. Wilson, havendo participado que accitava o convite, teve de communicar logo depois que estava impedido de o fazer, por causa da opposição do Senado Americano. Assim, pois, a ideologia teve como consequencia o abandono da Armenia, quando teria sido possível, com assentimento dos turcos e dos russos, constituir



um pequeno paiz armenio. O sonho de grandeza deu logar, por fim, em vez de uma grande Armenia, a uma Armenia que não existe.

Juntamente com a idéa de expellir os turcos da Europa e de lhes tomar Smyrna, que era a sua grande riqueza, obrigando-os a viver debaixo de *contrôle* nas aridas montanhas da Anatolia, cahiu tambem a idéa do califado arabe.

A lembrança de collocar á testa do Islão o califa arabe Hussein não teve andamento.

Hoje, como hontem e como amanhã, nas suas orações, os partidarios do Propheta, invocam e continuarão a invocar o califa de Constantinópolis, porque as creações artificiaes da politica nunca poderão desviar as correntes da religião e nem os povos do seu caminho.

Os turcos são em geral pacientes e só chegam á irritação quando teem soffrido muito e por muito tempo. A politica seguida para com a Turquia foi o melhor meio de a levar ao cumulo da exasperação. Directamente ou sob a fórmula hypócrita dos mandatos, foram tomados os seus melhores territorios, os mais valiosos e sagrados sob o ponto de vista religioso, como Andrinópolis, e os mais ricos, como Smyrna, com offensa ao proprio principio das nacionalidades. Procurou-se ainda deslôcar as bases da sua soberania politica, religiosa e commercial, tudo isso em nome da civilização ou sob o pretexto, de que os turcos são povos inferiores e devem ser repellidos para a Asia. Quando, porem, elles vão para a Asia, encontram tudo já occupado pelos paizes europeus, que aspiram a posse dos immensos recursos economicos da Turquia Asiatica!

Para melhor justificar o dominio dos territorios da Asia Menor, sempre se falou das atrocidades commettidas pelos turcos, ninguem, porem, se dando ao trabalho de narrar as barbaridades perpetradas contra elles.

Os turcos, sem duvida, teem praticado muitos actos de crueldade mas, quantos não foram tambem praticados por povos christãos nos Balkans, durante e depois da guerra?



E quantos não está commettendo, ainda hoje, a *Entente*, que dizia combater em nome dos direitos dos povos?

A responsabilidade das maiores violencias eabe justamente ás nações que a si mesmas se proclamavam á frente da civilização.

Durante um seculo, pelo menos, Constantinópola foi o fóco de todas as intrigas e de todas as corrupções da Europa. As atrocidades turcas eram lembradas ou esquecidas, conforme as conveniencias, e só recordadas quando se pretendia alguma cousa que a Turquia não podia ou não queria ceder. Já no passado, todos os meios foram utilizados para expoliar a Turquia dos seus melhores territorios, e o passado não difere muito do presente. A politica dos paizes que ainda hontem estavam unidos pelo perigo commum, na mais terrivel das guerras, era concorde, mas hoje, cessado o perigo, por fins diversos e oppostos, embóra com apparente cordialidade, elles se guerreiam mutuamente.

judaeus!
★
usura!

Os turcos são pastores e soldados, podendo se tornar mesmo agricultores quando adquirem estabilidade, e a sua indole não é eruel, nem feroz. Estão porem rodeados e teem de acolher povos muito mais astutos, eomo os hebreus, os armenios e os gregos que, na sua maioria, não são nem agricultores, nem industriaes, mas sim negociantes que vivem do giro do dinheiro e das mercadorias. Os turcos, homens simples, rudes e faceis de enganar, não sabem resistir e vão supportando todos os vexames, até que um dia lançam mão do seu unieo recurso, da sua uniea fórmula de reaeção, que é a violencia. Toleram, por muito tempo, a usura e a intriga, accumulando em silencio o odio feito de padecimentos e de humilhações mas, quando explódem, atormentam e até matam aquelles que os enganaram. Pela maior parte das violencias dos turcos são responsaveis os paizes da Europa que, em nome da eivilização, pretenderam escraviza-los, corrompe-los e dividi-los!

Eu nego que os turcos não sejam susceptiveis de civilização e, si elles oppõem a violencia ao engano, é porque o engano precede sempre a violencia. Bastaria inverter a ordem

dos factores. Em todas as relações que manteve com os turcos, eu os achei mais honestos e mais sincros que a maior parte das populações do Oriente.

Quando succedeu o que era inevitavel, que Mustaphá Kemal aniquilou o exercito grego e expulsou os gregos da Asia Menor, houve uma verdadeira sensação de surpresa e a politica dos Alliados, sempre discorde dentro de apparencias concordes, foi forçada a admittir que os turcos tinham direitos, mesmo na Europa, á Constantinópola, á Andrinópola, e á Thracia.

O tratado de Sèvres foi de facto abandonado e a Turquia voltou á Europa.

Não se pôde negar que a politica ingleza commetteu um erro dos mais formidaveis, seguindo a orientação de Lord Curzon que, inspirado em antigos preconceitos, roubou á Inglaterra grande prestigio no Oriente e despertou contra ella uma justificada antipathia no mundo islamico.

Isso é profundamente lamentavel, porque a Inglaterra vinha trabalhando sinceramente pela reconstrucção da Europa e agora, com a sua politica antiislamica e antiturca, e com a illusão da rivalidade entre turcos e arabes, perdeu uma bôa parte do seu prestigio.

Depois dos successos da Turquia, que annullou o tratado de Sèvres com uma tenaz resistencia militar, desenham-se já no horizonte as outras situações dos povos vencidos, ou considerados e tratados como vencidos. No fundo, é o problema da Russia, intimamente ligado ao da Allemanha, que mais gravemente se impõe á consideração da Europa.

A Russia ficou isolada e esfaimada, julgando-se que desse modo ella seria indirectamente forçada a um *contrôle* economico disfarçado; a Allemanha foi occupada militarmente, por tropas brancas e de côr, e obrigada a supportar todas as torturas, acreditando-se que assim se quebraria a sua unidade e seria facilmente obtido o seu desmembramento; a Turquia foi despojada dos seus melhores territorios e reduzida a um pequeno e pobre paiz asiatico, pensando-se que desapareceria como potencia européa e perderia até o dominio reli-

gioso. Caracteristica da *Entente* e quasi igual em toda a parte, sobretudo em algumas manifestações, esta politica é a melhor indicada para exasperar os povos, sendo já esse o caso dos russos, turcos e allemães.

Não unidos antes por quaesquer vinculos, estes tres povos estão hoje intimamente ligados pelos mesmos soffrimentos e pelos mesmos sentimentos de odio, fermentos de violencia, que se preparam e que estão bem longe de guiar o mundo para uma politica de paz e de prosperidade.

Á Austria, á Hungria e á Bulgaria foram impostas condições verdadeiramente injustas. Nós veremos qual a situação economica e financeira que se creou para os tres paizes, mas desde já se póde constatar que, politicamente, dentro dos limites estreitos que lhes foram determinados, nenhum delles tem a menor probabilidade de se resignar e a Austria nem mesmo tem qualquer possibilidade de viver.

Em primeiro lugar, ella não se póde unir á Allemanha, embora seja perfeitamente allemã e, para não declarar abertamente que se annullavam os direitos de autonomia e o principio das nacionalidades, adoptou-se uma fórmula que, pela sua estranha hypocrisia, não encontra precedentes na Historia. Assim, o tratado de Versalhes estabeleceu que a Allemanha deve *respeitar a autonomia da Austria*. É, portanto, obrigado a viver isoladamente um paiz, do qual dois terços da população occupam territorios quasi inteiramente alpinos e o terço restante está condensado na capital. Da superficie total da nova Republica Austriaca, apenas é cultivada a quarta parte, visto como ha 11,5 por cento de pastagens artificiaes, 14,5 de pastos alpinos, 38 de florestas e 10,3 por cento de terras improductivas de alta montanha ou de pantanos e de espaços occupados por estradas e cidades. Além disso, mais de quatro milhões de allemães foram destacados da Austria e entregues, sem motivo algum, principalmente á Tcheco-Slovaquia, estando incluidos nos territorios cedidos, cidades das mais tradicionalmente allemãs, como Pilsen, Karlsbad, Reichenberg etc.



A Austria não dispõe de uma saída para o mar e nem garantia alguma de livre acesso ao mar porque, como já vimos, pela doutrina da *Entente*, só os países vencedores ou protegidos pelos vencedores é que têm necessidade do mar...

A Hungria teve limites quasi que arbitrarios, como arbitraria foi a distribuição dos seus territorios. Segundo o recenseamento de 1910, a Hungria possuía 18,2 milhões de habitantes sobre 282.870 kilometros quadrados, isto é, quasi a extensão da Italia, em territorios bastante ricos. Ella perdeu, por causa da guerra, 71,6 por cento desses territorios e 63,6 por cento de sua população, tendo sido attribuidos 5,2 milhões de homens á Romenia, 3,2 á Tcheco-Slovaquia e 1,5 á Yugo-Slavia. Pelo principio das nacionalidades, não resta duvida, que a Romenia devia ficar com os districtos essencialmente romenos, mas a distribuição foi feita ao acaso, tendo os tratados mais uma vez revelado que a Hungria, como a Austria, não tem necessidade de mar, e do mesmo modo a Bulgaria, que foi sacrificada em beneficio da Grecia.

Os novos limites são tudo quanto de mais arbitrario se possa conceber e foram estabelecidos com o intuito de prejudicar ou de dominar militarmente os vencidos, ao sabor das exigencias diplomaticas do momento ou para corresponder a agitações puramente artificiaes.

Todo o tratado de Versalhes gira em torno da Polonia, isto é de um país que tem quasi a metade de elementos não nacionaes, que procura novos territorios, occupa abusivamente até cidades de outros países, como Wilna, e que aspira novas expansões, não sabendo e nem podendo organizar os excessivos territorios que lhe foram concedidos. Segundo os tratados, isso tem o duplo objectivo de separar a Russia da Allemanha, isto é os dois povos mais numerosos e expansivos da Europa continental, ameaçando militarmente a Allemanha.

Bipartida, de facto, a Prussia Oriental e abertos os limites da Allemanha a todas as invasões, principalmente com a arbitraria divisão da Alta Silesia, a Allemanha se acha sob



o *contrôle* militar franco-belga, por um lado, e sob o *contrôle* polaco, pelo outro. Sendo a Polonia e a Tcheco-Slovaquia cointeressadas na escravização das populações allemãs que lhes foram attribuidas e sendo, por sua vez, a Tcheco-Slovaquia, a Romenia e a Yugo-Slavia do mesmo modo interessadas com relação ás populações húngaras, creou-se o systema politico que determinou a Pequena *Entente* e que faz a França acreditar duradoura a situação dos tratados e segura a sua hegemonia no continente. Effectivamente, apesar das suas tremendas difficuldades financeiras, a França, depois da guerra, augmentou enormemente o seu exercito, desenvolveu os submarinos, fortaleceu a aviação e traçou um vasto programma imperialista, que tem por base os tratados. Diante de todos paizes sahidos da guerra e daquelles entre os quaes foram repartidas as populações dos vencidos, a França tem o prestigio de uma politica facil e facilmente accessivel — a integridade dos tratados.

É preciso não discutir a justiça ou a injustiça dos tratados, nem indagar si elles podem ou não ser mantidos, embora á custa da ruina dos vencedores. A these da integridade dos tratados, com os seus dois gendarmes, a Commissão das Reparações e a Sociedade das Nações, tem até apparencias de justiça e de direito mas, ninguem será capaz de dizer de que modo esta situação se poderá sustentar.

Todos nós que acompanhamos com sympathia a causa da Polonia e que vimos, por um milagre quasi imprevisto, como a quêda dos tres imperios centraes, resurgir a nação polaca, verificamos, hoje com pezar que a Polonia actual não pôde durar e deverá fatalmente ruir, quando a Allemanha e a Russia resurgirem, por sua vez, e reafirmarem os seus direitos historicos. Edificios como o corredor de Dantzig e a divisão da Alta Silesia, contra todos os direitos e desejos dos habitantes, não poderão ficar de pé e a Polonia só conseguirá annullar os favores da fortuna si não voltar, quanto antes, á realidade. Uma Polonia livre e autonoma é necessaria á prosperidade e á paz da Europa mas, infelizmente, o imperialismo polaco, feito de presumpção e de exaltação,



está trabalhando pela ruina da patria redimida, mais do que os proprios resentimentos dos seus inimigos.

A Grecia, tendo redobrado de extensão, visava tambem a Asia Menor e ainda ha pouco, nas vespervas do seu desastre militar, ameaçava entrar até em Constantinópola, onde os gregos constituem minoria. A Romenia, por sua vez, ficou mais do que duplicada com os territorios russos e húngaros, e a Tcheco-Slovaquia que é, aliás, das novas nações, a que tem dado maiores provas de seriedade, está cheia de húngaros e de allemães. Alguns paizes se formaram sómente com a reunião de territorios russos e allemães, e a Lithuania, a Esthonia, a Lettonia, para não falar de outros menores, são creações que os povos vencidos não reconheceram.

A paz é, antes de mais nada, um estado de consciencia e os exercitos poderão manter um estado de coacção, mas nunca de paz.

A Europa está vivendo realmente sob coacção e tudo apresenta o caracter de inconstancia, de incerteza e de instabilidade.

Os vencidos acceitam a situação de facto, mas não ha quem acredite sinceramente que a Allemanha possa algum dia renunciar á propriedade das minas do Sarre, nem admitir o corredor de Dantzig ou a cessão da Alta Silesia. Si a França nunca se conformou com a perda da Alsacia-Lorena, porque agora suppôr que a Allemanha será capaz de se resignar com cousas muito mais graves e muito mais injustas?

A Turquia já se resarcio, aproveitando as desintelligencias internas da *Entente*; a Hungria, aparentemente silenciosa, está compacta no seu odio e é atravessada pelo frémito da libertação; a Austria, succumbindo, ameaça de contaminar a Europa.

Os vencidos estão completamente desarmados mas, é tal a desconfiança, que os vencedores augmentam cada vez mais os seus armamentos.

Acreditavam a principio, ou fingiam acreditar, que as despesas da guerra seriam pagas pelos vencidos e pensaram



depois que, mediante o systema das occupações, elles pagariam tambem as novas despesas militares. Esta illusão, porem, já está por terra e os vencedores não obtiveram outro resultado, senão o de avariar as proprias finanças e abalar cada vez mais o seu credito. As finanças italianas, e mais ainda as francezas, estão em situação difficil e todos os paizes novos, com raras excepções, marcham para a ruina.

Mas os armamentos crescem!

A França mantem um exercito como nunca teve nenhum outro povo moderno, e as tropas francezas e as coloniaes fórman um conjuncto armado muito mais numeroso e poderoso que o da Allemanha antes da guerra, quando precisava defender-se contra os russos, a léste, e contra os francezes, no oeste. E a França, que não chega a contar dois terços da população allemã, nenhum exercito tem hoje contra si.

Pelo tratado de Versalhes, a Allemanha só pode ter tropas para manter a ordem interna. Entregou todas as suas officinas militares. Não póde, de facto, ter exercito (artigos 159 a 213), visto como não póde fazer conscripção, sendo os seus soldados engajados por doze annos, nem manter em armas mais de 100 mil homens, inclusive officiaes, nem ter estado maior, aviação militar ou artilharia pesada, sendo a quantidade maxima de artilharia estabelecida nas medidas necessarias á ordem interna.

Está prohibida qualquer importação de armas e o numero dos policiães e gendarmes só póde crescer em proporção com o augmento da população.

Os officiaes devem servir, pelo menos, até a idade de quarenta e cinco annos e nenhum instituto scientifico ou de educação poderá tratar de questões militares. Todas as fortificações foram arrasadas, até mesmo as da margem direita do Rheno que tinham character puramente defensivo. As commissões militares de *contrôle* percorreram, durante annos, o territorio allemão, destruindo tudo quanto poderia ter utilização militar. Finalmente, a Allemanha não póde construir navios de guerra.

trat. de
Versailles

Os demais paizes vencidos estão em condições analogas. A Austria poderia ter em armas até 30 mil homens mas, pelas suas difficuldades financeiras, conserva somente 20 mil; a Hungria póde ter apenas 35 mil, a Bulgaria 20 mil e a Turquia não tem ainda tropas na Europa. Os povos vencidos, todos juntos, não contam 180 mil homens em armas, isto é, apenas o sufficiente para assegurar a ordem interna, sem artilharia, carros de assalto, aviação, escolas militares e fabricas de armas.

Os vencedores e os novos paizes tem, no entretanto, exercitos enormes. A Polonia, mais preocupada com a Russia do que com a Allemanha, possui forças iguaes ás da Austria-Hungria antes da guerra; a Grecia, para emprehender as suas loucas aventuras na Asia Menor, chegou a ter em armas mais homens do que a Italia; a Romenia, que não paga os seus credores e está em estado de fallencia, sustenta um exercito que supera todas as forças juntas dos povos vencidos;

A Yugo-Slavia e a Tcheco-Slovaquia reunidas, possuem mais soldados que os Estados Unidos. A Italia e a Inglaterra, esta sobretudo, reduziram as suas tropas, enquanto que a França dispõe de um exercito colossal. Pelas recentes declarações feitas na Sociedade das Nações, claramente se depreheende, que este exercito é sobretudo mantido para a occupação da Allemanha, para o programma colonial e para a Asia Menor. Como a Inglaterra quasi só possui *dominions* que são de facto estados autonomos, a França é hoje o paiz da Europa que tem mais colonias e, não obstante, pensa em augmentar ainda o seu vasto dominio colonial.

O que se torna, porem, esquisito, é crescerem da maneira a mais insidiosa os armamentos navaes e especialmente os submarinos. Os povos vencidos não possuem navios de guerra e, exceptuando a Allemanha, todos perderam até mesmo o seu contacto com o mar. A Allemanha não póde construir submarinos, e os paizes vencedores, enquanto se cuida da paz, estudam novos engenhos de luta, dos mais perigosos e mortiferos, como os submarinos e os gazes asphyxiantes. Não serão, talvez, preparativos de uma nova guerra mas,

para a eventualidade de uma nova guerra, já se cogita dos meios de destruição da mais extrema violencia.

Ora, contra quem serão tomadas estas medidas si os vencidos, absolutamente desarmados, nem dispõem do mar? Estarão já os paizes da *Entente*, que ainda se dizem aliados, em rivalidade interna? Qual poderá ser o receio de novos perigos?

Durante a guerra, a Allemanha foi sempre vilipendiada pelo emprego de submarinos contra navios mercantes. A indignação era justa mas, depois da guerra, todos construíram submarinos na mais larga escala.

Justamente preocupados com isso, em fins de 1921, os Estados Unidos reuniram em Washington uma conferencia, que durou de 12 de novembro de 1921 a 6 de janeiro de 1922, para discutir varios assumptos de interesse mundial. O programma da conferencia abrangia a systematização do Pacifico, a limitação dos armamentos navaes e a restrição na guerra do emprego dos gazes asphyxiantes e dos submarinos. As propostas da França, com relação aos armamentos navaes e a sua attitude na questão dos submarinos, causaram a maior surpresa e a mais viva inquietação, não só na Inglaterra como nos Estados Unidos. Quanto á redução dos armamentos navaes, só se chegou a um accôrdo depois de grandes difficuldades e, com relação aos submarinos, foram estabelecidas algumas regras que, sendo embora apreciaveis, estão bem longe de resolver o problema.

O mais extraordinario, porem, é que justamente depois da Conferencia de Washington, se intensificou na Europa o trabalho para o desenvolvimento daquelles meios de destruição e de ataque que mais se desejava eliminar!

A França possui a maior frota aerea militar da Europa, com 3 mil aeroplanos, dos quaes nada menos de 800 de bombardeio, e o seu programma para 1923 vae elevar o numero de aeroplanos a 4 mil, com 21 regimentos de aviadores. A aviação civil, que exige cerca de um terço dos apparatus, teve um desenvolvimento enorme. O orçamento da aviação franceza supera o de qualquer outro paiz da Europa.

A Inglaterra tem cerca de 3900 aparelhos, inclusive as reservas, e 39 esquadrilhas, das quaes 19 nas colonias, onde a aviação tende a augmentar, em vista dos resultados obtidos. A Inglaterra, porem, limitou, já ha algum tempo, as suas despesas com a aviação.

Na Italia, não ha aviação civil e só existem 12 aeroplanos de bombardeio, 70 aparelhos de reconhecimento e 80 aeroplanos de caça. Nos dous ultimos annos não houve programma algum e todos os serviços de aviação foram inteiramente descurados.

A Allemanha, na impossibilidade de ter aviação militar, desenvolve a sua aviação civil e possui talvez o maior numero de linhas regulares. A ella se devem os progressos e as tentativas mais geniaes.

O que continúa febrilmente, é a pesquisa dos explosivos de maior violencia e dos gazes mais nocivos. Depois da applicação feita em 1918, viu-se que é necessario proseguir neste caminho, afim de poder causar os maiores damnos ao inimigo. Já na ultima phase da guerra, os projectis a gaz pareciam mais precisos que os communs e, agora, diariamente se procura produzir novos gazes venenosos ou irritantes, lacrimogenios, esternutatorios, que produzem queimaduras etc.

Já existem bombas de altissimo potencial que, sem attingir um navio, podem acarretar a sua destruição; só com a verdadeira tempestade que produzem nas ondas. Projectam-se novas fórmulas de guerra, ainda mais terriveis, com a aviação, os gazes e os submarinos tornados cada vez mais insidiosos. A possibilidade de poder enviar uma centena de aeroplanos de bombardeio sobre os grandes centros do inimigo e de destruir, em poucas horas, as maiores cidades, com gazes toxicos de immensa efficacia, é cousa que se estuda hoje com grande afinco.

Em alguns meios militares da Europa fala-se mesmo do que deverá ser a nova guerra, com a paralysação immediata do inimigo e a destruição rapida dos seus centros de maior riqueza, tolhidos os seus movimentos e suffocada toda a sua actividade.

A França continua a sua politica, visando o esphacelamento da Allemanha, não obstante a directriz opposta seguida pela politica britannica, e quer defender a todo transe a integridade dos tratados que lhe asseguram a hegemonia continental e o dominio das materias primas, como ferro, carvão, potassa etc.

Longe de recear o isolamento economico, muitos dos seus representantes o encaram até como um factor transitorio de maior desenvolvimento.

O poder maritimo resultava da combinação entre uma marinha mercante de grande extensão e uma marinha de guerra que a pudesse defender contra qualquer traição.

Agora, os novos processos de destruição derrocaram as bases do poder naval. Si, com uma unica bomba, é possível destruir, em poucos minutos, o maior navio de guerra, e si a luta entre as forças do mar e as forças do ar só se pôde decidir em favor destas ultimas, claro está que nenhuma potencia maritima se deve julgar ao abrigo das terriveis traições dos submarinos e da aviação.

Afundar com os submarinos e com os aeroplanos o o maior numero de navios mercantes, que são mais faceis de atacar, inutilizando ao mesmo tempo toda a frota militar do inimigo, tal é o programma de guerra que se delinêa.

Aos velhos methodos de guerra, baseados nos armamentos navaes e terrestres, succedeu, para os proprios vencedores, uma porfia cada vez mais terrivel, que attenta contra a existencia da Europa.

E emquanto por um lado se convulsiona todo o continente, surge por outro uma verdadeira subversão dos criterios politicos, dada a luta entre o poder maritimo e o poder aereo.

Entre os numerosos escriptores que estudaram a situação da Europa depois da guerra, foi o banqueiro Frank A. Vanderlip, quem teve a visão mais nitida da situação que se creou e do perigo que se está creando de um conflicto ainda maior.



A França não admite qualquer discussão sobre a limitação dos armamentos. A uma iniciativa da delegação russa, Barthou, presidente da delegação franceza em Genova, respondeu, a 10 de abril de 1922, com as seguintes palavras:

«Este assumpto foi retirado da ordem do dia da comissão. Eu declaro, portanto, simples e cathegoricamente, que quando, por exemplo, a delegação russa propuzer á primeira comissão para examinar esta questão, encontrará pela frente, não só as reservas e os protestos, como tambem a recusa prevista e deliberada, definitiva e decisiva, da delegação franceza ».

Dizia-se durante a guerra que, depois da victoria da *Entente*, sobreviria a verdadeira paz e agora não se estuda senão a nova guerra, com fórmias mais violentas.

Os vencidos soffrem todas as injustiças, os vencedores se julgam ameaçados e todos receiam as ciladas e os perigos do futuro.

Quando se compara a Europa de hoje com a de 1815, e quando se pensa na paz verdadeira que se seguiu ao Congresso de Vienna, a qual permittiu que se formasse e firmasse a prosperidade européa, sente-se uma verdadeira humilhação, diante do embrutecimento em que cahiu a Europa. Novas traições estão incubadas e novas destruições projectadas, novos despeitos se manifestam e novas fórmias de dominio se projectam. Quem vencerá? Provavelmente, isso vae preparando a ruina de todos e os vencedores, pela sua propria acção que é orientada para a destruição em vez de o ser para a reconstrucção, mais do que pela acção dos vencidos, estão ameaçados na sua existencia economica, depois de tantas ruinas accumuladas pela guerra.

Tudo sommado, a Europa tem hoje mais homens em armas do que antes da guerra. Os vencidos estão desarmados, porem os vencedores, ou pelo menos alguns delles, se armam cada vez mais, sendo que, em proporção maiór o fazem os novos paizes que a *Entente* mais quiz augmentar, em população e em territorio, á custa dos vencidos.



Onde maiores foram as violencias commettidas, maior é o numero de homens em armas. Deste modo a injustiça, depois de haver semeado odios e inculcado no animo dos povos vencidos o desejo da libertação, colloca os vencedores em difficuldades que crescem diariamente.

A Europa não tem presentemente grandes paizes. A Russia, que sem duvida se reconstituirá, permanece ainda em grande desordem; a Allemanha está sob *contrôle* e a Austria-Hungria despedaçada. A França e a Italia, com uma população quasi igual, são os paizes vencedores mais povoados do continente, sendo que a França tende a diminuir, emquanto a Italia, com um territorio pequeno, augmenta a sua população e encontra difficuldades na sua expansão.

Os maiores nucleos de trabalho e concordes na acção, fóra da Europa, são os Estados Unidos, na America, e o Japão, na Asia, que superam, em população, a qualquer paiz da Europa.

O que a guerra produziu na Europa, foi uma tendencia á desagregação e á resurreição dos pequenos povos que, por um lento processo historico, haviam sido absorvidos em unidades nacionaes maiores. As grandes unidades politicas que asseguram o maximo de producção e constituem, por si mesmas, mercados importantes, se reduziram ou fraccionaram, e estão em lutas internas muito sérias.

Desta fórmula a Europa, esta pequena parcella do continente asiatico-europeu, que attingira ao maior gráo da civilização e que, antes da guerra, até certo ponto dirigia a acção de todos os demais povos do mundo, esta Europa que hontem era credora e hoje é devedora dos outros continentes, tem uma acção cada vez menor, depois que perdeu a sua prosperidade economica, arruinou as suas finanças, ficou exhausta, pelo esforço despendido e enfraquecida na sua propria estrutura demographica.

Até a consideração pela Europa diminuiu nos povos aos quaes ella inspirava antes a maior confiança. Tambem já se não apresenta mais como o pharol da civilização economica e industrial e, nos diversos paizes, durante os quatro annos de



guerra, se crearam e desenvolveram industrias locais, que não teriam surgido e que vivem á sombra dos impostos; quasi por toda a parte, as nações da Europa apparecem como devedoras.

Nada, entretanto, foi mais nocivo do que a athmosphera de violencia resultante do tratado de Versalhes. Dividida a Europa entre vencedores e vencidos, proclamou-se no mundo inteiro que estes podiam ser considerados como povos inferiores, embora fossem os que gozavam, fóra da Europa, do maior prestigio.

O haver trazido negros, pardos e amarellos, em tempo de paz, para occupar a Allemanha, constituiu a mais formidavel propaganda contra a Europa.

O haver constringido os allemães, por meio de requisições revestidas de formalidades legais, a dar as suas mulheres para o serviço de populações barbaras, incutiu nestas populações, não somente uma diminuição de consideração, mas uma desestima para com todos os brancos.

O haver feito a China entrar na guerra, não trouxe a menor utilidade e foi até, sob o ponto de vista da politica mundial, um verdadeiro desastre. Ficou destruida aquella frente unica européa que se tinha creado em 1900 e que seria necessario manter ainda por alguns decennios, enquanto durar o cháos em que a China se encontra. Esse immenso paiz que desde 1911, quando cahiu a monarchia, vive em permanente desordem, complicada pelas mais ferozes lutas civis, tinha necessidade de uma acção commum da Europa, para a sua propria restauração. As situações se inverteram, porem, e foi a China que veio á Europa. Para as numerosas conferencias internacionaes ella mandou os seus representantes que eram diplomatas com um ligeiro verniz de cultura occidental, habéis, sem escrupulos e mentirosos. Elles chegaram a convencer os representantes da *Entente* que o seu paiz já estava maduro para todas as refórmias, a começar pela abolição das capitulações.

Assim, as capitulações foram abolidas para os vencidos e os allemães, austriacos, húngaros etc. já alli não gozam mais da extraterritorialidade. O juizo que os chinezes farão

!!!
.....
captens



da Europa que considera a China de dois modos diversos, conforme se trate de vencedores ou de vencidos, é facil de avaliar, como tambem é facil de comprehender que, de hoje em diante, o regimen das capitulações difficilmente poderá ser mantido, mesmo para os vencedores. Emquanto estes ultimos conservarem os seus privilegios extraterritoriaes, a China tem todo o interesse em impedir abusos graves nos seus tribunaes, afim de poder pleitear a abolição total dos privilegios dos outros paizes.

E quando esta abolição fosse feita, não haveria mais segurança alguma para os povos que não possuisssem navios de guerra, nem outros meios de defeza militar. Os chinezes, livres de quaesquer empecilhos, applicariam então a justiça a seu modo, commettendo continuos attentados contra os mais elementares principios do direito occidental.

É de hontem o episodio que, por pouco, levou a depender do delegado chinéz, Wellington Koo, a resolução relativa á fronteira da Alta Silesia.

Quasi que se chega a desesperar do futuro, quando se pensa que a Europa, cega pelo odio, esteve a ponto de fazer decidir uma questão européa, de alta justiça e elevada cultura, pelo representante de um paiz, onde quasi não existe governo, que vive em constante confusão, dividido em numerosas facções que não são capitaneadas pelos chefes dos diversos partidos políticos, mas sim por chefes militares, cujo unico programma é ganhar o mais possivel, tributando as populações e delapidando os impostos.

Entre os paizes vencedores da *Entente* manifestou-se uma grande diversidade de pontos de vista. A America, que com o seu peso formidavel havia decidido a guerra, se collocou inteiramente de parte. Após os erros do Presidente Wilson, que consentiu nos tratados mais injustos em tróca de uma Sociedade das Nações que se transformou apenas na garantia legal dos abusos dos vencedores, a America, com grande tino, não aprovou o tratado, nem entrou para a Sociedade das Nações, tendo sido a opinião publica americana invadida mesmo por uma legitima desconfiança.

China!



Fala-se frequentemente, na Europa, da avidez e do egoismo da America. Não ha nada mais injusto. Emquanto durou a guerra, ella forneceu largamente os elementos da victoria e, no momento decisivo, deu até os seus homens. Nada produziu na Allemanha um abalo tão grande quanto a chegada das tropas americanas, tendo os allemães comprehendido então que, sendo enormes as reservas do inimigo em material e em homens, a sorte da guerra estava decidida.

Ora, a America tendo emprestado muito dinheiro, nada reclamou senão os juros e o pagamento dos seus creditos. Com verdadeira nobreza, não quiz do inimigo vencido, nem terras, nem colonias, nem concessões e nem tratamento especial.

Si os seus representantes commetteram erros, a grande democracia americana nenhuma culpa teve.

Pede agora a restituição dos creditos e, para começar, os respectivos juros. Os vencedores da Europa que, contra a fé das solemnes declarações feitas, torturaram os paizes vencidos, sujeitando-os a todas as humilhações, usurpando todos os seus bens transferiveis, occupando militarmente o seu territorio com raças de côr, desorganizando a sua produção, não conseguem pagar ao menos os juros do que devem e pretendem que a America renuncie aos seus creditos, quando elles proprios não sabem renunciar ás suas violencias. Não pagam o que devem, nem mesmo os juros, e querem que tudo pague, quem tudo perdeu. Accusar a America de egoismo é grave injustiça, e os Estados Unidos não poderão honestamente renunciar a qualquer recebimento, emquanto existirem tropas de occupação nos paizes vencidos, sob o pretexto de garantir indemnizações impossiveis que, por euphemismo, são chamadas reparações de damnos.

Depois dos injustos e funestos tratados, a America deu prova de grande dignidade e de elevado senso politico, não assumindo qualquer responsabilidade pelas crescentes desordens da Europa.

Os factores materiaes não são decerto mais importantes e nem os unicos que actuaem sobre a vida dos povos, havendo tambem os de ordem moral que, muitas vezes, são

primordiaes. Mas não resta duvida que as condições da vida material frequentemente influem sobre as idéas moraes. Temos visto, mesmo nos tempos modernos, povos religiosos descendentes de homens que emigraram só para conservar a liberdade, muito mais preciosa do que a riqueza, praticarem e defenderem a escravidão, batendo-se pela sua conservação.

As diferenças de estrutura e de situação economica collocam agora a Inglaterra e a França em attitudes inteiramente oppostas. A Inglaterra considera o restabelecimento da paz como condição de vida, enquanto que a França julga essencial deprimir e suffocar a Allemanha, mesmo que com isso se não tenha a paz.

A Italia, obrigada como a Inglaterra a viver de trócas, embora com as incertezas que assignalaram a sua politica externa nos ultimos dois annos, deve acompanhar forçosamente a politica ingleza, no desejo de reconstrucção da Europa, sem o que, através de uma série de crises, verá reduzidos e esgotados quasi todos os seus recursos.

A Grã-Bretanha, affirmou Lloyd George, está pessoalmente interessada na reconstituição economica da Europa, e quer fazer a todos um appello, fóra de qualquer espirito de egoismo, para que essa grande obra da humanidade seja emprehendida sem demora. Cada mez que passa, agrava espantosamente a miseria humana que, em algumas partes da Europa, ameaça a propria civilização.

O restabelecimento do commercio internacional, a quéda das barreiras alfandegarias e a restauração dos paizes vencidos, constituem para a Inglaterra grandes problemas politicos e moraes, que são também grandes problemas economicos.

No anno que precedeu a guerra, 1913, attingiu a 425 milhões esterlinos o valor da exportação ingleza e os seus maiores clientes foram: a Allemanha com 60,5 milhões, a França com 40,8 milhões, a Russia com 27,6, a Belgica com 20,6, a Hollanda com 20,5, a Italia com 15,6, os Estados Unidos com 59,4, a Argentina com 23,6 etc., além dos *dominions*.



Todo o commercio britannico de exportação está hoje em crise e a Inglaterra perdeu tambem os seus melhores mercados de reabastecimento. No mesmo anno de 1913, ella importara 80,4 milhões esterlinos da Allemanha, 46,3 da França, 141,6 dos Estados Unidos, 40,2 da Russia etc.

Muitas industrias se resentem profundamente da falta de materias primas e dos artigos semitrabalhados, que só a Allemanha e a Russia podiam facilmente fornecer e, para não dar logar á baixa da libra esterlina, a Inglaterra compra com difficuldade nos paizes de moeda valorizada. Por outro lado, os paizes de moeda depreciada, ou não estão em condições de adquirir, ou exigem creditos muito demorados que a Inglaterra não póde conceder sem prejuizo, por causa da sua propria situação de incertezas.

A Inglaterra, dizia Lloyd George no memorandum de 6 de janeiro de 1922, é um paiz que vive das exportações. O seu commercio ficou talvez mais devastado pela guerra do que o proprio territorio francez e as consequencias que dahi resultam, sob o ponto de vista dos soffrimentos e das privações, são decerto muito mais graves. Ella tem quasi dois milhões de homens sem trabalho e, para prover a estes, agrava as suas despesas de um modo impressionante.

A população britannica não encontra, no seu territorio tudo o que é necessario á vida e tem de adquirir fóra dois terços do que precisa para a sua subsistencia. A producção agricola dá apenas para dois dias da semana e o indispensavel para os outros cinco dias vem do estrangeiro. A guerra mostrou claramente esta dependencia, ameaçando de interromper as correntes commerciaes.

A Inglaterra fez esforços no sentido de desenvolver a sua agricultura, mas as tentativas foram tão pouco compensadoras que, em muitos casos, tiveram de ser abandonadas.

A França se encontra em situação muito menos embaraçosa, porque retira os maiores proventos da sua agricultura e nada soffre com a paralyção da emigração, o que não acontece á Inglaterra e nem á Italia.

Si a Inglaterra, com a sua poderosa esquadra, contribuiu mais do que qualquer outra nação, para esfaimar e derrotar a Allemanha, comprehendeu tambem, logo depois da guerra que, pela sua propria existencia, era necessaria a reconstituição da Europa e a continuação da Allemanha, sem o que nenhum equilibrio economico seria jámais possivel.

Quando Lloyd George falou da necessidade da paz, reflectiu o que as classes superiores da Inglaterra já sentem profundamente, constituindo mesmo a preocupação de todo o mundo bancario e dos mais importantes industriaes.

A Italia, que tambem se deve abastecer no estrangeiro de grande parte do seu deficit alimentar, que não possui muitas das materias primas necessarias á sua industria, nem carvão, nem ferro, nem algodão etc., conseguia até agora, com a emigração, despejar fóra dos seus limites, o excesso de população e obter os recursos mais necessarios. Na Europa, as maiores exportações da Italia eram para a Allemanha, Austria-Hungria, Suissa, França e Inglaterra. Só a Allemanha e a Austria absorviam muito mais de um terço da exportação total, além de uma bôa parte da emigração. A Italia nunca se poderá reconstituir sem que se refaça a vida economica do centro da Europa, a cuja economia está intimamente ligada.

Para a Inglaterra, a Italia e em parte tambem para a Belgica, a politica da paz, além de uma questão de sentimento, é tambem uma necessidade economica.

A França, que tem um territorio fertil e vasto e uma população relativamente pequena, dispõe de recursos alimentares abundantes, até mesmo para viver isolada. Com uma população pouco maior que a da Italia, ella possui um territorio quasi duplo e póde prover facilmente a todas as necessidades dos seus habitantes. Agora então, com os novos territorios e com as colonias, ella goza de uma situação privilegiada, possuindo grande abundancia de fertilizantes (potassa, phosphatos, escorias Thomas etc.).

Havendo tomado á Allemanha mais de quatro quintos do minerio de ferro e grande parte do carvão e tendo feito vingar

a these das reparações, a serviço da sua siderurgia, a França se encontra nas condições as mais favoráveis para a industria e possui ainda um vasto imperio colonial, o maior que existe, e com recursos immensos. Atravessando uma crise financeira extremamente grave, talvez mais grave do que a de todos os outros países da *Entente*, a França poderia perfeitamente viver dos proprios recursos, si a sua situação cambial chegasse a piorar ainda mais.

Ella soffre, entretanto, o pesadello da Allemanha, cuja população cresce rapidamente e que constitue sempre o maior e mais compacto organismo ethnico da Europa. A França tem 39 milhões de homens e a Allemanha, mesmo mutilada, tem mais de 60. Emquanto na França quasi se equilibram os nascimentos e os fallecimentos, na Allemanha o augmento da população é grande e continuo e, já em 1920, houve um excesso de quasi 600 mil nascimentos sobre os fallecimentos. Em cada anno que passa fica coberta a differença de uma provincia perdida. Como poderá a França contar com o auxilio incerto da Polonia ameaçada pela Russia? Ella está, por isso, em uma situação moral bem caracteristica, a da preocupação. Vendo no visinho o inimigo de hontem e certamente o inimigo de amanhã, tem contra esse inimigo um só processo, combate-lo, e um unico objectivo, vence-lo.

A Allemanha está vencida e desarmada, mas a França pensa no dia de amanhã e acha que, si a queda economica da Allemanha é necessaria para a ruina definitiva e para invalidar por muito tempo o povo allemão, nada deve ser poupado. Assim, Clemenceau falou com sinceridade absoluta, quando disse que o tratado de Versalhes não era mais do que um meio de continuar a guerra.

A principio se dizia que a luta era contra o imperialismo germanico e a Allemanha, tendo hoje uma organização das mais democraticas, com classes operarias firmemente resolvidas a defender o novo regimen, só deseja ser uma grande democracia. Esta sua aspiração, porem, não modificou absolutamente a attitude da França que, em todas as conferencias

internacionaes, em toda a sua acção, não quer o que mais lhe póde ser util e só o que mais póde ser prejudicial á Allemanha.

A Inglaterra deseja e necessita de uma politica de paz, mas está em uma situação estranha e imprevista. A França segue na sua politica do Oriente uma directriz differente e desenvolve o mais que póde a sua aviação e os seus submarinos, que não teem certamente o objectivo de impedir uma offensiva no Rheno, cousa aliás impossivel, como todos sabem.

Uma attitude mais energica da Inglaterra em favor da paz, póde acarretar uma guerra com a França e, desse modo, a acção ingleza, que visa uma politica de paz e de reconstrucção, estaca ante a preocupação de evitar novos conflictos ou pelo menos novos odios.

Creou-se uma situação politica pela qual a Europa permanece em crescente desordem, sem qualquer possibilidade de se encaminhar resolutamente para a paz e sem desejar novas e mais terriveis guerras.

Desta maneira, crescem as difficuldades financeiras de todos os paizes, augmenta a incerteza das relações internacionaes e aggrava-se a desorganização economica. É um verdadeiro estado de paralyia da vontade, pela falta de confiança reciproca.

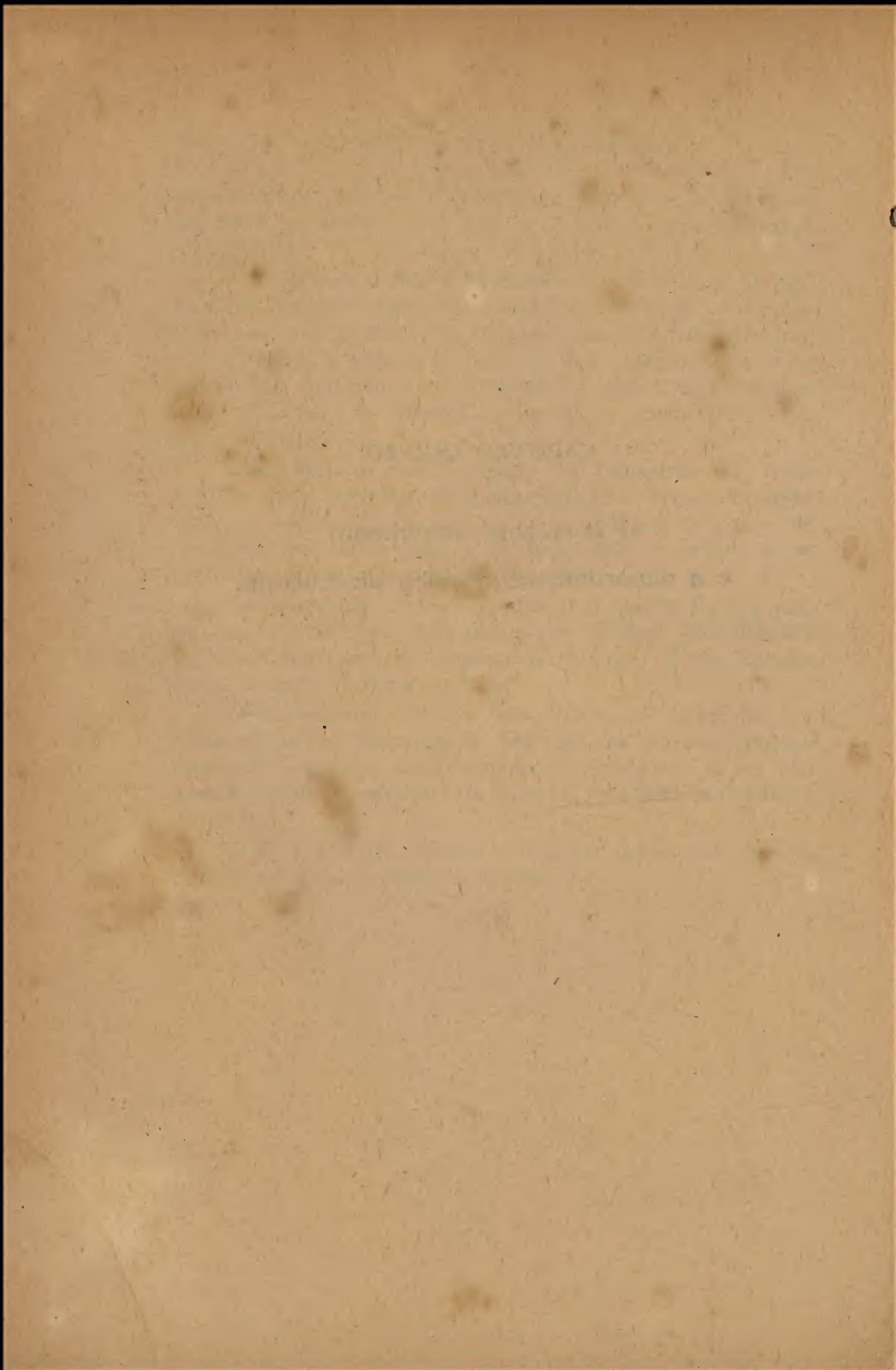
E só a America, como foi o factor decisivo da guerra, poderá ser o factor decisivo da paz.



CAPITULO QUINTO

**O crescente abatimento
e a desordem economica da Europa.**





CAPITULO QUINTO

O crescente abatimento e a desordem economica da Europa.

Emquanto ancias de hegemonia, programmas de dominio, novas fórmãs de imperialismo, desejos de suffocar os vencidos, convulsionam a Europa, a producção se perturba cada vez mais e as finanças dos paizes se desorganizam. Depois de quatro annos de terminada a guerra, nenhum espirito de ordem entrou na economia européa e os contrastes se tornaram mesmo mais frisantes.

Os tres grandes paizes vencedores, Inglaterra, França e Italia, não mantem harmonia de vistas e se encontram frequentemente em viva contradicção de interesses e de sentimentos.

Não basta possuir materias primas, abundancia de braços ou poderosos meios de communicação — é preciso ter todas estas cousas juntas, para que a producção seja efficiente.

A Allemanha, que era o factor mais grandioso da producção européa, está ameaçada na sua propria existencia. Compra e vende com difficuldade e, obrigada a despesas enormes para sustentar os exercitos dos paizes vencedores, está com a sua vida economica interna completamente desorganizada. Possui homens, mas não tem materias primas sufficientes, nem cambio, nem facilidade de movimentos, nem liberdade de communicações. Restringe todos os dias



o uso das substancias mais necessarias á vida e, em algumas cidades, até o consumo do pão, da carne e das batatas, foi reduzido de mais de cincoenta por cento.

A França, que açambarcou a maior quantidade de materias primas, tem falta de homens e está em crescente difficuldade financeira, empregando toda a sua actividade em um programma de expansão militar, que é a base de um verdadeiro sonho de hegemonia.

A Italia, collocada em situação precaria por causa das barreiras alfandegarias, pela falta de materias primas e pela impossibilidade de uma grande e livre emigração, faz ingentes esforços para se reconstituir. Os seus interesses coincidem com os da verdadeira paz, porem, não agiu de facto, na preparação do tratado de Versalhes, ou agiu prejudicialmente e ha alguns annos, como se deu na questão da Alta Silesia, a sua acção tem contribuido para augmentar a desordem.

A Russia, o maior reservatorio de materias primas de todo o continente asiatico-europeu, está quasi completamente inutilizada.

A situação de incertezas e de instabilidade domina toda a vida economica.

Os paizes que mais facilmente se poderiam salvar, tendo a sua moeda com alta cotação, ou mesmo ao par do ouro, não conseguem vender aos que estão com o cambio em ruina e a moeda depreciada. Estes ultimos, por sua vez, não se arriscam a comprar as materias primas de que necessitam e nem podem ter segurança pelas continuas e bruscas oscillações cambiaes. Assim, com excepção de um ou outro paiz que se póde relativamente isolar, vivendo dos seus proprios recursos, todas as nações da Europa estão em crise, com desordem financeira e desorganização economica.

De continente credor que era, a Europa, no seu conjuncto, se transformou em continente devedor. Nas linguas arianas, as palavras que significam riqueza, indicam tambem poder e dominio; o poder e o dominio da Europa, sob o peso da guerra e das pazes de guerra, diminuiram grandemente, do mesmo modo que a sua riqueza. A decadencia

demographica, a desordem das materias primas, a anarchia financeira de todos os paizes, ainda mais nocivas se tornaram pela nova politica dos armamentos, que se apresenta traiçoeira e cheia de perigos para o futuro. Quebrados todos os laços de solidariedade entre os povos, as barreiras aduaneiras entravam completamente o commercio.

A guerra e a carestia que se lhe seguiu em muitos paizes, custou decerto á Europa a perda de um numero de habitantes superior á população total de qualquer das maiores nações belligerantes.

Segundo os dados mais accitaveis, o numero de officiaes e soldados mortos na guerra, excedeu de 8 milhões, com mais de 20 milhões de feridos e 7 milhões de prisioneiros e extraviados. As noticias a respeito da Russia são muito incertas e a Allemanha, obrigada a sustentar a guerra simultaneamente em varias frentes, foi o paiz que teve maior cifra de mortos. Mas as perdas de quasi todas as nações, embora variaveis, foram enormes e a França, Inglaterra e Italia tiveram, em conjuncto, muito mais de dois milhões e meio de mortos.

Não só nos paizes belligerantes, como tambem nos neutros, houve durante a guerra um augmento do numero de fallecimentos, ao mesmo tempo que diminuia o dos nascimentos. Calcula-se esta differença, que importa em diminuição de população civil, em cerca de 8 milhões, não levando em conta a Russia, da qual faltam informes, mas que deve ter tido perdas demographicas sérias.

Depois da guerra, enormes epidemias de typho, variola, chólera e influenza devastaram a Europa oriental; nos paizes centraes impéra a tuberculose e na Europa meridional houve um augmento espantoso da malária e do trachoma, além da tuberculose.

Não contando com a Russia e tomando por base as estatisticas officiaes mais autorizadas, o numero de feridos foi muito além de 20 milhões, dos quaes, pelos menos 5, ficaram parcial ou totalmente invalidos e com a sua capacidade de trabalho grandemente diminuida.

A syphilis augmentou extraordinariamente em todos os paizes sahidos da guerra. Nos Balkans, na Grecia, Turquia e Italia, a malaria se alastrou por toda a parte e em algumas zonas assumiu fórma pandemica. O flagello da turberculose se espalhou rapida e violentamente e é assustadora a progressão que tomou, principalmente na Allemanha e na Austria.

Faltam estatísticas de conjuncto mas, pelo exame das cifras referentes ás grandes cidades, nota-se um desenvolvimento impressionante e verifica-se que o numero de baixas pela tuberculose triplicou em muitas cidades da Europa central, cuja população está sob uma ameaça perenne.

Mesmo a composição demographica das nações belligerantes soffreu consideravelmente, visto como os mortos representam os mais validos elementos da população, até sob o ponto de vista moral, isto é, aquelles que, durante a guerra, não ficaram emboscados e deram provas de maior espirito de abnegação.

Durante o conflicto europeu, em todos os paizes, os que pregavam a guerra pelas ruas das grandes cidades e manifestavam maior espirito de intransigencia, deram á morte uma escassa contribuição; as victimas foram precisamente os elementos mais operosos e activos que, em toda a parte, accetaram a guerra como um dever nacional e não como um meio de luta politica.

Pelos últimos recenseamentos se verifica que, em toda a Europa, as mulheres estão em predominancia sobre os homens, exceptuando-se apenas alguns paizes balkanicos onde, aliás, os recenseamentos não inspiram confiança. Classificando as populações por sexos e idades, tem-se uma impressão ainda mais dolorosa, porque se verifica não só a preponderancia do elemento feminino, como tambem uma sensível diminuição nos grupos de população masculina entre 20 e 39 annos.

Em alguns paizes o phenomeno demographico tem aspectos verdadeiramente ameaçadores. Na França, por exemplo, houve em 1913, anno que precedeu a guerra, 605 mil nascimentos e este numero baixou a 594 mil em 1914, 387 mil

em 1915, 313 mil em 1916, 342 mil em 1917, 399 mil em 1918 e 404 mil em 1919. Considerando que pertence ao sexo feminino pelo menos a metade dos que nascem (já em 1911 haviam na França 104 mulheres para 100 homens), segue-se que, em 1914, alli nasceram no maximo 297 mil creanças do sexo masculino, 194 mil em 1915, 157 mil em 1916, 171 mil em 1917, 200 mil em 1918 e 202 mil em 1919, sendo certo que uma parte destas creanças não attinge á maioridade ou se invalida para o serviço militar.

Nestas condições, si quizer manter o seu exercito com os effectivos actuaes, ou mesmo um pouco inferiores, a França deverá incorporar, todos os annos, as suas classes inteiras, sem excepção de um só homem, roubando portanto á producção os elementos mais vigorosos.

Além da decadencia demographica em todos os sentidos, conforme acabamos de vêr, verificou-se, durante muito tempo, e ainda não desapareceu de todo, nos paizes sahidos da guerra, um estado de desconfiança e de amollecimento nas classes operarias, uma quasi aversão pelo trabalho, com a consequente diminuição qualitativa e quantitativa dos seus resultados. Nas nações de estructura politica mais fragil e menos antiga, houve até, por algum tempo, um relaxamento de todos os órgãos de governo, com augmento de funcionarios e menor rendimento de trabalho. Refórmias economicas e sociaes, que não tinham sido possiveis durante as épocas de prosperidade, foram levadas a effeito com grande facilidade, justamente quando a producção diminuia ou se tornava mais difficil. Assim foi feita a redução do dia de trabalho, para oito horas em principio e praticamente ainda menos, ao mesmo tempo que cresciam os salarios e augmentavam os compromissos por parte dos governos, com mais onus para a industria, sob a fórmula de seguros, cousas que ninguem ousara introduzir nos tempos de maior progresso economico e prosperidade financeira.

Antes da guerra, a Europa, com os seus grandes organismos politicos continentaes, Allemanha, Austria-Hungria, Russia, França, Italia etc., estava toda ella encaminhada para



a grande produção. Cada paiz possuia um vasto mercado interno e toda a sua produção era orientada para a grande industria, por um grande mercado. As materias primas eram utilizadas da fórmula a mais conveniente.

Agora, fraccionada a Europa em um grande numero de paizes, as materias primas foram distribuidas segundo o arbitrio do vencedor. A Allemanha perdeu, em proveito da França, quatro quintos dos seus minerios de ferro, grande parte do carvão, a potassa, o zinco, o chumbo etc.

A França não tem possibilidade de utilizar todas estas riquezas e a Allemanha não pôde, devido á sua situação cambial, adquirir o que lhe é mais indispensavel.

Todas as riquezas mineraes da Alta Silesia que, pelo tratado e pelo plebiscito, deviam ter ficado com a Allemanha, passaram para a Polonia. Mas sem technicos, sem capacidade de direcção, em completa fallencia financeira, a Polonia nem sabe utilizar o que tem ao alcance da mão e pensa só em adquirir novos territorios. A Allemanha perdeu os seus maiores thesouros, mas a Polonia, desorganizada e tumultuosa, não os sabe aproveitar.

A Austria-Hungria formava um grande imperio, mais extenso até do que a Allemanha, com quasi cincoenta e quatro milhões de habitantes, e as materias primas que possuia eram utilizadas por um grande mecanismo de produção, para um vasto mercado. As grandes industrias de Vienna, Budapest, Praga etc., trabalhavam para todo o Imperio. Trieste era o porto da Austria allemã e da Bohemia, e Fiume o da Hungria e Yugo-Slavia. Existem hoje no logar da Austria-Hungria sete pequenas nações, cuja falta de confiança é tão grande quanto a sua inexperiencia. Cheios de barreiras alfandegarias, estes pequenos paizes procuram crear industrias nacionaes, auxiliando com papel moeda formações artificiaes que não podem ser duradouras.

Entretanto, as grandes industrias de Vienna, Budapest e Praga já não dispõem de mercados e os portos de Trieste e Fiume, com as suas grandes installações, não possuem mais *hinterland*.

Todas as industrias tedescas estavam em intima ligação umas com as outras e, operando em um vasto territorio, haviam attingido á maxima divisão de trabalho, que dava logar ao maximo de producção a baixo preço. Destacadas, ao acaso, diversas porções de territorio e tomados á Allemanha os seus melhores recursos, foi convulsionada toda a producção, e estabelecimentos que fabricavam as differentes partes de um mesmo producto, ficaram pertencendo a paizes distinctos ou incluidos em outros systemas aduaneiros.

É principio elementar de economia, que não se póde comprar sem vender, e vice-versa, sendo a tróca o fundamento de toda a producção. Tomando aos vencidos todas as suas riquezas transferiveis e limitando ou difficultando os seus recursos não transferiveis, os vencedores se collocaram na situação de não poder vender o que produzem. A crise se transferiu então dos vencidos para os vencedores e ameaça todo o seu futuro.

Antes da guerra, no exercicio 1913-1914, os maiores compradores, na Europa, dos productos norte-americanos foram: a Inglaterra em 594,2 milhões de dollares, a Allemanha em 344,7, a França em 159,8, a Hollanda em 112,2, a Italia em 74,2, a Belgica em 61,2 etc. Actualmente, como poderá a Europa comprar, si lhe faltam os meios de acquisição? A desorganização da producção, após os vencidos, golpeia tambem os paizes vencedores, os neutros e se estende até fóra da Europa. O poder acquisitivo do grande mercado de consumo que é a Europa, diminuiu consideravelmente, reduzindo-se tambem a capacidade de producção dos paizes de outros continentes. Os Estados Unidos limitaram ao minimo a immigração e não procuram trabalhadores, porque os mercados de consumo da sua producção se restringiram. O grande desenvolvimento dos meios de producção que a America realizou durante a guerra, não teve o desenvolvimento correspondente do mercado de consumo na Europa que, por sua vez, não augmentou os seus meios de producção e tende a reduzi-los. A tróca dos productos se faz tanto mais facilmente quanto mais abundantes e variados elles são.



O augmento enorme da tonelagem mundial, em mais de 12 milhões de toneladas, só teve como resultado, determinar uma vastissima crise e paralyzar as construcções navaes. O mal, porem, ainda se aggravou, quando inutilmente a Alemanha foi despojada da sua frota mercante porque, sem vantagens, o mercado marítimo ficou privado de muitos elementos dos mais activos e operosos, que teriam sabido encontrar talvez novas vias de trafego e crear novas relações.

A grande desordem monetaria da Europa não permite que se faça um confronto entre as importações e exportações de antes e depois da guerra, mas o exame das quantidades de mercadorias importadas e exportadas é um indice seguro do actual estado de abatimento.

Observando igualmente a situação de algumas materias primas, antes e depois do conflicto, vê-se que o mercado mundial soffreu modificações notaveis e que a importancia da Europa está muito diminuida.

A Sociedade das Nações tentou obter os dados relativos a varias materias primas fundamentaes, como o algodão, a lã, os cereaes, carvão, petroleo, ferro e adubos chimicos.

Quanto aos cereaes, nos ultimos cinco annos antes da guerra, apenas alguns paizes da Europa, como a Russia, a Hungria, a Romenia e a Bulgaria, chegavam a produzir para o seu consumo interno e para a exportação. Em um total de 303 milhões de quintaes, produzidos pelos quatro paizes exportadores, dos quaes 221,8 milhões da Russia, havia uma producção de 256 milhões de quintaes no resto da Europa. Nos demais paizes exportadores, como os Estados Unidos, o Canadá, a India Ingleza, a Argentina e a Australia, houve uma producção de 400 milhões de quintaes, sendo que 186,8 nos Estados Unidos.

Depois da guerra, o mercado da Russia vindo a faltar, a Europa, pelas difficuldades de acquisição, procurou intensificar a sua producção, sem chegar a prover, comtudo, ao seu proprio consumo e os Estados Unidos ficaram sendo o grande paiz exportador, com uma producção que oscilla entre 200 e 250 milhões de quintaes.



Para a lã, antes da guerra, o Imperio Britannico dispunha de 41 por cento da produção universal e de 60 por cento da exportação total dos paizes de fóra da Europa. Depois da guerra, o isolamento economico dos imperios centraes, a quéda da Russia, a desordem dos territorios invadidos na França, modificaram completamente a situação do mercado. Os Estados Unidos, adquirindo na America do Sul e na Australia as quantidades disponiveis, puderam desenvolver enormemente a sua produção de artigos manufacturados e o Japão por sua vez, com resultados apreciaveis, procurou tomar conta dos mercados do Oriente.

O algodão era, antes da guerra, produzido pelos Estados Unidos (58 por cento), e pelos paizes britannicos, inclusive o Egypto (21 por cento), representando, respectivamente, 72 e 28 por cento das exportações totaes. Os Estados Unidos se limitavam a exportar o algodão em grosso, só se occupando da America do Sul e das Philippinas, para os productos trabalhados. Abstrahindo das circumstancias puramente transitorias, ha a considerar dois phenomenos que podem modificar profundamente o aspecto da industria algodoeira no mundo. O primeiro é o desenvolvimento da fabricação asiatica, chinesa, japoneza e indiana, que procura tolher grandes mercados á exportação europeá, aproveitando as dificuldades em que se encontra a Europa, que precisa ainda prover aos proprios paizes europeus mais necessitados. O segundo, o mais interessante, é o enorme desenvolvimento das manufacturas de algodão nos Estados Unidos, o que faz receiar justamente uma diminuição systematica da exportação de algodão bruto do maior mercado exportador.

Não é assim improvavel a quéda definitiva da industria algodoeira em muitos paizes da Europa, que não mais poderão dispôr das materias primas indispensaveis e nem de mercados.

A industria do carvão, antes da guerra, havia attingido a uma produção global de 1342 milhões de toneladas, sendo 125 milhões de lignite (1913). Ella era importante, sobretudo nos Estados Unidos que davam 38,5. por cento da produção



total, seguindo-se a Inglaterra, com 21,8 e a Alemanha com 20,7. Os Estados Unidos, pelo seu grande desenvolvimento e possuindo mais da metade das estradas de ferro do mundo, apenas exportavam pouco mais de 3 por cento da sua produção e o consumo interno igualava os da Inglaterra, Alemanha e Austria-Hungria reunidos. Na Europa, os grandes exportadores eram a Inglaterra e a Alemanha. Depois da guerra, a produção baixou rapidamente e, em 1919, desceu a um nível inferior ao de dez annos antes, o que foi devido principalmente á desorganização de toda a industria européa, profundamente perturbada pelos tratados de paz. A Alemanha teve de ceder á França, não só o carvão da Lorena, como também o Sarre, e á Polónia a melhor parte da bacia carbonífera da Alta Silesia, sendo ainda forçada a fornecer, a título de raparações, enormes quantidades de carvão. Deste modo a sua situação se desequilibrou completamente e ella deverá importar carvão si não quizér que as suas industrias pereçam. A Polónia e a Tcheco-Slovaquia receberam todo o carvão do antigo Imperio Austro-Hungaro. Devido principalmente aos tratados de paz, a industria do carvão ficou desorganizada na Europa e a sua produção total diminuiu consideravelmente.

Na Conferencia de Paris, que preparou o tratado de Versalhes, enquanto os Estados Unidos, com Wilson, cuidavam da Sociedade das Nações e a Italia pensava no Alto Adriatico, a França se preocupava em tirar o carvão dos paizes vencidos, mesmo com creações nacionaes artificiaes.

O petroleo era, antes da guerra, produzido nos Estados Unidos em quantidades enormes que attingiam a 64 por cento da produção mundial, vindo em segundo logar a Russia com 17 por cento, o Mexico com 7 por cento, e ficando os 12 por cento restantes para todos os outros paizes reunidos.

Durante a guerra, fechado o mercado da Russia e da Romenia, os Estados Unidos e o Mexico augmentaram extraordinariamente a sua produção, que é centralizada em grande parte pela Standard Oil, americana, e em parte menor pela Royal Dutch, de origem hollandeza e européa. A importancia



do petroleo e da benzina cresceu extraordinariamente depois da guerra. Modesto meio de illuminação a principio, o petroleo e a benzina assumiram uma importancia capital para todos os meios de transporte, especialmente pelo prodigioso progresso do automobilismo e da aviação.

Por isso, os principaes paizes procuraram, a respeito, realizar accórdos particulares depois da guerra. A Inglaterra, sobretudo, deu grande importancia á politica do petroleo, que tem um verdadeiro interesse para a supremacia do mar. A luta entre o grupo americano e o grupo europeu se tornou vivissima, porque a America, mesmo sem concessões nos paizes novos, teve divergencias com a Inglaterra por causa da Mesopotamia.

Emquanto a producção de carvão diminuiu depois da guerra, a do petroleo augmentou e os Estados Unidos apresentam um grande accrescimo, tanto na producção como no consumo. A producção do petroleo só attinge, porem, a uma decima quarta parte da do carvão e, embora o poder calorifero do carvão seja inferior, relativamente de um terço, ao do petroleo, a possibilidade de substituir o carvão pelo petroleo, na maior parte dos seus empregos está ainda muito limitada.

Os resultados da guerra deslocaram, mais do que tudo, as condições da industria do ferro no continente europeu.

Antes da guerra, a Allemanha desenvolvera prodigiosamente a sua producção do ferro e vinha logo depois dos Estados Unidos. A questão do ferro está estreitamente ligada com a do minerio e a do carvão e, tendo perdido quatro quintos do seu minerio de ferro e grande parte dos seus recursos em carvão, a Allemanha se encontra hoje em sérias difficuldades. A França não consegue augmentar a sua producção siderurgica proporcionalmente aos seus novos recursos. As grandes industrias da Austria estão em decadencia, depois da divisão dos territorios da monarchia, tendo sido os principaes recursos distribuidos entre populações não aparelhadas para a sua conveniente utilização. A supremacia da America do Norte mais se accentuou, portanto, depois da guerra.



Ainda no que diz respeito aos fertilizantes, a guerra veio alterar a situação dos diversos paizes europeus e, pondo de parte a exportação dos nitratos do Chile, aos Estados Unidos cabia a superioridade antes da guerra. É verdade que a producção dos sulfatos de ammoniaco e de calcio era muito importante na Allemanha e em outros paizes da Europa, como a Noruega, mas os Estados Unidos produziam a maior quantidade de adubos chimicos com base de phosphatos. Os adubos com base de potassa estavam quasi exclusivamente nas mãos da Allemanha que havia desenvolvido a producção e a regulava por meio de um *cartel*, fiscalizado e protegido pelo governo.

Depois da guerra, o mercado dos fertilizantes se transformou. Os Estados Unidos desenvolveram largamente a sua producção e a Inglaterra e Allemanha produzem muito menos sulfato de ammoniaco. A França, reconquistando a Alsacia, pode incrementar a producção de potassa, mas a Allemanha, mesmo depois das perdas soffridas, detem o primeiro logar nesta industria.

De quanto temos dito até agora, resulta que a situação dos Estados Unidos, já formidavel antes da guerra, se tornou depois della verdadeiramente grandiosa. A desorganização imposta á Allemanha, o desmembramento da Austria-Hungria, a consequente distribuição de meios e de industrias a novos paizes, que em grande parte não sabem tirar partido dellas, e o abatimento da Russia, crearam para os Estados Unidos uma situação de monopolio mundial.

Quanto aos cereaes, carvão, ferro, algodão, petroleo e fertilizantes, póde-se dizer que os Estados Unidos sobrepujam todas as outras nações e dominam o mercado do mundo.

Com uma população menor do que um quarto da Europa, e um territorio quasi igual, elles formam un unico paiz, um só povo, e podem, portanto, orientar a sua industria e o seu commercio para a grande industria e o grande commercio.

A Europa, cheia de odios, atormentada por novas e velhas rivalidades, balkanizada pela sua existencia mais do que pelo grande numero de paizes que a compõem, não consegue



orientar a sua produção. Barreiras alfandegarias surgem por toda a parte, com sonhos de hegemonia e imperialismo de grandes e de pequenos paizes, mais incommodo este ultimo, pela sua propria incontinencia e pela vulgaridade das suas fórmãs.

Uma só das novas nações sahidas da guerra, com as suas finanças arrebatadas e sua moeda desvalorizada, tem mais homens em armas do que os Estados Unidos!

Existem paizes tísicos que, em lugar de procurarem a vida ao sol, se cobrem de pesadas armaduras e vivem á sombra dos seus odios e das suas concupiscencias. Agitam-se e julgam viver; ameaçam e acreditam vencer...

Não só pelos grandes empréstimos, como tambem pelos creditos concedidos em alta escala ao commercio e á industria dos differentes paizes, a America se tornou credora da Europa.

Agora, não obstante a escassa capacidade de aquisição de todo o continente europeu, ella desenvolve cada vez mais os seus immensos recursos e, possuindo já o mercado dos mais importantes productos alimentares (cereaes e carne), augmenta as suas industrias de algodão e lã, e toma o lugar da Europa no Pacifico, onde o seu dominio cresce todos os dias.

Nada tendo a temer militarmente, sem outros vizinhos a não ser o Canadá e o Mexico, defendida por dois oceanos, a America affirma a sua preponderancia quasi incontrastavel, enquanto a Europa se dissolve nas lutas mais selvagens, e os vencedores, em vez de se unirem com os vencidos, delles se separam cada vez mais. O eixo da politica mundial deslocou-se, portanto, por effeito da guerra e a Europa perdeu, especialmente após o abatimento da Allemanha, aquella influencia de que dispunha no mundo até julho de 1914.

Tolhida na Asia a acção da Russia e da Allemanha, o Japão, apesar das crises economicas que tem atravessado, conquista, por sua vez, os postos que a loucura da Europa vae abandonando.



À desordem da produção, determinada sobretudo pelos tratados de paz, seguiu-se a desordem financeira, acompanhada pela ruína dos cambios

Percorrendo os documentos officiaes, tem-se uma estranha sensação ao verificar que, depois da guerra, as despesas publicas tiveram, em quasi todos os paizes da Europa, um desenvolvimento injustificavel e todos os orçamentos, com rarissimas excepções, apresentam enormes deficits. Ha na America e na Europa varias publicações officiaes, pelas quaes se consegue fazer uma idéa, embora summaria, da desordem financeira da Europa. Dada a confusão monetaria, torna-se difficil precisar quaes sejam as despesas e as receitas dos paizes europeus. Com dividas externas e dividas internas, papel moeda do governo e dos bancos, bonus do thesouro etc., o chãos é tão profundo que ninguem se póde orientar.

Paizes ha, que cobrem ainda a metade dos seus deficits orçamentarios, como a França, ou a terça parte, como a Italia, com divida fluctuante, e outras nações em verdadeira ruína, como a Polonia, a Romenia, Austria, Hungria etc., vivem com os recursos do papel moeda que quasi já não tem mais valor.

De um memorandum, que a Sociedade das Nações organizou em 1922, sobre as finanças de 27 paizes da Europa, se verifica: que o deficit era quasi commum a todos e que apenas dois ou tres tinham equilibrio ou saldo; que, com rarissimas excepções, as despesas publicas estavam em augmento por toda a parte, não só em cifras absolutas, mas tambem em cifras relativas; que, em quasi todos, já foi attingido o maximo da capacidade tributaria, de maneira que as rendas tendem a baixar, emquanto as despesas não diminuem ou diminuem muito pouco; que a differença entre a receita e a despeza, só em alguns se conserva em proporções modestas, existiudo outros, cuja receita real representa não já 50 por cento das despesas, porem apenas 20, 15 e até 10 por cento.

Excluindo a Inglaterra, que impoz os maiores sacrificios á sua população e fez uma corajosa politica financeira, a Hollanda, a Suissa, a Hespanha, a Succia e a Noruega que,

aliás, viram crescer sensivelmente as suas despesas por causa da guerra, todos os demais paizes da Europa estão financeiramente desorganizados. Nenhuma comparação é possível, porque a desvalorização sempre crescente da moeda torna qualquer confronto absurdo e mesmo variavel de mez em mez, quando não de um dia para outro.

Ha paizes, completamente enterrados por uma circulação de papel, que pretendem acompanhar as variações da moeda com emissões novas e cobrir com papel moeda os deficits orçamentarios. A Polonia, a Austria, a Romenia, os paizes balticos (menos a Finlandia), Portugal e a propria Allemanha, possuem uma circulação completamente insanavel.

A situação de alguns paizes vencedores já é peor do que a dos vencidos, mas existem vencidos, cujas condições são verdadeiramente insupportaveis. Só o exemplo da Austria basta, para evidenciar como a concepção dos tratados de paz foi um immenso absurdo economico e moral.

A Austria, nos seus limites actuaes, deve viver com os proprios recursos, mas está rodeada de paizes hostis e de barreiras alfandegarias, sem possuir a minima capacidade de aquisição. Para viver, pois, ella deve importar muito mais do que exporta e teve, depois da guerra e por varios annos, de alienar a maior parte dos seus bens transferiveis. Não sendo possível exprimir em valores o movimento commercial austriaco, diremos somente, tomando por base pesos e unidades, que em 1921, a Austria importou 81,9 milhões de quintaes e exportou 14,8; importou 2.069.917 milhões de objectos e exportou 1.611.964. A importação foi composta quasi exclusivamente de artigos indispensaveis á vida.

O orçamento austriaco, sob os onus dos tratados, devia necessariamente precipitar-se no abysmo. No exercicio de 1919-1920, haviam sido previstas receitas no valor de 6,2 bilhões de corôas e despesas no valor de 16,8 bilhões. Já era uma situação de extrema gravidade, que se deveria ter procurado reparar, e talvez isso fosse ainda possível com uma redução da circulação, com empréstimos externos e grandes

economias. A Austria, entretanto, teve de pagar todas as despesas publicas com outras emissões de papel moeda e cada uma destas levantava os preços e agravava a crise. Em 1920-21, as despesas eram de 70,6 bilhões e a receita orçada de 29,4; em 1921-22, a previsão era de 209,7 bilhões de receita e 347,5 bilhões de despeza.

A circulação de bilhetes de banco, em todo o vasto Imperio da Austria-Hungria, attingira em 1914, ao meximo de 5,1 bilhões de corôas e no fim da guerra se elevara a 35,5 bilhões. Depois da guerra, sob o peso dos novos encargos, não teve mais limites.

A circulação do Banco da Austria-Hungria era de 53 bilhões, no fim de 1919. Depois da separação entre os varios paizes da monarchia, as notas do banco em circulação somavam 29,5 bilhões em janeiro de 1920. Em junho de 1921, attingiam já a 49,6 bilhões, em setembro a 70,1, em dezembro a 160,2, em março de 1922, a 281.997 e em junho a 549,6 bilhões! Dahi em diante, a Austria foi fazendo sempre novas emissões e o seu cambio soffreu as consequencias.

Em junho de 1919, para comprar um dollar, eram necessarias 33 corôas, e no fim do anno, quando os tratados foram conhecidos, já se não comprava com menos de 155 corôas. Veio depois a separação da emissão entre os diversos paizes successores e, em abril de 1919, um dollar valia 200 corôas, chegando no fim do mesmo anno a 603. Em 1921, por causa das emissões continuas, a depreciação da corôa se tornou vertiginosa, de sorte que um dollar custava 1.127 corôas em agosto, 5.340 em dezembro, 7.500 em janeiro de 1922 e 30.025 em meados de julho!

Naturalmente os preços cresciam na razão directa da desvalorização do meio circulante e os constantes augmentos de salarios e estipendios não faziam mais do que piorar a situação. Os preços actuaes são cinco mil vezes mais elevados do que antes da guerra, e o augmento dos salarios e vencimentos, tendo sido só de mil ou duas mil vezes, houve de facto, uma redução dos meios de vida de sessenta a oitenta por cento.



Com os seus enormes vencimentos actuaes, que são puramente nominaes, os empregados austriacos recebem apenas a quarta ou quinta parte do que tinham antes da guerra. A sorte dos operarios, em geral, é muito melhor que a da burguezia e os detentores de riqueza mobiliaria, na maioria dos casos nada mais possuem hoje.

Fazendo um *exame comparativo dos preços de antes da guerra (média de 1913-1914) com os de agosto de 1922, verifica-se que a carne de vacca subiu de 2,27 a 18.000 corôas o kilo; a carne de porco, de 2,12 a 22.000; o pão, de 0,22 a 4.688; a batata, de 0,20 a 1.800; a farinha, de 0,37 a 6.000; o grão, de 2,13 a 30.000; o litro de leite, de 0,29 a 2.400; um ovo, de 0,7 a 800 corôas. Para comprar uma roupa é preciso dêsperder 1.500.000 corôas, um sobretudo custa um milhão, um par de botinas 100 mil, um chapéu 50 mil, uma camisa 50 mil. A situação das classes médias, e principalmente a dos intellectuaes, se tornou verdadeiramente horrivel.

Um professor da Universidade (e em Vienna estão alguns dos maiores cientistas do mundo), recebe mensalmente, de 600 mil a um milhão de corôas, com os successivos augmentos de vencimentos que tem tido, e isso representa apenas 10 a 12 dollares por mez. O ordenado actual dos professores da Universidade de Vienna não chegaria, si quizessem manter o nivel médio de vida das classes burguezas, para comprar um costume por anno, a roupa branca e o calçado para uma familia de cinco ou seis pessoas. Em geral, os professores mais insignes se encontram em situação muito peor do que os operarios mais grosseiros. Não ha quasi um professor que possa comprar um livro no estrangeiro ou tenha meios para fazer uma verdadeira investigação científica e pouquissimos, os que dispõem de recursos proprios, estão em condições de manter um creado. Quasi todas as publicações foram suspensas e as academias ou institutos scientificos muito pouca cousa podem publicar sem subvenção de paizes estrangeiros.

▲ quéda da Universidade de Vienna representa um verdadeiro desastre para a civilização e seria necessario que

todos os homens cultos evitasscm, por todos os meios, essa vergonha para a nossa época.

Depois da guerra, a producção scientifica de toda a Europa se empobreceu. Os microbios do odio que invadiram a vida européa, rebaixaram os espiritos e desviaram as energias jovens das elevadas actividades do espirito e do pensamento.

Até bem poucos annos, a mocidade alimentava ideaes nobres, ao passo que agora, em quasi todos os paizes faz a apologia da violencia. Assim é que a população intellectual da Europa, que tinha na Allemanha o seu maior centro, parece atacada de paralyisia. Entre os milhões de mortos da guerra, tombaram muitas das mais promissoras energias juvenis. Espiritos nobres que tinham o ideal da vida, encontraram a morte, não podendo prever, quando julgavam combater pela civilização e pela democracia, que tanta barbaria viesse a invadir a Europa.

Entre as ancias da vida interna, que hoje se tornou mais dura e difficil em quasi todos os paizes, pela grande escassez de meios e pela nervosidade crescentc que a luta determina mesmo nos homens de investigação e de trabalho, a mocidade parece orientada por novos ideaes e admira bandidos, como o heróe polaco Korfanty, a quem toma para modelo, mais do que homens, como Behring e Röntgen. As universidades, em quasi toda a Europa, se acham em franca decadencia e a novissima geração, educada durante a guerra, honra muito mais a força do que o direito. Uma parte, talvez a maior, da actividade humana está empregada na pesquisa de novos engenhos de destruição e de morte.

A Universidade de Vienna, fundada em 1365, era no mundo um dos maiores centros do pensamento. Pclo numero de estudantes, até bem pouco tempo, estava em terceiro lugar, occupando talvez o primeiro, pela sua importancia civilizadora. A ella recorriam, para se instruir e educar, não somente os allemães da Austria, mas todos os povos da antiga monarchia dual, onze povos que falavam onze linguas, e ainda mais os povos balkanicos e os do Oriente. A Universidade constituia



o centro da civilização oriental e os outros institutos superiores completavam a sua obra verdadeiramente grandiosa. Entre os seus professores existiram e existem muitos dos maiores sabios da terra e as sciencias naturaes, a biologia, a medicina, a mathematica, a economia politica, e o direito ainda hoje teem alli cultores dos mais insignes. A faculdade de medicina de Vienna foi considerada, por muito tempo, como uma das mais importantes, ou mesmo a mais importante do mundo. Agora, os seus professores não estão em condições de fazer estudos e pesquisas e, na sua maior parte, devem supportar um regimen de fome.

Em 1914, a subvenção do governo austro-húngaro era de 3 milhões de corôas, que equivaliam então a 600 mil dollares. Hoje, a subvenção é de um bilhão de corôas, que não chegam a valer 14 mil dollares!

A catastrophe economica que se seguiu á derrota militar, acarretará tambem a catastrophe intellectual, com prejuizo incalculavel para toda a civilização, si um espirito de solidariedade mais nobre nos não arrastar para fóra deste pantano moral, no qual a Europa se está afogando.

Si a vida dos professores é um tormento, e si os mais illustres dentre elles não podem sequer adquirir os livros estrangeiros mais necessarios, nem instrumentos de laboratorio, e não dispõem de recursos para experiencias (dois coelhos custam mais do que a renda de um gabinete), a vida da maior parte dos 12 mil estudantes que estão em Vienna é cousa insupportavel. Muitos delles, sem alimentação sufficiente, são obrigados a viver agglomerados em casas onde falta completamente o aquecimento e até a luz. A maioria dos estudantes procura ganhar o pão, exercendo as mais variadas profissões para poder, com todo o sacrificio, concluir o seu curso.

Entre outros tantos absurdos, o tratado de Saint-Germain-en-Laye exigiu que a Austria considerasse como austriacos os estudantes dos paizes que succederam á monarchia. Existem, em Vienna, 5 mil estudantes dos paizes successores da Austria,

todos pobres e em sua maioria hebreus, que fogem das universidades polacas, onde só são admittidos na proporção de 3 por cento. E esta estudantada miseravel é auxiliada pelo fundo de beneficencia austriaco.

A um paiz reduzido a esta situação e incapaz para prover ás suas necessidades mais urgentes, a Commissão das Reparações, em março deste mesmo anno de 1922, impunha a obrigação de pagar, juntamente com a Hungria, seis bilhões de marcos ouro!

Com menos de um bilhão, a Austria poderia systematizar a sua circulação e restabelecer uma vida economica supportavel, já que os seus novos limites lhe não permitem mais uma vida regular.

Sem poder pagar cousa alguma, a Austria deve ser soccorrida e, não obstante, a inconsciencia das commissões de *contrôle* investe até contra ella.

Não se comprehende, nem se póde comprehender, o que esteja fazendo em Vienna uma secção da Commissão das Reparações. E aquelles que a compõem, na impossibilidade de levantar qualquer cousa por conta das reparações, limitam-se a arrancar altos vencimentos e honorarios, como um méro ultraje aos vencidos que estão reduzidos á extrema pobreza.

Esta secção de Vienna exigiu do governo austriaco o pagamento de 385.112 dollares, em 1.º de junho de 1920, de 301.913 em 10 de dezembro do mesmo anno, de 10.000 em 27 de abril de 1921, de 10.779 em 3 de maio e 35.487 em 9 do mesmo mez, perfazendo tudo uma somma de 743.362 dollares que foram pagos em francos francezes. Ora, com esta quantia, extorquida sem motivo, quando se sabia, e qualquer *reporter* scria capaz de constatar, que a Austria não estava em condições de realizar pagamento algum, poderiam ter sido largamente attendidas todas as despezas da Universidade de Vienna e dos institutos superiores de ensino!

Situação perfeitamente identica, foi creada para a Hungria que, só por possuir maiores recursos agricolas, pode supportar com mais compostura o regimen de violencias a que foi submettida.

Em virtude do tratado do Trianon, a Hungria ficou privada das suas riquezas mais importantes e nós já nos referimos ás condições que lhe foram impostas.

Occupando um territorio de 282.870 kilometros quadrados, sem a Croacia e a Eslavonia, ficou reduzida a 63.572 kilometros quadrados, e a sua população passou de 18,2 milhões de habitantes a 7,9 milhões, segundo o recenseamento de 1920. Teve de ceder 102.181 kilometros quadrados e 5,2 milhões de habitantes, á Romenia, 21.031 kilometros quadrados e 1,5 milhões de habitantes, á Yugo-Slavia, 63.004 kilometros quadrados e 3,5 milhões de habitantes á Tcheco-Slovaquia. Si fossem respeitados só os principios de nacionalidade, provavelmente a Hungria teria perdido menos da metade dos territorios que lhe foram tomados.

O que é mais grave, porem, é que ella se viu obrigada a ceder dois terços das suas minas, tres quartos do seu patrimonio ferroviario, muitos dos melhores estabelecimentos industriaes, parte importantissima dos seus rebanhos etc. Do mesmo modo que a Austria, a Hungria foi levada, pelas difficuldades de organizar qualquer orçamento, a viver de papel moeda.

O governo, só com a inflação podia conseguir os recursos de que necessitava. Em março de 1914, uma corôa hungara valia em Zurich um pouco mais do que o franco suiso. Em março de 1915, ella descera já a 0,82 e, em outubro de 1916, a 0,38. A revolução que estourou em outubro de 1918, determinou a queda para 0,08, tendo havido depois uma alta para 0,30. Ainda mesmo após a ruina da guerra e da revolução, a corôa hungara teve um curso de 20 a 21 centesimos suissos mas, em agosto de 1919, por causa da triste experiencia communista, ella valia só 9 centesimos. Depois de varios acontecimentos, na primavera de 1922, por causa da inflação e das exigencias da Commissão das Reparções, desceu a 0,028, valendo, portanto, 165 vezes menos do que antes da guerra.

Á Hungria fez todos os esforços para se salvar, para não continuar as emissões de papel moeda e para reduzir



a 6 ou 7 bilhões o deficit orçamentario dos ultimos exercicios. Foram esforços quasi infructiferos, mas sempre corajosos e intelligentes.

O enorme augmento dos preços e a desordem da produção assumiram na Hungria proporções muito graves, porque ella teve de supportar, uma depois da outra, quatro enormes calamidades: — a guerra, os tratados de paz, a revolução bolshevista e a occupação romena. Esta ultima foi talvez a mais terrivel e as tropas romenas que occuparam o territorio hungaro arrebataram dalli tudo quanto puderam.

Dentre os povos que faziam parte da monarchia austro-hungara, só os húngaros e os allemães da Austria foram declarados responsaveis pela guerra, nos tratados de Saint-Germain-en-Laye e do Trianon. Portanto, dos 54 milhões de homens que constituíam a Austria-Hungria, 14 milhões são inimigos e culpados e 40 milhões são amigos e alliados!

Nas varias conferencias internacionaes, especialmente dos primeiros tempos, nada havia de mais comico do que encontrar entre os amigos, ao lado dos políticos da *Entente*, antigos politicos da monarchia austro-hungara, dos que mais haviam participado da guerra e que depois, mudando de nome, se transformaram em amigos da Polonia, da Romenia, da Tcheco-Slovaquia e da Yugo-Slavia...

E por outro lado, entre os inimigos vencidos, se encontravam húngaros e allemães da Austria que, como todos sabiam, haviam sido sempre contrarios á guerra, motivo pelo qual chegaram mesmo a soffrer incommodos e perseguições.

Entre os paizes vencidos, a Hungria é aquelle que tem o espirito nacional mais arraigado. Não é possivel acreditar que o povo hungaro não se levante, altivo e persistente como é, e menos ainda que se resigne a viver muito tempo sob as duras condições do tratado do Trianon. Desde o cardeal arcebispo de Budapest até o ultimo dos trabalhadores livres, ninguém está conformado com o destino actual.

Em mil annos, a Hungria salvou varias vezes a Europa e o christianismo das invasões asiaticas e, ainda agora, mesmo

através de erros inevitáveis, foi o primeiro dique oposto ao bolschevismo.

A Hungria, assim reduzida, se viu intimada a pagar, pelo menos tres bilhões de marcos ouro, a título de reparações, como já tivemos ocasião de referir. Não podendo exigir outras cousas, os paizes vencedores lhe estão pedindo a entrega immediata dos rebanhos remanescentes que, não tendo sido tomados precedentemente, escaparam da invasão romena.

Por uma nota datada de 8 de março de 1922, o presidente da Comissão das Reparações reclamava, *à titre d'avance immédiate*, grande quantidade de rebanhos. Para que serviriam estes rebanhos? É notorio que as nações da *Entente* não tinham necessidade delles, tanto assim que, pouco tempo antes, os que haviam sido exigidos da Allemanha e eram destinados á Yugo-Slavia, foram comprados por duas sociedades particulares e revendidos na Suissa, sem chegarem a vêr o territorio do paiz a que se destinavam!...

A Hungria fez tudo quanto era possível e se submetteu aos maiores sacrificios para salvar a sua moeda mas, cada exigencia da Comissão das Reparações determinava uma nova quéda.

Com uma nota dirigida ao presidente da Comissão das Reparações, em 27 de março de 1922, o ministro do exterior da Hungria provava a intima connexão existente entre as deliberações da Comissão e a desvalorização da corôa, mostrando, como os dois factos se encontravam sempre em correspondencia.

Afim de poder fornecer immediatamente os rebanhos que a *Entente* reclamava, o governo hungaro tinha de os comprar, a dinheiro, dos seus proprietarios e para isso, era preciso fazer novas emissões e, consequentemente, depreciar ainda mais a corôa já tão desvalorizada. As requisições dos rebanhos não eram necessarias aos paizes vencedores e scrviam de pretexto a uma simples especulação.

Algumas exigencias da Comissão das Reparações parece que só tinham o objectivo de rebaixar a Hungria, que se batia pela sua salvação, ao nivel economico da Austria.



Baseando-se no artigo 174 do tratado de paz do Trianon (*annexe V*), a Comissão das Reparações convidou a Hungria a entregar mil toneladas de carvão, por dia de trabalho das minas de Pecs. A Hungria não tem mais carvão que chegue para o seu proprio consumo e, apesar do cambio mau, deve ainda comprar carvão estrangeiro. A Hungria actual talvez não possa produzir 700 toneladas diarias e para viver, ainda que porbrentemente, tem necessidade de um consumo duplo ou triplo. Mesmo que utilize os combustiveis mais pobres, ella precisa de comprar carvão de fóra. Assim sendo, a requisição de qualquer quantidade de carvão da Hungria, por menor que seja, é um tormento inutil e um meio de agravar a crise industrial e de fazer baixar o cambio. Não obstante, a Comissão das Reparações, na sua immensa estupidez, resolveu que a Hungria deve ceder á Yugo-Slavia quasi a metade da sua producção de carvão. Fornecendo o carvão das minas de Pecs, a 2554 corôas a tonelada, ella tem de o comprar depois no estrangeiro, por muito maior preço, dada a situação do seu cambio.

A nação hungara, que não chega a produzir nem um terço do seu misero consumo de carvão, está obrigada a entregar metade do que produz e tem de emittir corôas para comprar o carvão aos particulares, os quaes, por sua vez, devem vender corôas para comprar carvão no estrangeiro, por preços elevadissimos.

Não se póde imaginar um mecanismo mais idiota ou, para melhor dizer, um systema mais sclerado para arruinar inutilmente uma nação que deseja viver e procura se restaurar.

Até em Budapest, tres annos depois da guerra, existem commissões inter-alliadas de *contrôle* militar. A 15 de abril de 1922, a delegação militar ingleza se compunha de 19 officiaes e 18 sargentos e soldados; a franceza tinha, respectivamente, 22 e 48; a italiana 33 e 62; a japoneza 6 officiaes.

Depois de 15 de abril as delegações foram reduzidas e a ingleza ficou com 7 officiaes e 10 sargentos e soldados; a franceza com 7 e 26, respectivamente; a italiana com 12 e 48 e a japoneza com um official.

Os membros das delegações, além de residirem nos hotéis de primeira ordem, por conta do governo húngaro, recebem indemnização em moeda dos seus paizes de origem. O coronel inglez tem 71,5 schillings, o major 54, os officiaes subalternos 42, o sargento 22,10 etc.

Os soldados, além desta indemnização, tem uma outra quando casados e mais um terço para vestuario. O coronel francez recebe 1.757,50 francos, o major 1.723,50, o tenente 800, o sargento principal 565,60, os sargentos simples 103,50 e o soldado 50 francos por mez. O general italiano tem 5.026,38 liras mensaes, o coronel 4.100,82, o tenente-coronel 3.483,41, o capitão 2.029,35, o tenente 1.654,40. Os sargentos tem, conforme o gráo, 1.265,47 e 995,88 e os soldados 649,50. Dos membros da delegação japoneza o coronel recebe 300 yen, equivalentes a 1.860 francos francezes e o capitão 175 yen, equivalentes a 1.125 francos.

Fóra o que percebem em especie, o alojamento e os vencimentos em moeda dos paizes respectivos, os membros da commissão militar recebem mais um outro ordenado em corôas húngaras, conforme foi estabelecido em 22 de fevereiro de 1922, pelo Conselho dos Embaixadores. Este novo ordenado é de 209.732 corôas mensaes para o general, 154.539 corôas para os coroneis, tenente-coroneis e chefes de grupo, 99.345 corôas para os majores, 93.827 para os capitães, 1.^{os} tenentes e 2.^{os} tenentes, 50.997 para os sargentos e 30.920 corôas para os soldados.

Calculando a libra esterlina a 5500 e o franco francez a 100 corôas, verifica-se que um coronel inglez recebe 545 mil corôas por mez, um official subalterno 325 mil e um soldado 70 mil.

Do mesmo modo, um coronel francez percebe 331 mil corôas, um tenente 174 mil e um soldado 36 mil. O general italiano tem 460 mil corôas, o coronel 315 mil, os capitães 194 mil e os soldados 63 mil corôas por mez!

É preciso que se note que o regente da Hungria, isto é o chefe do governo, tem uma subsidio de 3 milhões annuaes,



ou sejam 250 mil corôas por mez e que o vencimento de um ministro hungaro é de 152 mil corôas por anno, o de um general de 123 mil e o de um capitão ou funcionario médio de 70 mil.

As despesas da secção da Commissão das Reparações, da commissão de limites, das commissões militares, são tão extravagantes que, ao verifica-las, ninguem pôde deixar de sentir humilhação, vergonha e repulsa.

Tendo examinado particularmente a situação creada para a Allemanha, pelos tratados de paz, quiz falar tambem da situação especial creada para os vencidos contra os quaes havia maior odio ou, pelo menos, maior desejo de humilhação, a Austria, a Hungria e a Turquia.

O que importa, comtudo, salientar é que os novos paizes nascidos da guerra, na sua maioria, estão em pavorosa desorganização economica e financeira, talvez maior que a dos paizes que foram derrotados.

A situação da Romenia e da Polonia, apezar dos grandes recursos economicos de que dispõem, sob o ponto de vista financeiro, pôde ser considerada desesperadora.

Segundo os dados obtidos pela Sociedade das Nações, a Polonia teve, para o anno de 1921, um orçamento cuja receita, ordinaria e extraordinaria, estava calculada em 16 bilhões de marcos e cuja despeza foi orçada em 196 bilhões de marcos.

Para o anno de 1922, a previsão era de 458 bilhões de marcos de receita, em grande parte incerta, e de 591 bilhões de despeza. A divida publica consolidada e fluctuante montava, no fim de 1921, a 252 bilhões; a circulação fiduciaria, que era de 10 bilhões em 31 de março de 1920, attingiu a 229 bilhões em 31 de dezêmbro de 1921.

Por uma exposição feita na Dieta Polaca, pelo ministro das finanças Jastrzebsky, apresentando o orçamento de 1922, verifica-se que as despesas se elevam a 1.155 bilhões de marcos, com um deficit de 552 bilhões. O governo emittiu mais

424 bilhões de papel moeda e fez uma dívida de 314 bilhões com a Caixa Territorial.

Isto já não é mais uma verdadeira finança e sim um chãos de despesas, tendo por base um meio circulante cada vez mais pobre, com inflação cada vez mais extensa.

Com excepção da Finlândia, os novos paizes bálticos estão em uma situação financeira que não admite qualquer possibilidade de salvação. Em condições um pouco melhores, embóra também muito graves, se acham a Yugo-Slavia, a Grecia, Portugal e a Bulgaria. Não querendo entrar em um exame detalhado das finanças destes paizes, póde-se dizer que si elles não seguirem uma politica financeira rigorosa e inteligente e não estiverem dispostos a grandes sacrificios, nunca se poderão levantar.

A Tcheco-Slovaquia, embóra possuindo uma circulação muito grande, é o unico dos paizes novos que soube fazer uma politica financeira esclarecida, de modo a diminuir o deficit e limitar a inflação. Rodeado, porem, de paizes que tem a sua moeda completamente desvalorizada, as condições da producção vão ficando mais difficeis á proporção que melhora a sua situação financeira e cambial; crescem justamente as difficuldades de exportação quando melhora o seu estado e peora o dos visinhos.

Os tres grandes paizes vencedores, Inglaterra, França e Italia, orientam de modo differente a sua politica financeira.

A Grã-Bretanha deu provas da maior seriedade e do maior espirito de sacrificio para conseguir sanear a sua moeda e equilibrar os seus orçamentos. Reduziu todas as despesas quer civis, quer militares, desmobilizou largamente, aceitou impostos pesadissimos, talvez mais pesados do que qualquer outro paiz do continente, e augmentou os impostos directos de uma maneira quasi inacreditavel. Reduziu a circulação fiduciaria de 464,9 milhões esterlinos no fim de 1919, a 438 milhões em 31 de dezembro de 1921, e fez os mais ingentes esforços para attingir a paridade com o dollar. Uma libra ao par vale 4,86 dollares; em 31 de dezembro de 1921, o seu



valor era de 3,52 e agora, cada vez mais se vae aproximando do par.

As previsões, para o orçamento de 1921-1922, calculavam a receita em 1.058 milhões de libras e as despêzas em 979. Conforme o balanço apresentado a 31 de dezembro de 1921 a divida publica interna era de 6.461,5 milhões e a externa de 1.161,6, num total de 7.623 milhões esterlinos. A Grã-Bretanha é aliás o unico paiz que, embóra limitadamente, começou a amortizar o seu debito, sem contar que ella dispõe no estrangeiro de um credito de 1.963 milhões de libras dos empréstimos feitos durante a guerra (557 milhões para a França e 476,9 para a Italia). O mais importante é que a Inglaterra nunca fez qualquer calculo sobre as entradas que a Allemanha deveria pagar por conta das reparações e comprehendeu que as melhores reparações consistem no reatamento das relações de solidariedade economica e no restabelecimento do commercio com os paizes vencidos.

Deste modo, a concepção politica, economica e financeira da Inglaterra, diverge profundamente do ponto de vista francez. Na França, após as solemnes declarações feitas no Parlamento, a maioria do publico acredita, ou pelo menos acreditava até agora, que os colossaes deficits orçamentarios serão cobertos com as indemnizações tedescas, conhecidas pelo nome de reparações de damnos.

A França tambem alimenta a esperança de que a Russia pague os seus debitos anteriores á guerra e, de outro modo, como poderá ella ser reconhecida? Teve sempre a convicção de que a Allemanha pagaria indemnização de centenas de bilhões e que lhe tocariam annuidades de dez, doze, quinze e até mesmo mais bilhões. Para que, pois, decretar impostos, si a Allemanha deve pagar? Para que ferir o contribuinte francez, quando a prospera Allemanha tem ainda tantos recursos?

Desta maneira, no orçamento francez, isto é na estimativa das suas receitas, a indemnização germanica occupa o logar de maior destaque. As pessoas sérias já começam a



duvidar e os financeiros inteligentes não acreditam mais, porem a grande massa do publico tem ainda na mente os discursos feitos no Parlamento logo depois da guerra. E qual o partido politico que será capaz de arriscar a sua popularidade? Ninguém deseja arruinar a sua situação, pronunciando a palavra da verdade que será funesta a quem em primeiro logar ousar repeti-la.

Agora que todos os seus inimigos estão por terra, a França augmentou extraordinariamente o seu exercito, tenta novas empresas coloniaes, desenvolve formidavelmente a aviação e os submarinos. Nenhum systema de hegemonia se pudera formar na Europa, antes da guerra, mas hoje a França, ou melhor, as correntes politicas que alli estão dominando, caminham para isso. Os paizes da «Pequena *Entente*» se orientam todos pela França, porque só ella está sustentando a these de que os tratados são intangiveis e nem mesmo devem ser discutidos.

Trata-se de pobres paizes, que se sobrecarregam cada vez mais de armamentos e de dividas e se afundam progressivamente nas despezas militares, na inflação e nas lutas internas. Com o despertar de paixões nacionaes, actualmente cada uma das nações que surgiram dos tratados, é uma Austria-Hungria em miniatura e tem no interior as suas questões. Na Yugo-Slavia, estão em luta servios, croatas e slovenos, e na Romenia, húngaros, polacos e eslavos. Na Polonia fermentam todos os contrastes entre hebreus, russos, allemães, ukranianos etc., e, mesmo na Tcheco-Slovaquia, através do odio entre tcheques e allemães, transparece o descontentamento dos slovacos. Assim, todos os que temem que os tratados sejam modificados, adherem á politica franceza e não querem discuti-los, com receio de que tudo o mais venha a ser tambem discutido. A acção da Italia, ainda deficiente, é paralyzada logo que se manifesta e a da Inglaterra é suspeitada e temida.

Antes da guerra, havia de um lado a França com a Ruscia e do outro, a Allemanha, Austria-Hungria e Italia. A Grã-Bretanha permanecia quasi sempre no seu isolamento,

mais preocupada com o seu imperio que com as lutas da Europa. Agora, parece que se vae formar um só systema continental e, depois da guerra, a França mantem um exercito enorme de efficiencia superior á que foi jámais alcançada por qualquer outro exercito moderno, desenvolve os submarinos, a aviação e todas as especies de gazes pestilentos e mortiferos. Esta politica deve naturalmente exigir fortes despesas militares e não pôde ser seguida por muito tempo, sem provocar um novo conflicto, sem novas guerras terriveis e sem consumir todos os recursos nacionaes.

As creações artificiaes da *Entente* não podem subsistir e nem permanecer como estão, faltando-lhes cada vez mais as bases da resistencia.

Augmentadas colossalmente todas as despesas, na França se pensou por algum tempo, que bastava prover 60 por cento da despeza com as rendas ordinarias e que o resto, durante muitos annos, correria por conta da indemnização da Allemanha. A illusão, porem, não poderá durar muito tempo. Em um recente trabalho, o senador Ribot, presidente do conselho e ministro das finanças, que é um dos financeiros mais notaveis da Republica, fazia notar que a divida franceza já era de 290 a 300 bilhões (ella é, agora, ainda superior), calculando ao par a divida externa. A imprecisão da cifra total da divida era attribuida á immensa desordem existente na contabilidade, na thesouraria geral e em toda a parte, (*il y a un immense désordre dans la comptabilité, dans les trésoreries générales, partout*), tornando-se difficil conhecer a somma exacta dos bonus da defeza nacional que foram postos em circulação. Destes trezentos mil milhões de divida, mais de cem mil são em bonus do thesouro.

O orçamento francez se divide em despesas normaes e despesas reembolsaveis, que são aquellas que derivam da guerra e que devem ser pagas pela Allemanha.

Tomando-se o orçamento de 1922, encontramos uma previsão de 48,2 bilhões de francos, sendo 25,1 de despesas normaes e 23 de despesas recuperaveis. As despesas com



a divida são de 18,1 bilhões, dos quaes 4,9 recuperaveis; as despesas militares de 5,8 bilhões, dos quaes 0,9 recuperaveis; as despesas com os serviços civis, de 24,1, dos quaes 17,1 recuperaveis.

No anno que precedeu a guerra, 1913, a despeza total da França era de 5 bilhões e 66 milhões de francos; quatro annos depois da guerra, só as despesas militares vão muito acima daquella cifra! Mesmo levando em conta o valor differente da moeda, trata-se de um augmento sem precedentes.

Quaesquer que sejam os recursos economicos de que a França possa dispôr, a sua politica de expansão esbarra em dois obstaculos insuperaveis: a falta de crescimento da população e o enorme desequilibrio financeiro. Ha, mesmo um terceiro obstaculo que é constituido pela fragilidade da situação polaca.

Do mesmo modo que a Italia, a França não está em condições de satisfazer as dividas que contrahiu para com a Inglaterra e para com os Estados Unidos da America, mas pretende, custe o que custar, que a Allemanha pague cifras muito mais altas do que aquellas que ella mesma não pôde pagar. Libra por libra, é da carne tedesca que tem de sahir o dinheiro.

Deriva deste contraste toda a acção politica que está complicando a vida da Europa e impedindo uma paz sincera.

A França, porem, chegará a um ponto em que não será mais possivel manter as linhas geraes do seu programma politico, sem a ruina financeira e o seu progressivo enfraquecimento. Obtida a quéda da Allemanha, a França se encontrará em uma situação infinitamente mais grave.

A Italia sahiu da guerra em um estado de abatimento economico muito maior do que a Inglaterra e a França. O facto de haver concentrado todo o seu esforço no programma adriatico, isolando-se em todas as discussões que precederam e prepararam o tratado de Versalhes, só serviu para tolher a sua acção politica, diminuir a sua eficiencia e grangear-lhe a antipathia dos povos vencidos.



Fixadas as absurdas indemnizações da Allemanha, a França teve dellas 52 por cento, a Inglaterra 22 e a Italia 10, com a compensação de uma maior percentagem (25 por cento) da indemnização austriaca, que equivale a um credito sobre o planeta Saturno. Na realidade, esta indemnização é das mais comicas, porque se transformou em um pesado tributo. Pelas obrigações derivantes das estradas de ferro da *Südbahn*, pela responsabilidade da divida austriaca de antes da guerra, proporcionalmente á capacidade de contribuição das provincias annexadas á Italia e, finalmente, pelos soccorros que é preciso prestar e que a situação da Austria torna cada vez mais necessarios, a indemnização austriaca não representa mais do que um onus.

A Italia, durante a guerra, foi o paiz que supportou os maiores sacrificios, dada a sua estructura demographica, conforme demonstrei em um memorandum que apresentei aos Alliados, quando era ministro do thesouro, e foi tambem o que mais homens mobilizou. Faltando-lhe materias primas importantes, teve de adquirir tudo em condições desfavoraveis. A sua divida, que era de 13,3 bilhões, quando entrou na guerra, orça hoje por 114 bilhões e, no fim do exercicio financeiro de 1922-23, attingirá certamente a 122, mesmo calculando ao par os emprestimos feitos pela Inglaterra e pelos Estados Unidos da America. A Italia tem pouco mais de um terço das dividas da França, mas dispõe de recursos economicos muito menores. A differença entre a sua receita e despeza é tambem de um terço a um quarto do orçamento e, no exercicio de 1921-22, as despezas foram de 24,7 bilhões de liras para uma receita de 18,1. Proporcionalmente, o deficit é muito menor do que na França, porque a Italia aggravou sériamente todos os seus impostos, e poderia estar em posição ainda mais vantajosa si, nos dois ultimos annos, uma série de erros graves não tivesse formado um conjuncto de finança demagogica, que é justamente a mais apta á destruição da riqueza. Entre esses erros é bastante citar: a lei, aliás mal applicada, que impunha, quando o mercado estava mais instavel, a nominatividade dos titulos; a pesquisa sobre as despezas de guerra, que abalava



a industria e tolhia toda a segurança; a completa avocação dos lucros especiaes de guerra, não realizada em qualquer outro paiz; uma série de tributos nocivos á producção, como o que incidiu sobre os automoveis. Estas loucuras, embóra só em parte tivessem sido applicadas, contribuíram, mais do que tudo, para enfraquecer o cambio e difficultar a vida economica.

Com grandes esforços e impondo-se os mais duros sacrificios, a Italia poderá conseguir o equilibrio do seu orçamento e caminhar lentamente para uma boa circulação. Nos paizes que não dispõem de recursos extraordinariamente vastos, um descongestionamento muito brusco e imprevisto do meio circulante pôde produzir effeitos tão ruinosos quanto a propria inflação. Pouco a pouco, deve ir sendo melhorada a circulação.

Já se realizou, porem, um immenso progresso financeiro: — a Italia nunca acreditou e nem acredita na indemnização do inimigo, sabendo que só deve contar com as suas proprias forças, com os seus homens e recursos economicos. Nenhuma pessoa equilibrada, desde que não seja inteiramente desprovida de intelligencia, dá o minimo apreço á indemnização e só lhe emprestam algum valor, uma vez ou outra, aquelles jornaes que sustentam as linhas geraes da politica continental franceza

A Italia sabe tambem que, para viver e prosperar, precisa de paz e da boa vontade da Europa central. Mesmo com as incertezas e os erros da politica exterior dos dois ultimos annos (abandono até de Vallona, depois de haver reclamado Fiume e a Dalmacia, tolerancia para com a politica de perseguições, praticada contra a Allemanha, responsabilidade pela violação do plebiscito da Alta Silesia etc.), a Italia deve, por instincto de conservação, como a Inglaterra, desejar uma politica de restauração.

A Belgica, que está quasi sob o *contrôle* militar da França, augmentou extraordinariamente as suas despesas, sobretudo as militares. O seu orçamento que, alguns annos antes da guerra, não attingia a 600 milhões de francos, foi



de 770 milhões em 1913. Em 1922, a previsão era de 6317 para as receitas e de 7459 milhões para as despesas, havendo um deficit de 1142 milhões. Só as despesas militares ultrapassam, em 1922, as despesas totaes do reino em 1913. A sua divida interna era de 27,7 bilhões em 31 de dezembro de 1921, e a divida externa, que tambem nunca poderá ser paga, attingia a 6,4 bilhões de francos. A Belgica foi muito favorecida com a prioridade que obteve nos pagamentos effectuados pela Allemanha. É bastante caracteristico o modo pelo qual cresceram todas as suas despesas, o que talvez seja devido á previsão das grandes reparações, nas quaes acreditou largamente e com facilidade, sob a influencia da imprensa franceza.

Resulta deste exame rapido e summario, que acabamos de fazer: que as finanças de todos os paizes continentaes sahidos da guerra, estão em completa desordem; que entre todos elles ainda não ha um só, que se approxime do equilibrio orçamentario; que em todos os paizes vencedores se manifestou uma grande tendencia para a dissipação, motivada principalmente pelo equivoco das indemnizações allemãs; que nenhum dos paizes do continente, que tomaram parte na guerra, merece verdadeiro credito.

Os paizes vencidos, inclusive a Allemanha, estão financeiramente arruinados e não só não poderão pagar indemnizações, como tambem, no proprio interesse dos vencedores, cujos mercados se restringem cada vez mais, precisam ser auxiliados, si se quizer evitar novas e maiores ruinas.

Esta situação de vencedores e vencidos tambem prejudica profundamente os paizes que foram neutros na guerra e que se tornaram, no campo economico, belligerantes na paz, de tal modo estão todos ameaçados pelas epidemias economicas dos paizes visinhos.

A Hollanda, que teve durante a guerra um periodo de grande prosperidade, está soffrendo de um modo especial pelo abatimento da Allemanha. Tendo comprado muitos bilhões de marcos, na certeza do levantamento da Allemanha, ficou profundamente prejudicada com a derrocada que se produziu.



As suas industrias de exportação estão em crise e o movimento do porto de Roterdão foi já ultrapassado por Hamburgo e Antuerpia. O orçamento de 1922 previa uma receita de 606 milhões de florins e uma despeza de 854, havendo portanto um deficit de 248 milhões, que devia ainda ser coberto por meio de empréstimos. No discurso da Corôa, de 20 de setembro de 1921, exposta a gravidade da situação e verificado que o aumento das despesas ultrapassava o das receitas, foi o povo prevenido da necessidade de restabelecer a vida publica em moldes mais modestos.

A Hespanha, antes da guerra, despendia annualmente cerca de 1.100 milhões de pesetas, tendo ido a 1.139 em 1914. Agora as suas despesas ordinarias já sobem a 2 bilhões e as extraordinarias não estão muito longe do meio bilhão. Compromettida na aventura de Marrocos, a Hespanha, que dispõe de grandes recursos, não pôde dedicar toda a sua actividade á obra da renovação economica. O seu commercio de exportação, durante a guerra, excedia muito o da importação, mas hoje a situação se inverteu e as exportações diminuem enquanto augmentam as importações. Não obstante, as finanças hespanholas se conservam solidas, si bem que a economia publica esteja sendo muito prejudicada pelo facto de não lhe poderem comprar, os paizes com os quaes ella mantinha commercio mais intenso e que se acham agora desorganizados, tendo o cambio muito depreciado.

Os tres paizes escandinavos, talvez mais do que os outros neutros, se resentiram da depressão que soffreu o mercado europeu.

Na Noruega, as despesas publicas, de 1913 a 1922, cresceram extraordinariamente, passando de 170 para 717 milhões de corôas. O balanço do commercio exterior, muito limitado pela guerra, se fechou com um grande deficit. Em 1920, para uma importação de 3033 milhões, houve uma exportação de 1185 e, no anno de 1921, as cifras foram, respectivamente, 1.462 e 576. No passado, a differença era coberta principalmente pelos fretes maritimos e pelos emigrados, mas agora, a navegação, como no mundo inteiro, atravessa uma crise profunda.



Paiz perfeitamente organizado e de tradicional honestidade, a Noruega soffre as consequencias da guerra, quasi como os belligerantes.

A Suecia augmentou tambem as suas despezas que, de 304 milhões de corôas que eram em 1915, passaram a 1118 milhões em 1921, sendo 785 de despezas effectivas. As suas industrias, destinadas em grande parte á exportação, soffrem as consequencias do mau cambio de toda a Europa continental. Algumas industrias fundamentaes, como a da madeira e do ferro, apresentam larga falta de trabalho, e o seu balanço commercial, que quasi se equilibrava antes da guerra, ficou desorganizado, apesar de estar em augmento a exportação. Em 1913 as importações montaram a 846 milhões de corôas e as exportações a 817; em 1920, as importações foram a 3314 milhões e as exportações a 2278.

A Dinamarca tambem teve as despezas quasi quadruplicadas nos ultimos annos e as suas exportações foram muito inferiores ás importações. Em 1913, a importação attingia a 777 milhões de corôas e a exportação a 637 milhões. No anno de 1920, essas cifras foram, respectivamente, de 2942 e 1591 milhões. Paiz essencialmente agricola, a Dinamarca soffreu, talvez por causa da desordem européa que se seguiu á guerra, um prejuizo proporcionalmente menor.

A Suissa, por effeito da guerra, viu perturbadas todas as suas industrias e bem assim o seu commercio. A industria dos forasteiros, que fornecia cerca de um quinto da renda nacional, se acha em crise profunda. E tambem em crise se encontram todas as outras industrias mais importantes, como as mechanicas, de relógios, instrumentos de precisão etc. As despezas da Confederação, que iam pouco além de 98 milhões de francos em 1911, excederam a 500 milhões nos ultimos dois annos.

Na Europa continental não ha um só paiz que não sinta as consequencias da guerra, mas o que todos sentem, em muito maior escala, são os maleficios da paz. As despezas, sempre crescentes em quasi todos os paizes, determinam todos



os dias novas desordens de circulação e novas desordens de preços.

O exaggero das tarifas proteccionistas mantem de pé industrias caras e não permite que as grandes industrias uteis trabalhem com toda a sua eficiencia. Crise de superprodução por um lado, crise de carestia por outro. Em toda a vida economica ha um immenso desequilibrio.

tarifas?

O consumo de toda a Europa, no seu conjuncto, foi reduzido de 30 a 40 por cento. Tiraram-se as materias primas de povos que melhor as sabiam utilizar, como os allemães, para entrega-las a outros que nem ao menos sabem aproveitar as que já possuíam, como os polacos.

A desordem da moeda impede de economizar, pelo menos a dois terços dos paizes europeus.

De que serve economizar, pensam todos, si amanhã o que estiver accumulado já valerá menos?

Homens e governos, por uma estreita concepção nacionalista, enxergam o futuro e o bem estar, não só na propria fortuna, como na desgraça dos outros paizes e, assim, é puramente artificioso, muitas vezes, o processo de depreciar algumas moedas.

Desequilibrios de orçamentos, despesas com tropas de occupação, dividas, emissões e preços altos constituem uma tragica successão de erros, que attingem as proprias fontes da riqueza e da vida.

Os vencidos estão desarmados, mas os vencedores, principalmente os menores, se armam cada vez mais. Sem contar com a Russia, hoje existem na Europa duas vezes mais homens em armas do que antes da guerra.

As reparações, que são o equívoco mortal da vida da Europa e que só servem de pretextto para subjugar, matar politicamente e arruinar economicamente a Allemanha, desorganizaram todo o commercio internacional.

Visto que a Allemanha não possui mais bens transferiveis. si ella tivesse de pagar realmente as reparações, deveria levar a sua produção ao maximo e produzir a preços tão baixos que pudessem derrotar os das industrias concor-

rentes. Esta hypothese só poderia ser conseguida de dois modos: ou baixando o nivel de vida dos operarios tedescos, até o ponto de os fazer trabalhar para o vencedor, como escravos brancos, com uma remuneração minima que desse apenas para viver; ou desenvolvendo os processos technicos de uma maneira prodigiosa.

De qualquer fórmula, o resultado seria a destruição de todas as industrias dos paizes vencedores, a menos que algum delles pudesse viver por si, estabelecendo uma economia fechada e abstendo-se, por isso mesmo, da concorrência.

O inicio dos pagamentos, por parte da Allemanha, aggravou a situação industrial da Europa. Phenomenos analogos se teriam produzido si, por acaso, a Inglaterra e a America, esta principalmente, exigissem o pagamento immediato das suas dividas ou mesmo dos seus juros vencidos.

Toda a economia européa está em debito. Isolada a Russia, o resto da Europa contrahe dividas sempre maiores para com a America. Não se trata agora de emprestimos aos governos, mas de emprestimos que os productores americanos fazem realmente aos seus clientes.

É sabido que, nos ultimos tres annos, a America ainda emprestou á Europa uma média de dois a tres bilhões de dolares por anno. Uma parte desta somma é constituida por más especulações americanas sobre moedas européas, mas o resto corresponde sobretudo a creditos commerciaes.

A Europa, transformada de continente credor em continente devedor, viu diminuir de 30 por cento, a sua capacidade de consumo e de 40 por cento a sua capacidade de produção. Ao mesino tempo se manifestou em todos os paizes, depois da guerra, uma tendencia para a dissipação, sob o influxo de novas correntes populares e mesmo pela acção dos grandes industriaes que, mais tendo ganho com a guerra, reaccendiam muitas vezes, com o seu desejo de conquista politica, os odios e as divisões.

Ferido o systema economico da Europa central, anarchizado o emprego das materias primas, desviadas as gran-

des correntes economicas, a Europa entra, cada vez mais, em convulsões politicas. Já nos animos se nota menos calma do que logo depois da guerra.

Pequenos paizes que não podem viver autonomos e que ainda hontem não existiam, já teem lutas internas de nacionalidade. Ha fracasso em toda a politica oriental e ruina inevitavel de paizes a que a paz deu maiores territorios. A Polonia, a Romenia, a Grecia etc., são paizes que quasi perderam completamente o credito e, dentre elles, a Polonia pelo menos, não mostra idoneidade para readquiri-lo.

Os tres grandes paizes vencedores seguem directrizes inteiramente oppostas. A França quer manter a occupação da Allemanha e a these das reparações, como arma de luta politica, munindo-se porem de novos meios de destruição, que não podem ser dirigidos contra a Allemanha cahida. A Inglaterra, certa da necessidade de erguer a Europa, depois de alguns erros da politica oriental, encontra os maiores obstaculos á sua magnifica politica de reconstrucção. A Italia, quasi inteiramente occupada com as suas difficuldades e lutas internas, segue uma politica irresoluta entre os erros do passado e a necessidade de renovação da Europa, que é, para ella, não só condição de desenvolvimento economico, como de vida. Parece que a sabedoria politica, para alguns povos da Europa, consiste em vêr os visinhos irem de mal a peor e assistir apenas á sua ruina, como acontecia nos mais ominosos tempos da idade média.

Assim, a Europa exangue, mais pela paz *cattiva* do que pela guerra cruel, não encontra em si mesma, nem forças para a recurreição, nem meios para a reconstrucção.

Assistimos a um cataclisma tellurico e a terra atormentada ainda não parece estar proxima da phase de consolidação.



MEMORANDUM

1. The purpose of this memorandum is to provide information regarding the proposed changes to the existing regulations concerning the management of the public lands. The proposed changes are intended to improve the efficiency of the management process and to ensure that the public lands are managed in a manner that is consistent with the public interest.

2. The proposed changes are based on a review of the existing regulations and a comparison of the results of the review with the objectives of the public lands management program. The review identified several areas where the existing regulations were outdated, inefficient, or inconsistent with the public interest. The proposed changes are designed to address these issues and to improve the overall management of the public lands.

3. The proposed changes are being proposed to the Secretary of the Interior for his review and approval. The Secretary is expected to issue a decision on the proposed changes within the next few months. The proposed changes are being proposed to the Secretary of the Interior for his review and approval. The Secretary is expected to issue a decision on the proposed changes within the next few months.



CAPITULO SEXTO

Os meios de reconstrucção





CAPITULO SEXTO

Os meios de reconstrucção

Onde tudo é desordem e ruínas sobre ruínas se acumulam, qualquer obra de reconstrucção é difficil. É preciso desembaraçar o terreno de todo um amontoado de odios, de preconceitos e de violencias, antes de iniciar serviço novo. ? x

A politica da Inglaterra encara a reconstrucção economica da Europa e o restabelecimento das relações normaes com a Allemanha, como uma necessidade vital. A politica da França almeja a destruição do organismo germanico e o rompimento de relações com os povos vencidos. Quando os odios do passado e as preocupações do futuro perturbam toda a serenidade de julgamento, não é facil por fim á controversia e chegar a um accôrdo.

Apezar de tudo, a França mantém em pé de guerra, neste momento, um exercito formidavel e prepara com os submarinos, com a aviação e com os gazes, uma situação militar que não pôde ter em vista a Allemanha desarmada. Certa de ter por si a força que lhe vem dos tratados, não abandona a sua linha de conducta, e pretende levar a Allemanha a um completo aniquilamento. As suas finanças estão em situação precaria, mas a França conta, em ultimo caso, poder viver só com os proprios recursos internos, o que nunca seria possivel á Italia e nem á Inglaterra.

Em sua maioria, os paizes que sahiram do emmaranhado dos tratados concluidos entre 1919 e 1920 acompanham esta

orientação que lhes assegura a integridade das situações territoriaes.

O grandioso trabalho desenvolvido nos ultimos annos pela Inglaterra, para restabelecer a concórdia na Europa, encontra a cada passo gravissimas difficuldades. E ninguem se apercebe da realidade. Uma verdadeira organização de imprensa divulga, em diversos paizes, noticias e conceitos que quasi sempre estão muito afastados da verdade. Em muitas nações do continente europeu a imprensa, informada sempre do mesmo modo e frequentemente empregando até as mesmas palavras, deixa vêr a origem commum das noticias e das opiniões, que não são as mais aptas a promover o desenvolvimento das forças de reconstrucção e dos laços de solidariedade entre os povos.

A situação da Europa se precipita, mas ninguem tem a noção do perigo e, em alguns paizes, aquelles que se atrevem a aponta-lo, esbarram com o amontoado de preconceitos creados pela guerra.

Em vista da attitude da França, qualquer acção ulterior, por parte da Inglaterra, só póde dar logar a uma situação cada vez mais difficil e as duas theses não conseguem encontrar um meio de conciliação. Pondo de parte qualquer questão relativa á revisão dos tratados, á reparação das injustiças mais graves e dos absurdos mais flagrantes, fica em fóco o problema da Europa central, isto é, o da Allemanha e da Austria. Talvez que a desgraça da Polonia, não possa manter por muito tempo a sua cohesão e venha simplificar a solução de muitas questões, assim como a situação de outros paizes, que já estão extenuados após o primeiro esforço.

A victoria de Mustafa Kemal, que expulsou os gregos da Asia Menor, destruindo-lhes completamente o exercito, fez modificar as idéas dominantes sobre a questão do Oriente e muitas cousas, que até bem pouco tempo pareciam fóra de discussão, já são hoje encaradas como justas.

Lembro-me sempre do isolamento em que fiquei, em varias conferencias internacionaes, quando manifestava a minha

opinião sobre os turcos e sobre o direito que lhes assistia de um tratamento melhor.

Si amanhã a Russia invadissem a Romenia e se unisse aos turcos, o que não exigiria um esforço muito grande e nem é talvez improvavel depois do tratado de Sèvres, os demais tratados começariam a cair também.

A situação que estes crearam é absolutamente artificial e está perturbando a vida da Europa, tendo de ser resolvida inevitavelmente por accôrdo, ou novas guerras ou novas revoluções de uma tremenda gravidade.

Nós estamos atravessando na Europa uma situação perfeitamente analoga á da quédia do Imperio Romano e, si não quizermos marchar para uma verdadeira catastrophe da civilização europeia, o que seria prejudicialissimo aos outros continentes e principalmente á America, precisamos enveredar pelo caminho dos entendimentos.

M. B. J.

Infelizmente, porem, a Europa balkanica que succedeu á guerra, com o sonho francez de dominio e as paixões contradictorias de todos os paizes multigenos oriundos da guerra, com a porfia de açambarcamentos, as desconfianças, as rivalidades, as desordens financeiras e a ruina dos cambios, não tem possibilidade de encontrar em si mesma forças capazes de promover a sua resurreição. A França que em 1914, na hora do perigo, invocava os direitos da humanidade e annunciava que a luta era pela liberdade dos povos, mantém hoje, nitidamente, uma orientação plutocratica e de dominio militar. A victoria muitas vezes produz exaltação, mesmo ás naturezas mais generosas, do mesmo modo que a embriaguez produz dôres de cabeça. O mal, dizia Montaigne, é que a dôr de cabeça só vem depois da embriaguez porque, si viesse antes, ninguem decerto se embriagara.

Com as suas proprias forças, portanto, a Europa não póde caminhar para uma politica de paz, indispensavel não só á vida e á prosperidade do continente europeu, como também á vida e á prosperidade do mundo inteiro.

A Inglaterra, que possui reservas immensas de riqueza e de energia, não obstante todos os sacrificios passados, pode-



ria ainda desligar-se do continente europeu e viver num soberbo isolamento imperial. Mas, além dos innumerados prejuizos que lhe adviriam, si ella se desinteressasse do resto da Europa, isso faria romper o equilibrio politico da vida continental e precipitaria a ruina.

A unica força capaz de agir sobre a Europa e de exigir que cesse a actual situação de violencias, será uma acção energica e vigorosa por parte dos Estados Unidos da America. Si estes chegarem á convicção de que é necessario impôr a paz, como foi imposta a victoria, com um acto de energia decidida, a vida do mundo se poderá reconstituir, até dentro de curto prazo.

E.U.A. ?

Convem, pois, examinar a questão da interferencia dos Estados Unidos, não sob o ponto de vista europeu, mas sob um ponto de vista exclusivamente americano. Terão os Estados Unidos qualquer conveniencia politica em assumir esta attitude? E si tiverem conveniencia politica, terão tambem conveniencia economica?

A America se pôz de parte e reclama naturalmente o pagamento dos creditos que concedeu á Europa. Como já tivemos occasião de recordar, o Senado Americano, depois da conclusão do tratado de Versalhes e dos que a este se seguiram, levantou contra todos elles a sua vóz autorizada e não os quiz approvar. Foi um gesto de alta sabedoria politica, porquanto os tratados constituem o maior absurdo da historia, a negação de todos os principios de justiça, e a violação de todos os direitos de autonomia e nacionalidade. E o mais grave ainda para a America é que os tratados são a negação completa daquellas quatorze proposições de Wilson, que representavam não só um empenho pessoal do seu presidente, mas um compromisso solemne do povo americano. O Senado de Washington viu o perigo de reconhecer, como uma situação de direito, uma situação de facto que se basea exclusivamente no equivoco e na violencia.

Neste livro, já elogiei muitas vezes os Estados Unidos por não haverem querido fazer parte da assembléa desprestigiada que é, nas suas fórmulas actuaes, a Sociedade das

Nações, limitada a realizar obra quasi igual á da Commissão das Reparações, ao serviço dos vencedores e até dos mais exigentes dentre estes. Será tambem muito util e mesmo necessario que a America, no interesse da paz, não faça qualquer emprestimo a paizes europeus.

É pena que já os tenha feito, por intermedio dos seus bancos, a emprezas industriaes e companhias de estradas de ferro. Qualquer emprestimo feito pela America, embóra sob a fôrma de participações industriaes e de mutualismo, a paizes que mantem grandes exercitos em pé de guerra, é prejudicial, porque serve indirectamente para perpetuar o estado de desordem e de guerra que assignala a vida da Europa. Taes emprestimos são uma acção má, não tanto na intenção de quem os faz, mas pelo resultado pratico que produzem, e se podem tornar ainda, perdurando a desordem da Europa, uma pessima operação.

Digna de louvor é a America que não quiz tomar parte em qualquer das conferencias internacionaes que se seguiram aos tratados de paz e, quanto menor fôr a sua responsabilidade nas violencias e nos crimes commettidos, tanto maior será a sua autoridade.

Isso, porem, não diminue para a America a sua grande responsabilidade moral em tudo que succedeu e está succedendo. Os povos não são grandes sómente pelas suas riquezas, pelas suas armas ou pela sua civilização mas, sim e principalmente, pela autoridade de que se sabem rodear. E para a America, a manutenção dos seus grandes compromissos moraes é uma questão de prestigio.

A America contribuiu decisivamente para a victoria, não só com as suas forças militares e com os seus enormes recursos economicos e industriaes mas, ainda e sobretudo, pela sua immensa força moral, proveniente do facto de ser ella o maior paiz democratico do mundo.

Quando foram divulgadas as proposições de Wilson, que tiveram a adhesão do povo americano e do seu Parlamento, a Allemanha e os seus alliados esmoreceram. Verificaram que era inutil a resistencia e que a paz era preferivel á



victoria, porquanto, reparando a Belgica e os prejuizos de algumas violencias commettidas, se estabelecera, sem vantagens para qualquer das partes, a igualdade entre vencedores e vencidos, para o bem commum.

A America, por uma série de erros dos seus representantes, pouco conhecedores das condições da Europa e obedecendo á versatil infallibilidade do Presidente Wilson, collaborou na preparação do tratado de Versalhes, que chegou mesmo a ser assignado por Wilson, juntamente com R. Lansing, H. White, E. M. House e T. H. Bliss. O Senado de Washington negou approvação ao tratado, no que fez muito bem, mas nem por isso é menor a responsabilidade moral que cabe aos Estados Unidos. Nas relações internacionaes, ha forças materiaes e forças moraes que dirigem as acções politicas

Não se trata de definir responsabilidades juridicas, quando se fala da America, e a nós pouco importa saber si o tratado tem ou deixa de ter valor juridico para o povo americano. Nós affirmamos, tão sómente, que o povo americano assumiu, pelo facto dos tratados, uma grande responsabilidade moral.

Pôr-se de lado, quando tudo em torno está em chammas e quando o incendio foi determinado sobretudo pela propria acção, não quer dizer isenção de responsabilidade, mas significa fugir á responsabilidade. Por outro lado, a America não sómente subscreveu o tratado, como tambem enviou tropas suas para o exercito de occupação do Rheno e os americanos alli tem assistido, indifferentes, á violencia negra que só é ultrapassada pela perfidia branca.

Eu sempre acreditei na sinceridade do idealismo dos americanos, certo de que, debaixo do verniz de homens de negocios, elles possuem uma alma honesta, ingenua e desejosa de trabalhar pelos ideaes da humanidade. Eram profundamente idealistas os primeiros nucleos de emigrados europeus que formaram os Estados Unidos da America. Foram revoltados que, em nome da sua religião, protestaram contra a violencia religiosa; revoltados que, abandonando os seus

E.M.A.?

paizes, protestaram contra a violência politica e o absolutismo; finalmente, revoltados contra a miseria, que protestaram contra a organização social, não permittindo a livre applicação das suas energias. Sob a capa dos homens de negocios americanos se encontra frequentemente a alma dos huguenotes, o coração dos quakers e o sentimento dos antigos perseguidos.

Eu não tenho autoridade para dar conselhos á America. Julgo, entretanto, falar uma linguagem que a democracia americana comprehenderá, quando affirmo que todas as nações da Europa, deste velho continente que alimenta os bacillos da violencia e propaga os microbios do imperialismo, aguardam neste momento, da patria de Lincoln e de Washington, a grande palavra de paz e de democracia.

A America, que reconhece ter sido o factor decisivo da victoria, póde admittir que esta victoria esteja servindo á violencia? Póde admittir que a Europa tenha sido, por culpa ou pela indiferença dos representantes americanos, dividida da maneira a mais arbitraria, com offensa aos principios de autonomia e nacionalidade? Póde admittir que os vencedores, sem nunca haverem falado em reparações de danos, tenham introduzido, por equivoco, esta fórmula, que é uma disfarçada exigencia de indemnização? Póde admittir que esta indemnização enorme e por muito tempo indeterminada, de uma duração quasi indefinida, seja um méro instrumento de oppressão, que serve para tolher á Allemanha e aos demais paizes vencidos a propria soberania? Reconhece justo que a *Entente*, isto é, a França, pretenda desmembrar a Allemanha, depois de a haver opprimido por todos os modos? Acredita que, não sendo a victoria um facto exclusivo da França, mas de todos os Alliados, os resultados da victoria e as pazes feitas depois della, não envolvem uma responsabilidade commum? Julga honesto que uma chamada Commissão das Reparaciones se sobreponha ao governo allemão e fiscalize a Allemanha muito mais do que, nos peiores tempos, se fiscalizava a Turquia? Acha justo que a orgia de crimes commettidos no Rheno e na Allemanha oriental, onde o espirito de rapina até agora dominou, dure e se prolongue por mais

tempo? Admitte que, no seculo vinte e contra os proprios tratados, tenham sido occupadas cidades allemãs com tropas de côr, a cujo serviço e a cuja libidinagem, os vencedores, que affirmavam combater pela civilização e pela democracia, pretendem, com requisições legaes, a prostituição das mulheres allemãs? Reconhece a America que, após uma série de praticas odiosas para arruinar a Allemanha oriental, só por exigencias plutocraticas, a Alta Silesia, que em solemne plebiscito affirmou querer pertencer á Allemanha, e que era allemã ha tantos seculos, tenha sido em sua maior parte attribuida á Polonia? Admitte como legitimo, que o territorio do Sarre, inteiramente allemão tambem ha muitos seculos, seja submettido a um processo de violenta desnacionalização? Acha direito que a França, sem pagar o que deve á Inglaterra e aos Estados Unidos, depois de haver herdado grande parte dos bens transferiveis e das riquezas mineraes da Allemanha, pretenda exigir desta o immediato pagamento de indemnizações impossiveis e que, para isso, mantenha no Rheno, por tempo indefinido, um exercito de occupação? Reconhece como digna da civilização e dos nobres fins pelos quaes a America entrou na guerra, a tentativa de escravizar politica e economicamente a Allemanha e de obriga-la a romper a sua unidade? Póde continuar a ter relações economicas e a conceder crédito a paizes que estão augmentando os seus exercitos e constituindo um perigo cada vez maior para a paz do mundo?

Si a maneira por que foi feita a paz determinou estes resultados, não póde a America, sem perder o seu valor no conjuncto das nações e sobretudo a sua autoridade moral, desinteressar-se do que está acontecendo.

Existem, porem, duas difficuldades.

Ignora-se, na America, grande parte do que succede na Europa, e os horrores do Rheno, os da Prussia Oriental, as violencias dos novos paizes, o processo de dissolução da unidade politica e da unidade economica da Allemanha, são em grande parte desconhecidos. Ha tambem a preocupação de não intervir absolutamente nas questões da Europa. Quando um paiz é invadido por epidemias, todo o mundo procura se



afastar, abandonando á propria sorte interesses e negocios. E a Europa, com a sua immensa desordem, para quem a observa de longe, dá justamente a impressão de um continente infecto, do qual é preferivel viver á distancia.

Não estando a opinião publica americana sufficientemente esclarecida, nenhum dos grandes partidos em antagonismo ousa manifestar qualquer interesse pela solução. Quando muito, os americanos concordam em achar que os paizes da *Entente* devem pagar as suas dividas, assumpto este no qual não ha grande divergencia de opiniões.

É uma these incontestavelmente justa. Si a França mantem o maior exercito do mundo e desenvolve de fórma impressionante os meios de luta e de devastação mais insidiosos, os submarinos, a aviação e os gazes nocivos, por que razão não paga as suas dividas para com a America? Deverá a America contribuir, com sacrificios indirectos, para a politica de morte que mata na Europa toda a vida civil? A Camara dos Representantes é eleita por dois annos, o Presidente por quatro e o Senado por seis, renovando-se pelo terço de dois em dois annos. Ora, nenhum partido quer, quando se avizinham as eleições, assumir a responsabilidade pelos factos da Europa ou por qualquer procedimento que o povo americano possa considerar como um sacrificio não necessario.

Não obstanté, quando a opinião publica americana estiver sufficientemente informada, não se poderá desinteressar por mais tempo da situação da Europa. Havemos de vêr como a permanencia e o agravamento desta situação acarretam para a America, além de um grande prejuizo economico, um enorme damno moral, porque ella nunca poderá fugir á responsabilidade de factos dos quaes foi a causa determinante mais efficiente.

Qual será, dentro de vinte ou trinta annos, o sentimento da Allemanha resurrecta deante da America que, depois de lhe haver promettido pactos justos, para facilitar a paz e enfraquecer a sua resistencia, não somente permittiu pactos injustos, mas tambem, com o seu afastamento, consente que,



esses proprios pactos injustos só sejam applicados com outros novos e mais injustos vexames?

Considerado o problema em seu conjuncto, os Estados Unidos da America tem conveniencia, e até mesmo necessidade politica, de interessar-se pela situação européa. Assistir indifferente á ruina da Europa significa, para a America, preparar o proprio prejuizo e o proprio enfraquecimento. É tão somente da existencia de grandes civilizações, do commercio livre entre povos livres, das competições intellectuaes ou economicas e da utilização simultanea de todas as grandes energias, que deriva o progresso dos povos. A decadencia progressiva da Europa representaria para a America, não só a perda do seu maior mercado, como tambem o rebaixamento de todas as energias intellectuaes e moraes.

A America julga que se deve occupar das cousas da Europa, não se envolvendo, porem, nas innumeradas controversias que transformaram o continente europeu na Italia de ha quatro seculos, sem a luz da arte, mas com as facções, as violencias, as lutas internas e externas e a continua falta de segurança.

A America póde facilmente intervir, associando a questão das dividas dos vencedores á das reparações dos vencidos e affirmando que não deseja conceder qualquer auxilio economico ou financeiro, quaesquer créditos ou facilidades, emquanto existirem no Rheno tropas brancas e negras, e até que, terminado todo o *contrôle* absurdo, os vencidos, que já adoptaram fórmulas de governo livres e democraticas, tenham liberdade de produção e de expansão, de accôrdo com as suas aptidões e com o seu genio nacional.

Si, pois, a America tem não só o dever moral, como tambem interesse politico em intervir explicitamente nas questões da Europa, póde agir efficaçamente, sem ir de encontro á doutrina de Monroe. Ella póde dar ou negar, conceder ou recusar o seu auxilio, conforme a attitudo que cada paiz europeu assumna na grande obra de reconstrucção. Uma cooperação leal dos dois paizes anglo-saxões, Inglaterra e Estados

Unidos, restabeleceria sem demora a situação de equilíbrio no mundo.

Convem examinar agora si os Estados Unidos teem conveniencia economica na reconstrucção da Europa ou si o seu interesse está em manter o estado actual de esphacelamento.

Sobre este ponto não póde haver duvidas.

A Europa é e continuará a ser, não obstante a sua desordem, o maior e o mais importante mercado do mundo. A penetração do Pacifico pouca cousa representa e o commercio da Asia, ainda por alguns seculos, não passará de uma fracção pequena do commercio mundial. Para a exportação dos Estados Unidos, só a Inglaterra tem mais importancia do que a a Asia e a America do Sul. A China e as Indias inglezas e holandezas juntas não representam siquer a exportação para a Italia. Fazer voltar o mercado da Allemanha ás condições de desenvolvimento normal é para os Estados Unidos, fornecedores de todas as materias primas importantes, muitissimo mais interessante do que desenvolver a maxima penetração em toda a Asia. A Africa inteira consome menos productos americanos do que a Hollanda; a Australia menos do que a Noruega e a Dinamarca.

Quatrocentos e setenta e seis milhões de homens, em um continente denso como é a Europa, representam ainda hoje a maior parte do commercio do mundo.

A America intensificou de uma maneira colossal os seus meios de producção, mas a sua ulterior expansão ficou neutralizada pela capacidade de acquisição cada vez menor da Europa. Em muitos casos, como na fabula do rei Midas, ella está soffrendo pela sua propria riqueza. Saturado o seu mercado interno, não lhe será possivel expandir-se, nem fomentar a sua agricultura, nem pôr em actividade todas as suas fabricas, nem evitar a crise da falta de trabalho, si a Europa não fôr reconstituída. Os Estados Unidos da America teem, sob o ponto de vista economico, o maximo interesse na rastauração da Europa e estão sendo particularmente prejudicados por esta continua insegurança dos paizes europeus, pelo desastre dos cambios e pela incerteza das situações monetárias.

476 milhões

A America, por consequencia, póde e deve exercer uma grande acção politica, no seu proprio interesse economico.

Mas, nenhuma acção politica será possível si se não resolver sem demora o problema das reparações, ao qual está intimamente ligada a questão dos débitos. Sobre este ponto a Inglaterra, a França e a America assumiram, as tres, attitudes diferentes, que será necessario examinar sem reservas.

Chegou-se a tratar das dividas da guerra durante a Conferencia da Paz, em Paris, no mez de março de 1919. A delegação ingleza apresentou um memorandum redigido por J. M. Keynes, então representante do Thesouro Britannico no Supremo Conselho Economico. O governo inglez se promptificava a cancellar as dividas da guerra da Russia, França e Italia, com a condição de fazerem os Estados Unidos o mesmo relativamente á Inglaterra e aos demais paizes da *Entente*. A delegação americana na Conferencia da Paz se declarou disposta a acceitar a proposta, ou melhor, a recomendar em Washington a sua acceitação. A proposta ingleza, apoiada por todos os outros governos, foi porem rejeitada em Washington e duas foram as razões principaes desta recusa: em primeiro logar o receio de que tal decisão, contraria á opinião publica americana, enfraquecesse o partido democratico; em segundo logar a opposição, systematicamente feita em Washington, a todo o trabalho que a delegação americana executava em Paris.

Foi somente no mez de janeiro de 1920 que, pela primeira vez, em Londres se discutiu a fundo a questão das dividas juntamente com a das reparações. Naquelle tempo, o programma de violencias que se effectivou mais tarde, devido principalmente á falta de firmeza da Italia, não estava ainda em evidencia e é possível que o manifesto economico expressisse uma visão serena da realidade.

Após longas entrevistas com Lloyd George e com os principaes politicos e financeiros da Inglaterra, eu consegui diffundir a convicção, já partilhada por muitos dentre elles, de que a solução justa do problema dos débitos e a solução

definitiva do das reparações, só podiam ser adoptadas ao mesmo tempo.

Reparações e débitos são, póde-se assim dizer, dois aspectos de um mesmo problema, que é o da liquidação financeira da guerra. Não é possível restabelecer o equilibrio financeiro da Europa, sem resolver simultaneamente a questão das obrigações allemãs e a das obrigações de guerra dos Alliados, sendo logico que estes não renunciem aos créditos para com a Allemanha, emquanto não ficar resolvida a questão dos proprios débitos. Foi no já referido mez de janeiro de 1920, que o Ministro das Finanças, Austin Chamberlain, deu instrucções ao delegado financeiro inglez em Washington, para que expuzesse ao governo dos Estados Unidos a necessidade de dar solução ao problema das dividas, o que era indispensavel para o restabelecimento financeiro dos paizes alliados vencedores e para a liquidação da questão das reparações. A proximidade das eleições e o receio do partido democratico de tomar uma deliberação não acceta com agrado pela opinião publica americana, deixaram sem resultados a iniciativa do delegado britannico.

Depois disso, a questão das dividas de guerra foi posta á margem até 4 de fevereiro de 1921, quando o Ministro das Finanças da Inglaterra fez em Birmingham algumas declarações muito importantes. Affirmou que, relativamente aos débitos inter-alliados, o governo inglez, para ajudar a obra da reconstrucção, estava disposto a aceitar qualquer proposta directa no sentido do cancellamento, parcial ou total, dos referidos débitos. Por dignidade, o governo inglez não podia insistir, dada a recusa do governo americano, mas, quando propunha o cancellamento das dividas, não visava obter vantagens para a Inglaterra e estava mesmo prompto a cancelar mais créditos do que débitos, agindo tão somente no interesse dos povos e no do restabelecimento do crédito e da actividade internacional

Emquanto a Italia se preocupava com a questão dos débitos e sustentava que era necessario chegar a uma systematização, a França insistia pelas reparações, mostrando



tambem acreditar que, quanto aos débitos, melhor seria ignora-los.

Tendo-se agravado, em fins de 1921, a situação financeira e economica dos paizes europeus, a *Entente* se viu forçada a reconsiderar o problema, que foi abordado em Londres no mez de dezembro. O ministro Loucheur, representante da França, dizendo-se persuadido da necessidade de uma solução definitiva do problema das reparações, apresentou um projecto dividido em duas partes, uma relativa aos pagamentos de janeiro e fevereiro de 1921, e outra attinente ao futuro. Para os pagamentos proximos o governo germanico deveria caucionar acções de sociedades industriaes, mediante um imposto sobre o capital de 25 por cento, pago em acções.

A Allemanha tomaria assim, um quarto das acções de todas as sociedades e as caucionaria á *Entente*, isto é, praticamente á França.

Havia, é verdade, o direito de readquirir as acções, por compra, dentro de um anno, mas tal direito era puramente hypothetico, porque as condições economicas e financeiras da Allemanha não permittiriam essa reacquisição. Tratava-se, de facto, de um plano que completava o desmembramento da Alta Silesia e a constante ameaça da invasão do Ruhr. Dispondo, sem o minimo esforço, de um quarto das acções, isto é, do nucleo mais importante, em todas as sociedades industriaes, vingava a politica do açambarcamento, em prejuizo da Allemanha cujas principaes industrias, especialmente as siderurgicas e metallurgicas, cahiriam debaixo do *contrôle* francez.

Nunca a historia moderna registou planos desta natureza, que repetem simplesmente a espoliação das terras dos vencidos, conforme era habito na mais remota antiguidade.

A Inglaterra, como era natural, declarou desde logo não poder adherir a um projecto desta natureza.

A segunda parte do projecto francez, que dizia respeito ao futuro, se baseava principalmente na circulação dos créditos contra a Allemanha e era acceitavel em alguns pontos, cortados os exaggeros prejudiciaes á Allemanha. A França,



tambem quanto a esta segunda parte, assegurava a sua prioridade.

Até setembro de 1921, o delegado italiano Francisco Giannini que, com espirito de moderação, sempre revelou grande competencia, e o inspector da finança britannica Basil Blackett, haviam formulado um plano digno da maior consideração, baseado sobre a compensação em blóco das reparações e dos débitos e não segundo a conta especial de qualquer dos alliados.

Segundo este plano, a Allemanha accitaria o encargo de pagar, como reparações, todas as dividas de guerra inter-alliadas, ficando tal obrigação dependente da requisição real de pagamento por parte dos governos alliados credores para com os devedores e ainda da quantia total para a qual o pagamento fosse requisitado.

Pelo facto da Allemanha aceitar esta obrigação condicional, o total das reparações tedescas ficava desde logo reduzido de uma somma igual á importancia das dividas alliadas. Sem entrar nas particularidades technicas do projecto e mesmo fazendo algumas reservas sobre varios pontos, é forçoso reconhecer que foi esta a primeira tentativa intelligente e apreciavel de systematização.

Em março de 1922, na Conferencia Financeira de Londres, o plano Giannini-Blackett foi discutido pelos ministros financeiros.

O governo italiano declarou accitar inteiramente o projecto e adherir portanto ás seguintes proposições: 1.a) dividir a importancia do débito restante para as reparações allemãs em duas cathogorias. A primeira, correspondente á somma total das dividas de guerra, representaria uma obrigação condicional que deveria ser paga, quando e caso fosse reclamado o pagamento do capital e dos juros das dividas de guerra, por qualquer governo credor a qualquer governo devedor. A segunda representaria o saldo a ser distribuido entre os alliados, conforme as decisões tomadas em Spa e nos accôrdos posteriores; 2.a) reconhecer em 110 bilhões, approximadamente, as obrigações da Allemanha para as repara-



rações, destinando 65 bilhões á primeira cathegoria e 45 á segunda; 3.^a) deixar a cada potencia credora a liberdade de propôr, desde logo, os meios com que desejasse ser paga da percentagem que lhe fosse devida da somma fixada na segunda cathegoria. A parte pela qual é exigido o pagamento em dinheiro, deveria ser liquidada pela Allemanha no prazo de cinco annos, com sommas a obter por meio de operações de crédito.

Na Conferencia de Genova, havendo a França conseguido que, mesmo o exame das dividas de guerra e das reparações, fosse feito *sem prejuizo dos tratados existentes*, a essencia de qualquer discussão ficava muitissimo limitada.

Na Inglaterra, estando sufficientemente amadurecida a questão e prevalecendo as idéas mais liberaes, ha disposição para a mais larga e completa renuncia.

A these pessoal de Lloyd George é que a melhor solução consiste na cancellação immediata dos créditos inglezes, sem delongas e sem condições, independentemente da attitude dos Estados Unidos. Esta é tambem a these dos grandes financeiros e banqueiros inglezes, que julgam justamente o systema das reparações e das dividas inter-alliadas como o maior obstaculo ao restabelecimento do commercio europeu. Muitos industriaes e politicos inglezes são partidarios de uma cancellação condicional, achando que a Inglaterra deve retirar dos seus créditos contra a França, a Italia, os menores alliados e a Allemanha, pelo menos as sommas que tem de pagar á America. Alguns politicos, e o proprio Ministro das Finanças, opinaram que, antes de qualquer cancellamento, seria conveniente aguardar as decisões da America. A Federação das Industrias Britannicas que é, sob o ponto de vista economico e politico, uma organização formidavel, embóra reconhecendo o valor que teria uma solução completa da questão dos débitos de guerra, quando nella collaborasse tambem a America, pensa que um gesto isolado da Inglaterra não poderia trazer vantagem que compensasse o sacrificio. Ella só é, pois, favoravel á annullação das dividas, mediante uma compensação e após uma solução rasoavel para as reparações allemãs.



Na carta enviada por Lord Balfour, a 1.º de agosto de 1922, aos paizes devedores da Inglaterra, ficou claramente delineado o ponto de vista inglez. Segundo os accòrdos já estabelecidos, a Allemanha deve á Grã-Bretanha, por conta das reparações, 1.450 milhões de libras, a Russia 650 e os aliados (França, Italia, Romenia, Belgica, Portugal, Grecia, Yugo-Slavia etc.) 1.300 milhões. A Inglaterra deve aos Estados Unidos 850 milhões esterlinos, o que representa mais ou menos a quarta parte da somma total dos seus créditos. O governo inglez não fez, até hoje, qualquer exigencia de pagamento desses créditos e está mesmo disposto a cancelar todas as dividas dos seus aliados, pelos emprestimos, e da Allemanha, pelas reparações, uma vez que com a sua renuncia se possa chegar a uma satisfactoria systematização internacional. O governo inglez está tambem disposto a pagar a sua divida para com os Estados Unidos mas, não o pôde fazer sem modificar a linha de conducta que, em circumstancias diversas, teria querido seguir.

Si a Inglaterra tem muito mais créditos do que débitos, uma vez que todas as dividas da guerra fossem pagas, o thesouro britannico poderia auferir grandes lucros na transacção.

Mas, os emprestimos não foram feitos e nem as dividas contrahidas para beneficio separado de determinados paizes e sim por um grande objectivo que a todos interessava. O grande successo da victoria não pôde ser encarado sob o aspecto monetario, nem ser separado do conjuncto historico ou considerado como um contracto commercial entre negociantes que tomam dinheiro emprestado e capitalistas que o fornecem.

Por outro lado, os males de que o mundo está soffrendo não são estranhos a toda a questão dos débitos e das reparações, que actuam prejudicialmente sobre o crédito, sobre o cambio, sobre a produção nacional e o commercio internacional. E não é justo que um dos socios da empresa commum recupere tudo o que emprestou, enquanto de um outro, que nada recuperou, se exige o pagamento de tudo o que tomou emprestado. O governo britannico reclama constrangido o



cumprimento das obrigações, por parte dos Alliados, mas está prompto a renunciar, si os outros tambem fizerem o mesmo, desejando renunciar até ás reparações allemãs que lhe cabem e cancellar, em uma só transacção, todos os débitos inter-alliados.

O governo britannico, levado por motivos de justiça ou pela necessidade, não suggere que a Allemanhia, a maior devedora internacional, seja exonerada dos seus encargos, mas affirma solemnemente estar tão convencido do damno economico que resulta para o mundo do actual estado de cousas, que a Grã-Bretanha estaria prompta, subordinadamente ás exigencias justas de outras partes do Imperio, a abandonar todos os seus direitos eventuaes ás reparações tedescas, e qualquer pretensão de reembolso da parte dos Alliados, uma vez que isso fizesse parte de um plano geral, graças ao qual o grave problema pudesse ser abordado como um todo unico e resolvido convenientemente. Um perdão geral teria para a humanidade valor muito maior do que qualquer lucro que se pudesse auferir de uma execução mais favoravel das obrigações legaes.

*perdão
geral?!...*

Este documento constitue um facto historico de summa importancia, que faz honra ao governo britannico e representa a mais nobre manifestação que surgiu depois da guerra. A Inglaterra, com muita delicadeza, não quiz collocar os Estados Unidos da America diante de um facto consummado como seria a renuncia dos créditos britannicos, mas indicou o unico caminho a seguir para a reconstrucção. O Ministro da Guerra, sir Lamington Worthington Evans, que é uma competencia indiscutivel em assumptos financeiros, tendo tomado parte na redacção do documento, emprestou-lhe ainda todo o peso da sua reconhecida autoridade.

A 3 de agosto de 1922, Lloyd George fez na Camara dos Communs algumas declarações de grande interesse. Mostrou-se convencido do perigo de levar a Allemanhia ao extremo e affirmou que a Inglaterra se opporia sempre a qualquer proposta que pudesse ter o effeito de augmentar a desorganização da Europa.

Apezar desta manifestação da Grã-Bretanha, a França não modificou a sua attitude e nenhuma das suas theses relativas ás reparações germanicas. Ella se apêga ao tratado de Versalhes com a Commissão das Reparações e, por motivos exclusivamente politicos e militares, espera tirar partido do cháos economico e financeiro que a politica da *Entente* e a acção da Commissão das Reparações produziram na Allemanha. Algumas propostas, como aquella que foi feita em Londres pelo ministro Loucheur, tinham justamente o objectivo de iniciar a appropriação dos bens privados dos allemães, em proveito das classes capitalistas e dos grupos industriaes, sobretudo da siderurgia, dos paizes vencedores. A França em varias occasiões tem demonstrado tambem que está disposta, embóra ficando isolada e separando-se da Inglaterra, a seguir até o fim o seu programma contra a Allemanha.

Não obstante, ella é de opinião, como já tem demonstrado repetidas vezes, que as dividas inter-alliadas devem ser perdoadas e, emquanto exige da Allemanha cifras elevadas para reparações, não pagou até hoje um vintem de juros da sua divida.

Os Estados Unidos ainda não manifestaram, em definitiva, o seu modo de pensar com relação a estes graves problemas que interessam á vida do mundo e, provavelmente, depois de se haverem desinteressado das questões da Europa, após a não aprovação do tratado de Versalhes, não desejam reentrar na competição e nem pensam em concorrer para a restauração do mundo, emquanto não estiverem certos de chegar a resultados concretos. Embóra rica e poderosa, a America sente o profundo abatimento da Europa e, si não quer intervir nos seus negocios politicos, depois da desastrada experiencia que deu logar a estas pazes de violencia, necessita, como todos os grandes paizes productores, da verdadeira paz e da volta á normalidade.

Os Estados Unidos da America, até agora se mostraram pouco favoraveis, ou mesmo infensos, á annullação dos seus créditos juntamente com os créditos britannicos. O secretario,



do Thesouro Americano, declarou repetidas vezes ao Senado: que não julgava os Estados Unidos obrigados, de qualquer fôrma, a concordar com as propostas referentes ao perdão; que não estava disposto a aceitar os bonus allemães das reparações, em troca das obrigações dos paizes que são hoje devedores do Thesouro Federal americano; que desejava tratar isoladamente com cada paiz a systematização total do pagamento e dos juros, levando em conta a situação economica e financeira especial de cada um. O mesmo secretario expressiu, por fim, a confiança de que todos os paizes devedores á America não poriam a menor duvida em reconhecer plenamente as obrigações que estão em poder do Thesouro Federal, quer quanto ao capital, quer quanto aos juros.

Varias circumstancias contribuíram para determinar este estado de animo não favoravel ao perdão das dividas dos Alliados. A primeira foi que, emquanto os paizes vencedores da Europa falavam de perdão por parte da America, assumiam por outro lado, sobretudo a França, uma attitude de terrivel violencia contra a Allemanha, da qual exigiam, onça por onça, a carne que o tratado permittia reclamar e até a que não permittia. Ao mesmo tempo, a evidente divisão da Europa em duas partes cada vez mais distinctas, vencedores e vencidos, a permanencia de grandes exercitos e até o augmento dos homens em armas, davam a impressão de que a renuncia só traria o resultado de augmentar a desordem.

Existem tambem varias circumstancias economicas. A Italia é um paiz devedor e não tem créditos no exterior. A Inglaterra pelo contrario, mesmo depois da guerra, possui de 5 a 6 bilhões de libras empregados no estrangeiro. A França tem, nas mesmas condições, nunca menos de 40 bilhões de francos e, em vez de tratar da reconstrução dos territorios destruidos, de fazer uma politica de concentração e de reorganizar as suas finanças, faz diariamente novos avanços de capital para desenvolver a sua expansão na Polonia, nos paizes balkanicos, nos successores da Austria e na Turquia.

Os Estados Unidos não quizeram concessões territoriaes nem colonias, indemnizações ou privilegios de qualquer natu-



reza e agora os vencedores exigem as reparações dos danos. Si a America dispensa qualquer compensação a titulo de reparações, enquanto que os outros paizes nada dispensam, ella não poderá perdoar as dividas sem determinar uma situação absurda, isto é, que os Estados Unidos, depois de haverem supportado sacrificios enormes e renunciado a todas as vantagens territoriaes, teriam de pagar por todos. No seu passivo deveriam incluir, portanto, além das despezas de guerra, as cifras dos creditos que fossem cancellados.

Si é este o passivo da renuncia, qual será o seu activo? Allega-se que as despezas foram feitas com um fim util, qual a destruição do militarismo, e, todavia, o militarismo está hoje mais vivo do que nunca e os sonhos imperialistas, attribuidos ás intenções da Allemanha, se transformaram agora em realidade por parte de alguns dos vencedores. Quando a Allemanha foi victoriosa, nunca fez as cousas horriveis e nem praticou os actos nefandos que assignalaram a victoria da *Entente*.

O mais forte argumento, porem, que a America não declara, está no facto de que os Estados Unidos, embóra certos de que deverão inevitavelmente renunciar aos seus créditos, não o querem fazer já. Sabem que possuem o maior argumento para influir sobre os destinos da Europa e attingir a pacificação effectiva e a uma geral reconstrucção economica.

Para os Estados Unidos, a reconstrucção economica da Europa não é apenas um interesse de ordem moral, mas também o grande interesse da producção americana.

Os homens mais intelligentes da America consideram um mal para o seu paiz e para a paz do mundo conceder, nas actuaes condições politicas, sob qualquer fórmula, créditos á Europa, porque tal concessão não fará mais que prolongar a presente situação, manter as condições de abatimento e avolumar odios, tornando assim cada vez mais difficil a reconstrucção. Por isso, a America não póde, no seu proprio interesse, agir muito lentamente si não quizer que se complete a ruina da Allemanha e, por consequencia, a de toda a economia continental da Europa.

A Europa não terá paz enquanto um soldado estrangeiro pisar o solo dos paizes vencidos e enquanto tropas de occupação e hordas devastadoras, sob a fôrma de órgãos de *contrôle* e de reparações, continuarem a deshonesta *curée*, que é a maior vergonha do nosso tempo. Os allemães victoriosos jámais fizeram o que contra elles se está fazendo em quatro annos. As crueldades attribuidas aos officiaes allemães (como si todos não houvessem praticado crueldades durante a guerra), que deviam ser julgados pelos tribunaes dos vencedores, cousa a que eu me oppuz sempre, em Paris e em Londres, contribuindo para encontrar uma solução toleravel, a do tribunal de Leipzig, são muito pouca cousa diante dos horrores commettidos no Rheno depois da paz. Os allemães venceram em 1815 e a occupação inter-alliada, russa, allemã e ingleza, na França, durou dois annos; venceram ainda, em 1870, e a occupação durou apenas alguns mezes. Nunca, porem, elles exigiram as cousas horriveis que as tropas da *Entente* teem exigido. O oppróbio de uma occupação enorme e escandalosa, que se alastra em vez de diminuir e que dura já quatro annos, é um facto novo e abominavel.

A America, intervindo nas questões da Europa, só pôde, portanto, aceitar as theses britannicas: — fim de todas as fôrmas de occupação e de *contrôle*; fim de qualquer ingerencia dos vencedores na vida dos paizes vencidos; completo restabelecimento da liberdade e da autonomia de todas as nações.

1922!
A Inglaterra já está disposta a renunciar a todos os seus créditos e a tudo quanto lhe possa caber a titulo de reparações, afim de encaminhar a Europa para a paz. A Italia renunciaria de bom grado ás reparações, si fosse exonerada dos seus débitos para com os paizes da *Entente*. Falta só a França. Esta deve aos Estados Unidos e á Inglaterra, cerca de 35 bilhões de francos ouro. Espera, por acaso, que as reparações allemãs possam attingir esta cifra? A illusão de que, enquanto por seu lado a França, com exercitos de occupação, exige inclementemente indemnizações da Allemanha, a Inglaterra e a America devem perdoar as dividas, é ao mesmo tempo prejudicial e immoral. Nos Estados Unidos da

America, toda a opinião publica se insurgiria contra esta offensa á moral e á sociedade.

Nada mais resta, pois, senão romper a cadeia dos erros e das violencias. A America deve exercer uma pressão economica e moral pela reconstituição da Europa, nas fórmulas grandiosas de que dispõe. Póde impôr a paz como impoz a victoria

Um dia, a Historia ha de fazer justiça á Grã-Bretanha. Sem hesitar, acceitou immediatamente a guerra, na hora em que a Allemanha violou a Belgica e invadiu a França, e foi ella, com o bloqueio maritimo e com os sacrificios os mais duros, o factor determinante daquellas condições internas de fome, que impediram uma victoria julgada inevitavel por todos os technicos militares. Foi ella que desenvolveu tambem o maior esforço e a todos forneceu mais longamente os meios de resistencia. Um mérito ainda maior teve, porem, a Grã-Bretanha depois da guerra, mostrando-se disposta ás maiores concessões, em beneficio da paz e da reconstrucção da vida européa

Ora, a America, para gloria das raças anglo-saxonias e para o seu prestigio no mundo, não póde deixar de apoiar firmemente a these britannica. É preciso que, com um leal accôrdo entre os Estados Unidos e a Inglaterra, se prepare rapidamente a systematização, sem a qual novas ruinas se accumularão, novas guerras se produzirão e, com prejuizo de toda a civilização mundial, a Europa descerá ao nivel mais baixo da degradação.

Uma compensação geral das dividas e das reparações, entre todos os paizes vencedores e vencidos, e a immediata renuncia a qualquer occupação militar e ao *contrôle* da vida interna da Allemanha e dos paizes vencidos, podem ainda modificar rapidamente a situação. A America dispõe de todos os meios, principalmente de accôrdo com a Inglaterra, para impôr a paz e isso constituirá, nos seculos vindouros de uma civilização mais elevada, gloria muito maior do que a de ter sido o factor decisivo da victoria.

OS MEIOS DE RECONSTRUCÃO

O simples facto da eliminação de todos os motivos de disputa, determinaria o restabelecimento do crédito, o renascimento da confiança e o resurgimento da producção.

A unica objecção que se póde fazer a este programma, é que o cancellamento das dividas e a renuncia ás reparações virão collocar a Allemanha em condições vantajosas. A Allemanha, porem, está em um estado de abatimento tão grande que, para se levantar, necessita de um longo e immenso esforço. Por outro lado, nada impede que, recuperando a sua liberdade, a Allemanha se obrigue a entrar com determinadas prestações para a reconstrucção dos territorios francezes e a fornecer algum carvão á Italia que, relativamente, tendo em vista os seus recursos economicos, supportou o maior peso da guerra, sem qualquer dos beneficios correspondentes.

Mais de uma vez a Allemanha já se promptificou a assumir o encargo de reparar a Belgica, onde aliás os danos foram realmente muito menores do que aquelles que a imprensa divulgou. A Italia, com grandes sacrificios e por sua conta, embóra na modestia dos seus recursos, já reconstituiu os territorios invadidos pelo inimigo, sem esperar pelas reparações de danos, ás quaes teve o mérito de nunca attribuir grande importancia.

Para os Estados Unidos o problema é muito simples. Convirá á America e á prosperidade do seu povo, que por mais tempo se prolongue a situação actual e que seja perdido o maior mercado de acquisição que existe no mundo?

A crise que a industria americana já está soffrendo, poderá ser supportada por muito tempo, sem prejuizos ainda maiores? O leve sacrificio que os cidadãos da America fariam, com a renuncia aos seus créditos, não seria sobejamente compensado pelo grande valor politico que esse acto teria e, principalmente, pelo restabelecimento da actividade economica?

Na corrente das obrigações internacionaes, o elemento fundamental não é o direito do credor, mas a situação do devedor, e a America não deve encarar sem preocupação o agravamento das condições dos seus devedores da Eurôpa e, mais ainda, a continua restricção da sua capacidade de consumo.



A prosperidade da Inglaterra e também, em grande parte, a prosperidade e o próprio desenvolvimento ulterior dos Estados Unidos, estão indissolavelmente ligados á prosperidade da Europa, que depende fundamentalmente do desenvolvimento da Alemanha e da Europa central.

A questão gira, agora, em um verdadeiro circulo vicioso. A America e a Inglaterra reclamam da França e da Italia, pagamentos e juros de dividas que não podem ser pagas; por sua vez, a Inglaterra, a França e a Italia, por meio da acção deshonestá da Commissão das Reparações, exigem da Alemanha o que esta, por maior esforço que faça, não poderá dar. E, nesse interim, toda a Europa central cahe, a economia dos paizes europeus se dissolve e o odio faz fermentar novas emprezas militares, reavivar e desenvolver novas e velhas rivalidades.

Submettida ás mais atrozes torturas, a Alemanha, desde o armistício até fins de agosto de 1922, além da cessão de todos os bens transferiveis, pagou 8.400 milhões de marcos ouro, sendo: 1.540 milhões em moeda á Commissão das Reparações; 600 milhões de marcos papel (reduzidos ao par do ouro); 3.200 milhões, pela cessão dos navios, do carvão e por outros pagamentos feitos em especie; 2.500 milhões, representando o valor das propriedades do governo allemão, que passaram para a Polonia, Tcheco-Slovaquia etc.; 560 milhões, representando o valor das minas do territorio do Sarre etc. Os pagamentos em moeda e em especie, só puderam ser feitos á custa dos maiores esforços e dos mais duros sacrificios.

Estas importancias pagas, desorganizando a circulação allemã e enchendo de dividas o governo tedesco, serviram praticamente para custear as despezas do exercito que está no Rheno, despezas que foram enormes a principio e que só se reduziram depois, não por escrupulo moral, mas somente pelo receio que os proprios vencedores tiveram de nada mais poder a Alemanha pagar, sendo elles então obrigados a tomar o encargo da manutenção do exercito de occupação. Em toda a acção da *Entente*, ha o mal e ha tambem a inutilidade do mal.



Arruinou-se a Allemanha sem o menor beneficio para os vencedores que, até por esse facto, mais rapidamente se encaminham para a quéda.

A Allemanha sahiu da guerra extenuada e a paz da violencia exauriu todos os seus recursos. Os saldos activos que ella possuia nos paizes vencedores foram sequestrados e confiscados; os créditos de que dispunha nos paizes neutros tinham sido já exgottados e consumidos na aquisição de viveres e de materias primas, durante a guerra. Logo depois do armisticio, a Allemanha teve de entregar o seu ouro, afim de poder reconstituir as reservas mais indispensaveis.

Pelo menos cinco bilhões foram gastos na compra de viveres para a nação esfaimada e, só com enormes vendas de marcos, poudes ella obter as sommas que pagou. Depois da guerra, a sua balança commercial se mantem em pavoroso disequilibrio (*). Ninguem empresta á Allemanha, porque todos sabem que as sommas emprestadas serviriam para augmentar o fundo das reparações e, por isso, a quéda do marco é tal que vae muito além de todas as previsões, mesmo as mais pessimistas. Nenhuma illusão foi mais ridicula e nem mais idiota do que a dos paizes vencedores e da cynica e ignorante Commissão das Reparaciones, querendo vender bonus allemães na America, por conta das reparações. Aceitando taes bonus, a America teria feito um pessimo negocio, em vista da insolvencia do devedor, e tambem uma acção má, porque ficaria cointeressada na escravidão da Allemanha.

A Allemanha, já agora, entrou no numero dos paizes financeiramente fallidos, para cuja resurreição será necessario estudar um processo especial de restauração. Qualquer novo tormento, imposto á Allemanha virá destruir novas forças vivas e baixar ainda mais a capacidade productora do povo

(*) Os jornaes brasileiros publicaram, no dia 10 de junho de 1923, o seguinte telegramma da Agencia Havas:

Berlim, 9 (H.) — A estatistica commercial do Reich, referente ao mez de abril, mostra que o total das importações allemãs foi de 6.398.000 toneladas, ao passo que as exportações só attingiram, no mesmo periodo, 028.000 toneladas.



mais laborioso da Europa e diminuir, portanto, a capacidade de expansão de todas as indústrias, prejudicando seriamente a America.

O caso não é para fazer projectos, nem traçar programas. Só se pôde dizer que a Alemanha necessita de auxilio immediato e que a sua queda definitiva convulsionaria toda a economia europeia. A America, unicamente, poderá ser a força eficiente da restauração. Qualquer acção isolada da Inglaterra, não fará mais do que determinar novas rivalidades da França e produzir justamente aquelle estado de espirito que não é o mais favoravel á paz. A verdade que todos sentem é que se está marchando para a ruina e que não ha tempo a perder, si se não quizer chegar muito tarde para tentar a obra da restauração.

Compensar débitos e créditos, renunciar á occupação militar e a todos os *contrôles*, renunciando tambem á chamada politica das reparações, eis o programma que corresponde ás exigencias mais indispensaveis da vida do mundo.

A queda do systema das reparações acarretará necessariamente uma revisão dos maiores absurdos consignados nos tratados. O regimen do territorio do Sarre, o corredor de Dantzig e a sua organização, a cessão da Alta Silesia á Polonia, a exclusão da Turquia do rol dos paizes da Europa, o tormento da Hungria, o isolamento imposto á Austria que não pôde viver sósinha, são aberrações que terão de desaparecer logo que sejam eliminadas as fórmulas actuaes de violencia e se possa discutir livremente entre paizes livres.

Assim como está, a Sociedade das Nações não tem o menor prestigio e nem mesmo tem crédito. Garantir a situação de direito, creada pelos tratados, é um absurdo. Mas, si para fazer parte della, os Estados Unidos da America impuzessem como condição, a immediata participação de todos os povos, mesmo os vencidos, e a modificação dos artigos 5.º e 10.º dos seus estatutos, que lhe tiram toda a autoridade e seriedade, a revisão dos erros mais graves poderia ser feita por intermedio da Sociedade das Nações, melhor do que de qualquer outra fórmula.

Sem violencias e sem mesmo destruir os tratados actuaes, será possível chegar a uma revisão que é tanto mais necessária pelo facto de viverem tambem os vencedores em uma situação de perenne incerteza, humilhados pela sua propria violencia. Nas suas invocações á liberdade, á justiça, á democracia e á civilização, ninguém mais acredita.

Ninguém admittre que se possa chamar os allemães de barbaros, depois do que se passou no Rheno.

Quando a França foi aggreddida em 1914, a Inglaterra deu-lhe immediatamente o incalculavel auxilio do seu enorme poder; a Russia forneceu-lhe as suas massas de homens e a Italia, percorrida por um fremito de enthusiasmo, não tardou em formar a seu lado; finalmente, a America veio trazer o peso enorme dos seus immensos recursos, em dinheiro e em combatentes. Póde a França acreditar que, no futuro, condições semelhantes se reproduzam? Póde acreditar por muito tempo que conseguirá dominar a Allemanha pela violencia? Que valor poderão ter os frageis edificios da Polonia e da Romenia? A Polonia, desorganizada e incoherente, será capaz de impedir o que é inevitavel e necessario, isto é, que a Allemanha e a Russia se unam para o bem da Europa e que a Allemanha vá levar á Russia o esforço admiravel dos seus trabalhadores e dos seus technicos?

Não ha remedios a propôr, mas só posições a determinar. O fim de todo o *contrôle* financeiro e militar e o livre proseguimento de todas as actividades determinarão, aquelles estados de espirito que permittirão restabelecer livremente as relações com a Russia.

Embóra seja detestavel, o systema bolschevista teve o mérito de haver resistido á plutocracia européa, que exigia a submissão do governo russo a interesses e grupos financeiros e ousou propôr um systema quasi de capitulações a um paiz europeu. Com o concurso da Allemanha restituida á liberdade, o problema russo deixará grande parte da sua aspereza, assim como o problema islamico perderá a maior parte do seu perigo. Uma Allemanha economicamente arruinada, disse Vanderlip, é um perigo immenso e uma

Europa oriental em convulsões continuas, é também um perigo immediato.

Afastado o trambolho das reparações e dos exercitos de occupação, surgirá fatalmente a necessidade de maiores uniões economicas. Eu já suggerí a idéa de juntar, em um só territorio alfandegario, todos os paizes successores da Austria-Hungria, isto é, a Italia, Hungria, Tcheco-Slovaquia, Polonia e Yugo-Slavia, formando-se um vasto Zollverein de cerca de 120 milhões de homens. Temos já observado como, impedida a grande industria e embaraçado o grande commercio, ha uma constante destruição de riqueza. Em todo o vasto territorio do antigo imperio existe desordem, com grandes industrias paralyzadas e industrias novas que em vão se obstinam em viver á sombra do proteccionismo; o commercio está em crescente entorpecimento e abandonados jazem os portos, cujas vastissimas installações apenas constituem uma recordação do passado. Esta destruição systematica de riquezas, só pôde ter fim por meio de largos accórdos aduaneiros, e estes nunca se verificarão, si não mudar a orientação politica geral.

A guerra e a paz são dois estados de espirito e, até agora, a politica da paz só foi dirigida, como disse Clemenceau, com o fim de continuar a guerra. Será possivel determinar o estado de espirito da verdadeira paz? Não, enquanto durar o actual systema de reparações, de *contrôles* e de débitos, e enquanto se obstinarem em tirar toda a soberania da Allemanha, tirando-lhe também os ultimos recursos, depois de a haverem arruinado, contra os compromissos assumidos.

A Europa se encontra em triste situação de espirito, creada por uma politica de odios e aggravada por uma politica de rapacidade. Ella vacilla entre o desejo da salvação e o temor de novos perigos, não ousando tentar a politica da restauração e nem a da ruina. A idéa de destruir os vencidos se apresenta hoje como o mais sério perigo para os vencedores e a desordem de toda a vida economica, após as illusões, dá a impressão de um amanhã ainda mais terrivel, em um continente mais pobre e mais convulsãoado.



A obra da restauração, depois de tantas ruínas acumuladas pela paz, se nos depara como uma necessidade para a própria existência dos vencedores. A Inglaterra teve a glória de pronunciar a primeira grande palavra de verdade mas, somente a America poderá transformar esta palavra de verdade em uma acção rápida e concreta. O povo que levar a termo esta grande obra conquistará no mundo uma autoridade immensamente superior á que podem dar todas as riquezas, todos os triumphos e todas as victorias.



NOTA

○ Sobre os exercitos e armamentos na Europa

É muito difficil conhecer com precisão qual seja, neste momento, a situação verdadeira dos exercitos europeus. Em quasi todas as nações foram apresentados ao exame dos parlamentos projectos de lei sobre organização de exercito e recrutamento de pessoal, projectos que, pela sua natureza, provocaram grande discussão e ainda não estão approvados. Em muitos paizes os trabalhos parlamentares marcham lentamente e alguns esperam que sejam conhecidas as resoluções adoptadas pelos visinhos e pelos paizes militarmente mais poderosos, afim de tomar tambem as suas deliberações. Os orçamentos militares, que constituíam antigamente as melhores fontes de informação, estão hoje tão syntheticamente redigidos que nada esclarecem. Muitos nem siquer publicam mais a distribuição pelas differentes armas dos conscritos que são incorporados. Outros paizes fizeram, depois da guerra, novas organizações militares, mas as suas determinações, estudadas talvez ás pressas, não tiveram ainda, no todo ou em parte, applicação pratica. Finalmente, a característica commum das novas leis militares, contrariamente ao que se praticava até 1913, é de não determinar, de uma maneira precisa e estável, o numero das grandes e pequenas unidades, as dotações correspondentes etc.

Segundo os ultimos dados fornecidos pela Sociedade das Nações e pelas publicações officiaes dignas de fé, os effectivos militares dos paizes da Europa, são actualmente os seguintes:

Albania — 10.772 homens, inclusive a gendarmeria.
Fonte: carta do Ministerio da Guerra á Sociedade das Nações, em 23 de maio de 1921;

Austria — 30.000 homens, inclusive 1.500 officiaes. Este é o limite maximo estabelecido pelo tratado de Saint-Germain-en-Laye mas, devido ás suas condições financeiras, a Austria

mantem apenas 20.000 homens. O tratado estabeleceu ainda o numero de gendarmes, de guardas campestres e aduaneiros, o qual não deverá ultrapassar o dos homens que exerciam essas funções em 1913;

Belgica — 5.348 officiaes e 113.500 soldados. *Fonte:* orçamento do Ministerio da Defeza Nacional, relativo ao anno de 1921;

Bulgaria — 1.511 officiaes e 10.157 soldados (muito menos do que os 20.000 homens autorizados pelo tratado de Neuilly), em 16 de junho de 1922, além de 10.000 gendarmes e 3.000 guardas aduaneiros. *Fonte:* exposição do governo bulgaro á Sociedade das Nações;

Tcheco-Slovaquia — 11.123 officiaes e 138.086 soldados, não comprehendido o pessoal da administração central da guerra, que elevaria a cifra global a 150.000 homens. *Fonte:* orçamento do Ministerio da Guerra para 1921;

Dinamarca — 768 officiaes e 7.000 soldados. *Fonte:* para os officiaes, o annuario do exercito do anno de 1922 e, para as tropas, a discussão parlamentar de 1921. O effectivo organico, estabelecido na lei de 1909, deveria oscillar entre 10.000 e 11.000 homens;

Esthonia — 15.000 homens, inclusive officiaes. *Fonte:* carta do governo da Esthonia á Sociedade das Nações, datada de 8 de julho de 1922;

Finlandia — 1.531 officiaes e 17.281 soldados, não comprehendidos 326 funcionarios militares. Por ocasião da entrada da Finlandia para a Sociedade das Nações, o respectivo delegado militar declarou que, além do exercito regular, existem na Finlandia 100.000 homens que possuem organização militar, constituindo uma verdadeira guarda nacional. *Fonte:* cartas do Ministerio do Exterior da Finlandia á Sociedade das Nações, de 12 de junho e 10 de julho de 1922;

França — 38.700 officiaes e 690.000 soldados, em 1.º de janeiro de 1922, divididos do seguinte modo: 100.000 militares de carreira; 375.000 homens do contingente; 205.000 indigenas da Africa do Norte e colonias; 10.000 estrangeiros. Destes 690.000 homens, 150.000 cuidam da execução dos tratados de paz, 205.000 occupam as colonias e 305.000 permanecem na França. *Fonte:* exposição do governo francez á Sociedade das Nações, em 30 de junho de 1922;

Grã-Bretanha — 415.000 homens e 178.200 indigenas das colonias, distribuidos do modo seguinte: 111.300 do exercito

regular, 190.000 do exercito territorial, 8.600 britannicos e 58.800 indigenas nas colonias, 12.700 britannicos e 20.000 indigenas no Egypto e no Sudão, 72.000 britannicos e 145.000 indigenas na India, 2.000 britannicos e 8.000 indigenas no Irak, 17.800 no Rheno e nos territorios sujeitos a plebiscito. *Fonte:* exposição do governo britannico á Sociedade das Nações, em 24 de julho de 1922;

Allemanha — 4.000 officiaes e 96.000 soldados, segundo estabelece o artigo 160 do tratado de Versalhes. Pelo protocollo de Spa foram concedidos mais 200 officiaes veterinarios e 300 medicos. Nestas cifras não se acham comprehendidos os gendarmes, os guardas aduaneiros e campestres que, conforme o artigo 162 do tratado, não devem ultrapassar o numero de funcionarios que exerciam funcções analogas em 1913. O orçamento de 1921 (volume 1.º, pag. 130) prevê, sob a rubrica *Für Zwecke polizeilichen Schutzes*, um effectivo de policia de 90.390 homens. A exposição do governo francez diz que o effectivo da segurança publica (*Schutzpolizei*) sóbe a 150.000 homens;

Grecia — estado de guerra, com exercito numerosissimo, mesmo após os reveses da Asia Menor;

Italia — 13.711 officiaes e 175.000 soldados, segundo o estabelecido pelo decreto de lei de organização de 1920. Não estão ahi incluídas as tropas das colonias e os destacamentos no estrangeiro. Existem mais: 60.000 carabineiros, com 1.291 officiaes; 30.000 guardas reaes e 30.000 guardas financeiros. *Fonte:* orçamento da despeza (previsão) do Ministerio da guerra para 1922-23;

Lettonia — 19.500 homens, inclusive officiaes. *Fonte:* exposição do governo á Sociedade das Nações, em data de 5 de agosto de 1922;

Lithuania — 30.000 homens, inclusive officiaes, faltando informações detalhadas. Por carta de 25 de maio de 1922, o governo da Lithuania participou á Sociedade das Nações que o exercito se encontrava ainda em pé de guerra e, por isso, não era opportuno expôr, em publicações officiaes, a situação da sua força armada. Em data de 13 de julho de 1922, comunicou julgar indispensavel, para a defeza nacional, um contingente de 30.000 homens, no minimo;

Noruega — 1.039 officiaes, 3.200 homens do pessoal permanente do exercito e 17.446 recrutas. Na Noruega o periodo da primeira instrucção varia de 48 a 102 dias, segundo as

armas, excepção feita para o pessoal do serviço de trem, que faz 18 dias, o da guarda 188 dias, e as guarnições de artilharia 214 dias. *Fonte:* annuario do exercito e da marinha para 1921 e orçamento para 1922;

Romenia — 11.680 officiaes, 3.917 funcionarios do Ministerio da Guerra, 16.466 engajados e 164.846 soldados de tropa, inclusive 4.846 alumnos das escolas militares. *Fonte:* orçamento do Ministerio da Guerra para 1921-22;

Russia — 698.615 homens em armas, segundo os dados fornecidos pela Sociedade das Nações. Em um relatório de 24 de julho de 1922, o governo inglez indicou a cifra de 1.267.000 homens, mas esta não foi confirmada;

Estado Servio-Cróata-Sloveno — 8.132 officiaes e 144.223 soldados, inclusive 4.951 alumnos das escolas militares e mais 124 funcionarios militares do Ministerio da Guerra. *Fonte:* orçamento do Ministerio da Guerra para 1920-21;

Hespanha — 12.242 officiaes e 153.052 soldados do exercito metropolitano, 757 officiaes e 15.369 carabineiros, 1.069 officiaes e 22.818 soldados da guarda civil, 2.775 officiaes e 63.855 soldados destinados a Marrocos;

Suecia — 2.662 officiaes, 16.442 voluntarios permanentes, 551 addidos aos serviços militares. Existiam ainda 32.000 recrutadas, que recebiam a primeira instrucção. *Fonte:* annuario estatístico da Suecia de 1921;

Suissa — 194 instructores, 47 empregados, 19.619 soldados e 226 operarios da guarda dos fortes. A Suissa não possui um verdadeiro exercito permanente, com excepção do corpo de 241 instructores e da guarda dos fortes. O periodo regulamentar da primeira instrucção dura de 65 a 90 dias, conforme a arma;

Turquia — estado de guerra na Asia e de occupação inter-alliada na Europa;

Hungria — 1.750 officiaes e 33.250 soldados, cifra exacta que foi estabelecida pelo tratado do Trianon, não comprehendida a gendarmeria. O artigo 107 do tratado estipula que o numero de gendarmes, guardas aduaneiros e campestres não deve exceder o dos homens empregados nessas funcções em 1913.

^{a)} Do exame destas cifras se verifica que a França, Belgica, Polonia, Romenia, Yugo-Slavia e Tcheco-Slovaquia possuem em armas mais homens do que a Italia, Allemanha, Austria,



Hungria e todos os paizes europeus, menos a Russia, antes da guerra.

A Sociedade das Nações angariou uma série de dados sobre as despezas militares no anno de 1913 e nos exercicios de 1920-22 (setembro de 1922). A commissão mixta da mesma Sociedade das Nações, encarregada da redução dos armamentos, fez por seu lado um inquerito sobre a situação dos armamentos.

Analysando estes dados, vê-se que em quasi toda a Europa as despezas militares se conservam elevadissimas, exceptuados poucos paizes, tornando-se difficil fazer dellas um estudo comparativo, pelas continuas oscillações cambias.

O que é facto, porem, é que houve por toda a parte um enorme augmento de despezas effectivas. É impossivel fazer um confronto entre as de 1913-1914 e as actuaes, sem calculos longos e complicados, não só pelas mutações dos territorios, como pelas variações monetarias.

Em quasi todos os paizes sahidos da guerra, foi tal o augmento das despezas publicas em geral que, em proporção, as despezas militares não representam a maior quóta proporcional. As dividas e os juros das dividas assumem actualmente proporções elevadissimas.

Segundo os dados da Sociedade das Nações, existem, em toda a Europa, 3.780.953 homens em armas. O maior exercito é o da França, com 760.439 homens, seguindo-se-lhe o da Russia com 698.615.

As maiores percentagens de despeza, relativamente á população, são as do Reino Servio-Croata-Sloveno e as da França.

É difficil, entretanto, qualquer confronto porque, além do mais, em muitos paizes as despezas com a marinha são incluidas, e em outros, como na Italia, as verbas para os carabineiros da segurança publica, figuram no orçamento da guerra.

Na França e em alguns paizes é enorme o desenvolvimento dos meios technicos de ataque; o incremento dado á aviação, chega mesmo a transformar os elementos da guerra naval.

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page. The text is arranged in several paragraphs and is mostly obscured by the paper's texture and some staining.



Mensagem á Hollanda (*)

Ao Presidente do Congresso da Sociedade Politica
Moral e Democratica.

Leyden.

Illustre Presidente

Na impossibilidade de comparecer pessoalmente a esse Congresso, envio-lhe a minha adhesão.

A grande guerra, que durou de 1914 a 1918, destruiu um immenso numero de vidas, mutilou milhões de homens e consumiu enormes massas de riqueza.

É muito difficil dizer a quem cabe a responsabilidade da guerra. A Allemanha tem certamente grande parte della, mas a Russia não tem menor. E qual dos grandes paizes da Europa estará isento de culpa? Lloyd George disse que a todos cabia uma parcella de responsabilidade, e essa é a pura verdade.

Os males e damnos causados pela guerra foram, porem, muito menores que os produzidos pelos tratados de paz. Os paizes da *Entente* se haviam solemnementemente comprometido, na hora do perigo, a acatar os principios de autonomia, de nacionalidade e democracia, mas os tratados impostos aos vencidos, depois da paz, foram as mais abominaveis violações desses mesmos principios. A Europa ficou dividida em duas partes distinctas, vencedores e vencidos, e a estes foram tomadas todas as garantias de liberdade e de autonomia. Existia na Europa uma só Austria-Hungria, emquanto que agora, cada um dos novos paizes oriundos dos tratados e cada um dos

(*) Dirigida á Sociedade Hollandeza em 5 de abril de 1923, esta Mensagem foi incluída na edição brasileira da *Decadencia da Europa*, a pedido do seu autor.

que foram por elles mais favorecidos, em prejuizo dos alle-mães e dos húngaros, é uma Austria-Hungria, com uma grande percentagem do povos de outras nacionalidades. A unica differença é que, na antiga Austria-Hungria predominavam as populações mais adiantadas, ao passo que agora, nos novos paizes, são povos ignorantes, até hontem habituados a servir, que pretendem dirigir e dominar a gente mais culta da Europa.

O systema das reparações é o maior e mais criminoso, equivoco que a historia regista. Fingindo que exigem a reparação de damnos, exaggerados estes ao ponto de representarem a maior parte do que era toda a riqueza nacional de antes da guerra, occupam os territorios dos vencidos e, como as reparações são absurdas, a occupação se alastra. A rapina se tornou a base de todas as relações politicas e domina em toda a Europa um espirito de violencia que é verdadeiramente um grande perigo para a nossa época.

Para manter esse erro é preciso força e, assim, os exercitos dos vencedores, ou pelo menos de alguns delles, foram duplicados. Enquanto os inimigos estão desarmados, os vencedores só cuidam em augmentar os seus armamentos. Desenvolvem-se os meios de luta os mais insidiosos e os submarinos, os gazes nocivos e a aviação representam as fórmulas de actividade mais terríveis.

Dos 476 milhões de homens, que hoje povôam a Europa, pelo menos dois terços estão cegos pelo odio. Os vencedores, sem pagar as proprias dividas e nem mesmo os juros dessas dividas, pretendem que os vencidos, aos quaes usurparam todos os bens, paguem indemnizações absurdas sob fórmula de reparações.

Para manter todas estas violencias, para tomar as materias primas dos vencidos, para realizar enormes monopolios de ferro e de carvão, que tornem possível a hegemonia militar, além da industrial, precisam desenvolver os exercitos e os meios de destruição. Os povos que, durante a guerra, proclamavam lutar pela civilização, agora, quando nenhum perigo os ameaça, trouxeram negros, até hontem cannibae, negroides, mongóes, povos africanos e asiaticos, ainda não civilizados, para occupar territorios de uma civilização antiquissima, onde o genio humano attingiu os maiores progressos e realizou as mais nobres conquistas.

Si é difficil affirmar até que ponto cada um dos grandes paizes da Europa foi responsavel pela guerra, é muito facil dizer a quem cabe a responsabilidade por esta paz que tem



sido muito mais nociva do que a propria guerra, porquanto, como disse e reconheceu Clemenceau, foi concebida só com a idéa de continuar a guerra.

Assim, a Europa apresenta uma insegurança que é cada vez maior. Pelo menos tres quartas partes dos seus paizes teem o cambio em situação precaria ou desastrosa, tão pequeno é o poder acquisitivo da sua moeda. No conjuncto, o consumo se restringiu em proporções enormes, a producção se debate em atrozes difficuldades, os navios jazem immobilizados nos portos e as relações commerciaes se tornam cada vez mais difficéis. Não ha a minima segurança e os maiores recursos são hoje muito mais empregados na obra de destruição do que na producção da riqueza. Exceptuada a Inglaterra, que antes de todos comprehendeu o perigo de uma politica de gastos desordenados, nenhum dos paizes vencedores da Europa dá garantias de solidez financeira e todos, mais ou menos, se empenham em novos armamentos.

As perdas economicas são muito graves, porem muitissimo mais graves são os prejuizos determinados pelo espirito de violencia. O nacionalismo se tornou hoje uma moral. Entretanto, elle representa apenas uma hypertophia do sentimento nacional, que é um instincto nobre e elevado, emquanto que o nacionalismo só pôde ser concebido por meio do abatimento dos outros povos.

Não só a França, mas tambem as nações que surgiram da guerra com grande absorpção de populações não nacionaes, teem interesse na manutenção do absurdo que é a integridade dos tratados.

Depois da guerra parece que ficou paralyzado o progresso das idéas moraes, do esforço scientifico e da producção artistica. A balkanização da Europa, a insegurança produzida pela politica das reparações, pela qual os vencedores querem dominar os vencidos por tempo indeterminado, dispondo dos seus bens e da sua liberdade, como da sua vida e da sua honra, abateram completamente todas as fórmulas de actividade espirital.

Os damnos economicos se não de reparar, os prejuizos e os claros abertos pela guerra, mais cedo ou mais tarde, serão compensados, mas, o que representa o maior e mais sério perigo, é a decadencia politica e moral da Europa. Todas as riquezas mineraes não valem a liberdade; toda a conquista do espirito é impossivel sem independencia; todo o progresso das sociedades mais adiantadas fica paralyzado emquanto não são garantidos os direitos da democracia.

Si a produção scientifica de toda a Europa está em crise, si dois terços das universidades não funcionam ou funcionam irregularmente, si em muitos paizes os parlamentos existem como uma ficção e não há mais liberdade de imprensa e diariamente se faz a apothese da violencia, este perigo é muitissimo maior que a perda das riquezas produzida pela guerra e mais ainda pelos tratados de paz.

Esta situação de desordem economica e moral prejudica enormemente não só os paizes que tomaram parte na guerra, como tambem os que tiveram a fortuna de permanecer em paz. Si dois terços dos europeus não compram ou compram com grandes difficuldades, como manter o commercio? Si a Alemanha, que era o maior centro propulsor da economia europeá, permanece isolada, como se poderá manter o seu mercado de consumo? É difficil dizer até que ponto a violenta politica dos tratados de paz e a criminosa politica das reparações teem prejudicado á Hollanda e aos paizes scandinavos, mas, o certo é que todos são grandemente prejudicados com o rebaixamento do nivel da vida europeá. Só por uma cooperação entre os povos, por uma vasta divisão do trabalho e pelo aproveitamento de todas as aptidões é que as actividades economicas e intellectuaes poderão ter o maior impulso.

Eu tenho a convicção de que só os Estados Unidos, a Inglaterra e os paizes que foram neutros ou que por sua situação ficaram fóra do conflicto europeu, poderão ser os factores decisivos da paz do mundo e da volta á civilização. O futuro dirá si a França foi mais prejudicada pela destruição dos seus territorios invadidos durante a guerra, ou pela occupação do Rheno, pela invasão do Ruhr e pela politica de Poincaré.

No interesse da França, como no da Alemanha, dos vencedores, como dos vencidos, é necessario um grande esforço para que a Europa volte á sua vida normal.

Qualquer trabalho nesse sentido será, porem, perdido, sem volta aos principios de uma politica moral e democratica. Para que isso seja possivel, julgo essencial definir os elementos fundamentaes de uma acção positiva. O que se deve fazer, antes de tudo, é:

1.º) *Combater como contraria á civilização qualquer acção tendente a desenvolver os armamentos* — Todos os paizes da Europa que, com as finanças desorganizadas, augmentam os seus armamentos, constituem, por esse mesmo facto, um perigo para a paz e para a civilização.



Elles só podem ter programmaes imperialistas, visando a annexação de novos territorios, a conquista de materias primas e a usurpação dos bens dos vencidos.

Deve ser considerada como absolutamente immoral qualquer opposição, até mesmo a discutir (como succedeu em Washington e em Genova) a redução dos armamentos. Entre todos os grandes paizes da Europa, só a Inglaterra mostrou um desejo sincero de paz e se declarou disposta ás mais razoaveis reduções. É preciso encarar como suspeitos os paizes que se oppuzeram a toda discussão, não lhes concedendo qualquer crédito e nem lhes demonstrando a menor confiança;

2.º) *Restituir a todos os paizes vencidos a liberdade dentro das suas fronteiras* — Não deve ser mais tolerado que os paizes vencidos, por effeito da chamada politica das reparações, tenham perdido os caracteristicos de nações soberanas e possam ser victimas, através dos exercitos de occupação, da mais injustificavel ladroeira.

Aquelles vencedores que tomaram todos os bens transferiveis e até as riquezas disponiveis dos vencidos e pretendem que estes sustentem exercitos de occupação, que custam muito mais caro do que os maiores exercitos de antes da guerra, não merecem confiança e nem estima. Do mesmo modo, quando exigem dos vencidos, por meios violentos, pagamentos de sommas colossaes, reclamadas com o principal intuito de desorganizar a vida interna dos antigos inimigos e de desaggregar novas partes do seu territorio, fazendo trabalho de dissolução.

Só o fim da politica das reparações, que se revelou um permanente attentado e uma enorme fraude á boa fé do mundo, poderá ser a base de toda a politica de reconstrucção;

3.º) *Proceder á revisão dos tratados de paz* — As mais graves injustiças dos tratados (isolamento da Austria, cessão de territorios completamente allemães ou húngaros a paizes de velha e nova formação, corredor de Dantzig, desmembramento da Alta Silésia, contra o proprio tratado e o resultado do plebiscito, cessão perpetua do subsolo de uma região inteiramente allemã, como é o Sarre etc) só poderão ser reparadas *depois de abandonada a politica das reparações*, por meio de accórdos voluntarios, feitos através da propria Sociedade das Nações, a qual deve ser radicalmente reformada, modificando-se os artigos 5 e 10 dos seus estatutos, que tolheram toda a dignidade e a transformaram em uma

verdadeira Santa Alliança ao serviço dos vencedores. Sem *uma revisão dos tratados*, a Europa não poderá ter paz e deverá passar ainda por uma série de guerras, revoluções, dictaduras militares e proletarias, alternadas com lutas sanguinolentas;

4.º) *Restabelecer a liberdade commercial* — A actual organização dos paizes europeus sendo a mais contraria ao intercambio das riquezas, deu nascimento a fórmulas de protecção comparáveis, pela sua brutalidade, aos peiores processos da idade média. Os vencidos estão obrigados a conceder aos vencedores todas as facilidades commerciaes, sem reciprocidade alguma, e não podem negociar sem destinar ás reparações todos os lucros. Até a falsificação ficou, pelo tratado de Versalhes, vedada aos vencidos, constituindo um privilegio dos vencedores que, com um cynismo sem par, se reservaram a liberdade e o monopolio da fraude commercial. O reatamento das relações commerciaes não será possível sem uma relativa *liberdade de commercio* e sem que tenham um termo as actuaes fórmulas de prepotencia. Todo o paiz deve ter a liberdade de adoptar a politica commercial que julgar mais conveniente e de poder encontrar no commercio livre as fórmulas mais adequadas ao desenvolvimento da sua actividade;

5.º) *Não devem inspirar a menor confiança os paizes que, calcando os direitos do Parlamento, constituem governos de dictadura, mediante castas e organizações militares*, embora sob o pretexto de combater os movimentos proletarios. Enquanto perdurar tal estado de desordem, enquanto os Parlamantos não forem integrados nos seus direitos e não fôr assegurado o respeito á vontade popular, esses paizes não devem merecer confiança, nem crédito de especie alguma;

6.º) *Deve ser considerado como contrario aos principios supremos da civilização, utilizar, em tempo de paz, exercitos colouiaes em territorios europeus* e deve ser julgado desonesto transportar da Asia e da Africa populações primitivas, para humilhar e opprimir os habitantes de paizes adiantados e de antiga civilização;

7.º) *Nas relações internacionaes não deve ser admittido outro criterio que não seja o da igualdade entre grandes e pequenos paizes, vencedores ou vencidos*. — É justo que se não reconheça o governo russo enquanto este não der garantias de sua lealdade nas relações internacionaes e de segurança na sua vida interior; pretender porem, em troca do reconhe-

cimento, como se deu nas conferencias de Londres e de Genova, que o governo russo accete e favoreça pretensões capitalisticas e faça concessões semelhantes ao regimen das capitulações, é profundamente injusto e deshonesto;

8.º) *Deve ser combatido o militarismo* — Si o exercito e o baluarte da liberdade interna e da independencia externa de cada nação, *o militarismo é a degeneração* a mais perigosa. O militarismo consiste, sobretudo, na suppressão das liberdades civis por parte de uma casta militar, que faz politica de accôrdo com interesses dynasticos ou tendencias de reacção. Militarismo, desordem financeira, antisemitismo, reacção, nacionalismo, são phenomenos estreitamente relacionados entre si;

9.º) *Destruir todas as barreiras oppostas ao livre movimento dos homens e á livre tróca das riquezas*, sem differença alguma entre vencedores e vencidos;

10.º) Restabelecer em toda parte o respeito á liberdade de pensamento e á de consciencia, que, em muitos paizes do continente europeu foram supprimidas de facto, quando não de direito, depois da guerra.

Estes principios, que são fundamentaes de toda a politica moral e democratica, só poderão ser impostos por uma grande corrente da opinião mundial, que torne a honrar os direitos da vida, após tantas violencias e tanto fragor de odio.

Só por uma acção conjuncta e concorde dos Estados Unidos, da Inglaterra e dos paizes que foram neutros, como a Hollanda, Suecia, Noruega, Dinamarca, Hespanha, Argentina etc. etc., é que se poderá voltar ás verdadeiras nórmas da civilização.

mais elementar prudencia manda não renunciar a qualquer divida e não conceder crédito algum aos governos, sociedades ou particulares dos paizes que sustentam grandes exercitos ou reduzem a liberdade, ou seguem uma politica de nacionalismo e de reacção. Qualquer auxilio que seja dado a estes paizes, de fôrma directa ou indirecta, constitue um acto má e um negocio ainda peor.

Retornar aos principios de liberdade, de nacionalidade e democracia será o unico meio de salvar a nossa civilização. Nesse sentido poderia ser de grande auxilio a acção das egrejas e a volta aos bons preceitos do christianismo. A manifestação do Monsenhor Soderblom, arcebispo da Suecia, e a de todos os bispos suécos contra a politica de violencias da Europa

central, é um acto nobre que deveria ser imitado em todos os paizes onde o christianismo não existe só nas praticas externas do culto, mas sim nos corações.

A Hollanda, paiz das liberdades, que preferiu as mais duras guerras e as mais negras privações á escravidão, que lutou pela liberdade religiosa, que conquistou a riqueza com o esforço tenás e que vive do commercio livre, é o centro mais proprio para discutir serenamente e diffundir no mundo os principios da vida e da resurreição.

Depois da terrivel guerra, existe por toda a parte uma sensação de máo estar e de desanimo.

O capitalismo perdeu grande parte da confiança em si mesmo, após tantas mutações, e predomina frequentemente a sua fôrma mais degenerada; o socialismo, com os seus cyclos historicos, diminuiu muito a sua força de attracção; o communismo, depois de tantas experiencias funestas, cahiu em completo descrédito. Nós devemos todos voltar aos sãos principios de democracia e de liberdade, unicos capazes de salvar a humanidade e defender as grandes conquistas da consciencia humana.

Acquafredda, em 5 de abril de 1923.

F. Nitti.



INDICE

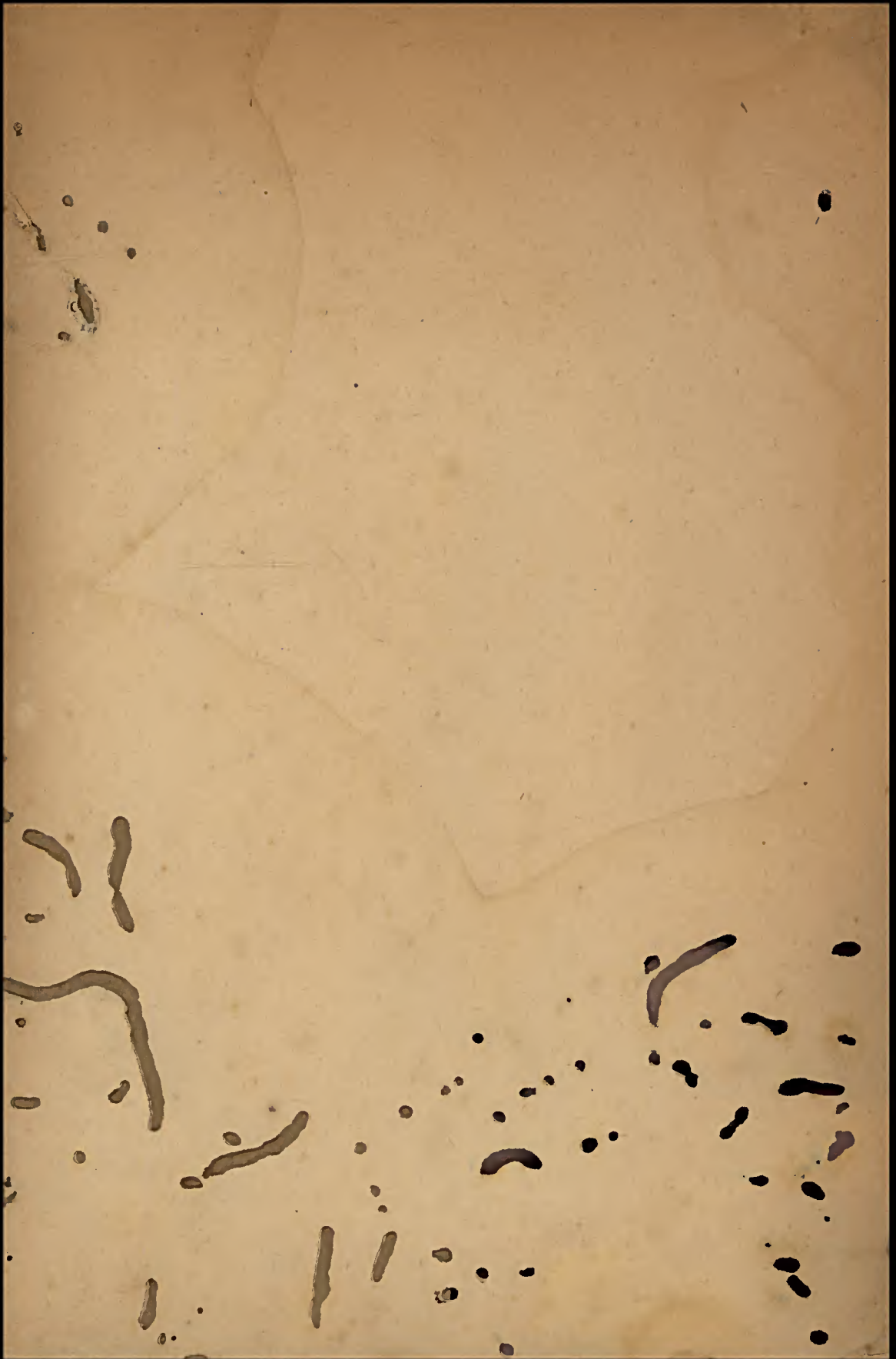
DEDICATORIA	Pag.	V
PREFACIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA		VII
PREFÁCIO		1
CAPITULO PRIMEIRO — A decadencia da Europa. O tratado de Paris de 20 de novembro de 1815 e o tratado de Versalhes de 28 de junho de 1919 ...		13
CAPITULO SEGUNDO — O tratado de Versalhes como meio de continuar a guerra — O mortal equívoco das reparações		37
CAPITULO TERCEIRO — O tratado de Versalhes como meio de continuar a guerra. A acção do tratado para abater e desmembrar a Alemanha		79
1.º—As causas de oppressão derivadas do tratado ..		81
2.º—O Sarre		93
3.º—A desordem da Alemanha oriental. O corredor de Dantzig e o desmembramento da Alta Silesia.		97
4.º—O carvão allemão e a politica da siderurgia na Europa		114
5.º—A Commissão das Reparaciones		118
6.º—O exercito de occupação no Rheno e a violencia negra na Europa		122
7.º—A desorganização e o abatimento economico da Alemanha		136
CAPITULO QUARTO — A desordem politica da Europa — As consequencias da guerra e as consequencias dos tratados de paz		147
CAPITULO QUINTO — O crescente abatimento e a desordem economica da Europa		195
CAPITULO SEXTO — Os meios de reconstrução		237
Nota sobre os exercitos e armamentos da Europa.		269
Mensagem á Hollanda		275

ERRATA

Pag. 114, linha 7:
e a politica da siderurgia, na Europa
em vez de
e a politica da siderurgica na Europa

[Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page]





Amigo da
URBS? ... = 2,159,160,162,266,
judicus = 174.





